Machine Translated by Google

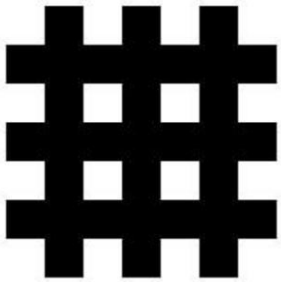
PARA MEU LEGIONÁRIO

Por

CORNELIU ZELEA CODREANU

Machine Translated by Google

Corneliu Zelea Codreanu



Sinal da Legião

Machine Translated by Google

ÍNDICE

para os legionários

PASSANDO PARA A VIDA

Na Floresta Dobrina

na Universidade de Iasi

revolução sendo preparada

A Guarda Nacional da Consciência

Constantino Pancu I

A ocupação da Agência Estatal de Monopólio pela Guarda da Consciência

Nacional A bandeira tricolor sobre as Obras de Nicolina

Nacional-Socialismo Cristão, os Sindicatos

Nacionais O Credo do Socialismo

nacional-cristão

Um verdadeiro retrato da situação em 1919

Líderes dos trabalhadores romenos

A atitude da imprensa judaica

O primeiro congresso estudantil depois da guerra

A inauguração da Universidade Iasi no outono de 1920

O ano universitário 1920-1921

Expulso da Universidade Iasi para sempre

O Conselho da Faculdade de Direito

O ano universitário 1921-1922

Presidente da Associação de Estudantes de Direito

Visitando a Universidade Cernauti

A crítica "Apararea Nacional"

Fundação do dever de honra da Associação de

Estudantes Cristãos

No final dos meus estudos universitários

O verão de 1922

Na Alemanha

O MOVIMENTO ESTUDANTIL

10 de dezembro de 1922

O "Número Clausus"

O PROBLEMA JUDAICO

o número de judeus

O problema da terra romena

O problema das cidades

O problema da escola romena

O problema da classe dominante romena

O problema da cultura nacional

Retorno à Romênia em

Iasi

Machine Translated by Google

em Bucareste

em Cluj-Napoca

A Assembleia de Iasi, 4 de março de 1923, a Fundação da Liga de Defesa Nacional , 4 de março de 1923 81

Outras organizações anti-semitas e nacionalistas

"A Fáscia Nacional Romena" e "A Ação Romena"

Modificação do art. 7º da Constituição Meu Primeiro

Prender **os grandes homens da Romênia em 1879**

Vasile Conta

Vasile Alecsandri

Mihail Kogalniccanu

Mihail Eminescu

Ion Heliade Radulescu

Bogdan Petriceicu Hajdeu

Costache Negri

DE ANÚNCIOS Xenópol

A greve geral estudantil continua em junho de 1923

Os planos do judaísmo contra a nação romena

Contra o povo romeno

Contra a terra romena

Contra o movimento estudantil

Argumentos e atitudes judaicas

O Congresso dos Líderes do Movimento Estudantil

O Congresso LANC em Campul-Lung

A conspiração estudantil de outubro de 1923

Na prisão de vacaresti

Fora

O ácaro Moti para estudantes Vacaresti

Pensamentos de uma nova vida

O isolamento dos políticos

Vingando traição e julgamento

em Iasi

UM ANO DE GRANDES TESTES

A Casa Cultural Cristã

O primeiro campo de trabalho

um novo golpe

Oprimido por golpes no jardim

No andar de cima do gabinete do prefeito

Na montanha Rarau

Na montanha Rarau

meu noivado

O julgamento de Mota-Vlad

Em torno do que aconteceu no jardim

As palavras do professor AC Cuza

Reuniões de protesto contra Manciu

É ordenado inquérito administrativo

o dia fatídico

Machine Translated by Google

Dois artigos sobre o caso Manciu
Greve de fome
Sozinho em Gálata
Sentença é transferida para Focsani
Em Turnul-Severin
o julgamento
Voltando para Iasi

JUNHO DE 1925 - JUNHO DE 1926

O meu casamento
A cerimônia batismal em Ciorasti
Depois de um ano, o trabalho é retomado
Perigos que ameaçam um movimento político
Crítica do líder
Um caso de consciência
Na França na escola
Na França, nas eleições
gerais escolares, em casa, nos
Alpes
Em Pinet-d'Uriage entre os camponeses franceses
Em Bucareste – A Liga Cristã de Defesa Nacional se dividiu em duas O que
aconteceu
Minha reação a esse estado de coisas

A LEGIÃO DO ARCANJO MICHAEL

A Legião de Miguel Arcanjo
Matéria versus Espírito
Razão
contra a traição
O início da vida legionária nosso
programa
Aspectos da vida pública romena
Nossas apreensões diante deste mundo
As etapas de desenvolvimento de
Legião "Pamantul"
Stramosec"
Conteúdo da primeira edição
Os princípios fundamentais da ética legionária
Desinteresse pela batalha
O desinteresse na batalha
A luta para manter nossa revisão
Outros nomes encontrados nas primeiras edições da
nossa revista Nossa ação vista de fora
além das formas
Movimentos nacionais e
ditadura O início da

Machine Translated by Google

organização Os Votos do
Primeiros Legionários
uma nova batalha
Problemas de tipo de material
O verão de
1928 Lutando contra a pobreza
Professor Gavanescul recebe o saco de sujeira
A primeira assembleia de dirigentes e a formação do Senado Legionário

PARA AS MASSAS POPULARES

entre os motivos
entre os motivos
A decisão de ir para as massas
15 de dezembro de 1929
Na Transilvânia, em Ludosul-de-Mures na
Bessarábia
Na Bessarábia novamente
Problemas em Maramures
A marcha para a Bessarábia é proibida
O atentado contra a vida do Ministro Anghelescu

Dissolução da Legião de Miguel Arcanjo e prisão
mandado para a **Guarda de Ferro**
o julgamento
O movimento legionário nas primeiras eleições
Campanha de Neamt

DEMOCRACIA CONTRA A NAÇÃO

no parlamento
Várias observações sobre a democracia
Eleição, seleção, hereditariedade
Coletividade individual, nacional, nação **a nação**
Os objetivos finais da nação
Monarquia e a lei da monarquia
A Batalha de Tutova
A segunda dissolução da Guarda
novas eleições gerais
No Parlamento pela segunda vez
A condição da organização legionária em 1932-1933

A OFENSIVA CALUMNIAL

"Movimento anárquico e terrorista"
"A Guarda de Ferro a serviço de
Freigners" "A Guarda de Ferro a serviço
dos hitleristas Imprimindo notas falsas em Rasinari

Machine Translated by Google

a equipe da morte em
Teius
A mãe de Visani
O Partido Liberal assume a responsabilidade de exterminar o
Camaradas da Guarda de Ferro

Este volume contém a história da minha juventude, dos 19 aos 34 anos, com seus sentimentos, fé, pensamentos, ações e seus erros.

CORNELIU CODREANU

Machine Translated by Google

PARA O LEGIONÁRIO

6 de dezembro de 1935,

Cannen Sylva

LEGIONÁRIO ,

Escrevo para nossa família de legionários. Para todos os legionários: os das aldeias, das fábricas e da universidade. Não presto atenção a quaisquer regulamentos impostos aos autores de livros. Não tenho tempo. Escrevo às pressas no campo de batalha, em meio aos ataques. A esta hora estamos cercados por todos os lados. Os inimigos nos atacam traiçoeiramente e a traição morde nós.

Durante dois anos estivemos presos às cadeias de uma censura infame. Durante dois anos o nosso nome e o de legionário foram tolerados pela imprensa apenas para serem insultados. A traição cai sobre nós enquanto nossos inimigos comemoram e esperam que morramos. Mas estes cavaleiros da cobardia, bem como os seus mestres, ficarão convencidos, de facto, em pouco tempo, de que todos os ataques em que depositaram as suas esperanças de destruir o movimento legionário, toda a sua agitação e esforços desesperados, permanecerão infrutíferos.

Legionários não morrem. Eretos, imóveis, invencíveis e imortais, eles parecem sempre vitoriosos sobre as convulsões impotentes do ódio.

*

— —

A opinião criada no mundo não legionário pelas linhas que se seguem não tem importância para mim, e o seu efeito nesse mundo não me interessa.
O que eu quero é que vocês, soldados de outros horizontes romenos, ao lerem estas memórias, reconheçam nelas o seu próprio passado e recordem as suas batalhas; que você reviva o sofrimento que suportou e os golpes que desferiu em nosso povo; que você encha seus corações com fogo e permaneça firme na luta dura e justa em que está engajado e na qual todos nós somos ordenados a sair vitoriosos ou mortos. Penso em você enquanto escrevo.

De vocês que vão morrer, recebendo o batismo da morte com a serenidade dos nossos ancestrais trácios. E vocês, aqueles que terão que passar por cima dos mortos e de seus túmulos, carregando nas mãos as bandeiras da vitória romena.

PASSANDO PARA A VIDA

Machine Translated by Google

NA FLORESTA DE DOBRIN

Aqui estamos nós, reunidos numa tarde de primavera de 1919, na Floresta Dobrina, que fica de sentinela nas alturas ao redor de Husi.
Quem? Um grupo de cerca de 20 alunos do ensino médio, do segundo ano, do terceiro e do último ano. Reuni esses jovens camaradas para discutir um problema sério, embora nossas vidas estivessem apenas começando. O que faremos se os bolcheviques nos invadirem?
A minha opinião, com a qual outros concordaram, era a seguinte: se o exército bolchevique cruzar o Dniester, então o Pruth, chegando à nossa região, não nos submeteremos, mas refugiar-nos-emos armados nas florestas; organizaremos ali um centro de acção e resistência romeno e, através de uma acção hábil, livrar-nos-emos do inimigo; manteremos um espírito de não submissão e manteremos viva uma centelha de esperança entre as massas romenas nas vilas e cidades. Todos nós fizemos um juramento no meio da antiga floresta. Esta floresta era um recanto da famosa floresta Tigheciu em cujos caminhos, ao longo da história da Moldávia, muitos inimigos encontraram a morte.

Decidimos adquirir armas e munições, manter total sigilo, realizar exercícios de reconhecimento e combate ali na floresta e estabelecer uma frente que mascarasse nossas intenções. Encontrámos facilmente esta frente e rapidamente a concretizámos: uma associação nacional-cultural de estudantes do Husi College, a que chamámos “Mihail Kogalniceanu”. Foi aprovado pelo diretor do colégio. Depois iniciamos reuniões e palestras na cidade. Tratávamos dos assuntos habituais em público, enquanto na floresta simulávamos exercícios de batalha. Nestes títulos era possível encontrar armas por todo o lado, por isso em cerca de duas semanas recolhemos tudo o que precisávamos.

*

– –

Havia então uma situação tão caótica no país que nós, embora apenas crianças com menos de 18 anos, entendíamos muito bem. Todos pensavam na revolução bolchevique, que estava bem encaminhada, a poucos passos da fronteira.
O campesinato opôs-se instintivamente a esta onda de destruição, mas completamente desorganizado, não conseguiu oferecer resistência séria. Mas os trabalhadores industriais deslizavam vertiginosamente para o comunismo, sendo sistematicamente alimentados pelo culto destas ideias pela imprensa judaica e, em geral, por todo o povo judeu nas cidades.

Cada judeu, comerciante, intelectual ou banqueiro capitalista, dentro do seu raio de actividade, foi um agente destas ideias revolucionárias anti-romenas.
A intelectualidade romena estava indecisa e o aparelho estatal em desordem. Uma erupção interna de alguns elementos determinados e organizados, ou uma invasão do Dniester, pode ser esperada a qualquer momento. Esta acção externa, coordenada com a dos bandos internos judaico-comunistas - que nos poderiam atingir, destruindo pontes e explodindo stocks de munições - teria então decidido o nosso destino como povo. Foi nestas circunstâncias, nos nossos pensamentos, em turbulência, preocupados com a vida e a liberdade do nosso país recém-unificado no final de uma guerra difícil, que nas nossas mentes juvenis germinou a ideia que nos levou ao juramento na Floresta de Dobrina .

Passei cinco anos na Academia Militar de Manastirea Dealului (Claustro da Colina), onde repousa a cabeça de Miguel, o Valente, sob o olhar atento de Nicolae Filipescu*. Ali, sob as ordens do Major, mais tarde Coronel Mareel Olteanu, o comandante da escola, a do Capitão Virgil Badulescu, de Tenente. Emil Palangeanu e sob a orientação dos professores, recebi uma educação militar rigorosa e uma confiança saudável nos meus próprios poderes.

*Ex-Ministro do Gabinete (1900-1913) que fundou a Academia Militar tem o seu nome... **(Nota do tradutor.)**

Machine Translated by Google

Na verdade, minha educação militar estará comigo por toda a vida. A ordem, a disciplina, a hierarquia, moldadas no meu sangue desde cedo, juntamente com o sentimento de dignidade de soldado, constituirão o fio condutor de toda a minha actividade futura. Também aqui me ensinaram a falar pouco, fato que mais tarde me levaria a odiar o "boxe tagarela" e a falar muito.
Aqui aprendi a amar a trincheira e a desprezar a sala.

As noções de ciência militar que recebi naquela época me farão mais tarde julgar tudo pelo prisma dessa ciência. Este culto ao sentimento de dignidade humana e militar, no qual os oficiais me educaram, criar-me-ia dificuldades e expor-me-ia ao sofrimento, num mundo muitas vezes sem honra e sem sentido de dignidade.
Passei o verão de 1916 em casa, em Husi.

Meu pai foi chamado de volta ao exército nos últimos dois anos e partiu com o regimento para os Cárpatos. Uma noite minha mãe me acordou e, chorando e fazendo o sinal da cruz, disse: "Acorda, todos os sinos de todas as igrejas estão tocando". Era 15 de agosto de 1916, festa de Santa Maria. Entendi que a mobilização tinha sido decretada e que naquele momento o exército romeno tinha atravessado as montanhas.

Dominado pela emoção, todo o meu corpo estremeceu. Três dias depois, saí de casa para seguir meu pai, movido pelo desejo de também estar entre os combatentes na linha de frente. Finalmente, depois de muitas aventuras, cheguei ao regimento em que meu pai comandava uma companhia, o 25º Regimento de Infantaria sob o comando do Coronel V. Piperescu, que avançava para a Transilvânia, no Vale de Oituz. Minha infelicidade foi grande, pois, com apenas 17 anos, o comandante do regimento me recusou como voluntário. Mesmo assim, participei tanto no avanço como na retirada da Transilvânia, e no dia 20 de Setembro, quando o meu pai caiu ferido acima de Sovata, na montanha Ceres-Domu, fui-lhe útil antes do avanço do inimigo. Embora ferido, ele se recusou a ser evacuado, liderando sua companhia durante a retirada e mais tarde nos intensos combates que se seguiram em Oituz.

Certa noite, às duas horas, o regimento recebeu ordem de avançar. Os oficiais examinaram as tropas reunidas em silêncio, como um túmulo à beira da estrada.

Pediram ao meu pai que se apresentasse ao coronel. Voltando depois de um tempo, ele me disse: "Não seria melhor você ir para casa? Em breve estaremos em batalha e não é bom que ambos morramos aqui, porque então mamãe ficará com seis filhos pequenos sem nenhum sustento. o coronel me ligou e disse que não quer assumir a responsabilidade pela sua estadia aqui no front. "

Pude perceber que seu coração estava em dúvida: hesitava em me deixar sozinho no meio da noite, ao ar livre, em estradas desconhecidas, a 40 quilômetros da ferrovia mais próxima.

Notando sua insistência, porém, virei minha carabina e dois porta-cartuchos enquanto as colunas do regimento avançavam, desaparecendo no silêncio e na escuridão da noite. Fiquei sozinho na beira de uma vala, então segui em direção à antiga fronteira e para casa.

Quando, um ano depois, no dia 1º de setembro, entrei na Escola de Infantaria Militar de Botosani, ainda pensava em ir para o front. Aqui completei a minha formação e conhecimentos militares, de 1 de setembro de 1917 a 17 de julho de 1918, na Companhia Ativa da Escola Militar. Os quatro ilustres oficiais, Coronel Slavescu, Capitão Ciurea, Tenente. Florin Radulescu e Maj Steflea guiaram meus passos nos caminhos da batalha e do sacrifício pelo meu país.

Mais um ano se passou - 1919 trouxe a paz, e nós, as crianças moribundas, fomos espalhados, cada um para sua casa.
O meu pai, professor do ensino secundário, foi um combatente nacionalista ao longo da vida. Meu avô era engenheiro florestal, assim como meu bisavô. O povo da minha nação foi, desde o início, em todos os tempos históricos difíceis, um povo de florestas e montanhas. É por isso que o meu treino militar e o sangue nas minhas veias imprimiram na acção de Dobrina - uma manifestação ingénua - uma nota de seriedade, que a nossa tenra idade não teria pressuposto.

Naqueles momentos, sentimos nos nossos corações, com os seus conselhos e experiência, a presença de todos os nossos antepassados, que lutaram pela Moldávia pelos mesmos caminhos que os inimigos nunca penetraram.

Machine Translated by Google

NA UNIVERSIDADE DE IASI
SETEMBRO DE 1919

O verão passou. Fiz meu bacharelado* no outono e nosso grupo se separou, cada um direcionando seus passos para uma universidade. De Dobrina, conservamos apenas as memórias da defesa do nosso país contra as ondas ameaçadoras de inimizade que surgiram dentro e fora das nossas fronteiras.

Eu estava deixando Husi nesta encruzilhada para cada jovem, a inscrição na universidade, a tão esperada inscrição na universidade! Como preparação tive o capital de conhecimento adquirido na faculdade, a literatura sensacionalista, ou a perversão espiritual que hoje ocupa um lugar tão importante nos anos de formação de um estudante do ensino médio - para seu azar - que não experimentei. Além da literatura habitual dos clássicos romenos, li todos os artigos do **Semanatorul** ("O Semeador") e **do Neamul Romanesc** ("O Povo Romeno") de N. Iorga e AC Cuza. Meu pai tinha isso em algumas caixas no sótão. Foi lá que subi nas horas vagas para me ocupar com essa literatura. A essência destes artigos continha a expressão, em alto nível, dos três ideais de vida do povo romeno:

1. A unificação do povo romeno.
2. A elevação do campesinato através da reforma agrária e dos direitos políticos. 3. A solução do problema judaico.

Havia duas máximas impressas nas capas de todas as publicações nacionalistas da época:

"Romênia dos romenos, apenas romenos e todos os romenos." - N. Iorga.

“A nacionalidade é o poder criativo da cultura humana, a cultura é o poder criativo da nacionalidade.” -AC Cuza.

Aproximei-me de Iasi com grande reverência - Iasi amava e compreendia todos os romenos, a cidade que todos querem visitar.
Muitas cidades em Moidavia têm alguns fragmentos de glória. Não podemos pronunciar os nomes: Hotin, Barlad, Vaslui, Tighina, Cetatea-Alba, Soroca, sem sentir a alma elevada.

Mas, acima de tudo, aparecem Suceava e Iasi.
Suceava, a fortaleza de Stefan, o Grande; e Iasi, a cidade de Cuza-Voda, -a cidade da União de 1859, que com a fundação da universidade se tornou a cidade da juventude e das suas aspirações mais nobres.

Em Iasi viveram: Miron Costin, Bo dan Petriceicu Hasdeu, Mihail Eminescu, Ion Creanga, Vasile Alecsandri, ostache Negri, Iacob Negruzzi, Mihail Kogalniceanu, Sitnion Barnutiu, Vasile Conta, N. Iorga, Ion Gavanescul. Aqui, como um farol, brilha na Economia Política, a grande personalidade do Professor Cuza. A universidade tornou-se uma escola de nacionalismo; Iasi, a cidade do grande avanço romeno, da nossa grandeza, ideais e aspirações nacionais. Grande é a tristeza de 1917 quando aqui, nas suas horas difíceis, a alma atormentada do rei Fernando encontrou refúgio; grande pelo seu destino de ser em 1918 a cidade da união de todos os romenos; grande pelo seu grande passado e grande pela sua tragédia presente - pois a cidade das quarenta igrejas - morre diariamente esquecida sob a implacável invasão judaica de Iasi, como Roma, construída sobre sete colinas, é e continua a ser a cidade eterna dos romenos.

Que memórias gloriosas!
Aqui se ouviram pela primeira vez, retumbantes, aqueles versos harmoniosos de Alecsandri:

Machine Translated by Google

* Exame abrangente exigido antes da formatura do ensino médio. **(Trad.)**

"Romenos de todas

as penas, venham, vamos dar
as mãos",

Aqui, como em nenhum outro lugar, o aluno sente-se pairando no ar sobre o silencioso Iasi, com seus chamados misteriosos e com seus impulsos sagrados, os espíritos de nossos ancestrais. O estudante Iasi, no silêncio da noite, ouve, como que enlouquecido pela dor, o fantasma de Mihail Eminescu correndo pelas ruas tortuosas da cidade, gemendo como um fantasma:

"Aquele que leva os estranhos
a sério Deixe os cachorros
comerem seu coração Que os
resíduos comam sua casa
Que a má fama
devore seus pais."

Esta é a cidade que abordei com profunda reverência no outono de 1919, sendo atraída por sua grande aura, mas também emocionada por ter sido ali que nasci vinte anos antes. E como qualquer criança, fiquei emocionado ao ver e beijar minha terra natal novamente.

Matriculei-me na Faculdade de Direito.

A Universidade Iasi, fechada durante os anos de guerra, reabriu um ano antes. Os ex-alunos, que agora regressaram como veteranos, mantiveram-se fiéis ao nacionalismo tradicional da vida estudantil pré-guerra. Eles foram divididos em dois campos. um, sob a liderança de Labusca das Cartas, e outro, sob a liderança de Nelu Ionescu, do Direito.
Esses grupos, em pequeno número, foram esmagados pela imensa massa de estudantes judeus vindos da Bessarábia para a escola, todos agentes comunistas e propagandistas. Os professores universitários, com excepção de um grupo muito limitado liderado por AC Cuza, Ion Gavanescul e Corneliu Sumuleanu, eram partidários das mesmas ideias esquerdistas. O professor Paul Bujor, um dos expoentes da maioria, declarou muito veementemente em todo o Senado do país: “A luz vem do Oriente”, ou seja, de além do Dniester.

Tal atitude por parte dos professores, que consideravam "bárbara" qualquer ideia ou nota nacionalista, resultava na total desorientação dos alunos, alguns apoiando abertamente o bolchevismo, outros - a maioria - dizendo: "Diga o que quiser, o
nacionalismo é fora de moda a esquerda." O grupo Labusca escorregou , a humanidade se move para completamente nessa direção. O grupo Nelu Ionescu, ao qual me juntei, dispersou-se ao longo do tempo após algumas eleições universitárias que perderam.

O avanço destas ideias anti-romenas, apoiado por uma massa compacta de professores e estudantes, e encorajado por todos os inimigos de uma Roménia unificada, não encontrou resistência romena entre o corpo discente. Alguns de nós que ainda tentávamos operar as barricadas estávamos rodeados por uma atmosfera de desprezo e inimizade. Nas ruas ou nos corredores da universidade, colegas com outras opiniões, aqueles com “liberdade de consciência” e que pregam todas as outras formas de liberdade, cuspiam em nós à medida que passávamos e tornavam-se cada vez mais agressivos. Milhares de estudantes, reunião após reunião em que o bolchevismo foi propagado, atacaram o Exército, a justiça, a Igreja, a Coroa. Houve apenas uma associação que ainda manteve o caráter romeno: "Avram Iancu" pertencente aos Bucovinianos e Transilvânicos, sob a liderança de Vasile Iasinschi, um estudante. A universidade, tradicionalmente nacionalista desde 1860, tornou-se um foco de anti-romanismo.

Machine Translated by Google

REVOLUÇÃO EM PREPARAÇÃO

Mas não era inteiramente na universidade que esta situação existia. A massa de trabalhadores de Iasi, quase completamente imersa no comunismo, estava pronta para explodir em revolução. Pouco trabalho foi feito nas fábricas. Horas a fio realizavam reuniões e conselhos; principalmente sobre política e não sobre trabalho.
Vimo-nos sistematicamente sabotados, de acordo com o plano e a ordem: “Destruir, destruir máquinas, criar o estado de miséria material geral que leva à erupção da revolução”. E, de fato, quanto mais essa ordem era obedecida, mais a miséria se espalhava, a fome era ameaçadoramente ameaçada e a rebelião crescia nas almas das multidões.

A cada três ou quatro dias, nas ruas de Iasi, aconteciam grandes manifestações comunistas. Aqueles 10-15.000 trabalhadores famintos foram manobrados. pela mão criminosa judaica de Moscou, desfilou pelas ruas enquanto cantava a internacional, gritando: "Abaixo o **rei!" 'Abaixo o Exército! "** E carregando cartazes nos quais se podia ler "Viva a revolução comunista! "," Viva a Rússia Soviética! "

Se estes tivessem sido vitoriosos, teríamos pelo menos uma Roménia liderada por um regime de trabalhadores romeno? Teriam os trabalhadores romenos tornado-se senhores do país?
Não! No dia seguinte teríamos nos tornado escravos da tirania mais suja: a tirania talmúdica e judaica. A Grande Roménia, depois de um segundo de existência, teria entrado em colapso.

Nós, o povo romeno, teríamos sido exterminados, mortos ou deportados impiedosamente para toda a Sibéria: camponeses, trabalhadores, intelectuais, todos em desordem. As terras de Maramures ao Mar Negro, arrebatadas à Roménia, teriam sido colonizadas por massas judaicas. É aqui que eles teriam construído
é a verdadeira Palestina.

Eu tinha plena consciência de que naquelas horas estava em jogo a vida e a morte do povo romeno. E também os judeus que empurravam os trabalhadores romenos para a revolução. Não simpatizaram com a angústia que tomou conta dos nossos corações naqueles momentos, nem com a angústia traída nos nossos olhos. Eles sabiam o que estavam fazendo. Só os intelectuais romenos não sabiam, os intelectuais que tinham frequentado a escola e deveriam esclarecer o povo em tempos difíceis - por isso eram intelectuais - estavam ausentes do seu dever. Esses seres indignos naqueles momentos decisivos sustentavam com uma inconsciência criminosa que “a luz vem do Oriente”. Quem se oporia às colunas revolucionárias que marchavam ameaçadoramente pelas ruas de todas as nossas cidades? Os estudantes? Não! A intelectualidade?

Não! A polícia? Seguro *? Estes, ao ouvirem as colunas se aproximando, entraram em pânico e desapareceram. Nem mesmo os militares poderiam ficar no seu caminho. Pois não se falava de 1.000 homens, mas de 15.000, de 20.000, organizados e famintos.

A GUARDA DA CONSCIÊNCIA NACIONAL

Machine Translated by Google

Numa noite chuvosa de outono de 1919, no refeitório da Escola de Artes e Ofícios, onde eu era conselheiro, um amigo meu mostrou-me um anúncio de jornal.

“A Guarda Nacional de Consciência realiza reunião esta noite, quinta-feira, 9h, Rua 3 Aleksandri"

Saí imediatamente, correndo com grande impaciência para descobrir e ingressar nesta organização cujos panfletos anticomunistas eu havia lido vários meses antes.

Na sala da Rua Alecsandri, 3, decorada com bancos recém-feitos, encontrei apenas um homem. Ele tinha cerca de 40 anos, forte e abatido, sentado à mesa, esperando a chegada das pessoas. Cabeça grande, dois braços fortes, punhos pesados, de estatura média. Ele era Constantin Pancu, o presidente da Guarda Nacional de Consciência.

* O Serviço de Segurança Romeno antes da tomada comunista. **(Trad.)**

Apresentei-me, dizendo que era estudante e que queria ser admitido como combatente na Guarda. Ele me aceitou. Eu participei dessa reunião. Aproximadamente vinte pessoas compareceram: um compositor, Voinescu; Um estudante; cerca de quatro mecânicos da RMS*, sendo dois da ferrovia; vários comerciantes e trabalhadores; advogado Victor Climescu e um padre. Foram discutidas várias questões relacionadas com o impulso ganho pelo movimento comunista em várias fábricas e em parte da cidade e com o problema da organização da Guarda.

Daquela noite em diante, meu caminho se bifurcou. metade na luta na universidade, a outra metade com Constantin Pancu, entre os trabalhadores. Apeguei-me a esse homem e permaneci constantemente com ele, sob sua liderança, até que a organização se desfez.

CONSTANTIN PANCU

Constantin Pancu, cujo nome estava nos lábios de todos os iasianos em ambos os campos, proferido esperançosamente pelos romenos, com horror por outros, não era um intelectual.

Ele era comerciante, encanador e eletricista. Ele nunca passou das quatro séries do ensino fundamental. Tinha uma mente lúcida e equilibrada, que ele próprio enriqueceu com conhecimentos adequados. Durante vinte anos ele esteve ocupado com os problemas dos trabalhadores.

Foi durante vários anos presidente do sindicato dos metalúrgicos. Ele era um orador de primeira classe.

No pódio, diante de uma multidão, ele impressionou. Ele tinha uma alma e uma consciência claramente romenas. Ele amava seu país, os militares, o rei.

Um bom cristão. Ele tinha os músculos de um lutador de circo e uma força verdadeiramente hercúlea.

Os Iasianos o conheciam há muito tempo.

Antes da guerra, um circo chegou a Iasi, onde realizava shows de luta. Havia entre os combatentes homens de todas as nações. Húngaros, turcos, romenos, russos, etc. uma noite, quando um deles havia derrotado todos os outros lutadores, entre os espectadores um cidadão levantou-se pedindo para lutar contra o vencedor. Ele estava autorizado a fazer isso. Ele se despiu e a briga começou. em dois minutos, o homem forte do circo húngaro foi derrubado no chão, derrotado.

O romeno que venceu no meio da admiração entusiástica da multidão não foi outro senão Constantin Pancu. É por isso que quando o seu apelo à batalha apareceu pela primeira vez nas ruas de Iasi, o público adorador da força aceitou-o com confiança.

O seu esforço durou um ano, aumentando à medida que a ameaça bolchevique aumentava e diminuindo à medida que diminuía.

No início foram realizadas pequenas reuniões, depois manifestações que atingiram 5, 6, até 10 mil pessoas. Eles aconteciam semanalmente durante o período crítico no Prince Mircea Hall, ou às vezes na Union Square. entre aqueles

Machine Translated by Google

quem falava regularmente era eu. Foi aqui que aprendi a falar diante de uma multidão.
Inegavelmente, a Guarda Nacional de Consciência levantou a consciência dos romenos num momento crítico, num lugar importante como Iasi e colocou-o como uma barreira contra a onda comunista.

Esta actividade, no entanto, não se limitou apenas a Iasi. Fomos para outras cidades.
Além disso, o jornal Constiinta ("A Consciência"), publicado regularmente, penetrou com o seu grito de alarme em quase todas as cidades da Moldávia e da Bessarábia.
Quase diariamente, no campo entre os dois campos, ocorriam inevitáveis confrontos sangrentos, com o nosso lado a sofrer os mais feridos. Esta situação tensa durou até a primavera, mas depois de duas grandes vitórias do nosso lado, o poder ofensivo dos nossos adversários foi bastante reduzido.

A OCUPAÇÃO DA AGÊNCIA DE MONOPÓLIO DO ESTADO PELA GUARDA DE A CONSCIÊNCIA NACIONAL

Era 10 ou 11 de fevereiro de 1920. Durante duas semanas falou-se em uma greve geral nacional. A batalha decisiva estava se aproximando. foi relatado na cidade que por volta do meio-dia na ASM eram cerca de 1; Foram empregados 000 trabalhadores, a greve foi declarada, a bandeira vermelha foi hasteada, a imagem do Rei baixada e perfurada
sob os pés, depois substituída pelas de Karl Marx, Trotzki e Racowski.

Nosso povo foi espancado, os mecânicos, membros da Guarda, feridos. À 13h, cerca de 100 de nós nos reunimos em nossa sede. O que fazer? Pancu presidiu a discussão. Houve duas opiniões. Alguns alegaram que deveríamos enviar telegramas ao governo solicitando intervenção militar. Minha opinião era que os presentes deveriam abordar a ASM e retirar a bandeira vermelha a qualquer risco. Meu ponto de vista foi aceito. Pegamos nossa bandeira e à 1 hora liderados por Pancu começamos a marchar sobre Lapusneanu e Pacurari cantando Desteapta-te Romane ("Despertem, romenos").

Perto da fábrica, na rua, separamos vários grupos de comunistas.
Entramos no pátio da fábrica e entramos no prédio levando óleo bandeira até o telhado, onde plantei. A partir daí dei uma palestra. Os militares apareceram e ocuparam a fábrica.

Recuamos cantando e depois voltamos para nosso quartel-general, considerando nossa rápida incursão um sucesso. A notícia da nossa atitude atravessou a cidade como um raio, mas a greve continuou. Os militares só podiam defender a bandeira, não podiam fazer a fábrica funcionar. o que era para ser feito? Ocorreu-nos a ideia de procurar

trabalhadores da cidade para abrir a fábrica. em três dias, 400 novos trabalhadores, vindos de todas as partes de Iasi, entraram na fábrica. Isso começou a funcionar; a greve falhou. Duas semanas depois, metade dos grevistas exigiu que isso fosse feito. De volta ao trabalho.

Nossa vitória foi ótima. O primeiro passo para uma greve geral foi rejeitado. Os planos do consórcio judaico-comunista começaram a ser frustrados. A nossa acção teve um eco retumbante nas fileiras romenas, elevando o seu moral.

A BANDEIRA TRICOLOR SOBRE AS OBRAS DE NICOLINA

O centro comunista mais poderoso foi formado pela ferrovia romena em Nicolina.
Mais de 4.000 homens trabalharam lá, quase todos bolcheviques. As zonas residenciais em redor destas obras, Podul Ros, Socola e Nicolina, foram invadidas por um número considerável de judeus.
É por isso que o líder do movimento comunista em Iasi, Dr. Ghelerter e o seu conselheiro, Gheler, estabeleceram aqui o seu ponto de resistência. Menos de um mês se passou desde a derrota da ASM e como sinal para o início da greve geral e da batalha decisiva, a bandeira vermelha foi hasteada e tremulava sobre as obras. Uma greve foi declarada.
Milhares de trabalhadores estavam saindo.
As autoridades estavam impotentes.

Machine Translated by Google

* A Agência Estatal de Monopólio, doravante denominada ASM **(Tr.)**

Através de folhetos, convocámos todos os romenos para uma reunião no Prince Mircea Hall. Após os discursos, saímos do prédio com nossas bandeiras e toda a multidão seguiu em direção a Nicolina. Na Union Square fomos parados pelas autoridades que nos aconselharam a não continuar, pois havia mais de 5.000 comunistas armados à nossa espera e haveria derramamento de sangue.

Então saímos da Union Square em direção à estação de trem, onde penduramos bandeiras na rotatória das máquinas e na estação. Então pegamos um trem na linha e fomos até Nicolina. Alguém apertou o interruptor na estação e no trem Nicolina e todos entraram na fábrica de Nicolina. Nós descemos. Nas lojas, ninguém.

Num dos edifícios, a bandeira vermelha. Subi por uma escada de incêndio segurando uma bandeira tricolor entre os dentes. Com alguma dificuldade, pois estava em grande altura, cheguei ao telhado. Subi no telhado e rastejei até o topo. Agarrei a bandeira vermelha e, em meio a grandes aplausos, que duraram vários minutos, içei e segurei o tricolor. Então a partir daí eu falei. Fora dos muros, os comunistas, aumentando em número, transformaram-se numa massa compacta e assomaram de forma ameaçadora.

Uma baita raquete. Por dentro, viva, por fora, vaias e maldições. Então desci lentamente ao chão. Pancu ordenou a nossa partida. Mas no portão os comunistas bloquearam a nossa saída, gritando: “Que venham Pancu e Codreanu!”

Caminhamos 30 metros à frente da multidão e nos dirigimos ao portão.

No meio, Pancu, à sua direita um comerciante, Margarint, comigo à esquerda. Nós três avançamos sem dizer uma palavra, mantendo as mãos nos bolsos das armas.

Os que estavam no portão nos observavam, quietos e imóveis. Agora estávamos a apenas alguns passos de distância. Eu esperava o zumbido de uma bala passando pela minha orelha. Mas seguimos em frente, diretos e determinados.

No entanto, este foi um momento muito incomum e emocionante. Estávamos agora a poucos passos de distância. Os comunistas foram embora se abrindo para nós! Por cerca de dez metros caminhamos em silêncio como um túmulo no meio deles. Não olhamos nem para a esquerda nem para a direita. Nada foi ouvido, nem mesmo a respiração humana. Nossos homens nos seguiram. Mas quando eles passaram, o silêncio foi quebrado. A maldição começou, com ameaças de ambos os lados, mas sem luta. juntos seguimos pela ferrovia em direção à estação. Atrás de nós, sobre as obras, o vento que soprava agitava a roupa do tricolor vitorioso.

O efeito moral desta ação foi incomparável. Todo Iasi estava em alvoroço. Todos nas ruas falavam apenas sobre a Guarda Nacional de Consciência. Uma tendência de despertar romeno foi sentida no ar. Os comboios levaram ainda mais longe a notícia desta ressurreição, aos quatro cantos do país. Percebemos que o bolchevismo seria derrotado porque à sua frente, bem como nos seus flancos, foi erguida uma barreira de consciência que impediria a sua expansão.

Todas as estradas para a sua nova invasão estavam agora fechadas. A partir de agora, deverá recuar, não muito depois, da ação do Geti. A administração Averescu juntou-se aos nossos esforços, o suficiente para que as perspectivas deste movimento fossem completamente anuladas.

SOCIALISMO NACIONAL-CRISTÃO
OS SÍNDICOS NACIONAIS

A Guarda Nacional da Consciência era uma organização de combate destinada a derrubar o inimigo. Conversei muitas vezes com Pancu naquelas noites de 1919, pois estávamos constantemente juntos e comíamos quase regularmente à sua mesa. E eu estava dizendo a ele:

“Não basta derrotar o comunismo. Devemos também lutar pelos direitos dos trabalhadores. Eles têm direito ao pão e lutam pela honra. Devemos lutar contra os partidos oligárquicos, criando organizações nacionais de trabalhadores que possam conquistar os seus direitos dentro da estrutura do Estado e não contra o Estado.

“Não permitimos que ninguém tente hastear outra bandeira em solo romeno, exceto a da nossa história nacional. Por maior que seja a classe trabalhadora, não toleramos

Machine Translated by Google

se levanta contra o país ou faz causa comum com movimentos estrangeiros fora das nossas fronteiras, ninguém admitirá que

pelo seu pão você desperdiça e se junta aos bandos de um povo estrangeiro de banqueiros e usurários, tudo o que durante dois milênios foi o suor de um povo de trabalhadores e valentes é salvo,
Seus direitos, sim - mas dentro dos direitos de seu povo. É inadmissível que, pelo seu rigor, o direito histórico da nação a que pertenceis seja pisoteado.

«Mas também não admitiremos que, sob a capa de fórmulas coloridas, uma classe oligárquica e tirânica se instale nas costas dos trabalhadores de todas as categorias e literalmente os esfole, enquanto agita continuamente bandeiras no ar pela pátria - o que eles não fazem. amor; Deus em quem eles não acreditam; Igreja - onde nunca entram e Exército - que enviaram para a guerra com bandos vazios.

“Estas são realidades que não podem ser usadas como falsos emblemas de fraude política nas mãos de alguns malabaristas imorais”.
Depois começámos a organizar os trabalhadores em sindicatos nacionais e até num partido político: “Nacional Socialismo Cristão”. Foi então que Pancu escreveu:

O CREDO DO SOCIALISMO NACIONAL-CRISTÃO

Acredito no Estado romeno único e indiviso, do Dniester a Tisa, dono de todos os romenos e apenas dos romenos, amante do trabalho, da honra e do temor de Deus, preocupado com o país e o seu povo; doador de direitos iguais, civis e políticos, para homens e mulheres; protetor da família, pagando seus servidores públicos*.

Naquela altura não tínhamos ouvido falar de Adolf Hitler e do nacional-socialismo alemão e dos trabalhadores baseados no número de crianças e no trabalho realizado, na qualidade e na quantidade; e num Estado, defensor da harmonia social através da minimização das diferenças de classe; e além dos salários, nacionalizar as fábricas (de propriedade de todos os trabalhadores) e distribuir terras entre todos os agricultores.

Distribuiria benefícios entre o proprietário (estatal ou privado) e os trabalhadores.
O antigo proprietário, além do próprio salário, deverá receber um percentual inversamente proporcional ao valor do seu investimento original; além disso, o Estado garantiria o seu investimento original; além disso, o Estado seguraria os trabalhadores através de um “fundo de risco”; proporcionaria depósitos de alimentos e roupas para trabalhadores e funcionários públicos que, organizados em sindicatos nacionais, teriam os seus representantes nos conselhos de administração das diversas instituições industriais, agrícolas e comerciais.

Acredito num grande e forte “pai dos trabalhadores” e rei dos camponeses, Fernando I, que sacrificou tudo pela felicidade da Roménia e que, para a nossa salvação, se tornou um com o povo; que à frente de suas tropas em Marasti e Marasesti ele derrotou o inimigo; que desde então olhou com amor e confiança para os soldados que lhe devem lealdade, soldados que descobrirão que o seu dever militar é uma verdadeira escola para a sua nação que podem terminar num ano. “Acredito numa bandeira tricolor rodeada pelos raios do Nacional Socialismo Cristão, símbolo da harmonia entre os irmãos e irmãs da Grande Roménia.

,

Acredito numa Santa Igreja Cristã com sacerdotes que vivem o Evangelho e para o Evangelho, e que querem, como os apóstolos, sacrificar-se pela iluminação de muitos.

Reconheço a eleição de Ministros pela Câmara, a abolição do Senado, a organização da polícia rural, um imposto de renda progressivo, escolas de agricultura e artesanato nas aldeias, 'círculos' para donas de casa e adultos, lares para inválidos e idosos pessoas, lares nacionais, a determinação da paternidade, trazendo efetivamente a todos o conhecimento das leis, o incentivo à iniciativa

Machine Translated by Google

sector privado no interesse da Nação e o desenvolvimento da indústria camponesa doméstica.

Desejo a ressurreição da consciência nacional também no humilde pastor e a descida dos educados entre os cansados, para fortalecê-los e ajudá-los na verdadeira fraternidade, fundamento da Roménia de amanhã, Amém! "A Guarda Nacional da Consciência."

O jornal Constiinta ("A Consciência"), segunda-feira, 9 de fevereiro de 1920.

Então começamos a organizar os sindicatos nacionais. O documento a seguir mostra como um de nossos sindicatos foi formado. Publico-o para enfatizar a consciência dos trabalhadores iasianos daquela época:

Minutos!

“Os abaixo-assinados, comerciantes, operários e escriturários da fábrica de tabaco ASM, reuniram-se esta noite, segunda-feira, 2 de fevereiro de 1920, na sede da Guarda Nacional de Consciência, nº 3 Rua Alecsandri', sob a presidência do Sr. C.
Pancu, presidente interino da Guarda. CONSIDERANDO as tendências criminosas de certos indivíduos que servem interesses alheios a este povo, e, CONSIDERANDO a propaganda que praticam, nomeadamente para atacar o bem-estar desta instituição e a própria existência daqueles de nós que trabalharam toda a vida por uma fatia de pão, que é o nosso único alimento e o dos nossos filhos, NÓS, trabalhadores romenos honestos e cumpridores da lei, desejosos de marchar juntos sob a bandeira do nosso país no caminho ditado pelos interesses supremos do nosso povo, pela bem-estar desta instituição, a fim de ajudar a parar de uma vez por todas a propaganda do nosso inimigo dentro das nossas fileiras, DECIDIMOS constituir-nos num sindicato nacional profissional, para o qual elegemos a seguinte comissão e um delegado do Conselho Nacional Guarda da Consciência”.

Seguem 183 assinaturas.

"Constiinta" ("A Consciência"), 9 de fevereiro de 1920, nºs 17 e 18.

UMA IMAGEM VERDADEIRA DA SITUAÇÃO EM 1919

Procuro relatar o momento de 1919-20, retirando de jornais e manifestos o que considero significativo.
O primeiro manifesto emitido por Constantin Pancu em Iasi em agosto de 1919, afixado em todos os muros de Iasi, num
momento de desorientação geral, é o sinal de batalha para os trabalhadores romenos de Iasi:

Apelo aos comerciantes, trabalhadores, soldados e camponeses romenos

Irmãos,

Depois de anos de terríveis batalhas, o mundo celebra a paz entre os homens; Os líderes sábios de todos os países civilizados esforçam-se por acabar com a guerra, estabelecendo uma lei que garanta uma existência pacífica no futuro.
Mas eis que do Oriente se ouvem vozes de ódio que indicam a tentativa dos nossos inimigos de nos separar através da discórdia e dos mal-entendidos entre nós. Da Rússia, governada pelas trevas de ensinamentos errôneos, somos instados a lutar, atirar e matar nossos irmãos de sangue semelhante.

Da Hungria, que chora pela sua antiga grandeza, ouve-se o mesmo apelo. Os inimigos do Oriente uniram-se aos do Ocidente para perturbar a nossa paz e

Machine Translated by Google

invadir.

Os estrangeiros além das nossas fronteiras tentam passar o cálice de veneno entre nós, através dos estrangeiros que vivem no nosso país. Eles ousam afirmar que nos estão a impulsionar em nome da paz, da justiça e da liberdade, e em nome
dos trabalhadores. A sua palavra é uma mentira, os seus pedidos um veneno mortal para: Dizem que querem a paz, mas eles próprios a destroem, matando os mais dignos; Exigir liberdade,
mas através de ameaças de morte forçar as pessoas a submeterem-se a elas; Deseje a fraternidade, enquanto semeia o ódio, a injustiça e a licenciosidade nas nações. Além disso, dizem querer a abolição do capital ganho com o
suor do rosto.

Dizem-nos que não querem a guerra, mas lutam.
Exigem a abolição do exército, mas armam-se. Eles nos incitam a descartar o tricolor, enquanto hasteamos a bandeira vermelha do ódio em seu lugar. Não acredite nos seus manifestos e apelos, tal como não acreditou no inimigo quando lutou em Oituz, Marasti e Marasesti.

O dever de todo bom romeno é garantir que, também no futuro, a semente da dissensão que o inimigo tenta semear entre nós não crie raízes.
Aperfeiçoe o Trabalho que você iniciou com seu trabalho e sua honra. Os seus inimigos são a indolência, o ódio e a desonra que imperam além das fronteiras, que também nos ameaçam.

Cuidadoso! Mantenha sua alma limpa, não esqueça que nossa salvação é trabalho, união e honra.

Irmãos soldados,

Com fé em Deus, você quebrou o poder do inimigo. Com suas armas você esculpiu as fronteiras do país para a eternidade.
Com seu sangue você aperfeiçoou e selou seu sacrifício. É por isso que
você não deve permitir que bandos estrangeiros e sem lei destruam o que você aperfeiçoou.
Continue a manter seu amor pela pátria e fé em seu Rei. Você jurou defender as fronteiras da pátria com seu sangue até a última gota. Proteja-os cuidadosamente contra as más intenções do inimigo, pois foi isso que nossos pais e ancestrais fizeram.

irmãos camponeses,

O Deus dos nossos pais teve misericórdia dos nossos sofrimentos e nos concedeu um ano tão generoso como raramente se viu. Seja grato ao bom Senhor, pelo seu trabalho e pela sua fé. Renovai as vossas forças de trabalho, recolhei assiduamente os produtos da terra.
Tenha certeza de que as terras do Tisa, do Danúbio e do Mar Negro foram inteiramente conquistadas por você.
Guarde-o no sagrado, defenda suas riquezas com seu trabalho e seu amor.

Irmão Romes,

É em você que residem as esperanças e a força deste país. Você também é a felicidade de amanhã.
Não acumule maldições, mas bênçãos.
O inimigo está atacando o Dniester e o Tisa. Ele também tenta perturbar a paz interior do nosso país.

Nossa libertação está no trabalho, na honra, no amor ao país e na fé em Deus.
Tenha cuidado, chame para o caminho certo também aqueles que se desviaram e passaram para aqueles sem povo e sem fé. Unidos em torno do trono e à sombra da bandeira tricolor, zelam pela paz do país.

Diga aos estrangeiros e amantes estrangeiros que tentam nos perturbar que uma guarda nacional se formou ao nosso redor, que vigia, que lutará contra aqueles

Machine Translated by Google

que desejam semear a discórdia entre nós.

Romenos de todo o mundo, trabalhadores, artesãos, soldados e camponeses, sejam dignos dos nossos antepassados e do apelo destes tempos em que vivemos. (ss) o círculo mercantil romeno;
Sindicato de Tração Ferroviária; a Sociedade dos Inválidos de Guerra; a Guilda dos
Metalúrgicos, etc.

Constiinta ("A Consciência"), 30 de agosto de 1919, primeiro ano, nº 1

OS LÍDERES DOS TRABALHADORES ROMANOS

Os líderes dos trabalhadores comunistas romenos não eram nem romenos nem
trabalhadores. Em Iasi: Dr. Ghelerter, judeu; Gheler, judeu; Spiegler, judeu;
Schreiber,
judeu, etc.
Em Bucareste: Ilie Moscovici, judeu;
Pauker, judeu, etc. Ao seu redor, grupos de
trabalhadores romenos perdidos.

Se a revolução tivesse sido bem sucedida, o presidente da república que teria usurpado o grande rei Fernando teria sido Ilie Moscovici.

No Parlamento da Grande Roménia, em 1919, enquanto os deputados e senadores de todas as províncias romenas reunidos, entusiasmados com o grande acto de União, se levantavam e aplaudiam o grande rei unificador, este Sr. .

Machine Translated by Google

A ATITUDE DA IMPRENSA JUDAICA

É necessário sublinhar a atitude da imprensa judaica nestes tempos perigosos para o povo romeno. Sempre que a existência da nação romena foi ameaçada, esta imprensa apoiou as teses que mais se adequavam aos nossos inimigos. Como de facto, após os acontecimentos, pode-se facilmente ver que as mesmas teses foram teimosamente combatidas sempre que favoreceram um movimento de renascimento romeno.

Para eles, as nossas preocupações eram dias de alegria, enquanto a nossa alegria para eles eram dias de luto.

Liberdade

A liberdade, tão negada hoje ao movimento nacional, era então considerada dogma, porque servia à causa da nossa destruição. Aqui está, por exemplo, o que Adevarul ("A Verdade") escreveu em 28 de dezembro de 1919 sob a assinatura de Emil D. Fagure (nome verdadeiro Honigmann):

"Como o Partido Socialista tem o direito de se manifestar livremente, não se pode sustentar que este partido tenha um privilégio. Não importa que partido queira manifestar-se, esse direito terá de ser rejeitado…"

SP

Ódio

Podemos ler no mesmo papel:

"O ódio deve ser sempre o guia contra o partido dos assassinos, que governou, liderado por Íon Bratianu"

O ódio judaico aos romenos é abençoado; é suportado; alguém o invoca. Não é um crime. Não é uma vergonha medieval. Mas quando chega o momento de os romenos defenderem os seus direitos violados, a sua acção é rotulada de "ódio" e o ódio torna-se um sinal de barbárie, um sentimento degradante sobre o qual nada pode ser construído.

ordem legal

Adevarul ("A Verdade"), 5 de outubro de 1919

Acabou! Pelo "alto" decreto-lei, durante o período eleitoral é instituído um novo regime, muito mais duro do que antes, de cerco e censura, com a oposição e todo o país afastados da lei. é puro e simples o regime da ditadura militar em que só a coroa é todo-poderosa; a coroa e o Partido Liberal, e como executor desses dois testamentos, você tem o governo dos generais..... assim, o decreto nos proíbe de atacar a Coroa. Se dizer a verdade é entendido como um ataque, ou seja, que a coroa assumiu o pesado fardo de governar o país com o Partido Liberal, então, ainda assim,

esse ataque deve ser feito.

O decreto proíbe-nos de atacar a actual forma de administração, se assim se entender que não temos o direito de protestar com toda a veemência contra a actual.

governo que é fruto da vontade inconstitucional de duas pessoas, protestaremos....

Se não houvesse outra via aberta contra este estado de coisas, se soubéssemos que o incitamento à revolta ou contra a chamada ordem jurídica teria algum efeito - infelizmente não é o caso - não hesitaríamos um só momento em fazer então, como não há outra maneira de lutar contra tais

Machine Translated by Google

regime ditatorial e tirânico.

* Primeiro Ministro da Romênia durante a Primeira Guerra Mundial, **(Tr.)**

Consideramo-nos diante de um bando armado que se coloca à margem da lei e utiliza a força brutal.

Apesar de tudo isso, levantaremos essa bandeira e, caindo, ainda gritaremos: 'Abaixo a tirania;'
'Vida longa a liberdade'.

Esta é então a imprensa judaica de 1919.
Ou seja: incitar à rebelião contra a Coroa, contra a forma de governo e a ordem jurídica.

incitação à revolta

Adevarul ("A Verdade"), 11 de outubro de 1919

"Os loucos! Onde estão os loucos?"

Como dissemos, temos muitos homens bem comportados e nenhum maluco. Ou loucura é o que precisamos. Os de 1848 enlouqueceram e desarraigaram o regime boiardo da época....

Também precisamos de loucos. Com homens bem comportados que dividem um fio de cabelo em 14 stW não, tomando uma decisão, não há o que fazer.
Precisamos de pelo menos um louco, se não mais deles. O que esse louco vai fazer, como vou saber? .....

Um louco é então chamado. Então deixe os loucos virem.

Até os socialistas tornaram-se bem comportados. Na verdade, eles têm um partido por trás deles e homens que não deveriam temer ninguém. Vejo que eles não têm medo, mas continuam bem comportados. Tal como I. Nadejde fez uma vez, eles permanecem teimosamente dentro do quadro legal. Aqueles que estão no poder, civis e militares, querem tirá-los, um esforço inútil. A sua táctica é o estado legal. Mesmo quando são alvejados, como em 13 de dezembro de 1918, quando são espancados até virar polpa, quando Frimu é baixado pelos seus capangas à sua sepultura, os socialistas protestam - é verdade, com grande dignidade - mas não fogem à lei .

De qualquer forma, precisamos de loucos.
Que se apresentem os loucos que iniciariam ações ilegais ou contra a lei contra a situação atual.

A coroa

Para os romenos, a coroa sempre foi um bem precioso. Como garantes da nossa unidade e resistência face a qualquer perigo, os judeus nunca hesitaram em atacá-lo, insultá-lo e comprometê-lo por qualquer meio.
Aqui, por exemplo, está como Dimineata ("A Manhã") de 16 de novembro de 1919 trata o rei Fernando.

'Por causa de um erro'

Um animal precisa de preocupações limitadas, mas seu cérebro é suficiente para satisfazê-las. Raramente, extremamente raramente, o animal está errado. Da mesma forma, sua inteligência, por menor que seja, evita que ele caia em erros grosseiros.

Não é o mesmo com o rei.

Quero falar sobre o rei da criação.
O rei da criação é muito mais inteligente que um cachorro, um cavalo ou um burro. Isso mesmo. Mas embora nenhum desses animais saltasse da beira de um precipício, se jogasse na água para se afogar ou tentasse fazer um movimento inseguro, o rei da criação comete erros diários.

Machine Translated by Google

erros imperdoáveis.....

* Eu "ers ofp; dvikged -hudhokhn-g @s. ??? **(Tr.)**

A sabedoria exigia que o rei não se permitisse cair prisioneiro nas mãos de um único homem ou grupo.

Com todo o respeito, é meu dever dizer a Sua Majestade que ele estava errado. A situação tão obscura é obra de Sua Majestade. Pois Sua Majestade, cedendo a algumas obsessões culpadas e interessadas, fugiu das soluções naturais que a situação interna exigia.

Se ainda hoje a coroa não decidir entrar nos caminhos naturais divorciados dos interesses futuros, a natureza exigirá os seus direitos com ainda maior determinação.

Deixe o rei da criação ser avisado.

a igreja cristã

Opinia ("A Opinião"), 10 de agosto de 1919

Os nacionalistas Iasi começam a ficar agitados. São tão poucos e tão maus, por isso a sua agitação, outrora revoltante, é agora ridícula, pura e simples.
Os nacionalistas formaram uma “Guarda da Consciência Nacional”. Manifestos foram emitidos; foram realizadas reuniões...

Estudantes chauvinistas também foram convidados. Vieram também os padres consuetudinários... Numa altura em que por todo o lado, pelas leis mais despóticas, se abolim as diferenças entre nacionalidades, no nosso país os nacionalistas querem acentuar essas diferenças... a conferência de paz quer impor por tratado o controlo das minorias....

Quando por toda a parte a Igreja está a ser separada do Estado, permanecendo como preocupação privada de cada indivíduo, no nosso país os nacionalistas apelam ao clero para uma propaganda religiosa organizada de princípio...
Então o padre intervém: agarra delicadamente as pessoas pelos cabelos e bate-lhes com a testa nas pedras da igreja até ficarem atordoadas. É na igreja que as pessoas aprendem humildade e resignação. Esta é a vontade de
Deus.

Ninguém mais se deixa enganar por mentiras. É em vão que os nacionalistas fixam faixas tricolores nas mangas, que incitam os intelectuais comuns contra os judeus, que fazem os padres nos anátema na igreja. Ninguém hoje teme o seu anátema.

Pregamos o amor entre as pessoas. E derrubar a porta dos templos que abrigam ódio e vingança.....

Assinado: M. Sevastos

a procissão

Opinia ("A Opinião"), 26 de outubro de 1919

A pedido da 'Guarda da Consciência Nacional', o nobre clero colocou as suas barbas, vestimentas e estandartes do cburcb à disposição dos manifestantes.

Mas o luxo de ter um Deus com uma equipe inteira deve ser pago.
Preferimos que os nossos impostos contratem um professor e não um padre. Desejamos, portanto, a separação entre Igreja e Estado. Pois não queremos que a nossa contribuição forçada sirva para fomentar o obscurantismo, a renúncia e o espírito de resignação, graças aos quais se mantêm os regimes policiais, de volta à Idade Média? Para a Inquisição? Estamos exasperados de terror em calças e fraques listrados e túnica militar, não podemos mais tolerar o terror vestindo o hábito religioso. Dói-nos ver manifestações de rua motivadas por intrigas políticas e militares, e não queremos mais assistir a desfiles com mitras e lenços vermelhos...

Machine Translated by Google

Suficiente!

As cúpulas das igrejas pesam sobre os ombros da humanidade; prostrações o puxam para o chão.

Esta procissão vai ser de mau gosto. Nas ruas você verá vestimentas de museu, infiltrações cravejadas de diamantes, mitras... Cruzes e estolas serão vistas.
As barbas passarão, os oradores com gestos contorcidos descobrirão o peito mostrando à multidão o lado ensanguentado sugando esponjas embebidas em vinagre entre os dentes...

Assinado: M. Sevastos

Está claro. Daqui até atacar oficiais e arrancar suas listras é apenas um passo de distância.
Também um passo para derrubar igrejas com picaretas ou transformá-las em estábulos ou locais de festas sádicas para os pequenos repórteres judeus de Opinia ("A Opinião"), Adevarul ("A Verdade"), Dimineata ("A Manhã") e seu povo .

Vi nas colunas destes jornais, num momento de grande adversidade romena, todo o ódio e conspirações astutas de uma raça inimiga, aqui instalada e tolerada pela piedade e só pela piedade dos romenos. Vi como eles ostentavam a sua falta de respeito pela glória do exército romeno e pelas centenas de milhares de pessoas que morreram nos seus uniformes sagrados; a sua falta de respeito pela fé cristã de todo um povo.

Não passava um dia sem que o veneno fosse derramado em nossos corações a partir de cada página.

Ao ler aqueles jornais que me envolveram a alma, conheci os verdadeiros sentimentos destes alienígenas, que revelaram sem reticências, numa altura em que pensavam que havíamos caído por terra. Aprendi anti-semitismo suficiente num ano para durar três vidas. Pois não se pode atacar as crenças sagradas de um povo ou aquilo que o seu coração ama e respeita, sem feri-lo profundamente e sem que o sangue escorra da sua ferida. Dezessete anos se passaram e a ferida ainda sangra.

Permita-me mais uma vez cumprir um dever sagrado ao mencionar aqui este herói, um atleta dos trabalhadores cristãos, o artesão Constantin Pancu, sob cujo comando eu estava e ao lado de quem ficaria até a "Besta Vermelha", como ele o chamava , foi derrotado. É a este homem - à sua coragem e firmeza - que a libertação do

cidade de Iasi da destruição está prevista. Sete anos depois, este gigante, enfraquecido pelo sofrimento e pela pobreza, caminhava como uma sombra pelas ruas de Iasi, em busca de ajuda para tratar um problema cardíaco. Morreu doente e pobre, esquecido e sem ajuda, no meio de um país que não se importava, e numa cidade que defendeu com o próprio corpo nas horas mais difíceis.

Machine Translated by Google

O PRIMEIRO CONGRESSO ESTUDANTIL APÓS A GUERRA

CLUJ, 4, 5, 6 DE SETEMBRO DE 1920

Este congresso teve lugar no Teatro Nacional de Cluj, num ambiente de grande entusiasmo, fruto da unificação dos 26

povo romeno pela força das armas e pelo seu sacrifício. Este foi o primeiro encontro de jovens intelectuais de um povo até então disperso aos quatro ventos pelo destino e pela desgraça. Dois mil anos de injustiça e sofrimento estavam chegando ao fim.

Que entusiasmo! Quantas emoções sagradas! Quantas lágrimas todos nós derramamos!
Mas por maior que fosse o nosso entusiasmo pelo presente, que dominava os nossos corações pela sua majestade, tão grande era a nossa desorientação quanto à linha a seguir no futuro.

Foi a partir desta incerteza que o poder judaico procurou lucrar, sugerindo e, em última análise, exercendo pressão sobre os ministérios, a Maçonaria e os políticos para colocarem na agenda do Congresso a possível admissão de estudantes judeus em sindicatos estudantis.

Por outras palavras, foi tentada a transformação das associações romenas em associações romeno-judaicas. O perigo era sério: por um lado, o bolchevismo batia à porta, por outro, a probabilidade de ser superado em número pelos elementos judaico-comunistas nos nossos próprios grupos. Em pelo menos dois deles, Iasi e Cernauti, a situação era trágica. Apesar disso, os dirigentes do congresso, Labusca, o presidente da associação estudantil Iasi e toda a sua comissão; Nazarie, o Presidente de Bucareste com toda a sua comissão e todas as associações; e Puscaru, o presidente de Cluj, foi conquistado pela ideia. Os jovens estudantes são facilmente influenciados, especialmente quando não têm fé. Deixaram-se seduzir não tanto pelas vantagens materiais imediatas que poderiam ser oferecidas, mas mais particularmente pela lisonja e pela perspectiva de um grande futuro que lhes foi prometida. Mas o jovem deve saber que qualquer que seja a posição que ocupe, ele é uma sentinela ao serviço da nação e que deixar-se comprar, lisonjear, seduzir significa abandonar o dever e pode até levar à deserção ou à traição.

Um pequeno grupo não oficial de Iasi, inabalável na nossa determinação, unido à dos Bucovinianos, lutou ferozmente durante dois dias. E finalmente vencemos.
O Congresso aprovou a moção que propus, por votação normal, em oposição à moção apoiada por toda a liderança estudantil, acredito que o Congresso votou dessa forma não tanto por convicção, mas por admiração pela determinação e desespero com que nossa luta foi conduzida .

Os alunos de Cernau, ti, com não mais de 60 anos, comportaram-se de forma admirável.
Nosso pequeno grupo de Iasianos, não mais que 20, também. se somarmos o grupo dos 20 Ciochina, também de Iasi, a batalha de dois dias foi vencida por 100 contra 5.000.

Esta nossa vitória foi decisiva. Se o nosso ponto de vista tivesse perdido, as associações estudantis também teriam perdido o seu carácter romeno e, em contacto com os judeus, teriam-se voltado para o bolchevismo. O corpo discente romeno estava numa grande encruzilhada.

E mais tarde, em 1922, não teríamos tido a erupção de um movimento estudantil romeno, mas talvez uma erupção da revolução comunista.

A ABERTURA DA UNIVERSIDADE IASI NO OUTONO DE 1920

Machine Translated by Google

Nos demais centros universitários houve silêncio. Somente o nosso em Iasi estava condenado a uma luta contínua. Pela primeira vez na história da Universidade de Iasi, o Senado Universitário anunciou a abertura do ano letivo sem o habitual serviço religioso.
Para que alguém compreenda a nossa dor, é necessário saber que esta cerimónia solene foi, ininterruptamente, durante meio século, o acontecimento mais bonito da Universidade. A ocasião envolveu todo o Senado da Universidade, todos os professores, todos os estudantes recém-matriculados e a elite intelectual de Iasi. A cerimónia foi sempre celebrada no auditório pelo Metropolita da Moldávia ou pelo seu vigário, abençoando o início de um novo ano na educação do povo romeno. Mas agora a nossa universidade estava a pôr de lado, por um gesto do Senado Universitário, esta jóia da sua tradição de meio século.

Ainda mais grave, a universidade do nosso Iasi cristão, a instituição educacional mais elevada em romeno, proclamava assim, naqueles tempos difíceis, a luta contra Deus, o banimento de Deus nas escolas, instituições e países.
Os professores da Universidade de Iasi, com exceção de 4 ou 5 conhecidos por se oporem a esta tendência, saudaram com grande satisfação a decisão pagã do Senado como um passo em frente que tiraria a "ciência romena" da "barbárie" e dos "preconceitos medievais". . ".

Os estudantes comunistas estavam exultantes, os judeus triunfantes, enquanto alguns de nós ponderávamos com tristeza: Perguntamo-nos quanto tempo demoraria até que as igrejas fossem demolidas e os padres com as suas vestes fossem crucificados nos seus altares?

Na altura, cerca de oito de nós, estudantes nacionalistas em Iasi, batemos em vão às portas de muitos dos professores tentando convencê-los a rescindir a medida tomada pelo Senado, mas as nossas repetidas tentativas falharam.
E assim, na noite anterior ao início do ano letivo, decidimos dar um passo sério: nos oporíamos veementemente à abertura da universidade.
Para nos agruparmos, dormimos todos na rua Suhupan, número 4, sede da nossa ação. Às seis da manhã, Vladimir Frir-nu e eu partimos para a universidade - os outros deveriam acompanhá-lo. Fechamos e barricamos a porta dos fundos da universidade, deixando Frimu lá para vigiá-la. Coloquei um pôster a lápis vermelho na grande porta da frente que dizia: “Chamo a atenção dos alunos e do corpo docente para o fato de que esta universidade só abrirá após o culto tradicional da igreja”.

O resto dos nossos camaradas chegou tarde, tarde demais. Os alunos começaram a chegar às 8 horas. Sozinho na entrada, resisti até cerca das nove e meia, quando mais de 300 estudantes se reuniram. Quando o professor de matemática Muller quis entrar à força, eu lhe disse: "Você jurou na cruz quando se tornou professor nesta universidade. Por que você se levanta contra a cruz agora?

Você é um perjúrio porque jurou algo em que não acreditava e agora quebra esse juramento. "

Depois os estudantes, liderados por Marin, o líder comunista, Hritcu e Ionescu de Botosani, avançaram sobre mim, abriram a entrada principal da universidade, levaram-me para o átrio, batendo-me na cabeça com paus e punhos. Nenhuma defesa, nenhuma resposta foi possível, pois fui pego no meio, empurrado de todas as direções, recebendo golpes de todos os lados. Finalmente, eu estava sozinho. Enquanto eu estava num canto refletindo sobre o infortúnio da minha derrota, os seis alunos chegaram. Porém, a vitória do inimigo não durou muito, pois logo o secretário da universidade desceu da reitoria e afixou o seguinte aviso: "É sabido que a reitoria decidiu que esta universidade ficará fechada até quarta-feira, quando abrirá com o serviço religioso”.
Esta foi uma grande vitória que recebemos com alegria insuperável. Na manhã de quarta-feira, dois dias depois, no auditório lotado pela população da cidade, aconteceu o serviço religioso. Fui parabenizado por todos.

O professor AC Cuza falou com insuperável

eloquência. Foi nesse momento que se apoderou de mim - e nunca mais me abandonou - a crença de que quem luta por Deus e pelo seu povo, mesmo que sozinho, nunca será derrotado. Na opinião pública em Iasi, estas lutas, principalmente na ASM e nas Obras Ferroviárias, e por último na universidade, tiveram um eco poderoso. Ó

Machine Translated by Google

O inimigo começou a perceber que o bolchevismo não pode avançar sem sérios obstáculos, mesmo quando é apoiado por quase todos os professores universitários, por toda a imprensa, por todos os judeus, pela maior parte dos trabalhadores, enquanto do outro lado há apenas um grupo mínimo de jovens pessoas que se opõem a estas enormes ondas, armadas apenas com a sua grande fé no futuro do seu país. Esses jovens tinham a barreira de sua vontade comparável a algumas pedras pontiagudas no chão, sobre as quais se pode ver facilmente, mas não se pode escalar sem grandes ferimentos; na verdade, nem pensamos em tentar. Os inimigos não temiam tanto a nós, mas a nossa determinação. A parte sã da população, o cristão e romeno Iasi, encorajou-nos e observou-nos com simpatia.

O ANO DA UNIVERSIDADE 1920-1921

Iniciado nas condições acima mencionadas, este ano foi uma série interminável de batalhas e confrontos. Nós, os estudantes lutadores, nos organizamos em torno da associação estudantil “Stefan Voda”, da qual fui presidente. A partir daqui, atacamos nossos oponentes, derrotando-os continuamente. Desprezando a cultura romena, desprezaram a universidade e tudo o que

Machine Translated by Google

tivemos neste país a pretensão de sermos sábios e conselheiros, como alguns homens que chegam de um grande país a este pecaminoso e atrasado solo romeno.

Eles podem ter tido razão em alguns pontos, mas em breve entrariam em conflito no nosso pequeno país com um grande senso comum secular, que eles, no seu grande império sobre o Dniester, provaram que nunca tiveram. Na universidade, as reuniões tornaram-se impossíveis. Não foi possível tomar mais decisões. A grande maioria dos estudantes eram comunistas e seus simpatizantes. Mas não puderam dar um passo em frente porque o nosso grupo, que nunca passou dos 40 anos, esteve sempre presente; atacamos e não permitimos a disseminação de ideias e práticas comunistas. A tentativa de greve geral na Universidade de Iasi, quando o estudante comunista Spiegler foi preso, fracassou ao fim de um dia, porque o nosso grupo ocupou o refeitório, proibindo os grevistas de entrar nas refeições, alegando que “quem não trabalha, não come”. Todos os apelos do reitor e do corpo docente para nos convencer de que esses alunos deveriam poder entrar para as refeições foram em vão. Pouco depois, nosso grupo conquistaria mais uma vitória – a troca de uniforme.

Os estudantes comunistas usavam bonés russos, não que não tivessem outros bonés, mas como um sinal ostensivo de afirmação do bolchevismo.
Por ocasião de um confronto na universidade, esses bonés foram apreendidos e queimados na Union Square. Depois, todos os dias, na universidade, nas ruas, nos bares, começava a caçada. Todas as tampas foram queimadas, depois de uma semana desapareceram completamente.

Nosso grupo foi ainda mais longe e enfrentou a imprensa judaico-comunista na batalha. Não tínhamos imprensa para divulgar nossa palavra. Depois de vários artigos desrespeitosos sobre o Rei, o Exército e a Igreja, o nosso grupo, sem paciência, invadiu os escritórios e as instalações de impressão dos jornais Lumea ("O Mundo") publicados pelo judeu Hefter e Opinia ("A Opinião ") e
destruiu as impressoras que vomitavam veneno e insultos. Provocámos motins, sem dúvida, mas esses motins iriam parar a grande desordem, a desordem irreparável que os mercenários da revolução comunista estavam a preparar para o nosso país.

Mas toda essa atividade fez de mim o principal objeto de sua vingança.
A imprensa judaica nos atacou; Eu respondi violentamente. Um dia, encontrando-me com os editores da Opinia (“A Opinião”) na rua, depois de uma troca verbal, depois de eu ter exigido que explicassem os seus insultos, tivemos uma discussão. Meus oponentes foram fortemente derrotados. Mas no dia seguinte todos os jornais de Iasi formaram uma frente comum contra mim, Opinia (“A Opinião”), Lumea (“O Mundo”), Miscarea (“O Movimento”).

EXPULSADO DA UNIVERSIDADE IASI PARA SEMPRE

As coisas não param por aí. O senado universitário agiu imediatamente; conheci e, sem me dar audiência, expulsou-me para sempre da Universidade de Iasi.

Finalmente, tanto a universidade como a cidade de Iasi se livrariam do perturbador da ordem pública, que durante dois anos perturbou a paz dos comunistas judeus e se opôs a todos os seus esforços para desencadear a revolução para a derrubada do nosso rei, a queima de igrejas, o tiroteio de

oficiais e o massacre de centenas de milhares de romenos. Os homens da ordem e

a legalidade eram, aos olhos do senado universitário, os comunistas; o disruptor desta ordem.

O CONSELHO DA ESCOLA DE DIREITO

Machine Translated by Google

Mas seus planos falharam porque um evento verdadeiramente único interferiu no curso normal de nossa vida estudantil. O Conselho da Faculdade de Direito questionou a expulsão pronunciada pelo Senado e, liderado pelo Professor Cuza, seu Reitor, juntamente com os Professores Matei Cantacuzino e Dimitrie Alexandrescu, opôs-se a esta medida.
Os esforços do conselho para moderar a raiva do

O Senado Universitário falhou. O Senado não rescindiu a ordem de expulsão.
Depois a Faculdade de Direito retirou o seu representante no Senado, deixou de se opor à sua decisão e declarou-se independente. Fui informado pela Faculdade de Direito que poderia continuar a frequentar as aulas, pois o conselho docente recusou-se a reconhecer a decisão do Senado Universitário. Então continuei como estudante na Universidade de Iasi.
Em decorrência desse incidente, o conselho da Faculdade de Direito ficou três anos sem enviar seu representante ao Senado Universitário. Este conflito continuou por mais anos, mesmo depois que deixei a universidade. Mais tarde, quando recebi o diploma, a reitoria recusou-se a emitir o meu diploma. E até hoje eles não emitiram. Para me inscrever na Ordem dos Advogados e continuar os meus estudos no estrangeiro, utilizei o certificado que me foi emitido pela Faculdade de Direito.

O ANO DA UNIVERSIDADE 1921-1922

O novo ano letivo foi aberto em condições normais - ou seja, com serviço religioso. Mais uma vez, a universidade e a cidade de Iasi estiveram em clima de festa.
Este grande acontecimento passou quase despercebido em Bucareste. Lá, quando os estudantes chegam, seus números se perdem na multidão de centenas de milhares de pessoas, no barulho, nas luzes e nos muitos conflitos de interesses. Em Iasi, quando

Machine Translated by Google

os estudantes vão embora, uma melancolia geral toma conta, como quando os grous e os pássaros partem no outono. Quando os alunos voltam, chega a juventude, a vida. É um feriado. Em Bucareste, os estudantes sentem-se sozinhos no meio de um mundo imenso que não os vê, não os valoriza, não os censura, não se interessa por eles, não os ama. A educação do estudante em Iasi não tem nenhuma semelhança com a de Bucareste, pois ele cresce como uma criança sob o amor da sua mãe, ao abrigo do amor dos romenos. Aqui a nação cria seus alunos. Eu mesmo devo a este Iasi uma importante parcela de gratidão por tudo que fui capaz de fazer. Sempre senti a preocupação que este espírito de Iasi tinha por mim, senti o raio do seu amor, senti a sua advertência, o seu encorajamento, a sua urgência, o seu chamado à batalha.

Eles estão a seguir-nos - os alunos de Iasi - até agora, e irão seguir-nos até ao fim das nossas vidas, como a memória sempre presente dos anseios e do amor da minha mãe. De todas as gerações de estudantes que passaram por Iasi, quantos não foram estimulados para a vida pelo apelo de Iasi à luta! Quantos não foram acompanhados ao túmulo, quantos ainda hoje são assombrados pelas suas censuras!

Foi perceptível no início do ano que o comunismo judaico recuou, desorientado, com o moral praticamente nulo e sem oferecer resistência. Todos os alunos recém-matriculados ouviram falar de nossas batalhas e esperaram muito tempo para passar para o nosso lado. Uma vez aqui, eles se juntaram às nossas fileiras.

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DE DIREITO

Fui eleito presidente da Associação de Estudantes de Direito naquele outono. O Senado Universitário recusou minha validação sob o pretexto de que eu havia sido expulso da universidade. Eu me validei.

A nossa Associação de Estudantes de Direito, à semelhança das associações de todas as outras faculdades, tinha como finalidade a atividade científica de realização e aprofundamento de estudos nas respetivas áreas. Por exemplo, sob a presidência de Nelu Ionescu, dois anos antes de mim, a Associação de Estudantes de Direito realizava reuniões quase todas as semanas. Algum aluno leu um livro de direito ou área afim, condensou e, em reunião, apresentou uma crítica. Seguiram-se então discussões contraditórias. Mantive esse formato geral, mas também adicionei algo novo. Todas estas questões e relatórios não poderiam ser tratados a menos que investigassem cientificamente o problema judaico. Foram lidas obras que tratavam deste problema na Roménia e no estrangeiro, sobre o poder judaico internacional, sobre a história deste problema no país e no estrangeiro. Estávamos estudando não apenas seus métodos de luta contra nós, mas também o espírito e a mentalidade judaica, e por isso propusemos vários meios de lutar e de nos defender.

Depois, após cada exposição, houve discussões, conclusões e, por fim, a formulação da verdade instituída para que todos saíssem esclarecidos.
Além disso, nas mesmas reuniões procuramos realizar:

a) a identificação, a cada passo, daquele espírito e mentalidade judaica, que se infiltrou furtivamente no padrão de pensamento e sentimento de grande parte da população Romenos.

b) a nossa desintoxicação, nomeadamente a eliminação do Judaísmo que foi introduzido no nosso pensamento através dos livros nas escolas, da literatura, dos professores, das palestras, do teatro e da cinematografia. c) a compreensão e desmascaramento dos planos judaicos ocultos de muitas maneiras. Para nós

têm partidos políticos, liderados por romenos, através dos quais fala o judaísmo; Jornais romenos escritos por romenos, através dos quais o judeu fala pelos seus interesses; Falantes e autores romenos, pensando, escrevendo e falando judaico na língua romena.

Machine Translated by Google

Estudando tudo isso, começamos a perceber que, pela primeira vez em sua história, o romeno entrou em contato com um povo que usa como arma de luta e destruição – como arma nacional – a astúcia e a perfídia.

O romeno sempre conheceu apenas lutas honestas. Confrontado com o novo método judaico, ele ficou perplexo. Percebemos que tudo se resume a conhecer o inimigo e que, uma vez que nós, romenos, o conheçamos, iremos derrotá-lo.

Nossas reuniões continuaram regularmente ao longo do ano. Atraíram um número crescente de estudantes de outras faculdades, de modo que a Associação Geral de estudantes de Iasi tornou-se quase inexistente. Todo o corpo discente gravitou em torno da atividade do grupo jurídico.

O auditório era pequeno demais para a multidão de estudantes que queriam participar desses encontros. Os estudantes da Bessarábia participaram em números cada vez maiores. Meio ano de atividade trouxe-nos um verdadeiro milagre: três quartos dos estudantes cristãos da Bessarábia acordaram, sentiram-se chamados a uma nova vida, iluminaram-se. Em pouco tempo, eles se tornariam os soldados mais fiéis da nossa luta, alcançando através da fé, da devoção, da pureza de coração e do espírito de sacrifício, a liderança do movimento que começava a florescer.

Este momento de fraternidade na mesma fé e compromisso de lutar pelo nosso país cristão contra as hordas judias rebeldes nunca será esquecido. Nós que estávamos brigando ontem, agora estávamos nos abraçando.

As diretrizes orientadoras em nossas reuniões foram os escritos de nossos gênios nacionais Bogdan Petriceicu Hajdeu, Vasile Conta, Mihail Eminescu, Vasile Alecsandri, etc., mas especialmente os escritos e palestras do Professor Cuza, os escritos do Professor Paulescu, as lições de educação nacional do Professor Gavanescul.

Todos os escritos do professor Cuza foram lidos não apenas uma, mas três, quatro vezes, e estudados. Em particular, o seu curso de economia política, tratando brilhantemente a questão judaica a partir da sua posição de prestígio, pedindo aos romenos que compreendessem o seu problema actual mais sério, foi para nós um guia para cada momento no nosso esforço para o conhecer. A nossa maior sorte, e a dos romenos, foi, portanto, ter o professor Cuza, um dos homens mais experientes no problema judaico mundial. foi graças a ele que pudemos nos orientar para qualquer manobra judaica.

Seus cursos, do mais alto padrão acadêmico, foram seguidos por todos os alunos com uma atenção até então sem precedentes. O auditório da Faculdade de Direito sempre foi muito pequeno. Durante muito tempo, esta Universidade de Iasi não terá um professor que dê palestras sobre nacionalismo que inspire entusiasmo semelhante.

Durante esse tempo, para muitos de nós a vida começou a revelar um único propósito, acima de todos os outros interesses: o de lutar pelo nosso povo cuja própria existência estava ameaçada.

VISITANDO A UNIVERSIDADE DE CERNAUTI

Em outras universidades, o silêncio prevaleceu. Desde a primavera do ano anterior, 1921, a agitação pela romenização do teatro começou em Cernauti. Uma batalha feroz que durou vários dias terminou com a vitória dos estudantes. Agora, na primavera de 1922, organizei, sob os auspícios da Associação dos Estudantes de Direito, uma visita dos Iasianos a Cemauti. Fomos bem recebidos por professores e alunos. Nós, 100 visitantes, não fizemos mais nada nos três dias que estivemos lá, mas transmitimos aos nossos colegas de Cernauti a nova fé que se espalhava em nossas almas, não foi difícil para Cernauti, assim como para Iasi, só que mais,

sofreu com a invasão judaica, com as suas ruas, o seu comércio, as suas igrejas dilapidadas, as suas terras e os romenos, todos gemendo sob o domínio judaico. Brevemente,

Machine Translated by Google

entre nós foi criado um novo e próximo parentesco espiritual, baseado em um anseio e no nosso sonho comum de ver nosso povo de uma vez

despertados para a consciência da sua dignidade, do seu poder e dos seus direitos como donos do seu próprio destino e do do seu país. Esse parentesco foi então fortalecido com a visita dos alunos do Cemauti um mês depois. Foi então que encontrei pela primeira vez Tudose Popescu, aquela bela figura de jovem lutador que lembra um pandur, que mais tarde foi um dos líderes do movimento estudantil, mas que hoje dorme num cemitério pobre sob uma cruz esquecida.

A REVISÃO "APARAREA NACIONALA"

Em 1o de abril de 1922, a Apararea Nationala bimestral ("A Defesa Nacional") foi publicada sob a direção dos professores Cuza e NC Paulescu. Qualquer um pode imaginar o que significou para nós a publicação desta revista em meio aos nossos pensamentos e preocupações.

Nele encontramos tudo o que precisávamos para nossa compreensão completa e argumentos úteis.
Os artigos dos professores Cuza e Paulescu foram lidos religiosamente por todos os jovens e tiveram um impacto retumbante nos estudantes de todo o mundo, tanto em Bucareste como em Cluj. Consideramos a publicação de cada número um triunfo, pois era para nós mais um meio de transporte de munições para combater disputas na imprensa judaica.

Parece-me oportuno reproduzir aqui dois artigos publicados na época com as assinaturas dos professores Cuza e Paulescu.

“O espírito divino do tmtb defenderá para sempre a humanidade. Em resumo, o Talmud - a legislação político-religiosa dos hebreus - em vez de combater como o Evangelho as paixões da propriedade e da dominação, pelo contrário, leva esses vícios a um pico incompreensível para realizar o sonho de Judá de ser, ao ao mesmo tempo, o dono de toda a terra e o senhor de toda a humanidade.

Mas enquanto os apóstolos cristãos pregavam abertamente o seu ideal, o Talmud esconde; e os seus dois apêndices, o Kahal e a Maçonaria, são ainda mais invisíveis.
Os três utilizam, para permanecerem no escuro, um meio escabroso e maldito: a mentira.
“Em outras palavras, a mentira é a base do sistema usado pelos judeus, a quem se pode dizer...
'Você fala, então você é.
Mas a mentira tem um inimigo mortal, nomeadamente a verdade. Pois a verdade é a característica distintiva do Cristianismo. Cristo disse: 'Eu sou a verdade' e é por isso que Sua doutrina é execrada por Israel.

A mentira, ao contrário, caracteriza o que se chama de espírito do mal ou do diabo.
Assim, Jesus, falando aos hebreus, disse-lhes: 'Vós sois
do diabo, vosso pai, e as concupiscências de vosso pai são a vossa vontade. Ele foi um assassino desde o início e não permanece na verdade porque não há verdade nele. Quando ele fala uma mentira, fala por si mesmo, pois é mentiroso e o pai dela. '

"Deixando este mundo, Cristo enviou aos seus discípulos uma arma invencível, a saber, o Seu Espírito. O espírito divino da verdade, que defenderá para sempre a humanidade contra o espírito demoníaco da mentira", eu me curvo diante deste Espírito da Verdade dizendo do fundo do meu coração. alma. Eu creio no Espírito Santo! "

(Prof. Dr. NC Paulescu, de "Fisiologia Filosófica.
O Talmud, o Kahal, Maçonaria" vol. II., Bucareste 1913, pp. 300-301)

A Ciência do Antissemitismo

“Outra combinação horrível de palavras: a ciência do antissemitismo. Como pode o anti-semitismo ser uma ciência? 'os cientistas com suas rochas, aqueles com seus selos, os

Machine Translated by Google

matemáticos com seus xs, filólogos com seus sufixos, cientistas com suas chamadas ideias “fixas” de cultura. "Anti-semitismo? Para estes cientistas é apenas selvageria, uma manifestação cega de instintos brutais, vestígios de tempos pré-históricos, a vergonha da nossa civilização que tanto a ciência como a consciência esclarecida do homem, livre de preconceitos e paixões, condenam.

Esta é a atmosfera criada particularmente pelos Judeus - e que os Judaizados cultivam - em torno do anti-semitismo, enganando os ingénuos ou explorando a ingenuidade dos estúpidos com pretensões de que eles também estão no mesmo nível da civilização moderna. '
E quem não quer ser?

Por exemplo, há este caso interessante de um indivíduo judaizado, ele próprio meio judeu, falando vários anos antes com o ar de um cientista incrível sobre o nosso anti-semitismo, que era então, como é hoje, inalterado. E eis o que nos diz este autor, nomen-odiosum, na Viata Romaneasca ("A Vida Romena"), segundo ano, n. 11 de novembro de 1907, pp. 186, 204-207 - um traidor do pensamento nacional como mais tarde foi um traidor da nossa ação nacional durante a guerra: 'Quero falar sobre a questão judaica... totalmente desnaturada pelo vulgar e feroz Judeofagia dos nossos anti-semitas, que assim... nos comprometem com o mundo civilizado...

'Com armas enferrujadas desenterradas do arsenal das perseguições medievais, com a propaganda de ódio, com o incitamento apaixonado ao excesso, com o despertar de instintos bestiais nas massas populares... só se pode comprometer uma causa
justa - mas a causa do anti-semitismo não é justo...
«Mas dar a este conflito... um falso ar de perseguição racial, de perseguição religiosa, numa palavra, de anti-semitismo, só pode servir a causa do inimigo, que fica muito feliz em explorar as divagações de alguns maníacos. escandalosos anti-semitas, coloca prematuramente na agenda toda a questão...
'Ninguém, muito menos a nossa, por si só cerca pode, ad infinitum, livre de repercussões, contra as ideias modernas, nem contra a acção política estrangeira... (Estas os pontos são
do autor, ou seja, não são suspensivos, mas ameaçadores, contendo aparentemente uma disposição política fantástica.
Ed. [ou seja, Cuza, Tr.]
''Portanto, colocar a nossa questão no domínio do anti-semitismo, do ódio racial, significa sermos levados a uma derrota vergonhosa e fatal... urgências asiáticas... demagogia violenta, agitação doentia... um esforço de especulação, paixões sombrias ... (Os últimos pontos, novamente, são os do autor, pressagiando a mesma ameaça a crimes tão horríveis quanto os do anti-semitismo.
Ed. [isto é, Cuza, Tr.]

Citei este conceito típico, típico de todos os que se venderam aos judeus. E pode-se ver no que tudo isso se resume: clichês ('o mundo civilizado', 'ideias modernas'), mas particularmente calúnias ('judeofagia vulgar e feroz', 'armas enferrujadas', instintos bestiais'', divagações de alguns impulsos maníacos , ''paixões sombrias'). , propagadores de escândalos anti-semitas, '' Asiático

Encontramos tais “apreciações” não vindo apenas de amantes judeus comuns, mas às vezes até de alguns representantes ilustres da cultura em outras áreas.
Assim, por exemplo, o eminente jurista, professor universitário, orador, homem da política, ex-ministro da instrução pública, Sr. AC Arion, apontou-me por causa do meu anti-semitismo, no plenário da Câmara dos Deputados o apóstrofo - podemos dizer 'famoso' vindo de tal
homem - me chamando de homem das cavernas.
Quanto aos Judeus, a sua descrição do anti-semitismo é ainda mais característica.
Tirando o cliché habitual, “com ódio e selvageria” – naturalmente sem razão, não se importam em discutir os motivos – segundo eles, o anti-semitismo é uma loucura, uma degeneração intelectual, uma aflição do espírito. É assim que somos considerados por um dos mais ilustres “intelectuais” judeus modernos, o Dr. K. Lippe, de origem ilustre, como bisneto do famoso comentarista do Talmud na Idade Média, Rasi, que disse tob sebegoim barog (matar o melhor dos Goyim).

O médico. K. Lippe, MD, veio da Galícia e se estabeleceu em Iasi, onde cumpriu pena por matar uma mulher ao realizar um aborto nela, e até escreveu uma obra especial em alemão intitulada: Sintomas de doença mental -Anti-semitismo (1887) .
E como prova de que os argumentos usados pelos judeus parasitas contra o anti-semitismo são muito pobres, assim como os dos judaizados, e sempre os mesmos, aqui está o Curierul Israelita ("O Correio Israelita"), órgão oficial da União dos Judeus Naturalizados diz no editorial de sua edição desta sexta-feira, 15

Machine Translated by Google

Setembro de 1922, sob o título calunioso – para nós que escrevemos na Aparare'a Nationala (“A Defesa Nacional”) – “Um bando de patifes”.

Existe nestes anti-semitas um estado de degeneração intelectual que atingiu a perversidade dos sentidos, uma espécie de sadismo mental pelo qual os tocados são levados à mentira e à calúnia. Como você pode ver, esta é uma explicação muito simples, mas também extremamente ingênua: tudo o que foi dito

contra os judeus são mentiras e calúnias devido a uma degeneração intelectual específica. A definição de anti-semitismo - segundo os judeus e os judaizados - resume-se, então, nestas duas palavras: selvageria e loucura, naturalmente, dos 'anti-semitas'. Quanto aos judeus como fenómeno social, eles nem sequer entram nesta “explicação”. Como se eles não existissem. Foi esta selvageria e loucura que compeliu todos os povos de todos os tempos, egípcios, persas, romanos, árabes, bem como as nações modernas até hoje, a considerar os judeus como uma ameaça nacional e a tomar medidas contra eles.

Foi esta selvageria e loucura que obscureceu a compreensão dos mais proeminentes representantes da cultura de todas as nações, como Cícero, Sêneca, Tácito, Maomé, Martinho Lutero, Giordano Bruno, Frederico o Grande, Voltaire, José II, Napoleão I, Goethe, Herder Ludwig Feuerbach, Richard Wagner, , Immanuel Kant, Fichte, Schopenhauer, Charles Fournier, Bismarck, Rudolf Virchow, Theodor Billroth, Eugen Dfihring – e inúmeros outros em todos os campos para se manifestarem contra os judeus.

Finalmente, a selvageria e a loucura explicam o anti-semitismo dos mais ilustres representantes da nossa cultura, como Simion Barnutiu, BP Hajdau, Vasile Alecsandri, Vasile Conta, Mihail Eminescu.

Selvagem e louco: tudo isso, Civilizado e bem comportado: os judaizados, E os judeus: inexistentes, e a venalidade dos judaizados não consegue explicar o antissemitismo como fenômeno social, vamos chamá-lo de teoria antissemita .
Segundo a nossa teoria, na constituição do anti-semitismo devemos distinguir três fases: instinto, consciência, ciência.
O instinto sempre levou a multidão, inicialmente preocupada com seus interesses materiais imediatos, a se opor ao parasitismo judaico através de movimentos populares, muitas vezes generalizados e sangrentos, como foi entre tantos outros ao redor do mundo, por exemplo, o terrível movimento dos cossacos na Ucrânia liderado por Bogdan Hmelnischy, no qual mais de 250.000 judeus morreram em 1649.

A consciência da ameaça judaica é gradualmente despertada, primeiro nas classes instruídas. Depois se espalha e penetra nas massas. O primeiro grupo junta-se ao povo no apoio às suas reivindicações. Estes últimos tornam-se assim progressivamente conscientes.

A ciência começa com uma investigação parcial, até chegar - apenas nos nossos dias - à determinação do seu objectivo, nomeadamente, estudar o Judaísmo como fenómeno social, afastado do ambiente em que procura esconder-se, concluindo que se trata de um problema humano, na verdade, o maior, cuja solução deve ser encontrada.

Poderíamos dizer, tendo em conta as conclusões alcançadas pelos estudos parciais até agora, que eles constituem o anti-semitismo da ciência. Esta é a base, que não deve ser confundida com a ciência do anti-semitismo. seus diferentes objetivos. E aqui está a definição desta ciência orientada para um propósito, que a demonstra claramente como uma verdadeira ciência por direito próprio:

A ciência do antissemitismo tem como objeto o judaísmo como problema social, sendo, portanto, necessariamente, a síntese de todas as ciências que podem contribuir para a sua solução.

O que são essas ciências, que através dos seus estudos parciais contribuem para o conhecimento do Judaísmo, já vimos. E é assim que a ciência do anti-semitismo usa

Machine Translated by Google

suas descobertas para chegar a uma solução.
A história estabelece que desde os primeiros tempos os judeus foram um povo errante entre outros, nômades, sem campo. A ciência do anti-semitismo estabelece que tal nomadismo é contrário ao bem-estar dos povos agrícolas sedentários e não pode ser tolerado.

A antropologia estabelece que os judeus são uma mistura de raças não relacionadas, diferenciando-se entre si, como os semitas, os arianos, os negros, os mongóis. A ciência do anti-semitismo explica a esterilidade da nação judaica no campo da cultura como resultado desta miscigenação e mostra que esta

O mestiço em nada pode contribuir para a cultura das outras nações, que apenas falsifica, desnaturando as suas características.

A teologia estabelece que a religião judaica é uma religião exclusivista, baseada na aliança especial feita entre o seu Deus, Javé, e os judeus considerados povo eleito e santo (am códigos), à parte dos demais povos.
A ciência do anti-semitismo deduz rigorosamente que tal conceito exclui a possibilidade de qualquer cooperação pacífica ou de qualquer assimilação com os judeus.

A política afirma que em todos os lugares, dentro de outras nações, os judeus têm a sua organização social única, constituindo um estado dentro de um estado. A ciência do anti-semitismo conclui “que os judeus são um elemento anárquico, perigoso para a existência de todos os Estados.

A Economia Política estabelece que os judeus sempre viveram, mesmo na Palestina, como um povo sobreposto a outras nações, explorando o seu trabalho, não sendo eles próprios produtores diretos. A ciência do anti-semitismo diz que qualquer povo tem o direito de defender o seu trabalho produtivo da exploração pelos judeus, que não podem ser tolerados vivendo como parasitas, pondo em perigo a existência das pessoas.

Philosoby estabelece que o conceito de vida do Judaísmo é um anacronismo contrário ao avanço humano.
A ciência do anti-semitismo impõe, como um dever para com a civilização, que esta monstruosidade cultural seja eliminada pelo esforço conjunto de todas as nações.

A ciência do anti-semitismo baseia as suas conclusões naquilo que várias mas diferentes ciências especiais estabeleceram objectivamente - todas as quais conduzem necessariamente à mesma conclusão: a eliminação dos Judeus do meio de outros

povos pondo fim à sua existência antinatural e parasitária que a um conceito anacrónico oposto à civilização e à paz de todas as nações que já não o podem tolerar.

Esta teoria anti-semita difere, como se pode verificar, da teoria judaica e judaizada que reduziu o anti-semitismo a duas expressões individuais - que, na verdade, no momento em que se manifestam em massa, tornam-se um problema social: a selvageria e o espancamento. - e explica isso também.

O instinto do anti-semitismo pode por vezes ser acompanhado de selvageria e ódio.
Pois o instinto é cego – dizem – embora seja essencial para defender a vida.
A consciência do anti-semitismo acrescenta-se, no entanto, ao instinto, reforçando os seus impulsos, por mais “selvagens” que sejam.
Para ser “civilizado” é preciso primeiro existir.
A ciência do anti-semitismo consegue finalmente explicar este fenómeno, iluminando ainda mais a consciência das pessoas, satisfazendo plenamente os seus instintos e as suas violentas erupções, legitimadas assim pela revelação da sua causa - o parasitismo dos judeus.
Assim, nos dá a fórmula da solução científica para o problema do Judaísmo, que para entendê-lo basta aplicar, o anti-semitismo moderno, então, une todas as energias: a energia do instinto, da consciência, da ciência, da verdade plenamente revelada formando uma força social formidável, certamente capaz de resolver o maior problema da civilização dos nossos tempos, que é o problema judaico. E o que fazem os judeus e os judaizados contra este grande poder, procurando prolongar a existência condenada do seu parasitismo? Vimos: clichês, insultos e caprichos.

Machine Translated by Google

'A judeofagia vulgar dos nossos anti-semitas...' 'eles comprometem-nos aos olhos do mundo civilizado...', 'Armas enferrujadas, extraídas do arsenal das perseguições medievais...', 'O incitamento à violência bestial instintos nas massas populares...', 'impulsos asiáticos...', 'loucura...', 'sadismo mental. '

Estes são todos os argumentos que eles opõem ao nosso anti-semitismo, pois não têm outro, pensando que podem acabar com ele com a sua estupidez, enquanto energias vingativas fervilham em todas as nações revoltadas pelo parasitismo nómada. "

AC Cuza, Apararea Nationala ("A Defesa Nacional") No. 16 e 15 de novembro de 1922, primeiro ano.

A FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES CRISTÃOS

Em 20 de maio de 1922, numa reunião limitada, abolimos a Associação Geral de Estudantes de Iasi que ainda estava nas mãos de um remanescente de oponentes apoiados pela reitoria e fundamos "A Associação de Estudantes Cristãos" que ainda hoje está viva. Éramos um pequeno grupo quando começamos, depois fundamos um círculo estudantil que mais tarde evoluiu para a Associação de Estudantes de Direito, e agora finalmente, do nosso trabalho, estava nascendo uma verdadeira associação estudantil geral sob o nome de ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES CRISTÃOS para que os corações de todos os alunos de Iasi estavam rebatendo, mas um corpo discente diferente, em oposição a 1919.

Neste momento, não sem considerável melancolia na alma, depois de três anos de batalha e de amizades queridas recomeçadas no fogo de tantas provações, aproximava-me o dia da minha saída da universidade, da vida estudantil e dos meus companheiros de batalha. Eu só tinha um mês antes de fazer o exame de formatura e não conseguia superar a ideia de que teria que ir embora, que nós, os formandos do ensino médio de 1919, tão unidos de coração, iríamos nos espalhar, Deus só sabe. para quais cantos do país. É por isso que, depois de nomearmos os meus sucessores, Sava Margincanu na Associação de Estudantes de Direito, e Ilie Garneata na Associação de Estudantes Cristãos, 26 camaradas que se sentiam mais unidos, fizeram o voto de lutar onde quer que estivéssemos, pelo credo que nos uniu como estudantes. na Universidade. Todos assinamos esse voto, colocamos numa garrafa e depois enterramos. Depois que passei nas aulas de graduação, outra votação foi feita por um segundo grupo de 46, mais novos na batalha. Eles foram meus convidados em Husi, onde durante quatro dias nos reunimos, esclarecendo em nossas mentes os mínimos detalhes sobre nossa atividade futura. Aqui, meu pai falou diversas vezes com meus camaradas, incentivando-os a lutar. Assim nos separamos carregando na alma a saudade de dias melhores e mais justos para o nosso povo.

OBRIGAÇÃO DE HONRA

Os abaixo assinados, estudantes da Universidade de Iasi, percebendo a difícil situação em que o povo romeno se encontra ameaçado na sua própria existência por um povo estrangeiro que se apropriou das nossas terras e tende a tomar a liderança do país; para que os nossos descendentes não vaguem por terras estrangeiras expulsos das suas terras pela pobreza e miséria, e para que o nosso povo não sangre sob a tirania de um povo estrangeiro, erguemo-nos resolutamente em torno de um novo e sagrado ideal, o de defender a nossa pátria contra a invasão judaica.

Foi em torno deste ideal que formamos a Associação de Estudantes Cristãos da Universidade de Iasi. É com esse ideal no coração que saímos dos corredores

Machine Translated by Google

da escola hoje.

Lutar onde quer que estejamos, pela nossa justiça, pelas vidas ameaçadas do nosso povo, consideramos que é o nosso principal dever de honra. Por isso, reunidos hoje, sábado, 27 de maio de 1922, comprometemo-nos com uma obrigação comum, de que, espalhando-se por todo o país, levemos por toda parte o fogo que nos animou nos tempos da nossa juventude para acender os corações entristecidos dos nossos povo a tocha da verdade, a do seu direito a uma vida livre nestas terras.

Manteremos um contacto mais próximo com a Associação que hoje deixamos e da qual continuamos membros apoiantes, sendo o ponto central que nos unirá sempre na nossa luta comum. Nos encontraremos novamente em 8 anos, somente em 1930, de 1º a 14 de maio na Universidade de Iasi. O Comitê de Membros providenciará para que todos os membros sejam notificados com dois meses de antecedência desse dia e providenciará sua chegada. Convidamos todas as gerações de estudantes que nos seguem através desta Associação, que devem demonstrar compreensão em consagrar o seu trabalho no altar da pátria, a juntarem-se a nós naquele ano e naquele dia na Universidade de Iasi.

27 de maio de 1922

Cornélio
Zelea-Codreanu-Husi N.

Nadejde, 21 Universidade St.-
Iasi Grig. Ghica, 23 Carol St.-Iasi I.
Sarbu,

Rudi, condado de Soroca Grigoriev Eusevie,

Caragaiani, condado de Cetatea-Alba Ilie Gameata, 40
Muzelor St.-Iasi Alexandru P. Hagiu, Chetresti-
Vaslui Loan Blanaru, 35 Tabacari St.

Husi A. Ibraileanu, 3 Ghica Voda St.-Galati M.
Berthet, Purcari, Condado de Cetatea-Alba Iacob I.
Filipescu, Tg.

Falciu, Condado de Falciu Leonid Bondac, 5 I. Heliade
Radulescu St.-Soroca C. Madarjac, 71 Apostol St.-
Galati 1. Miclescu, 165 Portului St.-Galati Ionel
1. Teodoreanu,

Muzelor-Galati Laseu Nicolae, 22 Sinadino St.-
Chisinau Bobov Mihail, 85 Podolskaia St.-
Chisinau Mihail V.

Sarbul, Mascauti, Condado de Orhei Nicolae
B. Ionescu, 59 Constantin

Brancoveanu St.-R-Sarat Pavel Epure-
Cetatea-Alba, Catedral Gh.
Boca, Balaceana,

Condado de Suceava Vasile Nicolau, 61 Lascar Catargiu St.-Husi

Andronic Zaharia, Partestii de Sus, Bucovina Vasile N.

Popa, Paunesti, Condado de Plutna Vasile Corniciuc,
Putrauti, Condado de Suceava Nicolae N. Aurite,
Tereblecea, Condado de Siret Gr. Mihuta, Scheia,

Condado de Suceava Ciobanu Stefan,
9 Sturza St.-Suceava Eugeniu Cardeiu,

Bilca, Condado de Radauti Eug. N. Manoilescu,
Epureni, condado de Falciu Viadimir

Machine Translated by Google

Frirnu, Calmatui, condado de Cahul Gh.
Zarojeanu, 40 Muzelor St.-Iasi

Prelipceanu Tit. Vasile, Horodnicul de jos, Condado
de Radauti Prelipceanu Gr. Vasile, Horodnicul de
jbs, condado de Radauti Constantin Darie, Horodnicul de
Sus, empréstimo de Pasearu do condado de Radauti
para Stefan, Tereblecea, condado de Siret Mihail I. Babor,

Balaceana, condado de Suceava Sava
Margineanu, Stroesti, condado de Suceava
Taranu Traian, Stroesti, condado de Suceava Al .
Pistuga, Tarnauca, condado de Dorohoi Dragomir
Lazarescu, Tarnauca, condado de
Dorohoi Constantin C. Campanu, Scheia,
condado de Suceava D. Porosnicu, Gurmezoaia, Falciu
N. Gh . Ursu, Malusteni,
Condado de Covurlui C. Ghica, 23 Carol St.-Iasi

NO FINAL DOS MEUS ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Em casa, os três anos que passei na universidade passaram diante dos meus olhos e me perguntei: como poderíamos superar tantos obstáculos; como poderíamos derrotar a mentalidade, a vontade de milhares de homens; como poderíamos derrotar os senados universitários; e como poderíamos suavizar a ousadia de toda uma imprensa inimiga? Teríamos dinheiro para contratar mercenários, publicar jornais, sair para o campo, alimentar esta guerra real? Não tínhamos nada.

Quando me lancei naquela primeira batalha, não o fiz por insistência alheia, nem por alguma confabulação, ou por alguma decisão anterior que me incumbira de executar, nem mesmo sob o impulso de uma grande e prolongada consciência interior. turbulência ou pensamento. profundidade com que considerei este problema. Nada do tipo. Eu não conseguiria descrever como entrei nessa briga.
Talvez como um homem que, andando pela rua com as suas preocupações e pensamentos, surpreendido pelo fogo que consome uma casa, tira o casaco, saltando em socorro de quem está envolto pelas chamas. Eu, com a mente de um jovem de 19-20 anos, compreendi por tudo o que vi que estávamos a perder o nosso país, que já não teríamos um país, que através da colaboração inconsciente dos pobres trabalhadores romenos, empobrecidos e explorados , a dominante e devastadora horda judaica nos engoliria. Agi de acordo com os ditames do meu coração, com base num instinto de defesa possuído até mesmo pelo menor verme rastejante, não por um instinto de mera autopreservação, mas para defender o povo do qual fazia parte. Então, o tempo todo, tive a sensação de que todas as pessoas estavam atrás de nós, com todos os vivos, com todos aqueles que morreram pelo seu país, com as suas gerações futuras; que o nosso povo lute e fale através de nós, que o número de inimigos, por maiores que sejam, perante esta entidade histórica, são apenas um punhado de humanos miseráveis que iremos dispersar e derrotar.

É por isso que todos os nossos adversários falharam, a começar pelos imprudentes senados universitários, que, acreditando que um bando de jovens malucos lutava em nós, na verdade lutaram e derrubaram o seu próprio povo. Existe uma lei da natureza que coloca cada um em seu lugar; rebeldes contra a natureza, desde Lúcifer até os dias atuais, todos esses rebeldes, muitas vezes muito inteligentes, embora sempre carentes de sabedoria, ficaram estupefatos.

No quadro desta lei natural, desta ordem sábia, qualquer um pode lutar, tem o direito de lutar entre si. Fora dele, contra ele, sob esta ordem, ninguém pode

Machine Translated by Google

ativar sem punição e invencível. No organismo humano, os glóbulos sanguíneos devem permanecer dentro da sua estrutura e ao seu serviço. Haveria rebelião não só se um glóbulo se agitasse contra o organismo, mas quando o fizesse menos ainda, isto é, quando estivesse ao seu próprio serviço, quando apenas se satisfizesse, quando não tivesse outra finalidade e ideal fora de si mesmo, quando se tornou seu próprio Deus.

O indivíduo na imagem e no serviço ao seu povo. As pessoas dentro da estrutura e serviço de seu Deus e das leis de Deus.
Quem entende essas coisas será vitorioso, mesmo que esteja sozinho. Quem não entender será derrotado.
Termino meu terceiro ano universitário sob a influência desses pensamentos. Do ponto de vista organizacional, estabelecemos a ideia de líder e disciplina. A democracia foi excluída, não por especulação ou convicção alcançada através da teoria.

Vivemos antidemocracia desde o início. Eu sempre liderei. Em três anos, fui eleito presidente da Associação dos Estudantes de Direito apenas uma vez.
Em todos os outros momentos, não foram os lutadores que me tornaram líder, mas eu os escolhi para seguir. Nunca tive comissões e nunca coloquei propostas em votação. Porém, sempre que senti necessidade, consultei a todos, mas por minha própria responsabilidade tomei decisões por conta própria.
É por isso que o nosso pequeno grupo sempre foi uma unidade inabalável. Não houve facções de opiniões divididas, maiorias ou minorias, conflitantes entre si em questões de ação ou teoria.

Com todos os outros grupos, o oposto era verdadeiro. É por isso que eles caíram derrotados.

uma grande fé, como uma chama que arde continuamente em nossos corações, iluminando nosso caminho; um grande e inesquecível amor um pelo outro, uma grande disciplina, uma decisão durante a batalha e um equilíbrio

pesagem do plano de batalha; estas, a bênção do nosso país e de Deus, garantiram-nos a vitória nesses três anos.

O VERÃO DE 1922

O verão de 1922 não passou de forma pacífica. Nos palcos dos teatros nacionais ou comunitários romenos nas cidades da Moldávia, as peças judaicas começaram a ser apresentadas em iídiche pela trupe "Kanapof". Os nossos jovens consideraram isto uma ameaça, pois viram o início da alienação desta instituição, destinada a ser a educação nacional e moral do povo romeno. Expropriados no comércio, na indústria, na riqueza do solo e do subsolo romeno, na imprensa, um dia também nos veremos expropriados dos palcos dos nossos teatros nacionais. O teatro, juntamente com a escola e a igreja, pode elevar uma nação decadente à consciência dos seus direitos e da sua missão histórica. Pode preparar e motivar uma nação a lutar pela libertação. De agora em diante, até esta fortaleza nos será tirada. Nossos teatros, construídos com o suor e o dinheiro dos romenos, servirão aos judeus para preparar e fortalecer suas forças na luta contra nós. E, por outro lado, a partir destes palcos romenos eles servirão a nós, romenos, como "alimento espiritual", o que contribuirá para a nossa desmoralização nacional e para a decadência e destruição moral.

Era dever de terceiros, nomeadamente do governo, ou de qualquer autoridade, ou dos professores, tomar posição contra este novo ataque anti-romeno. Mas nenhum foi levado. Só os jovens reagiram da melhor forma possível, arriscando golpes, sendo bombardeados com inúmeros insultos, sem encontrar apoio em lado nenhum.
Esta luta foi travada em todas as cidades: Husi, Bariad, Botosani, Pascani, etc. pelo grupo de estudantes Iasianos que foram ajudados em todos os lugares por estudantes do ensino médio.
Entraram em salas cheias de judeus, atirando nos artistas de Satanás tudo o que podiam agarrar, expulsando-os do palco.

Romena.

Talvez - dirão alguns - de uma forma incivilizada. Eu também, digamos, talvez. Contudo, quão civilizado é para uma nação estrangeira

Machine Translated by Google

saquear um após o outro todos os bens do meu país? Quão civilizado é a mesma nação envenenar minha cultura e depois exibi-la no palco para me matar?
Quão civilizados eram os meios usados pelos judeus na Rússia? Quão civilizado é massacrar milhões de pessoas sem julgamento? Quão civilizado é queimar igrejas ou transformá-las em cabarés?

Quanto a mim, na minha pobreza e com os meus pobres poderes, defendo-me contra um ataque o melhor que posso - pela palavra impressa, se
puder; com a ajuda das autoridades, se ainda forem romenos; por palavra, se alguém ouvir; pela força, como último recurso, e se todos permanecerem em silêncio. Indigno e traidor é aquele que não defende o seu país, traindo-se ou por covardia inata, ou não reage de forma alguma.

Em todo caso, esta luta foi um protesto, o único protesto no meio de um silêncio covarde e aterrorizante. No dia seguinte os nossos camaradas regressaram cheios de golpes e feridas, pois não foi fácil para um grupo de 15 jovens entrar num teatro com 3 ou 4.000 judeus; e, particularmente, regressaram desanimados com o opróbrio e as invectivas dos nossos romenos.

Muitas vezes me pergunto: o que nos fez continuar, um grupo tão pequeno, diante de tantos golpes, tantas repreensões de todos os lados? Não encontramos apoio em lugar nenhum. Nesta luta contra todos nós encontramos o único apoio em nós mesmos; na convicção de que estávamos no grande caminho do nosso destino nacional, ao lado de todos aqueles que lutaram, sofreram e morreram como mártires pela nossa terra e pelo seu povo.

NA ALEMANHA

Regressei a Iasi no Outono de 1922. Lá partilhei com os meus camaradas um antigo pensamento meu, o de ir para a Alemanha para continuar os meus estudos em economia política e ao mesmo tempo tentar concretizar a minha intenção de levar as nossas ideias e crenças fora do país. . Percebemos muito bem, com base nos nossos estudos, que o problema judaico tinha um caráter internacional e a reação, portanto, deveria ter um alcance internacional; que uma solução total para este problema não poderia ser alcançada, exceto

através da ação de todas as nações cristãs despertadas para a consciência da ameaça judaica.
Mas eu não tinha dinheiro nem roupas. Meus camaradas me deram algumas roupas e pediram emprestado a quantia de

8.000 lei do engenheiro Grigore Bejan, que seriam reembolsados mensalmente, cada um contribuindo de acordo com sua capacidade. Com esse dinheiro parti para Berlim, acompanhado até a estação por todos aqueles de quem havia me separado, que agora ficaram em casa para continuar lutando.

Assim que chegaram a Berlim, dois amigos estudantes, Balan e C. Zotta, foram de grande ajuda. Eu me inscrevi na universidade. No dia da inscrição, vesti meu traje nacional e fui àquela linda cerimônia em que o reitor, seguindo uma tradição milenar, aperta a mão de cada novo candidato. Nos corredores da universidade, fui alvo da curiosidade geral por causa do meu traje romeno.

Duas questões em particular podem interessar ao leitor destas linhas relativamente à Alemanha em 1922 – um olhar sobre a situação geral e o estatuto dos movimentos anti-semitas.

As feridas deixadas pela guerra que terminou em derrota ainda sangravam. A miséria material cobriu Berlim e o resto do país. Ultimamente, o vale do Ruhr, um importante centro de riqueza, também tinha sido ocupado. Eu estava testemunhando a queda vertiginosa e catastrófica da marca. Nos bairros dos
trabalhadores, falta de pão, falta de comida, falta de trabalho, centenas de crianças aproximavam-se dos transeuntes, mendigando. A queda da marca também jogou a aristocracia alemã na mesma miséria.
Pessoas que tinham dinheiro, em poucos

Machine Translated by Google

dias eles estavam sem um tostão. Aqueles que venderam suas terras e imóveis, atraídos pela miragem dos preços elevados, empobreceram em poucas semanas.
Capitalistas judeus nacionais e estrangeiros fecharam negócios colossais. Aqueles com moeda forte tornaram-se proprietários de enormes edifícios de 50 apartamentos por apenas algumas centenas de dólares. Especuladores vasculharam a cidade inteira, marcando golpes formidáveis.

Compartilhavam desta grande miséria também vários estrangeiros, entre eles eu, pois não tinha dinheiro. Os 8.000 lei que trouxe foram gastos. Então a fome começou.
Mas em meio ao sofrimento geral, o seu próprio sofrimento é mais fácil de suportar. Sendo um tipo que não se curva facilmente diante das dificuldades, não me submeti à miséria, mas tentei combatê-la.
Estudei todas as possibilidades e decidi me dedicar ao comércio. Precisava de muito pouco capital para comprar um stock de alimentos no país, trazê-los para Berlim e depois vendê-los a restaurantes. Este facto fez com que me mudasse para Jena antes das férias, onde a vida era mais barata. Ali, em meio à miséria em que lutava o povo alemão, fiquei impressionado com o espírito de disciplina, a capacidade de trabalho, o senso de dever, a correção, a força de resistência e a fé em dias melhores. Era um povo saudável e pude perceber que não se deixariam derrubar e que, com poderes insuspeitados, surgiriam debaixo da rocha de todas as dificuldades que os oprimiam.

O movimento anti-semita. Na Alemanha existiam diversas organizações políticas com estudantes antissemitas em papéis, manifestos, insígnias, mas todas fracas. A Berlim doutrinária, como as de Jena, estava dividida em centenas de associações e havia muito poucos anti-semitas. A massa de estudantes conhecia o problema, mas vagamente. Não se poderia falar de uma ação estudantil antissemita ou mesmo de uma orientação doutrinária semelhante à de Iasi. Tive muitas discussões com estudantes em Berlim em 1922, que hoje são certamente hittieristas, e tenho orgulho de ter sido o seu professor de anti-semitismo, exportando-lhes as verdades que aprendi em Iasi. Ouvi falar de Adolf Hitler pela primeira vez em meados de Outubro de 1922. Procurei um trabalhador no norte de Berlim com quem tinha estabelecido um bom relacionamento, que estava a fazer "suásticas". Seu nome era Strumpf e ele morava em 3 Salzwedeler Strasse. Ele me disse: "Diz-se que um movimento anti-semita foi iniciado em Muenchen por um pintor de 36 anos, Hitler. Parece-me que ele é o homem que nós, alemães, esperávamos." A previsão deste trabalhador foi cumprida. Sempre admirei os seus poderes intuitivos, pelos quais ele conseguia selecionar com as antenas da sua alma, um estranho entre dezenas de homens, dez anos antes do seu tempo, aquele que teria sucesso em 1933, unindo todo o povo alemão sob um grande comando. .

Foi também em Berlim e mais ou menos na mesma época que ouvi a notícia da grande erupção fascista: a marcha sobre Roma e a vitória de Mussolini. Fiquei tão feliz como se fosse a vitória do meu próprio país. Existe, entre todos aqueles que em várias partes do mundo servem o seu povo, um parentesco de simpatia, como existe um parentesco entre aqueles que trabalham para a destruição dos povos.

Mussolini, o homem corajoso que pisou no dragão, era um de nós, então todas as cabeças do dragão caíram sobre ele, jurando morte. Para nós, os outros, ele será um brilhante

Estrela do Norte nos dando esperança; ele será a prova viva de que a hidra pode ser derrotada; prova das possibilidades de vitória.
“Mas Mussolini não é antissemita. Vocês se alegram em vão”, sussurrou a imprensa judaica em nossos ouvidos. Não é uma questão do que nos alegra, eu digo, é uma questão de por que vocês, judeus, estão tristes com a vitória dele, se ele não é anti-semita. Qual é a lógica do ataque mundial contra ele pela imprensa judaica? A Itália tem tantos judeus como a Roménia tem Ciangai [um grupo étnico muito mais pequeno] no vale de Siret. Um movimento anti-semita italiano seria como os romenos iniciando um movimento contra os Ciangai.

Machine Translated by Google

Mas se Mussolini tivesse vivido na Roménia, não poderia ter sido anti-semita, pois o fascismo significa, acima de tudo, defender a sua nação contra os perigos que a ameaçam. significa a destruição destes perigos e a abertura de um caminho claro para a vida e a glória da sua nação.

Na Roménia, o fascismo só poderia significar a eliminação dos perigos que ameaçam o povo romeno, nomeadamente, a remoção da ameaça judaica e a abertura de um caminho livre para a vida e a glória a que os romenos têm o direito de aspirar. O Judaísmo tornou-se senhor do mundo através da Maçonaria e, na Rússia, através do Comunismo. Mussolini destruiu em casa aqueles dois chefes judeus que ameaçavam a Itália de morte: o comunismo e a Maçonaria. Lá, o Judaísmo foi erradicado através das suas duas manifestações. No nosso país, terá que ser erradicado pelo que existe: judeus, comunistas e maçons. Estes são os pensamentos que nós, jovens romenos, em geral, opomos aos esforços judaicos para nos privar da alegria da vitória de Mussolini.

O MOVIMENTO ESTUDANTIL

Machine Translated by Google

10 DE DEZEMBRO DE 1922

Eu ainda estava em Jena, quando um dia fui surpreendido pela notícia de que todo o corpo discente romeno de todas as universidades se tinha levantado para a batalha. Esta manifestação colectiva da juventude romena, sem que ninguém suspeitasse, foi uma erupção vulcânica que surgiu das profundezas da nação. Manifestou-se pela primeira vez em Cluj, coração daquela Transilvânia que se posicionava sempre que a nação passava por um impasse, depois, quase simultaneamente, irrompeu violentamente em todos os outros centros universitários.

De facto, nos dias 3 e 4 de Dezembro ocorreram grandes manifestações de rua em Bucareste, Iasi e Cernauti. Todo o corpo discente romeno levantou-se como se estivesse num momento de grande perigo. Pela milésima vez, esta raça terrena, tantas vezes ameaçada ao longo da história, libertou a sua juventude para enfrentar a ameaça, a fim de salvar o seu ser. Um grande momento eletrizante coletivo, sem preparação prévia, sem discussões de prós e contras, sem decisões de comissão, sem que os de Cluj sequer conheçam os de Iasi, Cernauti ou Bucareste. Um grande momento de iluminação coletiva como um raio no meio de uma noite escura, em que todos os jovens do país reconheceram o seu destino na vida e também o do seu povo.

Este destino corre brilhantemente ao longo da nossa história nacional e estende-se ao longo do nosso futuro romeno, apontando o caminho para a vida e a honra que nós e os nossos netos teremos de seguir, se for a vida e a honra que desejamos para o nosso povo. . As gerações podem seguir este destino, podem ficar perto dele ou afastar-se dele, tendo assim a capacidade de dar à sua nação o máximo de vida e honra ou o máximo de desonra e vergonha. Às vezes, apenas indivíduos isolados, abandonados pela sua
geração, conseguem chegar a este destino. Nesse momento, eles são o povo, falam em seu nome. Todos os milhões de mortos e mártires do passado estão com eles, assim como a vida da nação de amanhã.

Aqui, a maioria com as suas opiniões não importa, embora possa ser 99 por cento. Não são as opiniões da maioria que determinam o destino da vida do nosso povo.
Eles, a maioria, só podem aproximar-se ou distanciar-se dela de acordo com o seu estado de consciência e virtude ou de inconsciência e decadência. Nosso povo não sobreviveu pelos milhões de escravos que colocaram seus pescoços sob os estrangeiros, mas pelo jugo Horia de Avram Iancu, Tudor, Iancu Jianu, através de todos os haiduci*, que, diante do jugo estrangeiro, não se submeteram, mas colocaram seus carregadores com focinheiras nas costas subindo os caminhos da montanha, levando consigo a honra e a centelha da liberdade. Foi através deles que o nosso povo falou, não através de “maiorias” cobardes e bem comportadas. Eles conquistariam ou morreriam, não importa o quê.
Pois quando morrem, todas as pessoas vivem pela sua morte e são honradas pela sua honra. Brilham na história como faróis dourados nas alturas banhadas ao entardecer pelos raios do sol, enquanto sobre as vastas planícies, por mais extensas e numerosas que sejam, instalam-se as trevas do esquecimento e da morte. Não é aquele que vive e vence sacrificando o destino da vida do seu povo que pertence à história nacional, mas apenas aquele que, ganhando ou perdendo, se aterá a esse destino. O nosso destino romeno é predeterminado pela sabedoria de Deus; pôde ser visto no dia 10 de dezembro por estudantes romenos. E é aí que reside o valor do dia: todos os jovens romenos viram a luz. No dia 10 de dezembro, delegados de todos os centros estudantis reunidos em Bucareste, fixaram em dez pontos o que consideravam ser a essência do seu movimento e declararam uma greve geral para todas as universidades, exigindo a concretização destes pontos.

O dia 10 de Dezembro não é grande para o valor da formulação dos pontos acordados, por mais que os delegados pudessem formular sobre a essência da verdade que então incomodava toda a juventude romena. É ótimo por causa do milagre do despertar deste jovem para a luz que sua alma viu; pela sua decisão de acção comum de declarar a guerra santa que exigiria deste jovem tanta força de coração, tanto heroísmo, tanta maturidade, tantos sacrifícios conhecidos e desconhecidos, tantos túmulos!

O dia 10 de dezembro de 1922 convocou os jovens desta terra para uma grande prova.

Machine Translated by Google

* Homens lendários do tipo Robin Hood. **(Trad.)**

Nem os de Bucareste, nem eu, que estávamos longe, nem outros que talvez fossem estudantes do ensino secundário, mas que hoje definham em tantas prisões ou dormem debaixo da terra, poderíamos acreditar que este dia nos levaria a tantos perigos, nos traria nos tantos golpes e tantas feridas nas batalhas para defender nosso país.

Em Bucareste, Cluj, Iasi e Cernauti houve erupções formidáveis de massas estudantis que, guiadas pelos seus próprios poderes de intuição - e não pelos líderes - viraram-se para o inimigo. Eles olham primeiro para a imprensa judaica: Adevarul ("A Verdade"), Dimineata ("A Manhã"), Mantuirea ("A Redenção"), Opinia ("A Opinião"), Lumea ("O Mundo"), camas quentes de infecção moral, veneno e confusão para os romenos. Recorrem a eles para os destruir, mas também para mostrar ao povo romeno o perigo da linha da frente inimiga, contra a qual devem estar vigilantes. Manifestar-se contra a imprensa significa: declará-la inimiga do interesse nacional e assim chamar a atenção dos romenos para que não se deixem enganar, cegar ou guiar pela imprensa escrita por judeus ou romenos judaizados.

Esta imprensa ataca a ideia religiosa, enfraquecendo assim a resistência moral romena e quebrando o seu contacto com Deus. Esta imprensa divulga teorias anti-nacionais, enfraquecendo a fé na sua nação e separando-os da terra do seu país, do seu amor por ela, terra que em todos os tempos foi um desejo de batalha e sacrifício.

Esta imprensa apresenta falsamente os nossos interesses romenos, desorientando e orientando os romenos de formas que vão contra os interesses nacionais. Esta imprensa eleva elementos medíocres e homens capazes de corrupção para que o estrangeiro possa satisfazer os seus interesses, e rebaixa pessoas morais que não se rebaixam a fazer quaisquer favores ao Judaísmo e aos seus interesses.

Esta imprensa envenena a alma da nação, divulgando diária e sistematicamente crimes sensacionais, casos imorais, abortos, aventuras.

Esta imprensa mata a verdade e serve mentiras com perseverança diabólica, usando a calúnia como arma de destruição dos combatentes romenos. É por isso que os romenos devem ter cuidado ao ler um jornal judaico, prestando atenção a cada palavra, nenhuma das quais é impressa ao acaso, e tentando decifrar o plano judaico por trás dele. Foram estas questões que o movimento estudantil quis chamar a atenção de todos os romenos quando convocou as redações judaicas, declarando-as inimigas do povo romeno. Enfatizei que as formidáveis erupções das massas estudantis foram lideradas pelos seus poderes de intuição e não por líderes.

Pois é fácil para alguém levar vários indivíduos à casa de alguém para encenar uma manifestação hostil, mas quando grandes multidões se voltam contra alguém com hostilidade a mando do seu instinto, então essa pessoa é condenada, sem direito de recurso, como inimiga de a nação.

Machine Translated by Google

O “NUMERUS CLAUSUS”

A fórmula “numerus clausus” é passada de boca em boca durante as batalhas estudantis, mas não como fórmula salvadora, pois as massas não emitem fórmulas, apontam ameaças.

"Numerus clausus" significa que, sendo a ameaça judaica em grande número, não podemos mais apoiá-los nas escolas, no comércio ou na indústria, ou em profissões independentes. “Atenção aos vossos grandes números” é o que significa “numerus clausus”, pois

excede os nossos poderes de resistência nacional e se não agirmos, pereceremos como povo.

Este é o valor total desta fórmula. Ou, se preferir, como medida de economia, tem o valor de uma fórmula de emergência, de primeiros socorros necessários, embora totalmente inadequados para curar a doença. “Numerus clausus” por si só significa: a limitação dos judeus nas escolas, profissões, etc. A que número, esta limitação? A proporção entre o número de todos os judeus e o número de romenos na Roménia. Ou seja, se há 15 milhões de romenos e 3 milhões de judeus na Roménia, a proporção é de 20%. De acordo com a fórmula "numerus clausus", os judeus devem ser admitidos em escolas, profissões médicas, bares, etc. na proporção de 20%: "numerus clausus" significa limitar o número de judeus à proporção entre o seu número e o número total de Romenos.

"Numerus clausus" é apenas uma fórmula para redistribuir os judeus dentro das nações, não uma fórmula para resolver o problema. Esta fórmula não resolve quase nada, pois trata de proporções respeitáveis, mas não reduz a elevada proporção de judeus. Se os judeus são 3 milhões, é o que resta. Especialmente, não trata a causa desta elevada proporção e não mostra os meios pelos quais ela pode ser diminuída; finalmente, não constitui por si só o meio para resolver o problema judaico.

O PROBLEMA JUDAICO

Machine Translated by Google

O NÚMERO DE JUDEUS

O grande número de judeus levanta uma série de problemas: 1. O problema da terra romena; 2. O problema das cidades; 3. O problema da escola romena e da classe dominante; 4. O problema da cultura nacional.

Tudo isso é tratado de forma impecável pelo professor AC Cuza em seus escritos. Pessoas, Nacionalidade na Arte, Artigos, Discursos Parlamentares, Curso de Economia Política. As ideias que apresento a seguir pertencem essencialmente ao pensamento do Professor Cuza.
O número de judeus na Roménia não é conhecido com exactidão.
Isto porque as estatísticas recolhidas foram feitas com o maior desinteresse por parte dos políticos romenos, para que pudessem encobrir o seu trabalho de traição nacional e porque os judeus em todo o mundo fogem da verdade das estatísticas. Um provérbio diz: “Os judeus vivem de mentiras e morrem quando entram em contato com a verdade”. Aliás, durante muito tempo o Diretor de Estatísticas do Estado do Ministério das Finanças foi Leon Colescu, cujo nome verdadeiro era Leon Coler. E do ponto de vista deles têm razão, porque se os romenos se deparassem com o número exacto da população judaica, perceberiam que estão diante de uma ameaça nacional real e levantar-se-iam para defender a sua pátria. por outras palavras, face à verdade estatística, o poder judaico vacila, morre. Ele só pode viver escondendo a verdade, falsificando-a com mentiras.

Acreditamos que existam entre 2 e 2,5 milhões de judeus na Roménia. Se houvesse apenas um milhão - como afirmam - o povo romeno

enfrentar perigo mortal. Porque não é apenas o número em si que importa, a quantidade, mas também a qualidade desse número, particularmente as posições ocupadas pelos judeus na estrutura funcional do Estado e na vida da nação em todos os seus aspectos.

Nossa terra tem sido uma terra de invasões. Mas nunca, ao longo da sua longa história, um invasor atingiu números tão formidáveis como os judeus de hoje.
As invasões passaram por cima de nós; os invasores de hoje nunca partem. Eles se estabelecem aqui em nossa terra em números mais desconhecidos do que nunca e permanecem como crostas no corpo e nas pessoas desta terra. Quando essa invasão judaica começou? Apenas vários milhares de judeus foram encontrados por volta de 1800 em toda a Moldávia. Em 1821, havia 120 famílias em Bucareste.

Esta colonização tardia na nossa terra deve-se ao facto de os Judeus sempre terem estado envolvidos no comércio, e o comércio requer liberdade e segurança para se desenvolver.

Estas duas condições faltavam na Roménia: por um lado, a liberdade de explorar o solo romeno, portanto, qualquer perspectiva de expansão do comércio, e, por outro, estabilidade e segurança. A terra romena era a terra mais insegura do mundo. O camponês romeno não tinha segurança em casa, gado, trabalho ou colheitas ano após ano. O nosso país foi devastado por invasões e serviu como teatro de guerra durante séculos, muitas vezes com o rescaldo da dominação estrangeira e de tributos sangrentos.

O que os judeus deveriam fazer nesta terra? Lutar contra os hunos, tártaros, turcos?
A invasão judaica começou há apenas 100 anos. Como resultado da paz de Adrianópolis em 1829, a liberdade de comércio foi concedida e ao mesmo tempo começaram a aparecer os horizontes de uma vida mais pacífica. Foi então que a sua invasão começou, aumentando ano após ano sobre as nossas cabeças romenas, especialmente as dos moldavos, drenando-nos de riquezas, destruindo-nos moralmente e ameaçando-nos de extinção. Em 1848, os comerciantes e industriais moldavos começaram a queixar-se a Mihail Sturza, o governante, exigindo medidas contra os comerciantes judeus e a sua concorrência desonesta.

Desde então, a invasão tem aumentado constantemente. “Invasão” pode não ser o termo certo, pois pressupõe a ideia de violência, de coragem moral e física.
A "infiltração judaica" é mais

Machine Translated by Google

termo adequado, pois engloba melhor a ideia de penetração astuta, penetração covarde e pérfida. Pois não é pouca coisa roubar a terra e as riquezas de um povo, sem justificar a batalha, o enfrentamento dos riscos, o grande sacrifício, a conquista alcançada. Aos poucos, conquistaram o pequeno comércio e indústria romenos; depois, usando as mesmas tácticas enganosas, atacaram as grandes empresas e a grande indústria, ganhando assim o controlo das cidades na metade norte do país. O ataque à classe média romena foi realizado com aquela precisão encontrada apenas no caso de alguns insetos predadores, que, para paralisar o inimigo, picam-no na espinha.

Eles não poderiam ter escolhido um local mais adequado. Atacar com sucesso a classe média significou quebrar o povo romeno em dois. É a única classe que tem um duplo contacto: baixa, com a classe camponesa, sobreposta a ela e exercendo sobre ela autoridade em virtude da sua melhor condição económica e educação; com a classe dominante que carrega nos ombros. Um ataque bem-sucedido à classe média, ou seja, a sua destruição, traz consigo uma consequência fatal, não sendo necessário nenhum esforço adicional por parte do atacante: a) O colapso da classe dominante (Esta classe dominante acabará por entrar em colapso), b) A impossibilidade da sua reconstituição, c) A confusão e animalização, a derrota e escravização da classe camponesa. Em última análise, o ataque judaico à classe média romena pretende ser a morte. A morte do povo romeno não significa a morte do último romeno, como alguns imaginam. Esta morte significa vida em cativeiro. A redução à vida escrava de vários milhões de camponeses romenos, que trabalhariam para os judeus. Aqui estão as conclusões do professor Nicolae Iorga sobre o número de judeus e sua chegada em nossa região. O professor Lorga em "A História dos Judeus em nossos Principados", um artigo apresentado na Academia Romena em 13 de setembro de 1913, expondo esta questão, especifica, entre outras coisas:

“em Neamt, vários judeus instalaram-se nas terras do Mosteiro entre 1764-1766” (p. 18).

“Em Botosani, nenhum documento do governante como o de 1757 menciona judeus entre os demais habitantes da cidade” (p. 17).

"Às vezes um judeu aparece em Suceava como taverneiro em terras da igreja; às vezes como pequenos comerciantes em Ocna, Harlau, Siretiu, Galati, Barlad (houve um tempo em que se poderia dizer que os cristãos barladianos estavam mais envolvidos no comércio do que em qualquer outro país). outra ocupação)” (p.10); "depois em Romano onde em 1741 apenas eram conhecidos 'moldavos' e 'arménios'; em Targul Frumos onde em 1755 'duas tabernas' e uma mulher judia são mencionadas como ali existentes" (p.17-18).

Na Bucovina, na altura da sua anexação em 1775:

“Nas regiões de Cernauti e Campulung, às quais foram anexadas partes de Hotin e Suceava - em todas estas regiões - antes da dominação imperial austríaca, havia apenas 206 famílias judias.

Em 1775, devido às cheias galegas, o seu número atingiu 780-800 famílias.
O primeiro governador do país, General Ehzenberg, soube que se dedicam principalmente à criação de tabernas, com vinho, whisky, cerveja...
São, diz o general, “as pessoas mais perversas, inclinadas à preguiça, vivendo, sem muitos problemas, do suor dos trabalhadores cristãos”. "

Uma comissão operando em 1781 mostra que:

“Neste país os judeus têm o hábito de comprar ao camponês o pintinho no ovo de antemão, o mel em flor, o cordeiro no ventre da mãe, por uma ninharia, e por meio desta usura sugar inteiramente os habitantes até à secura. , levando-os à pobreza, para que os camponeses assim sobrecarregados de dívidas não encontrem recursos para o futuro para se salvarem, mas fugindo do país. Vemos a administração deste país (Moldávia), depois os boiardos, em particular Constantin Moruzi , defendendo-se desesperadamente deles.
"

Machine Translated by Google

"... Como os Kabals ofereceram a Enzenberg por escrito 5.00,0 moedas de ouro anualmente para suportar o antigo estado de coisas, corromper nosso governante também foi tentado, mas ele rejeitou o DINHEIRO em vez de expor seu país à destruição total" *, (pág.20).

E mais tarde, por volta de 1840-48, é isto que o Professor Iorga Tertnines diz:

“Poderíamos contar com estes estabelecimentos de exploração e depravação, taverna por taverna, com garrafas de batatas wbiskey e outros venenos, por toda a Moldávia, esgotando uma corrida para alimentar os vícios civilizados da classe dominante” (p. 34).

E o professor Iorga escreve sobre:

“Mesmo assim, a intervenção de estrangeiros, promovida por elementos judeus no país, não cessou. Em 1878, impuseram condições antes de reconhecer a independência da Roménia (conquistada com tanto sacrifício de sangue romeno) e acumularam indignidades sobre a questão da independência: quanto é que os actuais Kahals pagam aos líderes da Roménia?

A Roménia, que não pode deixar de cometer suicídio ao ceder politicamente metade de si ao poder dos judeus moldavos... E uma vez que Kogalniceanu defendeu as aldeias do álcool e da usura judaica, o Sr. Maiorescu defende a dignidade da Roménia do insulto de conceder direitos civis a estrangeiros no país como resultado da pressão dos seus correligionários no estrangeiro. ”(pág.39).

Cito estes exemplos relatados por uma grande autoridade científica reconhecida e indiscutível, para lançar luz sobre o início dos assentamentos judaicos em solo romeno.

O PROBLEMA DA TERRA ROMENA - A LEI DO TERRITÓRIO

Não pode haver nenhum povo neste mundo, mesmo que fosse apenas uma tribo de selvagens que, confrontados com uma invasão estrangeira, não considerariam com dor dilacerante a situação da sua terra. Todos os povos do mundo, desde o início da história até hoje, defenderam o solo da sua pátria. A história de todos os povos, como a nossa, está repleta de lutas em defesa das suas terras. Foi uma anomalia, um estado de doença nosso, a juventude romena, o facto de termos sido contados na defesa da nossa terra ameaçada? Ou uma anomalia se não o defendemos quando o vimos em perigo? Seria uma anomalia não o defendermos, isto é, não fazermos o que todas as nações fizeram. Colocar-nos em contradição com o mundo inteiro e com toda a nossa história seria uma anomalia e um estado de doença.

Por que é que, pergunto-me, todos os povos lutaram, lutaram e lutarão sempre pela defesa das suas terras? A terra é a base da existência de uma nação. A nação tem as suas raízes como as de uma árvore profundamente enterrada no solo, de onde deriva o seu alimento e a sua vida. Não há pessoas que possam viver sem terra, assim como não há árvores que possam viver suspensas no ar. Uma nação que não tem terra própria não pode viver a menos que se estabeleça na terra de outra nação – no seu próprio corpo, minando a sua subsistência. Existem leis dadas por Deus que ordenam a vida dos povos. Uma dessas leis é a lei territorial. Deus deu a cada povo um território definido para viver, crescer e desenvolver e criar a sua própria cultura.

O problema judaico na Roménia, como noutros lugares, consiste na violação pelos judeus desta lei natural do território. Eles invadiram nosso território. São eles os infratores e não somos nós, o povo romeno, que somos chamados a suportar as consequências dos seus crimes. A lógica elementar nos diz: o infrator deve arcar com as consequências da infração cometida. Ele terá que sofrer? Deixe-o sofrer!

Todos os infratores sofrem. Nenhuma lógica no mundo me dirá que devo morrer pela infração cometida por outros.

Assim, o problema judaico não surge do “ódio racial”. Decorre de uma infração cometida pelos judeus contra as leis e a ordem natural em que vivem todos os povos.

Machine Translated by Google

do mundo. A solução para o problema judaico? Aqui está: a reentrada dos infratores na ordem natural universal e sua

respeitando a lei natural. Mas as leis do país também proíbem a invasão judaica.
O artigo 3.º da Constituição diz: “O território da Roménia não pode ser colonizado por uma população de origem estrangeira”.
O que significa o facto de dois milhões de judeus se estabelecerem em território romeno, senão colonização? Mas este território é propriedade inalienável e irrevogável do povo romeno. E como alguém escreveu, não depois de 50, não depois de 100, mas mesmo milhares de anos depois, reivindicaremos o direito a esta terra à medida que reconquistarmos as terras da Transilvânia após 1000 anos de ocupação húngara.

NÓS E NOSSA TERRA

Todas as pessoas ao nosso redor vieram de algum outro lugar e se estabeleceram na terra onde vivem agora. A história nos dá datas precisas sobre a chegada dos búlgaros, turcos, magiares, etc. Apenas um povo veio do nada: o nosso. Nascemos nesta terra na bruma do tempo junto com carvalhos e abetos. Estamos ligados a ele não só pelo pão e pela existência que nos proporciona enquanto trabalhamos nele, mas também por todos os ossos dos nossos antepassados que dormem no seu solo. Todos os nossos pais estão aqui. Todas as nossas memórias, toda a nossa glória durante a guerra, toda a nossa história aqui, nesta terra, está enterrada.

Aqui estão as ruínas de Sarmisegetuza com as cinzas do imortal Rei Decebal, porque quem sabe morrer como Decebal nunca morre. 'Aqui descansam os governantes Musatins e os governantes Basarabs; aqui em Podul Inalt, Razboeni, Suceava, Baia, Hotin, Soroca, Tighina, Cetatea Alba, Chilia, dormem os romenos ali caídos em batalha, nobres e camponeses, tão numerosos quanto as folhas e folhas de grama.

Em Posada, Calugareni, nos rios Olt, jiu e.Cerna, em Turda; nas montanhas do infeliz e esquecido Moti de Vidra, até Huedin e Alba-Iulia (lugar de tortura de Horia e seus irmãos de armas), há testemunhos de batalhas e túmulos de heróis por toda parte. Em todos os Cárpatos, desde as montanhas Oltenianas em Dragoslavele e Predeal, de Oituz a Vatra Dornei, nos picos e no fundo dos vales, por toda parte o sangue romeno corria como rios. a meio da noite, em tempos difíceis para o nosso povo, ouvimos o apelo vindo de solo romeno, incitando-nos à batalha. Pergunto e espero uma resposta: com que direito os judeus desejam tirar-nos esta terra?

Em que argumento histórico baseiam as suas pretensões e, sobretudo, a audácia com que nos desafiam, romenos, aqui na nossa própria terra? Estamos ligados a esta terra por milhões de tumbas e milhões de fios invisíveis que só a nossa alma sente, e ai daqueles que tentam nos arrebatar dela.

O PROBLEMA DAS CIDADES

Mas no âmbito desta terra romena, os judeus não se estabeleceram em lugar nenhum, ao acaso.
Eles se estabeleceram em cidades, formando dentro delas verdadeiras ilhas de populações judaicas compactas.
No início, foram as cidades comerciais e vilas do norte da Moidávia que foram invadidas e conquistadas:
Cernauti, Hotin, Suceava, Dorohoi, Botosani, Soroca, Burdujeni, Itcani, Briceni, Secureni, etc.

Antes deles, o comerciante e comerciante romeno desapareceu gradualmente - hoje uma rua, amanhã outra, depois de amanhã um setor. Em menos de 100 anos,

Machine Translated by Google

Os centros romenos de renome antigo perderam o seu carácter romeno, assumindo a semelhança de verdadeiros redutos judaicos. As outras cidades da Moldávia também caíram rapidamente: Roman, Piatra, Falticeni, Bacau, Vaslui, Bariad, Husi, Tecuci, Galati; e Iasi, a segunda capital da Moldávia - depois da primeira, e a nossa antiga Suceava - foi simplesmente transformada num sujo ninho judaico, que rodeia as pobres e gloriosas ruínas da fortaleza de Estêvão, o Grande.

Agora, em Iasi, você pode caminhar por ruas e setores inteiros sem nunca encontrar um romeno ou ver um

Casa romena ou uma loja romena. As pessoas passam por igrejas famosas, agora em ruínas e em decadência:. a Igreja de Talpalari* construída pela guilda de sapateiros romenos, a Igreja de Curelari* construída pela guilda de fabricantes de arreios romenos. Tudo está desmoronando. Na grande cidade de Iasi, não existe mais um sapateiro ou fabricante de arreios romeno.

A Igreja de São Nicolau, o Pobre, da antiga nobreza moldava, ruiu completamente; e nos túmulos ao seu redor os restaurantes judeus ainda descartam seu lixo, lixo e lixo. A Igreja da Praça Principal, onde fica a maior aglomeração, está fechada por falta de gente. E é a população judaica que constitui esta aglomeração de pessoas agora. Na rua Lapusneanu, o palácio de Cuza Voda, que quase geme como se estivesse de dor, foi transformado num banco judeu, e no seu antigo jardim pode-se ver um teatro judeu de estilo palestino. O invasor estrangeiro pisoteia tudo o que consideramos mais sagrado. Nossos corações gemem de angústia. Nós, crianças, com a alma dilacerada, perguntamo-nos: como pode haver romenos que se comportam com tanta inimizade para com o seu povo? Como pode haver tantos traidores? Como é que eles não foram alinhados contra a parede ou queimados vivos no momento da traição? Por que todo mundo está impassível? Por que não fazemos nada?

São problemas de consciência que nos pesam, que incomodam a nossa alma, perturbam a nossa vida. Sabemos que nunca encontraremos a nossa paz, exceto nas batalhas, no sofrimento ou nas sepulturas. Nosso silêncio nos cobre de covardia e cada minuto de atraso parece nos matar.

Nem sequer mencionamos as cidades e aldeias comerciais da Bessarábia, que são feridas abertas no corpo cansado e oprimido do país.
Nem sequer mencionámos Maramures, onde morrem diariamente romenos, em estado de escravatura. Não há palavras que possam descrever a grande tragédia de Maramures. Mas a podridão se espalhou como um câncer; alcançou Ramnicul-Sarat, Buzau, Ploesti e penetrou na capital. Em 15 anos, Vacaresti, um antigo bairro romeno, caiu; Dudesti caiu completamente; da mesma forma, os mercadores romenos em Calea Grivitei. Os famosos comerciantes do bairro de Obor morrem e são substituídos por judeus; Calea Victorieil * caiu. Hoje, na realidade, tornou-se apenas uma estrada romena de “derrota”; pois três quartos das propriedades em Calea Victoriei são agora propriedade de judeus. Nos últimos dez anos, os judeus espalharam-se para oeste, através da planície do Danúbio, para Oltenia e para a capital de Craiova, a capital de Miguel, o Bravo; foram para Ramnicul-Valcea, Severin, sob a protecção de políticos romenos que, bem pagos, fingem que não há problema judaico.

Esta traição destes políticos ao seu povo é tão terrível que, se ainda estiverem vivos, o povo terá de arrancar-lhes os olhos; se estiverem mortos, seus ossos deverão ser desenterrados e queimados em praça pública. Os seus filhos e netos seriam processados, os seus bens confiscados e eles seriam estigmatizados com o epíteto de “filhos de traidores”. A perda das nossas cidades romenas tem consequências devastadoras para nós, uma vez que as cidades são o centro económico de uma nação. Neles está acumulada toda a riqueza do país. Para que quem controla as cidades controle os meios de subsistência, a riqueza de uma nação. Seria indiferente para nós, romenos, donos da nossa riqueza nacional? Nós mesmos ou os judeus? Para qualquer pessoa no mundo, isso poderia ser uma questão de indiferença. Porque uma população se reproduz e se desenvolve dentro de

Machine Translated by Google

meios de subsistência à sua disposição. Quanto menos esses meios, menor será o crescimento da população em questão e menores serão as chances de seu desenvolvimento, e vice-versa. Estas verdades sobre o direito da população foram estudadas por todos os economistas e formuladas pelo Professor Cuza com clareza incomparável. A passagem das riquezas romenas para as mãos dos judeus não significa apenas dependência económica ou política dos romenos - pois aqueles que não têm liberdade económica não têm liberdade política - mas significa mais: uma ameaça nacional que esmaga a nossa própria capacidade de crescer na população. À medida que os nossos meios de subsistência desaparecem, nós, romenos, pereceremos na nossa terra, deixando os nossos lugares nas mãos da população judaica, cujo número aumenta dia a dia, tanto por causa da invasão do estrangeiro como por causa da apreensão dos nossos meios de subsistência. subsistência, nossas riquezas.

* Plural de sapateiro e fabricante de arreios, respectivamente. **(Trad.)**

Em segundo lugar, as cidades são os centros culturais de uma nação**. Aqui nas cidades existem escolas, bibliotecas, teatros, salas de aula, todos atendendo aos habitantes da cidade. Uma família judia pode facilmente sustentar cinco ou seis filhos na escola, enquanto o camponês romeno, numa aldeia remota, longe da cidade, dificilmente consegue mandar uma criança para a escola até ao fim. E neste caso, ele está completamente exausto de forças e riquezas a ponto de colocar em risco o bem-estar dos outros quatro ou cinco filhos de casa. Assim, quem controla as cidades controla as possibilidades de participação na cultura. Mas isso não é tudo. É através das cidades e das escolas que uma nação cumpre a sua missão cultural no mundo. Como é possível que os romenos cumpram a sua missão cultural através de vozes, canetas, corações e mentes judaicas?

Finalmente, as cidades são os centros políticos de uma nação, as nações seguem o exemplo das cidades. Quem controla as cidades, direta ou indiretamente, tem a liderança política do país. O que resta do campo fora das cidades? Uma multidão de vários milhões de camponeses, sem meios humanos de subsistência, exaustos e empobrecidos, sem cultura, envenenados pela bebida, liderados pelos judeus enriquecidos que agora se tornam senhores das cidades romenas, ou pelos romenos (prefeitos, prefeitos, policiais, gendarmes , ministros de gabinete) que são administradores nominais apenas porque nada mais são do que executores indolentes de planos judaicos. Esses funcionários são apoiados, lisonjeados, regados com presentes, cooptados para conselhos administrativos, pagos mensalmente pelo poder econômico judiciário (Judas foi pago apenas uma vez); a sua ânsia por dinheiro é despertada, eles são levados ao luxo e ao vício, e quando desobedecem às directivas e ordenanças judaicas, são simplesmente expulsos, embora sejam ministros do gabinete. Os seus salários e subsídios são cortados, os seus roubos revelados e negócios duvidosos expostos, implicando-os para os comprometer.

Isto é o que resta da pátria romena desde que perdemos as nossas cidades: uma classe dominante desonesta, um povo de camponeses sem liberdade e todas as crianças romenas sem país e sem futuro.

O PROBLEMA DA ESCOLA ROMENA

Quem controla as cidades controla as escolas, e quem controla as escolas hoje controla o país amanhã. Aqui estão algumas estatísticas de 1920:

A situação na Universidade de Cernauti

Escola de Filosofia.

Machine Translated by Google

Semestre de verão, romenos: 174; Judeus 574.

Escola de Direito.

Semestre de verão, conforme denominação: Ortodoxa:
237 (romenos e rutenos)
Católicos: 98
Luteranos: 26

Outras religiões: 31
Hebraico: 506

De Situatia demografica a Romaniei (A Situação Demográfica na Roménia) por Em. Vasiliu-Cluj p. 84

*
The Victory Way, uma avenida comercial da moda **(Tr.)
Ver AC Cuza, Apararea Nationala ("A Defesa Nacional") No. 3, 1º de maio de 1922.

na Bessarábia

Escolas primárias rurais: Meninos:
72.88,9 romenos, 1.974 cristãos de etnia não romena Meninas: 27.555 romenos, 1.302 , 1.281 judeus.
cristãos étnicos não romenos , 2.147 judeus.

Escolas primárias urbanas: meninos.
6.385 romenos, 2.435 não romenos, dos quais 1.351 eram judeus. Garotas:
5.501 romenos, 2.435 não romenos, dos quais 1.492 eram judeus.

Escolas secundárias e
profissionais: 1.535 ortodoxas, 6.302
Hebraico,

Escolas secundárias mistas: 690
ortodoxas, 1.341 hebraicas.

(Op.cit, pp. 84-5)

no antigo reino
judeus romenos
Liceu de Bacau 363 198
Escola Secundária Botosani 229 127
Liceu Feminino de Botosani 155 173
Liceu de Dorohoi 177 167
Liceu de Falticeni 152 100
Liceu Nacional, Iasi 292 201
Ginásio Alexandre, o Bom, Iasi 93 215
Stefan, o Grande Ginásio, Iasii 94 120
Liceu de Romano 256 157
Liceu de Piatra-Neamt 343 179

Escolas particulares:
Bucareste 441 781
Iasi 37' 108
Galati 1,90, 199

Machine Translated by Google

(0p.cii. Págs. 85-7)

*
Moldávia e Valáquia antes da unificação da Roménia em 1918. (a)

A situação na Universidade de Iasi
Judeus romenos
Faculdade de Medicina 546 831
Escola de Farmácia 97 299
Escola de Artes 35 1 100
Escola de Ciências 722 321
Faculdade de Direito 1.743 370

(0p.cit. Págs.87-8)

O sistema educativo romeno, assim destruído pelo grande número de judeus, levanta dois problemas:

1. O problema da classe dominante romena, porque as escolas formam os líderes de amanhã, não apenas os políticos, mas todos os líderes em todos os campos de actividade.

2. O problema da cultura nacional, porque a escola é o laboratório onde se molda a cultura de um povo.

Para sublinhar a tragédia deste sistema escolar romeno oprimido pelos judeus, considero particularmente importante citar abaixo as dolorosas descobertas de um dos mais ilustres pedagogos da nossa nação, o Professor Ion Gavanescul da Universidade de Iasi: Não queremos mais ver o espetáculo oferecido pelo Liceu Nacional de Iasi, onde a esmagadora
maioria dos alunos é formada por elementos judeus. Os poucos estudantes romenos sentem-se estranhos; durante o recreio, eles recuam inquietos para os cantos. Eles constituem a minoria tolerada.

A maioria mora separada, conversa entre si sobre suas preocupações, seus jogos, sociedades, Macaby, Hacoah, Macoah, etc., suas reuniões e palestras, seus esportes, planos de trabalho e bons momentos. E quando em dúvida quanto à discrição dos romenos, os estudantes judeus (uma maioria na escola, embora uma minoria no país), sussurram entre si ou mudam diretamente para o iídiche....

Pena que os professores romenos enfrentem essas almas estudantis!
Involuntariamente, ele se lembra da galinha que chocou os ovos de pato. Olhe para ela, parada, cacarejando, assustada, na beira do lago, enquanto chama desesperadamente seus patinhos, seus filhotes de outra espécie que pularam na água, deslizando para o outro lado onde ela não pode segui-los. Que escola de nacionalismo você pode ensinar a esse público? Você pode falar se sente em si mesmo a chama do patriotismo, das aspirações e ideais romenos? Você consegue abrir a boca? Suas mandíbulas travam, suas palavras congelam em seus lábios.

O grande Kogalniceanu, diante de bancos tão cheios de estudantes estrangeiros... poderia ele ter proferido seu famoso discurso apresentando a história dos romenos que proferiu neste mesmo lugar, onde hoje o Liceu 'Nacional' Romeno se tornou um Liceu 'Nacional' Judeu um?

Ele teria perdido a inspiração que deriva sua força da simpatia de olhos brilhantes cheios de compreensão e fé.

1. Gavanescul, Imperativul momentului istoric, ("O Imperativo do Momento Histórico") p.67.

E mais:

Machine Translated by Google

“E para nos limitarmos a apenas um aspecto da vida nacional, onde alguém já viu na Inglaterra, França, Itália uma escola de qualquer nível, onde o número preponderante de alunos pertence a um povo diferente dos povos que constituem a população indígena de país e que fundou o Estado Nacional em questão? "Poderíamos imaginar, por exemplo, que em alguma faculdade de direito em alguma universidade inglesa poderia haver 547 judeus contra 234 britânicos, a mesma proporção de judeus para romenos na Faculdade de Direito de Cernauti em 1920 ? “Ou que, numa escola de filosofia na Itália, poderia haver 574 judeus contra 174 italianos, a mesma proporção de judeus para romenos em Cernauti?

"Essas proporções são normais? Não são monstruosidades inadmissíveis e inconcebíveis da biologia étnica? Não são uma indicação de inconsciência criminosa por parte da classe dominante responsável do povo
romeno?" (I. Gavanescul, op.cii,)

O PROBLEMA DA CLASSE LÍDER ROMANA

Mas quem são os alunos e estudantes de hoje? Os estudantes de hoje são os professores, os médicos, os engenheiros, os advogados, os prefeitos, os deputados, os ministros de amanhã, numa palavra, os futuros líderes do povo em todos os campos de atividade. Se os estudantes atuais são 50, 60, 70% judeus, amanhã teremos logicamente 50, 60, 70% de líderes judeus para este povo romeno. Ainda pode ser questionado se uma nação tem o direito de limitar o número de estudantes estrangeiros nas suas universidades.
Veja como essa pergunta é respondida na Universidade de Harvard. Boletim de Morris Gray, um mentiroso graduado (1906) depois de estudar o problema judaico lá - conforme citado pelo Professor Cuza em "Numerus Clausus" p. 11. Morris Gray começou por formular o problema em princípio, perguntando: "Primeiro, qual é a função de uma universidade? Quais são as suas funções?

“Se o seu dever é para com o indivíduo, o ingresso na universidade deve basear-se, franca e manifestamente, no princípio democrático: todo candidato deve ser admitido desde que passe no vestibular e pague a primeira mensalidade, e isso sem qualquer investigação séria sobre a personalidade do candidato ou possibilidades latentes de progresso, habilidade ou utilidade para si mesmo ou para outros.

Mas se o dever da universidade é um dever para com a nação, a sua atitude relativamente à admissão de estudantes deve naturalmente basear-se num princípio diferente.

Na minha opinião, o dever de uma universidade é formar homens nos vários domínios do pensamento humano, de tal forma que pelo menos alguns deles possam tornar-se líderes nos seus respectivos campos, e assim servir a nação.

Este é um princípio bem estabelecido , acrescenta o professor Cuza:

“O dever das universidades é para com a sua nação, para a qual devem preparar líderes em todas as áreas e estes devem ser necessariamente etnicamente nativos”. Pois é intolerável para uma nação educar líderes estrangeiros nas suas universidades. "

Dos números anteriores pode-se deduzir o grave problema da classe dominante romena de amanhã.
Uma verdade bem estabelecida permanece: a Roménia deveria ser liderada por romenos. Alguém afirma que a Roménia deveria ser liderada por judeus? se não então
um
devo admitir que o jovem estudante romeno tem razão e que todas as campanhas, todos os erros, todas as infâmias, todas as provocações, todas as conspirações, todas as injustiças que estão e serão acumuladas

Machine Translated by Google

este jovem romeno, encontram a sua justificação na guerra travada pelos judeus para o extermínio dos romenos e dos seus melhores combatentes.

O PROBLEMA DA CULTURA NACIONAL

Um povo, considerando este o mais grave de todos os problemas, é como uma árvore preocupada com o problema dos seus frutos. Quando se vê oprimido pelas lagartas, não consegue mais cumprir a sua missão neste mundo, não consegue dar frutos; então ela teria que enfrentar o problema mais triste, maior ainda que o problema da própria vida, pois, vendo destruído o seu propósito de vida, seria mais doloroso para ela se ele morresse. As maiores dores são as dos esforços inúteis, porque são as dores resultantes da assustadora consciência da futilidade da vida.

Não é assustador que nós, o povo romeno, já não possamos dar frutos? Que não temos uma cultura romena própria, do nosso povo, do nosso sangue, para brilhar no mundo lado a lado com a dos outros povos? Que hoje estamos condenados a nos apresentar ao mundo com produtos de essência judaica? Que hoje, neste momento, em que o mundo espera que o povo romeno apareça para mostrar o fruto do nosso sangue e do nosso génio nacional, nos apresentemos com uma

infecção da caricatura cultural judaica?

Olhamos para este problema com muita angústia e não haverá romeno que, vendo toda a sua história em perigo, não pegue nas armas para se defender. Reproduzo aqui de “O Imperativo do Momento Histórico”, do Professor I. Gavanescul, estes versos imortais:

“A principal preocupação do povo romeno, tão importante para o seu ser como a sua preservação física, é a sua afirmação no âmbito do ideal de vida da humanidade - a criação de uma cultura de carácter especificamente romeno. É impossível que uma cultura romena evolua de uma escola ou de uma organização económica ou política de carácter estranho. "

“Uma instituição, em função da vida nacional, só tem carácter romeno quando o factor humano que a originou é romeno.”

Diante desta triste situação, diante do grande número de invasores que nos esmagam, O professor Gavanescul, ao colocar a questão de uma escola e de uma cultura nacionais, pergunta-se cheio de ansiedade:

“Onde as almas romenas podem procurar refúgio? Onde poderão escapar à impressão dolorosa e obsessiva de estarem exilados no seu próprio país?” Exceto a igreja, onde entram para recolher o pensamento em silêncio, sob a proteção da cruz salvadora, o seu único refúgio é a escola.

A escola é o ninho ideal onde o génio nacional reúne a sua descendência para alimentá-los, criá-los, ensiná-los a voar, mostrar-lhes o caminho para as alturas que só este génio nacional conhece e só deve alcançar. “A escola é o lugar de refúgio onde as cordas do coração da nação e os órgãos espirituais das pessoas estão sintonizados para cantar uma nova sinfonia ainda inédita no mundo, a primeira sinfonia dos seus talentos naturais predestinados por Deus exclusivamente ao seu ser.

A escola é o santuário onde se desenrola o grande mistério da vida de um povo, onde a alma étnica destila a sua essência imortal em gotas de luz para que possa ser moldada na forma ideal que lhe é exclusivamente predeterminada pelo pensamento criativo de o mundo.

Os instrumentos melódicos de outras almas étnicas não podem participar harmoniosamente na sinfonia da nossa cultura. Em virtude da sua composição, só sabem curvar-se para soar a nota do seu povo.

Que tipo de sinfonia romena eles poderiam produzir?

Machine Translated by Google

A essência do génio nacional de outras almas étnicas não pode cristalizar-se numa forma diferente daquela que lhes foi determinada pelo criador dos povos. Como pode uma imagem romena ser produzida a partir da essência nacional judaica, magiar ou alemã? "

(1. Gavanescul, “O Imperativo do Momento Histórico”, pp. 64-8).

Não só os judeus serão incapazes de criar a cultura romena, mas também falsificarão a que temos e servirão-na envenenada. Sendo assim macerada a escola romena, somos colocados na posição de renunciar à nossa missão como povo, de renunciar à criação de uma cultura romena e de morrer com o veneno judaico.

O RETORNO À ROMÉNIA

Ao contrário dos nossos colegas de outras universidades, nós, estudantes iasianos, sabíamos tudo isto pelas palestras do Professor Cuza, pelos escritos dos Professores Paulescu e Gavanescul, pelos nossos estudos e pesquisas realizados na Associação dos Estudantes de Direito e pelo que vimos. com nossos próprios olhos e sentidos com nossas próprias almas. Surgiu para nós um problema de grande consciência. Cada dia nos trazia evidências adicionais. Reconhecemos a perfídia da imprensa judaica, vimos a sua má-fé em todas as circunstâncias, vimos os seus incitamentos por trás de tudo o que é anti-romeno; vimos o trabalho de lisonja e elogio de figuras políticas, funcionários, autoridades, escritores, sacerdotes cristãos, que se curvaram para atender aos interesses judaicos; vimos o ridículo lançado sobre aqueles que

adoptou uma atitude correcta e digna da Roménia, ou daqueles que ousaram denunciar o perigo judaico; vimos a indecência com que éramos tratados na nossa terra, como se aqui tivessem sido senhores durante milhares de anos;

assistimos com crescente indignação à ousada intrusão destes visitantes indesejados nos problemas mais íntimos da vida romena: religião, cultura, arte, política, enquanto procuravam traçar linhas ao longo das quais o destino do povo romeno deveria mover-se.

Por mais jovem que eu fosse, quase uma criança, fiquei muito tempo preocupado com esses pensamentos enquanto procurava uma solução.

Os elementos que mais me impressionaram, que determinaram então a minha luta e que me confortaram e fortaleceram nos momentos de sofrimento, foram: 1.

Consciência do perigo mortal em que se encontrava o nosso povo e o seu futuro.

2. Meu amor pela terra e dor por cada lugar sagrado e glorioso, hoje ridicularizado e profanado pelos judeus.

3. Pena pelas cinzas daqueles que se apaixonaram pelo seu país.

4. O sentimento de revolta contra as ofensas, bem como o ridículo e o atropelamento por parte deste estranho inimigo da nossa dignidade como seres humanos e como romenos.

Portanto, quando no dia 10 de dezembro de 1922 ouvi a grande notícia: a explosão vulcânica do movimento estudantil, decidi voltar para casa para também poder lutar lado a lado com meus companheiros. Pouco tempo depois, o trem me levava para casa. De Cracóvia enviei um telegrama aos estudantes Cernauti que me esperavam na estação. Fiquei lá por dois dias. A universidade foi fechada. Os estudantes que o protegiam pareciam soldados servindo o seu país, com o

Machine Translated by Google

alma iluminada por Deus. Nenhum traço de interesse próprio obscureceu sua bela e santa ação. A causa pela qual eles se uniram e lutaram como um só foi muito além deles mesmos e de suas constantes dificuldades e necessidades.

Em Cemauti, os principais combatentes foram: Tudose Popescu, filho do velho padre de Marcesti, condado de Dambovita, estudante do terceiro ano de Teologia; depois Danileanu, Pavelescu, Carsteanu, etc. Perguntei sobre o plano de batalha. Decidiu-se declarar greve geral até a vitória, ou seja, até que o governo resolvesse satisfatoriamente os pontos levantados na moção de 10 de dezembro, a partir do “numerus clausus”. Para mim, esse plano parecia errado.

Na minha cabeça começou a formar-se outra: a) O movimento estudantil deve atingir todo o povo romeno. Limitado agora às universidades, deveria ser alargado a um movimento nacional romeno, porque, por um lado, o problema judaico não se limita às universidades, mas envolve toda a nação romena, e por outro lado, as universidades por si só não podem resolvê-lo. b) Este movimento nacional deve ser incorporado numa organização sob um comando único. c) O objectivo desta organização deverá ser lutar para levar ao poder o movimento nacional, o que resolverá tanto o “numerus clausus” como todos os outros problemas, pois nenhuma outra regra de partidos políticos fora deste movimento resolverá o problema nacional. d) Com estes pontos em mente, os estudantes deveriam organizar uma grande assembleia nacional de romenos de todas as esferas da vida, que marcaria então o início da nova organização. c) Para a implementação desta assembleia, cada universidade deverá disponibilizar tantas bandeiras quanto condados de cada província, sendo o pano de cada um dado por uma delegação de estudantes a um nacionalista conhecido que a delegação consideraria a pessoa mais qualificada para a tarefa de reunir em torno de si um grupo de líderes de cidades e países. Depois, ao receber o telegrama anunciando a data e o local do comício com uma semana de antecedência, partiria para aquele local com a bandeira e todos os seus homens.

f) Para que o governo não tente impedir a manifestação, todos os preparativos devem ser feitos de forma discreta, mantendo-se a data desconhecida até ao último minuto.

Descrevi esse plano para cerca de 50 lutadores em um dos dormitórios. Eles consideraram isso bom. Então juntamos todo o nosso dinheiro, compramos o tecido necessário e imediatamente os estudantes começaram a fazer bandeiras para os municípios de Bucovina.

NA IASI

Em Iasi, conheci todos os meus ex-companheiros. Eu expus meu plano para eles também. Também aqui as bandeiras foram feitas no primeiro dia, por estudantes, para todos os condados da Moldávia e da Bessarábia.

Não consegui encontrar o professor Cuza. Ele tinha partido para Bucareste com o professor Sumuleanu e o meu pai para participar numa reunião na capital.

EM BUCARESTE

No dia seguinte parti para Bucareste. Aqui fui ver os professores Cuza e Sumuleanu e meu pai, que há mais de um quarto de século lutam juntos contra a ameaça judaica, sendo esmagados pelo ridículo, pelos golpes e até pelas feridas, e que hoje experimentam a grande satisfação de ver todos os jovens do país, com mais de 30.000 pessoas, levantando bandeiras de batalha pela fé que serviram durante toda a vida.

Machine Translated by Google

Mas em Bucareste os meus pensamentos não foram recebidos com o mesmo entusiasmo. Primeiro, porque encontrei certa oposição do professor Cuza. Apresentando o meu plano, propondo a criação de um movimento nacional, liderado por ele como chefe, no comício que se realizaria, ele não considerou o meu plano bom porque, disse ele. “Não precisamos nos organizar, nosso movimento é baseado em uma formidável corrente de massas”.

Insisti, comparando um movimento de massa a um poço de petróleo, que, desconectado de um oleoduto, não dá em nada mesmo quando jorra, porque o petróleo transborda. Saí, porém, sem sucesso, mas no dia seguinte o professor Sumuleanu e meu pai o convenceram.

Mas logo fui confrontado com uma dificuldade que não esperava. Foi por volta do início de fevereiro. O grande número de estudantes estava cheio de entusiasmo; Embora todos os refeitórios estivessem fechados e os portões de todos os dormitórios fechados contra nós, sendo deixados do lado de fora para morrer de fome em pleno inverno, os estudantes estavam entusiasmados, admiravelmente protegidos pelos romenos da capital, que no dia seguinte abriram as portas portas de suas casas, abrigando e alimentando mais de 8.000 estudantes em dificuldades.

Houve, neste gesto, aprovação, vontade de lutar, solidariedade, conforto para os feridos.
Mas não tive contato com essa massa. Eu não conhecia ninguém lá. Através da estudante Fanica Anastasescu, que era gerente da revista Apararea Nationala (“A Defesa Nacional”), conheci alguns deles. Tive a impressão de que os dirigentes do movimento estudantil de Bucareste não estavam suficientemente orientados, porque embora elementos da elite dotados de qualidades intelectuais distintas, facto verificado pelas funções que posteriormente ocuparam na sociedade, inesperadamente se encontraram à frente de uma movimento que para então eles não tinham pensado. Na verdade, como eram muitos, cada um tinha uma opinião diferente. Entre os valiosos elementos de liderança, na linha de frente estão: Cretu, Danulescu, Simionescu, Rapeanu, Roventa e outros. A massa era belicosa, mas alguns líderes acharam melhor acalmar o ânimo. Por outro lado, tanto a sua insuficiente familiaridade com a questão judaica e

o contacto inadequado com os políticos levou pelo menos alguns deles a tentar, em certa medida, reposicionar o movimento num plano material, algo que a meu ver era inadmissível.
Pois isso teria sido como se alguém tivesse dito: 1. Lutamos para recuperar o nosso país dos judeus.

2. Lutamos pelo pão branco em nossas mesas.
3. Brigamos por refeições de dois pratos.
4. Lutamos por uma cama mais confortável.
5. Lutamos por equipamentos em nossos laboratórios, por instrumentos de dissecação, etc.
6. Lutamos por mais dormitórios; para que no final as autoridades nos dissessem em voz alta: "As reivindicações dos estudantes foram satisfeitas; o governo reconheceu o estado lamentável dos estudantes, a sua grande miséria, etc. Dos seis pontos exigidos, cinco foram permitidos: dissecar instrumentos, laboratório, dois pães brancos por dia, dois pratos , três estudantes "

dormitórios com camas confortáveis, etc.
Quanto ao primeiro ponto: salvar o país dos bandos judaicos, nada seria dito, sob o pretexto de que o governo atribuía cinco pontos em seis. Desde o início do movimento estudantil, toda a imprensa judaica procurou deslocá-lo para este plano material: que o objectivo do movimento fosse “um pedaço de pão”.

Assim, o verdadeiro alvo – o judeu – escaparia despercebido. Na verdade, se um. problemas, relendo os jornais, observa-se que os políticos romenos também colocam o problema em termos semelhantes. os estudantes deveriam receber dormitórios, melhor alimentação, etc. Como eu disse, parte da liderança estudantil em Bucareste estava inclinada a esta propensão. Se os alunos tivessem feito este curso, teriam se distraído de sua verdadeira missão. Minha opinião sempre foi contra

Machine Translated by Google

deste ponto de vista - contra qualquer intrusão de ordem material na formulação das reivindicações dos estudantes.

Pois, eu estava dizendo, como também digo hoje, não foram as necessidades imediatas ou os desejos materiais que motivaram os alunos. deste grande movimento, mas pelo contrário foi o abandono da preocupação com estas coisas, dos interesses egoístas, dos sofrimentos próprios ou familiares: foi o esquecimento de todas estas coisas por parte dos estudantes romenos, a identificação de todo o seu estar com as preocupações, necessidades e aspirações do seu povo. Foi esse altruísmo e somente isso que acendeu a luz sagrada em seus olhos.

O movimento estudantil não foi de reivindicações materiais. Ela se elevou acima das necessidades de uma geração, entrelaçando-se com as aspirações mais elevadas da nação. Por outro lado, aqui em Bucareste, prevaleceu a ideia de que o movimento estudantil deveria permanecer dentro dos limites da universidade, permanecer um movimento académico e não tornar-se um movimento de natureza política. Mas esta opinião era totalmente incorrecta, pois coincidia com o desígnio dos judeus e dos partidos políticos que tinham o maior interesse em restringir este movimento ardente à universidade para que ali, de uma forma ou de outra, fosse extinto.

Nossa opinião não era que havíamos formado um movimento para agitar, mas para obter a vitória. Sendo as nossas forças estudantis insuficientes para isso, precisávamos de nos unir a todos os romenos.

Além disso, os líderes de Bucareste opuseram-se à proclamação do Professor Cuza como presidente de uma eventual organização, alegando que ele não era adequado para uma liderança tão activa. Insisti que deveríamos apoiá-lo, tal como ele é.
Finalmente, aqueles em Bucareste tinham grandes reservas em relação a mim. Isso me doeu, pois eu estava chegando até eles com o que há de mais puro e santo em seu coração, com um desejo ardente de cooperar da melhor maneira possível para o nosso país. Talvez, não me conhecendo, tivessem justificativa para ter reservas.

Por estas razões, encontrei oposição em Bucareste. Então comecei a trabalhar fora de serviço e só fizemos 3 ou 4 bandeiras.

NO CLUJ

Parti para Cluj junto com Alexandru Ghica, um dos três filhos da Sra. Constanta Ghica, de Iasi, que eram bisnetos do governante que durante a campanha estudantil agiram de forma admirável.

A presidente do centro estudantil de Cluj era Alexa, uma pessoa moderada e boa. Fle me recebeu com os mesmos argumentos tanto em relação à orientação estudantil quanto à proclamação do professor Cuza como presidente do novo movimento. A massa estudantil estava firme e cheia de entusiasmo. Foi então que conheci Mota, um jovem ágil e talentoso. Ele tinha as mesmas opiniões de Alexa. Tentei convencê-lo, mas sem sucesso. Eu passei por momentos difíceis. Eu não conhecia ninguém. Mesmo assim, encontrei alguns estudantes do meu lado: Corneliu Georgescu, estudante de Farmácia; Isac Mocanu das Letras; Crasmaru, em Medicina; justin liesu, etc.

Fizemos apenas uma bandeira, por isso na casa do Capitão Siancu, que desde o primeiro momento concordou com muito entusiasmo com o nosso plano de ação, prestamos juramento a esta bandeira,

Machine Translated by Google

A ASSEMBLÉIA DA IASI, 4 DE MARÇO DE 1923. A FUNDAÇÃO DA A LIGA NACIONAL DE DEFESA

Depois de regressar a Iasi, tinha diante de mim dois caminhos de actividade paralela: 1. Lançar as bases para o comício para o qual as bandeiras foram feitas em todas as universidades.

2. Continuar o movimento estudantil e manter a greve geral.

Em relação ao primeiro ponto, a maior dificuldade não foi a falta de homens, nem a falta de organização, nem as medidas governamentais. Desta vez, o maior obstáculo veio do próprio professor Cuza, que, embora não desaprovasse, faltou entusiasmo.

O professor Cuza não estava suficientemente convencido da necessidade de se organizar e não acreditava na possibilidade de sucesso do rali projetado.
Quanto ao segundo ponto, enfrentei sérias dificuldades com os líderes dos centros de Bucareste e Cluj, dificuldades que impediram um acordo sobre um ponto de vista único para um plano de batalha em torno do qual se concretizaria a unidade perfeita deste novo mundo, levantando com todas as suas forças unidas, desafiando o inimigo e todos os nossos erros do passado.

Nem a liderança nem o corpo destes centros estudantis: a) conheciam o problema judaico, particularmente não conheciam o judeu; eles não conheciam o poder judaico, a sua forma de pensar e agir. Eles começaram a travar a guerra sem conhecer o adversário. b) Acreditavam que o então governo liberal, ou eventualmente o sucessor, ao qual prometemos o nosso apoio, iria satisfazer as nossas exigências. Nessa base, preferiram envolver-se na diplomacia, acreditando que acabariam por convencer os políticos da justiça da nossa causa. Acredito que não há nada mais angustiante do que discutir um problema com homens que nem sequer conhecem os seus aspectos mais elementares. Em relação a esta situação, tomei as seguintes medidas:

1. Que vários bons delegados do centro de Iasi participem regularmente nas reuniões do comité central em Bucareste (As reuniões deste comité realizavam-se regularmente duas e três vezes por semana. Começavam às 21 horas e duravam 3, 4, 5 e até 7 horas da manhã, em discussões contraditórias. Para muitos dos participantes, as únicas lembranças do movimento estudantil eram desses encontros com seus encontros retóricos dentro do comitê).

2. Que em Bucareste e Cluj seja formado um grupo dos melhores lutadores do corpo discente para trabalhar independentemente das diretrizes de seus respectivos centros.

Em Cluj e Bucareste estes grupos formaram-se muito rapidamente; em Bucareste, estiveram presentes na comissão, onde a liderança encontrou forte oposição em todas as reuniões. Em Bucareste,

Ibraileanu, o delegado de Iasi, foi de grande ajuda. Da mesma forma, a atitude firme de Simionescu, o líder dos estudantes de medicina, manteve o verdadeiro espírito do corpo discente.

Quanto aos preparativos da assembleia, segundo notícias recebidas de Iasi, as perspectivas eram as seguintes: Em apenas duas semanas, mais de 40 bandeiras foram emitidas em 40 condados, para pessoas de confiança. Era natural que, depois de dois meses de movimento estudantil, de greve geral em todas as universidades, a alma dos romenos fervilhasse e eles estivessem prontos para aparecer em todo o lado, apenas à espera da palavra. As bandeiras e as notícias da manifestação chegaram a tempo.

O professor Cuza queria marcar a data do comício para maio, para que mais gente participasse.
Opinei que o rali deveria ser realizado o mais rápido possível pelos seguintes motivos:

1. Todas as pessoas, de pé, reunidas em torno do movimento estudantil, esperavam ouvir uma ordem de algum lugar, formar uma unidade, saber que havia um plano que poderiam seguir.

Machine Translated by Google

2. Eu temia que os judeus e a Maçonaria, ao saberem da situação, pudessem iniciar uma pseudo

organização nacionalista para explorar o povo e assim desviar o movimento para um beco sem saída.

Em qualquer caso, isto teria criado tal confusão nas mentes dos romenos que não deveria ser contemplado.
3. Senti que era necessário apoiar a linha da frente do movimento estudantil, porque fazer a guerra não é fácil, com golpes vindos de todas as direções: governo, autoridades locais, pais, professores; com pobreza, fome, frio. Uma mobilização das massas romenas em sua defesa, enviando-lhes uma palavra de encorajamento, revigoraria toda a frente deste movimento.

4. Por fim, porque milhares de alunos ficaram inativos, sem saber o que fazer; eles demonstraram uma, duas vezes; eles realizaram uma ou duas reuniões. Mas dois meses se passaram.
Esses jovens precisavam ter algo para fazer. Assim que a nova organização nascesse, toda a multidão que não conseguisse pensar no que fazer a seguir teria um amplo campo de atividades.

Eles poderiam começar a trabalhar no dia seguinte, indo às aldeias para se organizarem e conquistá-los para a nova fé.

4 DE MARÇO DE 1923

O professor Cuza decidiu que o comício seria realizado no domingo, 4 de março de 1923; o lugar, Iasi.

Ele me convidou para jantar. Aí surgiu a questão de que nome deveria ser dado à nova organização. O capitão Lefter disse: O Partido da Defesa Nacional, como na França. Achei apropriado. O Professor Cuza acrescentou: “Não é um partido, mas uma liga – 'A Liga Cristã de Defesa Nacional'. E assim foi chamado.
Então enviei telegramas para Cemauti, Bucareste e Cluj, contendo a mesma mensagem: “Casamento em Iasi no dia 4 de março”. Depois me ocupei em organizar os mínimos detalhes da preparação para o rali. foi determinado pelo Professor Cuza em acordo com o Professor Sumuleanu e meu pai: na Catedral - oração; na Universidade - homenagem a Simion Bamutiu e Gh. Marzescu; no Salão Bejan – reunião pública.

Cartazes foram impressos anunciando a grande assembleia nacional. A notícia de uma grande assembleia romena em Iasi, com o objectivo de fundar uma organização combativa, espalhou-se como um raio entre os estudantes das quatro universidades e depois entre os romenos em geral.

Na noite de março começaram a chegar os 3 trens lotados, liderados por lideranças que traziam os panos para as bandeiras. Pela manhã chegaram 42 grupos com 42 bandeiras. O pano dessas bandeiras era preto – um sinal de luto; no centro uma mancha branca e redonda, significando as nossas esperanças rodeadas pelas trevas que terão de vencer; no centro do branco, uma suástica, símbolo da luta antissemita em todo o mundo; e ao redor da bandeira, uma faixa da tricolor romena – vermelha, amarela e azul. O professor Cuza aprovou em Bucareste o formato destas bandeiras. Agora os fixamos em postes, embrulhamos em jornais e partimos todos para a Catedral, onde o serviço religioso foi realizado diante de uma multidão de mais de 10 mil pessoas.

Todas as 42 bandeiras, quando deveriam ser abençoadas, foram desfraldadas em frente ao altar. Uma vez abençoados, seriam levados por todo o país, cada um com uma verdadeira fortaleza de almas romenas reunidas ao seu redor. Estas bandeiras, enviadas a cada concelho, seriam coagulantes para reunir todos aqueles com pensamentos e sentimentos semelhantes. Com a sua bênção solene, o seu simbolismo impressionante e a sua localização em cada município, estava a ser resolvido um grande problema de orientação organizativa e popular.

Da Catedral, milhares de pessoas, bandeiras desfraldadas, formaram uma procissão pela Union Square, Lapusneanu e Carol Sts., em direção à Universidade. Ali, em um

Machine Translated by Google

Num gesto de homenagem e veneração, foram depositadas coroas de flores para Mihail Kogalniceanu, Simion Barnutiu e Gheorghe Marzescu, este último defensor do artigo 7.º da Constituição de 1879 e, ironicamente, pai do ministro liberal George Marzescu, defensor dos judeus.

Ali, no anfiteatro da Universidade, foi assinado o documento fundador da “Liga de Defesa Nacional Cristã”.

Naquela tarde, a reunião aconteceu no Bejan Hall, presidida pelo General Ion Tarnoschi.
Muitos

pessoas que não podiam ser acomodadas no corredor estavam na rua. O Professor Cuza foi proclamado presidente da Liga Cristã de Defesa Nacional com grande entusiasmo. Os palestrantes foram: Professor Cuza, Professor Sumuleanu, General Tarnoschi, meu pai, cada delegado municipal e os dos centros universitários: Tudose Popescu, Prelipceanu, Alex.
Ventonic, Donca Manea, Novitchi, Sofron Robota. Entre estes, eu. Ao final, após a leitura da moção, o professor Cuza, ao final, me confiou uma missão, dizendo: “Eu cuido da organização do jovem advogado do LANC CZ Codreanu”.

*

para todo o país sob a minha liderança direta, o

Em seguida, ele nomeou os líderes do condado. O rali terminou em perfeita ordem e com grande entusiasmo.

Machine Translated by Google

*
A abreviatura romena para "Liga de Defesa Nacional Cristã" (Tr.)

OUTRAS ORGANIZAÇÕES ANTISSEMITAS E NACIONALISTAS

Pequenas organizações anti-semitas de carácter económico e político existiam ainda antes de 1900, bem como depois. Estes foram esforços débeis de pessoas com visão e amor ao país para se oporem à sempre crescente invasão judaica. Mas a organização anti-semita mais séria foi o "Partido Nacionalista-Democrata", fundado em 23 de abril de 1910 sob a liderança dos professores N. Iorga e AC Cuza. Esse partido tinha todo um programa administrativo. Seu artigo nº 45 deu a solução para o problema judaico:

"A solução para o problema judaico deve ser alcançada através da eliminação dos judeus, do desenvolvimento do poder produtivo dos romenos e da proteção das suas empresas."

Depois de enumerar estes pontos, leia esta declaração solene:

“Manteremos, divulgaremos e defenderemos este programa com toda a nossa firmeza e força, considerando este o nosso primeiro dever de honra”.
AC Ciiza N. Idrga

Esta organização reuniu todos os lutadores veteranos desde 1900. Entre os proeminentes, contavam-se: Professor Sumuleanu, Professor Ion Zelea-Codreanu, Butureanu em Dorohoi, Toni em Galati, CN Ifrim e mais tarde Stefan Petrovici, CC Coroiu e outros.

Em 1914, todos lideraram o movimento que exigia que a Roménia entrasse na guerra pela libertação da Transilvânia; e em 1916 a maioria deles estava na linha de frente, cumprindo seu dever de maneira brilhante. Desde 1910-11, os municípios de Dorohoi, sob a liderança do Advogado Butureanu; Iasi, sob o comando do Professor Cuza; e Suceava, sob a direção do meu pai, tornou-se um reduto do renascimento
romena .

Em 1912, a corrente nestes condados era tão poderosa que nas eleições o governo não poderia evitar uma derrota sólida sem o uso do terror. Naquela ocasião, meu pai ficou gravemente ferido.

Imediatamente após a guerra, quando os camponeses regressaram da frente, desejando resolutamente uma nova vida, as primeiras eleições trouxeram o Professor Cuza para Iasi e o meu pai para Suceava, para o Parlamento. Lá eles travaram uma feroz luta parlamentar aplaudida em todo o país. A luta foi travada contra a paz que os alemães, cujos exércitos invadiram o nosso país, queriam nos impor.

O eco destes confrontos verdadeiramente notáveis reuniu as esperanças do país em torno do Partido Nacionalista-Democrata, de modo que nas eleições que se seguiram foram registadas vitórias verdadeiramente formidáveis. Em Suceava a vitória foi incomparável. Das sete cadeiras de deputado, o governo ficou com uma, os demais grupos nenhuma e a lista do meu pai seis. Em Dorohoi e Iasi, quase a mesma coisa. Os trens levaram 34 deputados nacionalistas para Bucareste. Mas, infelizmente para o povo romeno, todas estas tropas vindas de todos os cantos do país terminaram numa grande derrota.

Atingiu como um relâmpago as cabeças dos romenos. As forças judaico-maçónicas conseguiram dividir os dois chefes do partido, o professor Nicolae Lorga de AC Cuza. Nicolae Lorga não se opôs ao tratado que nos impõe a “cláusula da minoria”, declarando-se disposto a assiná-lo. O Professor Cuza, na barricada oposta, salienta que esta infame "cláusula minoritária" representa uma

Machine Translated by Google

desafio a todo o sangue derramado pelos romenos, uma intromissão inaceitável nos nossos assuntos nacionais e o início do infortúnio para nós. Com efeito, a imposição foi colocada sobre nós, para garantir os direitos políticos aos judeus em massa.

Durante algum tempo, N. Iorga não foi anti-semita. estava claro que a ruptura era irreparável. E esta infeliz nação romena ficou novamente com o coração partido pelas suas esperanças de salvação.

A maioria dos membros do partido e parlamentares apoiaram o Professor Nicolac Lorga, acreditando que a posição do Professor Cuza os afastava ainda mais de qualquer possibilidade de ganhar o poder. Com o professor Cuza só sobraram o professor Sumuleanu e meu pai.

"A FÁSCIA NACIONAL ROMENA" E "A AÇÃO ROMANA"

Em 1923, durante o movimento estudantil e sob o impulso da onda de nacionalismo, "A Fáscia Nacional Romena" surgiu sob a liderança de Vifor, Lunguiescu, Bagiescu, e em Cluj, "A Ação Romena" liderada pelos professores Catuneanu, Ciortea, Iuliu Hategan, advogado Em. Vasiliu-Cluj e um grupo de estudantes liderados por Mota.

O primeiro publicou o bem escrito e espirituoso semanário "Fascismo". Mas eles não sabiam do problema judaico. Estes últimos publicaram bimestralmente "Romanian Action" e depois "Romanian Brotherbood", também muito bem escritos, mas limitaram-se apenas a publicar. Eles não puderam iniciar nenhuma ação ou criar uma organização sólida.

Nesse período, o aluno Mota traduziu do francês "Os Protocolos", que foram comentados pelo Professor Catuncanu e Em. Vasiliu-Cluj, então publicado em forma de livreto, também naquela época em. Vasiliu-Cluj publicou o seu trabalho "A Situação Demográfica da Roménia", no qual mostrou estatisticamente o terrível estado das cidades romenas.

Estas duas organizações não tinham poder de ação, organização ou competência doutrinária como a da "Liga de Defesa Nacional Cristã", que durou apenas até 1925, quando se fundiram com esta última.

Após a fundação da "Liga Nacional de Defesa Cristã", a minha actividade continuaria em duas linhas: a do movimento estudantil como uma unidade separada organizada por centros, tendo como objectivo imediato as suas próprias batalhas nas quais esteve envolvido durante três meses, e o do LANC onde assumi a função de organizador do Professor Cuza.
Do lado do aluno, devo me esforçar para:

a) Manter a postura de greve geral que envolvia a honra dos estudantes, trabalho bastante difícil considerando os ataques, golpes, pressões, iscas que passavam por cima da cabeça dos estudantes por toda parte. Além disso, havia estudantes derrotistas, apoiadores de crentes derrotados, que precisavam ser controlados.

b) Utilizar sistematicamente os elementos estudantis disponíveis para recrutar todas as massas romenas, organizando-as num único exército. LANC

Do lado do LANC, tínhamos líderes e bandeiras em cerca de 40 condados. Nós precisamos:

a) A conclusão das bandeiras dos restantes concelhos. b) Contacto o mais próximo possível com os respetivos líderes, c) O estabelecimento imediato de diretrizes precisas no contexto organizacional, até agora. inexistente, mas solicitado por chefes de condado que não conheciam medicina. tarde ,, Em

curto: defensiva nas linhas estudantis; ofensiva nas linhas LANC.

Machine Translated by Google

A grande massa de estudantes agiu, guiada pelo seu instinto saudável para a nossa raça e pelo espírito dos mortos. seguiu seu caminho glorioso superando muitas dificuldades.

Com a Liga os problemas foram um pouco mais graves. Os chefes de condado pediram esclarecimentos e orientações para a organização. As pessoas que foram movidas por esta corrente tiveram que ser fortalecidas na sua fé, doutrinadas, plenamente informadas sobre a organização e os objetivos que deveriam alcançar na sua luta.

Eles tiveram que aprender a disciplina e a confiança de seus superiores. Não estávamos então a dar à luz um movimento, mas já tínhamos um movimento completo que precisava de ser organizado, disciplinado, doutrinado e liderado para a batalha.

Quando fui até o professor Cuza com as cartas e ordens recebidas, ele ficou desarmado por elas, por

eles o apresentaram a um estranho mundo novo. Brilhando como um sol e incontestado nas alturas do mundo teórico, quando foi trazido à terra no campo de batalha, ele ficou impotente. “Não precisamos de regulamentações.
Deixe-os se organizarem."
Ou:

“Não estamos no quartel para precisar de disciplina” – disse-nos muitas vezes. Então comecei a escrever um estatuto, até o último detalhe. Mas percebendo que era um trabalho difícil para a minha idade, levei-o ao meu pai e, trabalhando nele durante vários dias, efetuei as modificações necessárias na forma e no conteúdo. O sistema de organização era simples, mas diferente daquele dos partidos políticos até então. A diferença é que, além da própria organização política, baseada em comitês e membros das aldeias distritais, formei separadamente um corpo de jovens organizado por dezenas e centenas. Nossas organizações políticas até então não tinham nada parecido com isso. Mais tarde, eles também os adotaram na forma de Juventude do Partido Liberal, Juventude do Partido Nacional Camponês, etc. Ele não queria ouvir falar de tal coisa. Seguiu-se então uma discussão embaraçosa, durante várias horas, entre o professor Cuza e meu pai, que literalmente me congelou. Suspeitando que isso possivelmente levaria a um conflito infeliz, lamento ser a causa deste tópico. Meu pai, um homem violento e rude, pegou o estatuto e foi até a gráfica publicá-lo sem a aprovação do professor Cuza.

Mas este último, com mais tato e calma, por mais inflexível que fosse em certos assuntos, era igualmente maleável em casos como este, e sabia como amenizar as coisas.
Ele ligou de volta para meu pai, dizendo-lhe:

"Ok, vamos imprimir, mas me dê uma chance de dar uma olhada." Ele corrigiu, reorganizou, acrescentou uma seção doutrinária de apelos, manifestos, e depois enviou à imprensa. Este se tornou então o "Guia do Bom Romeno" e mais tarde o do LANC, o livro fundamental da Liga até 1935. Fiquei convencido de que algo bom e absolutamente necessário para a organização havia realmente sido realizado, mas em meu coração disse a mim mesmo: "As coisas vão ficar difíceis se precisarmos de tanta discussão para essas questões elementares. Em uma organização, nem a falta de compreensão do chefe nem muita discussão são boas.

Machine Translated by Google

MODIFICAÇÃO DO ART. 7 DA CONSTITUIÇÃO DE MARÇO 1923.

A CONCESSÃO DE DIREITOS CIVIS AOS JUDEUS

Há muito se espalhava o boato de que o Parlamento Liberal, que também era Assembleia Constituinte, com a missão de reescrever a Constituição, pretendia modificar o art. 7º no sentido de conceder "cidadania e direitos políticos a todos os judeus presentes na Roménia. Até agora, este artigo da antiga Constituição proibia a concessão de cidadania a estrangeiros e, portanto, constituía um verdadeiro escudo de defesa contra a invasão e interferência de os judeus na administração do nosso próprio destino romeno. Dando este privilégio de interferir nos assuntos públicos da Roménia a até dois milhões de judeus, e aos judeus recentemente estabelecidos na nossa terra, o direito de igualdade com os romenos que viveram em esta terra durante milénios, foi uma injustiça que clamava aos céus e uma grande ameaça nacional que não podia deixar de preocupar e abalar profundamente todos os romenos que amavam o seu país.

Diante desta situação, o professor Cuza escreveu uma série de artigos imortais mostrando a ameaça que ameaçava o futuro desta nação e a Liga distribuiu petições por todo o país para serem assinadas pelos romenos, pelas quais esta arte. 7º da Constituição seja mantido como tal. As petições foram preenchidas com centenas de milhares de assinaturas e encaminhadas à Assembleia Constituinte.

Achei que isso indicava que nós, estudantes, enquanto esta grave questão estava a ser deliberada, deveríamos ir de todos os centros para Bucareste, onde juntamente com os estudantes locais e a população nos manifestaríamos para parar o acto que escraviza o nosso futuro. Parti para Cernauti, Cluj e Bucareste. Os alunos aceitaram minha proposta e começaram a se organizar para a partida. Para indicar a data da partida, ficou combinado que eu deveria enviar um telegrama casual. Mas o plano falhou. Esperávamos que as deliberações em torno desta questão durassem pelo menos três dias, durante os quais poderíamos chegar a Bucareste. Mas no dia 26 de março as deliberações duraram menos de meia hora. O governo liberal, bem como a Assembleia - aparentemente conscientes do acto de grande vergonha que estavam prestes a cometer, procuraram encobri-lo, fazendo-o passar o mais discretamente que puderam.

No dia seguinte, após este grande acto de traição nacional, a chamada imprensa romena, bem como a judaica, trataram com silêncio o infame acto. "Dimineata" ("A Manhã"), "Luptall ("A Luta"), Adevarul ("A Verdade"), estampavam diariamente em negrito o conflito entre proprietários e inquilinos em Bucareste e num canto várias palavras pelas quais anunciavam simples e pérfido: o artigo 7º da antiga Constituição foi substituído pelo artigo 133º.

O Partido Liberal e a infame Assembleia de 1923 colocaram assim na sepultura e selaram a lápide sobre o futuro deste povo. Nenhuma maldição dos nossos filhos, das nossas mães, dos nossos mais velhos, de todos os romenos que sofrem nesta terra, agora e para sempre, será adequada para punir estes traidores da sua nação. Assim, em silêncio e num clima de cobardia generalizada, este grande acto de traição nacional foi consumado. Apenas a voz do Professor Cuza, a personalidade que agora domina toda a nação romena, pôde ser ouvida:

“Romenos, a Constituição de 28 de março de 1923 deve ser abolida imediatamente. Proteste contra a sua promulgação. Exija eleições livres. Organize-se para garantir sua vitória. Uma nova constituição deve garantir os direitos prioritários da nação romena, como povo dominante no Estado."

Quando ouvi a notícia em Iasi, comecei a chorar. E eu disse a mim mesmo: "Não pode ser! Pelo menos o povo deveria saber que estamos protestando. Pois se o povo em cujo pescoço está colocado tal jugo não protestar, é um povo de imbecis."
Depois editei um manifesto dirigido aos iasianos, convocando todos os romenos para uma reunião de protesto na universidade. A notícia dos direitos civis concedidos aos judeus espalhou-se como um raio. A cidade estava fervendo.

Machine Translated by Google

Por ordem do governo, as autoridades locais trouxeram o exército, os gendarmes, a polícia; surgiram provocações seguidas de interdição de circulação.
Então o plano foi alterado. “O comício, em vez de ser realizado na universidade, aconteceu em 14 pontos da cidade. Foi aí que começaram as manifestações e confrontos que duraram a noite toda.

As autoridades locais, o exército e as forças policiais ficaram completamente perplexos com a mudança abrupta nos nossos planos de batalha, no nosso ponto de encontro e por correrem de uma ponta à outra da cidade, ao serem informados pelos seus agentes das manifestações que tinham irrompeu a cada meia hora em pontos opostos. O grupo sob meu comando encontrou-se no ponto mais difícil: Podul Rosu (Socola) e Tg. Cucului, onde a impertinência judaica afirmava que um manifestante anti-semita nunca poria os pés e sairia vivo. Nenhum romeno mora lá.

Milhares de judeus acordaram e correram de um lado para outro como um ninho de vermes. Quando fomos recebidos com fogo, respondemos com fogo.
Cumprimos o nosso dever, derrubando tudo o que se interpunha no nosso caminho e mostrando aos judeus que Iasi, a antiga capital da Moldávia ainda era romena e que lá é o nosso braço que governa, que pode permitir ou proibir, que mantém a paz ou guerra, que pune ou perdoa.

No dia seguinte, a cavalaria de Bariad chegou à cidade para ajudar os dois regimentos locais, a polícia, a gendarmaria e os judeus, e os jornais de Bucareste saíram em edições especiais com manchetes como: “Iasi viveu uma noite e um dia de revolução. "

Isso é o que poderíamos fazer, apenas crianças; sabíamos como fazer isso e naquele momento o jugo foi colocado sobre nossos ombros. Não o aceitamos com serenidade, com a resignação de um escravo, com covardia. Fizemos tudo isso e fizemos um juramento sagrado de quebrar esse jugo para o resto da vida, não importando quantas batalhas e sacrifícios fossem esperados de nós.

Fui à delegacia no dia seguinte para levar comida aos prisioneiros. Lá, Iulian Sarbu foi interrogado por ser suspeito de ser o autor do manifesto. Vendo isso, fui até o investigador e disse: “Sarbu não é o autor do manifesto, sou eu”.

MINHA PRIMEIRA PRISÃO

Na delegacia me disseram: “Sr. Codreanu, o senhor deve ir ao Tribunal acompanhado do agente”.

"Por que o agente?" Eu respondi de volta. "Vou sozinha." Esta foi a primeira vez que a minha palavra foi posta em causa. Eu me senti ofendido. "Não, não vou com o agente. Ele pode, se quiser, andar 18 metros atrás de mim. Vou sozinho. Minha palavra vale mais que 20 policiais." Saí, com o agente andando 6 metros atrás de mim.
Cheguei ao Tribunal. O agente veio e me levou até Juiz de Instrução Catichi que me disse: “Você está preso e devo te mandar para a penitenciária”.
Quando ouvi isso, vi preto diante dos meus olhos. Naquela época, “preso” era uma coisa degradante. Ninguém entre os Iasianos jamais foi preso e ninguém ouviu falar de um estudante nacionalista ter sido preso. Muito menos eu, com formação de patriota? Aproximei-me de sua mesa e disse: “Meritíssimo, não aceito ser preso e ninguém vai me buscar e me levar para a penitenciária”.

O pobre homem, para evitar maiores discussões, ordenou ao agente que me levasse à penitenciária e aconselhou-me a não fazer objeções. Então ele foi embora. O agente tentou me levar. Eu disse a ele: "Vá para casa, cara, e me deixe em
paz. Você não pode me tirar daqui".
Depois entraram outros agentes. Fiquei lá das 11h às 8h. Todos os esforços para me eliminar foram infrutíferos.
Eu estava pensando:
"Não sou culpado de nenhum delito. Cumpri meu dever para com meu povo. Se há um culpado que deve ser preso, é aquele que ofendeu seu povo: o Parlamento que deu direitos civis aos judeus ."

Machine Translated by Google

Finalmente, todos os funcionários do Tribunal foram para casa, um por um, para os porteiros. Apenas os agentes ao meu lado e eu permaneceram.
Por volta das 8h, três policiais chegaram.
"Sr. Co.dreanu, temos ordens para evacuar este Tribunal."
"Tudo bem, senhores, estou indo embora."
Descemos as escadas e saímos do prédio. Para minha surpresa, vi ali uma companhia de gendarmes em semicírculo, promotores, juízes, policiais.
Com isso, fui em frente e sentei-me no meio do pátio. As autoridades vieram até mim e disseram:

"Você deve ir para a
penitenciária." "Eu não irei."
Levantaram-me, colocaram-me num veículo e fui transportado lentamente para a penitenciária, seguido pelo gendarme a pé. No último momento, quando passávamos pelo portão da prisão, os nossos rapazes tentaram libertar-me, mas as armas dos agentes detiveram-nos.

Foi um protesto contra as leis? Não. Foi contra o jugo da injustiça.

Minha obstinada recusa em me deixar ser preso parecia-me um pressentimento de muito sofrimento que me aguardaria quando percorresse o caminho que me levou para dentro dos frios muros da prisão. Fiquei lá uma semana, até a véspera da Páscoa. Meus primeiros dias na prisão! Moralmente falando, levei-os muito a sério, pois não conseguia compreender que alguém pudesse ser preso quando lutava pelo seu povo e por ordem de alguém que luta contra o povo.

Ao ser liberado, fui para casa. Muitos romenos vieram ao meu encontro nas estações ferroviárias, demonstrando a sua simpatia por mim e encorajando-me a continuar a luta, que é a luta do povo, que no final será vencida.

Toda a nação, em todos os seus melhores elementos, do camponês ao intelectual, recebeu com grande dor a triste notícia da Arte. 7 modificação; mas não havia nada que pudesse fazer, pois acordou exausto e traído pelos líderes. Eu me pergunto que maldição está sobre nossas cabeças e que pecados nos condenaram, romenos, a fazer parte de líderes tão malignos?

Estamos aqui perante dois momentos históricos em dois ciganos diferentes, com dois grupos de pessoas e com o mesmo problema: a Assembleia Constituinte de 1879 na Pequena Roménia, muito pequena, que teve a coragem de resistir à pressão da Europa, e a Assembleia Constituinte da O ano de 1923, na Grande Roménia, nasceu do sacrifício do nosso sangue, que por servilismo venal, sob as pressões da própria Europa, não hesita em humilhar e pôr em perigo a vida de uma nação inteira.

OS GRANDES HOMENS DA ROMÊNIA, 1879

Machine Translated by Google

O VÉU DO ESQUECIMENTO

Nas páginas que se seguem, os leitores deste livro ficarão um tanto surpreendidos ao encontrar uma série de excertos das obras de vários pináculos do pensamento, do patriotismo e do carácter do nosso povo, que em 1879 lutou ferozmente pelo direito do povo romeno em toda a Europa. , Embora do presente , a inclusão destes extratos onere e complique o desenrolar normal volume, desafiando as regras habitualmente seguidas em tais assuntos, incluo-os não tanto com o desejo de usá-los como argumentos históricos, mas para trazer novamente à luz estes pérolas de raciocínio e expressão desses grandes ancestrais, aos quais a conspiração do ocultismo judaico-maçônico

perseguidos, encerrando-os sob pesados selos e placas de esquecimento, só porque escreveram, pensaram e lutaram como verdadeiros gigantes romenos.
Nossa geração de estudantes, ultrapassando cinquenta anos de abdicação política do perigo judaico, identifica-se com as mesmas convicções, sentimentos e caráter daqueles de 1879 e, no momento desta união sagrada, inclina a cabeça em gratidão e reverência à sombra. da sua grandeza.

CONTA VASILE

Considere a atitude que nosso grande relato teve na Câmara em 1879.
Cinquenta anos antes, o filósofo romeno demonstrou com argumentos científicos inabaláveis, enquadrados num sistema de lógica impecável, a solidez das verdades raciais que devem estar na base do Estado nacional; uma teoria adotada cinquenta anos depois pela mesma Berlim que nos forçou a conceder direitos civis aos judeus em 1879.

A partir disso, percebe-se a fragilidade dos argumentos daqueles que atacam o movimento nacional inspirado na nova ideologia alemã, quando na realidade, depois de tantos anos, foi Berlim que seguiu a linha de Vasile Conta, Mihail Emineseu e do outros.

Nós, se não lutarmos contra o elemento judeu, pereceremos como nação. É um facto reconhecido, mesmo por aqueles que hoje nos atacam, que a primeira condição para que um Estado exista e prospere é que os cidadãos desse Estado sejam da mesma raça, do mesmo sangue, e isto é fácil de compreender. Em primeiro lugar, indivíduos de raça semelhante geralmente casam apenas entre si, pois só assim podem manter a unidade de raça; então, o casamento cria os sentimentos familiares que constituem os laços mais fortes e duradouros entre os indivíduos; e quando consideramos que estes laços familiares se estendem a todos os cidadãos do Estado, vemos que estes são atraídos por um sentimento geral de amor, pelo que se chama de simpatia racial. Além disso, tendo em conta que o mesmo sangue corre nas veias de todos os membros de um povo, entende-se que todos esses membros terão, por hereditariedade, os mesmos sentimentos, as mesmas tendências e até as mesmas ideias; para que em tempos perigosos, em ocasiões únicas, seus corações batam como um só, suas mentes adotem uma opinião, a ação de todos busque o mesmo propósito; em outras palavras, a nação formada por uma única raça terá apenas um centro de gravidade; e o Estado feito de tal nação, que e só ela estará nas melhores condições de resistência, durabilidade e progresso.

Consequentemente, como na manutenção de uma espécie, o primeiro requisito para a existência de um Estado é que o seu povo seja da mesma raça. Pois bem, esta é a verdade em que se baseia o princípio das nacionalidades, em que se baseia tanto que se diz no mundo civilizado. Este princípio das nacionalidades, é claro, refere-se apenas à raça e não aos chamados “súditos do Estado, independentemente da raça”, pois então o princípio não teria aplicação.

Pois bem, este princípio está agora tão arraigado na consciência de todas as pessoas, sejam estadistas ou simples cidadãos, que hoje todos os Estados do mundo civilizado passam a existir ou são reconstituídos exclusivamente nesta base.

Machine Translated by Google

Portanto, que os publicitários judeus ou os amantes judeus não digam mais que a base do Estado é apenas um interesse material comum dos seus cidadãos, porque, pelo contrário, vemos que é precisamente este, o nosso século, que deu origem ao início da nacionalidades; que hoje prevalece cada vez mais... É verdade que isso não impede que os estrangeiros adquiram a cidadania de um Estado, desde que assimilem a nação dominante; ou seja, fundir-se para que, em última análise, o Estado permaneça do mesmo sangue.

"Estes são os únicos princípios científicos de naturalização. Para que a naturalização seja útil, racional e conforme critérios científicos, ela deverá ser concedida apenas aos estrangeiros que assimilem ou queiram fazê-lo por meio do casamento com o indígena. Caso contrário, pode-se facilmente compreender que a concessão de cidadania a indivíduos que não têm, ou não podem ter, esta inclinação para assimilar o sangue da raça dominante, resultaria num país sujeito a lutas perpétuas entre tendências opostas.

Não estou dizendo que seja impossível que várias raças que existiriam em qualquer país tenham às vezes um interesse comum, que as tendências hereditárias de uma raça sejam tão favorecidas quanto as de outra nas mesmas circunstâncias.

Enquanto durasse esse estado de coisas, os povos indígenas e naturalizados certamente viveriam em paz. Mas as circunstâncias mudam, e com elas os interesses das diversas raças também podem mudar; e se não for hoje, então amanhã; se não amanhã, depois de amanhã, as tendências dos naturalizados entrarão em conflito com as dos nativos, e então o interesse de alguns se oporá ao de outros, e então os interesses de alguns não poderão ser satisfeitos sem sacrificar os de outros ; e então teríamos uma luta pela existência entre duas raças, com batalhas ferozes que só poderiam terminar com a abolição total do Estado, ou quando uma das raças fosse totalmente esmagada, de modo que novamente apenas uma raça dominante permanecesse no Estado. .... Bem, a nossa história nacional e a experiência quotidiana provaram-nos que entre todos os estrangeiros que vêm até nós, os turcos e particularmente os judeus são os que nunca se casam connosco, enquanto outros

estrangeiros: Russos, Gregos, Italianos, Alemães casam-se e fundem-se connosco, se não na primeira, então durante a segunda ou terceira geração, mas finalmente chega um momento em que não há distinção entre estes estrangeiros e nós, seja no que diz respeito ao sangue ou amor ao país. Mas não é o mesmo com os judeus….

"...Não importa como esta questão seja colocada, ou como seja interpretada, nós, se não lutarmos contra o elemento judeu, pereceremos como nação."

(Do discurso contra a revisão do art. Da Constituição, proferido na Câmara dos Deputados, Sessão Extraordinária, realizada em 4 de setembro de 1879 e publicado no Monitor Oficial nº 201, de quarta-feira, 17 de setembro de 1879, pp. 5755- 6)

VASILE ALECSANDRI

Enquanto estava na Câmara, Vasile Conta proferiu o referido discurso ao Senado, Vasile , no Alecsandri, o poeta da União, expressou o seguinte sentimento dos romenos.

Hoje a Roménia chega até nós com o seu Livro de História nas mãos para que possamos escrever nas suas páginas a humilhação e a perda do nosso povo ou a sua dignidade e libertação...

Perante esta situação, sem paralelo nos anais históricos do mundo, devemos saber elevar os nossos corações e as nossas mentes à altura do nosso dever, sem paixão, sem violência, mas com um espírito calmo, com um patriotismo esclarecido e a nobre coragem isso se espera de homens chamados a decidir o destino do seu país...

Qual é esse novo impasse? O que é essa nova invasão?
Quem são os invasores? De onde eles são? O que eles querem? E quem é o novo Moisés que os conduz à nova terra prometida, situada nestas margens do Danúbio?

Quais são os invasores? É um povo ativo e inteligente, que não se cansa de cumprir a sua missão; adeptos do mais cego fanatismo religioso; o mais exclusivo de todos os habitantes da terra, o mais inassimilável com outros povos do mundo...

"O que eles querem de nós?

Machine Translated by Google

Tornar-se donos das terras deste povo, convertendo em escravos os antigos senhores deste país, como são hoje os camponeses da Galiza e parte da Bucovina.
Este país é lindo e rico; tem grandes cidades, estradas de rádio, instituições avançadas e um povo um tanto imprevisível como todos os de origem latina... O que é mais fácil do que substituir os habitantes deste país e assim transformar tudo em propriedade israelense?

Se este for o plano dos actuais invasores, como tudo nos leva a crer, prova mais uma vez o espírito empreendedor do povo israelita e, longe de merecer culpa, é susceptível de atrair aplausos e admiração de homens práticos.
Nós, romenos, seríamos os culpados se, através da nossa indiferença ou da aplicação de algumas teorias humanitárias fatais e absurdas, estivéssemos nós próprios a ajudar a concretizar este plano. A culpa recairia sobre as nossas cabeças, se enganados por estas teorias, compreendendo-as de dentro para fora, ou tomados por um susto imaginário sob a influência de ameaças imaginárias, esqueceríamos que a pátria romena é um depósito sagrado que nos foi confiado pelos nossos pais. ser transmitido inteiro e sem mácula aos nossos filhos...

O que diria então o país inteiro se criássemos tal situação para ele? O que diriam os romenos que lutaram alegremente pela independência da terra ancestral?
Nosso país desviaria o olhar de nós com dor.
O Romeno diria: Não peçam o meu sangue de agora em diante, se o sangue que foi derramado serve apenas para fragmentar o meu país e diminuir a dignidade nacional.

Por estas considerações, quando a Roménia está hoje diante de nós segurando o seu Livro de História na sua mochila para que possamos inscrever o nosso veto nas suas páginas, por mim rasgo a página destinada à inscrição para humilhar o nosso país, e na outra página eu rasgo a página destinada à inscrição para humilhar o nosso país, e na outra página eu escreva com meu coração, sua dignidade, sua libertação! "

(Do discurso contra a revisão do Art. 7 da Constituição, proferido no Senado Romeno, Sessão Extraordinária, reunida em 10 de outubro de 1879, e publicado no Monitor Oficial nº 230, quinta-feira, 23/11 de outubro de 1879, pp. 6552-8.)

MIHAIL KOGALNICEANU

Aqui está a atitude digna em relação ao problema judaico e a pressão exercida do exterior por Mihail Kogalniccanu, Ministro do Interior em 1869, chefe titular desse mesmo ministério que hoje se tornou o lugar de onde saem as ordens para torturar aqueles de nós que ainda somos lutar para defender nosso povo:

"Todos aqueles que têm uma participação ativa no seu país têm estado preocupados em evitar que os judeus explorem o povo.
Na Roménia, a questão judaica não é religiosa, mas nacional e, ao mesmo tempo, económica.

Na Roménia, os judeus não constituem apenas uma comunidade religiosa diferente; constituem, no sentido pleno da palavra, uma nacionalidade, estranha aos romenos em virtude da sua origem, língua, vestimenta, costumes e até sentimento.

Não se trata, portanto, de perseguição religiosa, porque se assim fosse, os israelitas enfrentariam interdição ou restrição no exercício do seu culto, o que não é o caso.
As suas sinagogas não seriam autorizadas a permanecer livremente perto das igrejas cristãs; a sua instrução religiosa, a publicidade do seu culto, também não seriam toleradas.

Todos aqueles que visitaram os Principados, em particular a Moldávia, ficaram assustados com o aspecto triste, para não dizer pior que triste, revelado pelos israelitas polacos que povoaram as nossas cidades. Quando observaram mais de perto o comércio, a indústria e a subsistência desta multidão, estes viajantes ficaram ainda mais assustados, pois viram que os judeus são apenas consumidores, não produtores, e que a sua maior, e posso dizer a sua principal, indústria é varejo de álcool...

Machine Translated by Google

Não expulsei nenhum judeu do seu domicílio pela simples razão de que, de acordo com todas as leis do país, os israelitas na Roménia não têm direito de domicílio em aldeias, como também acontece na Sérvia.

Restringi o futuro aluguer de tabernas e discotecas por judeus, especialmente por aqueles chamados galegos e podolianos. Esta medida foi justificada no Estatuto Orgânico e na lei votada pela Assembleia Geral, depois sancionada pelo Príncipe Mihai Sturza, que nenhuma lei posterior aboliu até hoje, mas, pelo contrário, uma lei de todos os Ministros da Administração Interna antes e após a convenção, mantido e executado. Prova disso são os despachos dos meus antecessores, nomeadamente: de 17 e 28 de junho de 1861 durante o Ministro Costa Foru; de 5 de fevereiro de 1866 assinado pelo General Florescu; em 11 de março e 11 de abril de 1866, emitido à prefeitura de Ramnicul-Sarat pelo Príncipe Dimitrie Ghica, etc., etc.

Nestas condições, nenhum ministro, nem mesmo os dez que se sucederam no cargo, poderia fazer outra coisa senão eu e os meus antecessores.
Ministros da Roménia, um país com um regime constitucional, não podemos governar senão de acordo com a vontade do povo.
Temos o dever de levar em conta as necessidades, os desejos e, até certo ponto, até os preconceitos desta nação...
Isto justifica a grande irritação da população romena, decorrente de um profundo sofrimento e de uma preocupação legítima, pois é a voz de uma nação que se sente ameaçada na sua própria nação; e os seus interesses económicos. Os estrangeiros podem abafar essa voz, mas não é permitido que um ministro romeno, de qualquer partido, não a ouça. É por isso que, não apenas hoje, mas sempre, em todos os momentos e sob todas as administrações,

todos os governantes, todos os estadistas da Roménia, todos aqueles que têm um interesse real no seu país, se têm preocupado com a necessidade de pôr termo à exploração do povo romeno por um povo estrangeiro, os judeus. "

(Da comunicação do Ministro da Administração Interna, Mihail Kogainiceanu, dirigida ao Ministro das Relações Exteriores, junho de 1869, sobre a questão judaica. Publicado na Coleção de Antiga e Nova Legislação para a Romênia, Promulgada até 1870, por Empréstimo M. Bujoreanu , Bucareste 1873, A nova impressora dos trabalhadores romenos, Parte F. Título 'Disposições e Circulares', Capítulo X, pp.813-6.)

MIHAIL EMINESCU

"Se hoje, quando ainda não gozam de plenos direitos civis ou políticos, tomaram conta de todo o comércio e de toda a pequena indústria da Moldávia; se hoje se mostram assustadoramente nas planícies romenas; se hoje estão aninhados no coração da Oltenianos diligentes; como será amanhã, quando lhes forem concedidos direitos iguais, quando puderem chamar-se romenos, quando tiverem inscrito nas leis o direito formal de que esta pátria seja tanto deles como é nossa ! "

(Obras Completas, A Questão Israelita, p. 489, Iasi, Livraria Lonescu-Georgescu, 1914. Citado por Alex Naum).

E na página 481:

"Através de que trabalhos ou sacrifícios eles conquistaram o direito de aspirar à igualdade com o povo romeno? Foram eles que lutaram contra os turcos, tártaros, poloneses e húngaros? Foram eles que foram punidos quando os antigos tratados foram quebrados? de seus esforços para que a fama deste país se espalhasse, para que esta língua fosse desenterrada dos véus do passado?
Foi através de um deles que o povo romeno conquistou o direito à luz solar?”

Machine Translated by Google

ION HELIADE RADULESCU

“Não vêem que os Kikery em Inglaterra e em França não exigem apenas direitos de cidadania na Roménia para os seus correligionários, mas também privilégios, uma supremacia; querem estabelecer uma aristocracia do dinheiro, do Bezerro de Ouro?
Eles exigem o que não podemos dar se morrermos até o último homem.
Será que os Kikerys na Inglaterra e na França acreditam, eu me pergunto, vocês, cavalheiros, acreditam com eles, que os romenos observarão calmamente enquanto entre eles liquidam a mais sórdida e suja, a mais vulgar das aristocracias, o governo dos palhaços, dos judeus, dos Mammons? rufiões?

Com que título e com que direito poderia tal dominação abominável ser estabelecida perante a corte, diante das portas do século XX, onde toda a humanidade, exceto os filhos da perdição, virá como uma noiva diante do Noivo divino?

Será que os Kikerys da Inglaterra e da França ousariam apresentar o Direito do Homem baseado na igualdade e ainda assim teriam a audácia de pretender privilégios e supremacia para si próprios?

E porque não podem invocar esse direito, atrever-se-ão, à sua vontade, a cunhar o paradoxo romeno do rito israelita - levar a sua audácia especificamente judaica ao ponto de nos ameaçar em nome dos monarcas da Europa?
Com o que então os judeus nos conquistarão? Pelos seus números, pela sua força?
Pelo bem que lhes desejamos e desejamos, em nome da regeneração dos povos e dos próprios judeus na terra da Palestina, temos pena deles e os aconselhamos como cristãos desejosos da salvação de toda a humanidade, através das feridas de Cristo, que desde a cruz perdoou os seus próprios algozes - para não tentar nada do género, ou sequer ousar contemplá-lo, muito menos reivindicar qualquer coisa na nossa actual era de agitação causada pelos anjos de Satanás que os tentaram; é melhor que não ousem tal coisa, pois só Deus sabe até onde os romenos podem ir na sua legítima e mais sagrada de todas as fúrias tempestuosas, defendendo os seus direitos como uma nação com um instinto de autopreservação! "

(Retirado de The Equilibrium Between Antitheses or Spirit and Matter, de 1. Heliade Radulescu, Bucareste, publicado em 1859-69; Parte III, intitulada "Os Israelitas e os Judeus", Capítulo X, pp. 380-3).

BOGDAN PETRICEICU HAJDEU

Assim, duas formas de comportamento judaico em relação a nós são especificadas no Talmud:

"Se você é mais forte que os cristãos, extermine-os."

"Se você é mais fraco que os cristãos, elogie-os..."

“Mas alguém mais fraco que eu, para se tornar um dia mais forte que eu, primeiro tem que passar por um estágio intermediário em que seja igual a mim.”

"Você agora entende, eu me pergunto, o que significa conceder os chamados direitos políticos aos judeus?"

(Extraído de "Estudos de Judaísmo. O Talmud como Profissão de Fé do Povo Israelita", por BP Hajdeu, Diretor dos Arquivos Históricos da Romênia, Presidente da seção de Ciências Morais e Políticas do Ateneu Romeno, Bucareste. Editora Theodor Vaidescu, Bossel House No. 34, 1866; pp. 30-1.)

COSTACHE NEGRI

Machine Translated by Google

“Os judeus, um sétimo da nossa população total, são a lepra mais triste contra a qual a nossa fraqueza, a nossa falta de previsão e a nossa venalidade nos condenaram.”
(Da carta a Lupascu enviada de Ocna, datada de 12 de janeiro de 1869, publicada no volume Versos, Prosa, Cartas de C. Negri com estudo de sua vida e escritos de E. Garleanu, Editora "Minerva", 3 Academiei Blvd. ·, Bucareste 1909, pág. 1 16).

ANÚNCIO XENOPOL

Permitimo-nos apresentar na mesma seleção de extratos a opinião do grande historiador AD Xenopol, professor da Universidade de Iasi; isto tendo em conta a autoridade inegável do cientista que viveu e viu com os seus próprios olhos a dolorosa realidade das suas descobertas: "Se um romeno decidir abrir uma loja, nenhum judeu cruzará o seu limiar. Dessa forma, ele seria contornado por um grande clientela, enquanto os romenos não são avessos a comprar de judeus. É claro que mesmo sem manipulação de preços, a resistência do comerciante e comerciante romeno pode ser quebrada. "Um judeu nunca aceitará um romeno em seu estabelecimento se este último significar ' aprenda algo com isso; pois os romenos são recebidos nos lares judaicos apenas como empregados ou carregadores. Este sistema de exclusividade persiste fortemente. Nas inúmeras oficinas e lojas judaicas que cobrem a Moldávia de uma ponta à outra, não há um único aprendiz cristão ou romeno - operário, capataz, contador, caixa, vendedor, "os judeus praticam contra os romenos o mais rigoroso exclusivismo económico que eles não podem renunciar, conforme prescrito pela sua própria religião."

(Retirado de La question israelite en Roumanie de AD Xenopol, estudo publicado em La renaissance latine, 25 rue Boissy-d'Anglas, Paris, 1902, p. 17).

A GREVE GERAL ESTUDANTIL CONTINUA

Depois da Páscoa, os combates recomeçaram. Na frente do LANC, o professor Cuza continuou a ação através dos jornais, enquanto o resto de nós cuidava da organização.
A série de reuniões em cidades e vilas começou. Diante do aluno, a modificação do art. 7º da Constituição trouxe consigo mudanças. Líderes estudantis em

Machine Translated by Google

Bucareste e Cluj, que acreditavam que um movimento estudantil acabaria por persuadir o governo a reconhecer as justas exigências dos estudantes, ficaram amargamente desapontados ao ver que não só o governo não reconhece nenhuma das suas reivindicações, mas também concede direitos aos judeus, por isso cada vez mais pensavam em capitular.

Em Cluj, o presidente convocou uma reunião onde sugeriu que o melhor a fazer era voltar à escola. A massa estudantil rejeitou a sua proposta, declarando que lutavam para preservar a sua honra e que a luta deveria ser travada até ao último limite da resistência. Os apoiadores desta tese foram: Ion Mota, Corneliu Georgescu, Isac Mocanu e todos os nossos grupos.

Alexa renunciou e, para substituí-lo na presidência do centro estudantil Petru Maior, Ion Mota foi eleito junto com uma nova comissão.
O ataque do governo para que os alunos voltassem às aulas também falhou desta vez, mas os líderes foram sacrificados: Ion Mota e outros seis foram expulsos para sempre de todas as universidades pela sua atitude intransigente.
Em Bucareste, um grupo liderado por Simionescu e Danulescu começou a substituir uma liderança que se tornava cada vez mais indecisa e fraca. Também aqui o governo não conseguiu abrir aulas depois da Páscoa.

JUNHO DE 1923

Passaram-se mais dois meses de resistência heróica, miséria e pressão, com os estudantes exaustos.
Em Bucareste, a Universidade reabriu para exames, mesmo que apenas para estudantes judeus e renegados.
No dia da inauguração, o exército estava estacionado na universidade.
Os confrontos estudantis ocorreram na frente, mas eles eram fracos demais para impedir sua abertura por mais tempo. O plano do governo era abrir as universidades uma por uma, deixando Iasi para o final e apresentando a Iasi o facto consumado de três universidades em funcionamento. Uma semana depois, em Cluj, vários dias depois, em Cernauti, as universidades foram abertas com o exército presente nas mesmas condições que em Bucareste. em mais uma semana, chegaria o momento difícil para Iasi. Foi isolada pelo governo, sozinha, com as suas forças estudantis consideravelmente reduzidas.

Na véspera da inauguração, sabendo que amanhã de manhã o exército entraria na Universidade, planeámos ocupá-la nós próprios durante a noite.
Antes de escurecer mandei um aluno de confiança que entrou no salão e puxou os ferrolhos de duas grandes janelas para que não pudessem ser detectadas, para que, sendo empurradas de fora, se abrissem.
Ainda sem compartilhar esse plano com ninguém, convoquei uma reunião para as 9h com 100 alunos no Bejan Hall. Às 10h ocupamos a Universidade. Erguemos a bandeira com a suástica na fachada, pouco depois chegou o Reitor da Universidade, Professor Sin-donescu. Ele foi internado. Ele conversou conosco nos incentivando a deixar a Universidade. Respondemos explicando-lhe nossos motivos. Várias horas depois, ele saiu. Nós nos organizamos para ficar de guarda e ficamos lá a noite toda.

Na manhã seguinte, estudantes chegaram à Universidade em grande número.
Revigorados, resolveram por unanimidade continuar a luta.

Os jornais judeus atacavam-nos furiosamente. Dois dias depois, Cluj, numa luta, tentou retomar a sua Universidade das mãos dos gendarmes. Depois de mais dois dias, Bucareste e Cemauti seguiram o exemplo. Essas lutas levaram a novas revoltas estudantis e ao fechamento de todas as universidades.
O ano letivo acabou. O jovem romeno passou num teste único de resistência, carácter e solidariedade.

Homenagem ao corpo discente que, pela sua firmeza, ao receber tantos golpes, tem dado um exemplo de vontade coletiva ainda insuperável na história das universidades mundiais. Nenhum país jamais viu estudantes, unidos numa só alma e assumindo todas as responsabilidades e todos os riscos, serem capazes de manter

Machine Translated by Google

uma greve geral durante um ano para provar a sua fé, procurando através da sua manifestação despertar a consciência de um todo. nação, confrontada com o problema mais grave da sua existência.

Esta é uma bela página, uma página heróica escrita pelo sofrimento deste jovem, no livro da nação romena.

Os Planos do Judaísmo Contra a Nação Romana

CONTRA O POVO ROMENO

Engana-se quem imagina que os judeus são pobres infelizes, que aqui chegaram ao acaso, trazidos pelos ventos, empurrados pelo destino, etc. Todos os judeus em todo o mundo formam um grande coletivo unido pelo sangue e pela religião talmúdica. Eles são constituídos num estado muito rigoroso, tendo leis, planos e líderes que fazem esses planos. Na parte inferior está o Kabal. Então não enfrentamos

Machine Translated by Google

alguns judeus isolados, mas um poder constituído, a comunidade judaica. Em cada cidade ou vila mercantil onde vários judeus se estabelecem, a Kabal (a comunidade judaica local) é imediatamente formada. Este Kahal tem os seus próprios líderes, sistema judicial separado, impostos, etc. e mantém toda a população judaica daquela localidade firmemente unida em torno dele.

É aqui, neste pequeno mercado ou cidade de Kahal, que todos os planos são feitos: como conquistar os políticos e autoridades locais; como se infiltrar em determinados círculos de seu interesse, como magistrados, funcionários, altos funcionários; o que planeja usar para tirar tal e tal ramo de comércio das mãos de um romeno; como destruir um antissemita local; como destruir um representante incorruptível da autoridade local que possa se opor aos interesses judaicos; quais planos aplicar quando, espremida além da resistência, a população se revolta e explode em movimentos anti-semitas são usados métodos:

, não nos aprofundaremos nesses planos aqui. em geral, o seguinte

I. Para conquistar os políticos locais: 1.
Presentes; 2.
Favores pessoais; 3.
Financiar a máquina política para propaganda, impressão de folhetos, despesas de viagem, etc. Se houver vários banqueiros na cidade ou judeus ricos, cada um é atribuído a um partido político específico.

II. Para conquistar as autoridades locais: 1. Corrupção,
suborno. Um policial na menor cidade da Moldávia, além do salário que recebe do Estado, recebe outro ou dois salários mensais. Uma vez que ele aceita um suborno, ele se torna escravo dos judeus e se ele não seguir as ordens, então eles usam a segunda arma contra ele: 2. Chantagem, se ele não obedecer, é revelada sua aceitação do suborno.

3. A terceira arma é a destruição. Se perceberem que você não pode ser dominado ou subjugado, tentarão destruí-lo procurando suas fraquezas. Se você beber, eles procurarão uma oportunidade de comprometê-lo através do álcool; se você é um caçador de saias, eles enviarão uma mulher que irá comprometê-lo ou destruir sua família; se você for violento por natureza, eles lhe enviarão outro homem violento que o matará ou que você matará e depois irá para a prisão; 4.
Se você não tiver todos esses defeitos, eles usarão a mentira, a calúnia sussurrada ou impressa, e denunciarão você aos seus
superiores. Nas cidades e cidades mercantis invadidas por judeus, as autoridades locais estão num estado de suborno, chantagem ou destruição.

III. Para se infiltrarem em vários círculos ou em torno de algumas pessoas de alto escalão, eles usam:
1. servilismo; 2. conselhos de administração; 3. base em favores
pessoais; 4. bajulação.

Assim, todos os políticos contratam secretárias judias, porque elas são úteis para fazer compras, engraxar sapatos, embalar bebês, segurar pastas, etc., enquanto se lisonjeiam e se insinuam. Um romeno não será tão bom porque é menos refinado, não é pérfido, abandona o arado e, sobretudo, porque quer ser um soldado fiel, um zelador

sua honra ao recusar ser criado.

4. Planos para arruinar um comerciante romeno.
1. Flanquear o romeno com um ou dois comerciantes judeus.
2. Venda de mercadorias abaixo do custo, sendo a perda compensada por fundos especiais fornecidos pela Kahal.
Foi assim que os comerciantes romenos se arruinaram, um por um.

A estes podem ser adicionados:

Machine Translated by Google

a) A superioridade comercial do judeu, resultante de uma prática comercial muito mais antiga que a do romeno. b) A superioridade do Judeu

competindo sob a proteção da Cabal. O romeno não goza da proteção do Estado romeno, mas apenas das misérias impostas pelas autoridades locais, corrompidas pelas notícias. O romeno não luta contra o vizinho judeu, mas contra o Kahal, razão pela qual se compreende facilmente que o indivíduo terá pressa se lutar contra a coligação. O romeno não tem ninguém, um Estado-mãe para criá-lo, aconselhá-lo e ajudá-lo. Ele é deixado sozinho, entregue ao seu destino, enquanto enfrenta a poderosa coalizão judaica. É fácil repetir a fórmula de todos os políticos da categoria de Mihalache: “Que o romeno se torne comerciante”.

Deixemos que estes políticos romenos nos mostrem um único comerciante romeno que foi assistido pelo Estado, uma única escola destinada a realmente educar os comerciantes, e não os bancários ou funcionários. Que nos mostrem apenas uma instituição construída por eles que ajudou com um pouco de capital ou orientou um jovem formado em uma escola de administração no caminho do comércio.

Não foram os romenos que abandonaram o caminho do comércio, mas foram estes políticos que abandonaram o seu dever de líderes e conselheiros da nação.
O Romeno, abandonado pelos seus líderes, foi deixado sozinho para enfrentar a coligação judaica organizada, manobras fraudulentas e competição honesta, e foi derrotado. Mas chegará o tempo em que estes líderes terão de prestar contas de
seus erros.

CONTRA A TERRA ROMENA

Repito mais uma vez, não estamos diante de alguns pobres que vagaram por aqui, sozinhos, em busca de abrigo.

Enfrentamos um Estado Judeu, um exército que entra na nossa terra para nos conquistar. Os movimentos da população judaica são efectuados contra a Roménia de acordo com um plano bem estabelecido, o grande conselho judaico provavelmente procura estabelecer uma nova Palestina numa secção de terra que se estende desde o Mar Báltico até partes da Polónia e da Checoslováquia, cobrindo então metade da Roménia.
para o Mar Negro, de onde poderiam facilmente estabelecer contato por água com a outra Palestina. 'Onde está a pessoa ingênua que pode acreditar que os movimentos da população judaica em massa ocorrem de forma não planejada? Eles vêm como planejado, mas não têm coragem de lutar, de enfrentar, de correr riscos, de derramar seu sangue para justificar, pelo menos por essas características, algum direito a esta terra.

Como conhecemos esses planos? Nós os conhecemos com certeza, tirando conclusões dos movimentos inimigos. Qualquer comandante de tropa que acompanhe de perto a ação inimiga percebe os planos que está perseguindo. É uma questão elementar. Houve um líder em todas as guerras deste mundo que conhecia os planos do adversário porque participou na sua elaboração? Não! Ele os conhecia perfeitamente pelo que o inimigo fazia.

Para quebrar todo o poder de resistência do povo Romeno, os Judeus aplicarão um plano verdadeiramente único e diabólico: 1. Eles tentarão
quebrar os laços espirituais dos Romenos com o céu e a terra.
Para romper os nossos laços com o céu, eles se envolverão numa ampla difusão de teorias ateístas em

ordem para separar o povo romeno ou pelo menos alguns dos líderes de Deus; separando-os

Machine Translated by Google

de Deus e dos seus mortos, podem destruí-los, não pela espada, mas cortando as raízes da sua vida espiritual.
Para quebrar os nossos laços que nos prendem à terra, fonte material da existência de uma nação, atacarão o nacionalismo, rotulando-o de "antiquado", e tudo o que se relaciona com a ideia de pátria e solo, para cortar o fio da amor que liga o povo romeno ao seu ritmo.

2. Para conseguirem isto, esforçar-se-ão por obter o controlo da imprensa.
3. Aproveitarão todas as oportunidades para semear a discórdia no campo romeno, espalhando mal-entendidos, disputas e, se possível, dividindo-os em facções que lutam entre si.
4. Procurará obter o controlo da maior parte dos meios de subsistência romenos.
5. Incitarão sistematicamente os romenos à licenciosidade, destruindo as suas famílias e a sua fibra moral.

6. Eles irão envenená-los e atordoá-los com todos os tipos de bebidas e outros venenos.
Quem deseja conquistar e destruir um povo pode fazê-lo utilizando este sistema: Rompendo os laços com o céu e a terra, introduzindo brigas e disputas fratricidas, promovendo a imoralidade e a licenciosidade, pela ruína material, envenenamento físico, embriaguez, tudo isso destrói mais uma nação. do que ser explodido por milhares de canhões ou bombardeado por milhares de aviões.

Que os romenos olhem um pouco para trás para ver se contra eles este sistema não foi usado com precisão e tenacidade - um sistema verdadeiramente assassino. Que os romenos abram os olhos para a leitura da imprensa nos últimos 40 anos, uma vez que esta está sob controle judaico. Deixe-os reler Adevarul ("A Verdade"), Dimineata ("A Manhã"), Lupta ("A Luta"), Opinia ("A Opinião"), Lumea ("O Mundo"), etc. de cada página, esse plano não emerge constantemente.

Que os romenos abram os olhos para ver a desunião na vida pública romena hoje; deixe-os abrir os olhos e ver bem. Os judeus usam estes planos como gás venenoso numa guerra, para serem usados contra o inimigo, não contra o seu próprio povo. Eles propagam o ateísmo aos romenos, mas eles próprios não são ateus, uma vez que afirmam fanaticamente respeitar os seus mais minuciosos preceitos religiosos. Eles querem separar os romenos do seu amor pela terra, mas eles tomam a terra. Levantam-se contra a ideia nacional, mas permanecem chauvinisticamente leais à sua própria nação.

CONTRA O MOVIMENTO ESTUDANTIL

Qualquer um que acredite que as forças de poder judaicas não têm planos para o movimento estudantil está enganado, até agora enganados nas suas expectativas, os judeus ficaram momentaneamente desorientados. Tentaram opor-se aos estudantes manobrando os trabalhadores do movimento comunista, ou seja, outros romenos, mas não tiveram sucesso, porque por um lado estes trabalhadores eram impotentes e por outro lado também começaram a perceber que lutamos e sofrem pelos seus direitos e pela nação romena. Muitos deles estavam, em seus corações, do nosso lado.

Os Judeus, percebendo o seu fracasso em colocar os trabalhadores no nosso caminho, viraram o governo e todos os políticos contra os estudantes.
O que isso significa?
Os partidos políticos precisam de dinheiro e de empréstimos estrangeiros; e quando no poder, vota; imprensa favorável quando na oposição. Os judeus ameaçaram cortar o financiamento necessário para a campanha eleitoral de vários partidos políticos; ameaçado com a cooperação das finanças internacionais judaicas para reduzir os empréstimos governamentais; ameaçaram controlar uma grande massa de votos através dos quais, agora que tinham direitos civis, poderiam decidir a vitória ou a derrota através do sistema democrático; ameaçaram manipular a imprensa, que controlam quase inteiramente e sem cujo apoio um partido político ou governo pode ser derrotado.

O dinheiro, a imprensa e os votos determinam a vida e a morte numa democracia. Os judeus controlam-nos a todos e através deles os partidos políticos romenos tornaram-se simples ferramentas nas mãos do poder judaico.

Machine Translated by Google

Para que nós, que começamos a lutar contra os judeus, de repente nos encontremos lutando contra o governo,

partidos políticos, autoridades locais, o exército, enquanto os judeus ficam silenciosamente à margem.

ARGUMENTOS E ATITUDES JUDAICAS

"O que dirão os países estrangeiros sobre o movimento anti-semita romeno que nos leva de volta à barbárie? O que dirão os homens da ciência e da civilização?"
Nossos políticos nos repetirão a cada passo este "argumento" judaico, impresso diariamente em todos os jornais, quando finalmente, depois de oito anos, a Alemanha, apesar de toda a sua civilização e cultura, se levantar contra os judeus e derrotar a hidra através de Adolf Hitler, este argumento é abandonado. Depois trazem outra: "Você está a serviço da Alemanha, pago pelos alemães para se envolver no anti-semitismo. Onde você consegue os fundos?"

E novamente os políticos romenos - sem alma, sem personalidade, sem honra - imitam a melodia da imprensa judaica: "De onde vem o dinheiro? Você é pago pela Alemanha."

Em 1919, 1920, 1921, toda a imprensa judaica atacava o Estado romeno, desencadeando desordem por toda parte, incitando a violência contra o regime, a forma de governo, a igreja, a ordem romena, a ideia nacional, o patriotismo.

Agora, como que por milagre, a mesma imprensa, controlada pelos mesmos homens, tornou-se a defensora da ordem estatal, das leis; se declara contra a violência. Enquanto nos tornamos: “os inimigos do país “extremistas de direita”, “a serviço e a soldo dos inimigos da Roménia”, etc. E no final também ouviremos isto: que somos financiados pelos judeus.

Eu me pergunto: quando chegará o dia em que todo romeno compreenderá as mentiras e os argumentos pérfidos dos judeus e os rejeitará como algo de origem satânica? Eu me pergunto, quando chegará o momento em que eles compreenderão a perversidade desta raça?

Eis como três professores universitários romenos, AC Cuza, Paulescu e Sumuleanu foram tratados no Correio Israelense, órgão oficial da União dos Judeus Naturalizados de 23 de abril de 1922, no editorial intitulado “Os Fantasmas”: “Uma camarilha de palhaços e público criminosos se reuniram para formar um bando de malfeitores. E para vergonha do país, entre eles estão três professores das nossas universidades.

"E estes espécimes, estes espectros atrasados querem reavivar o anti-semitismo... e alguns palhaços atrasados conseguirão isso, agora, quando o anti-semitismo oficial está a desaparecer e o sufrágio universal também trará inevitavelmente a democratização do nosso público e vida social Não! É em vão que eles trabalham! Esses fantasmas não deterão a humanidade em sua marcha, nem será necessário perfurar seus corações com uma vara afiada;* o ridículo de sua traição acabará com eles para sempre...

"Já informamos anteriormente sobre a ação selvagem promovida pela chamada "União Cristã Nacional" (composta por cerca de cinco personagens e meio tolos) para consertar

de uma vez por todas em sua postura infame, e chamar a atenção dos judeus de que ainda existem malfeitores. lá fora, contra o qual eles devem se defender."
Então: camarilha de palhaços, criminosos públicos, bando de malfeitores, espécimes, fantasmas tardios, traição, ação selvagem, postura infame - é isso que dizem os professores Cuza, Paulescu e Sumuleanu, professores de romeno; e qual é a sua ação para salvar a nação!

Recebemos indignação após indignação, ridículo após ridículo, tapa após tapa, até que nos encontramos nesta situação assustadora: os judeus são considerados defensores do romeno, protegidos de qualquer descontentamento, levando uma vida de paz e abundância, enquanto somos considerados inimigos de nossos nação com o nosso

Machine Translated by Google

liberdade e vida ameaçadas e caçadas como cães raivosos por todas as autoridades Romena.

Testemunhei esses tempos com meus próprios olhos e os vivi, e fiquei triste do fundo da minha alma. É terrível lutar anos a fio pela sua pátria, com o coração puro como lágrimas, enquanto suporta a miséria e a fome, e de repente ser declarado inimigo do seu país, perseguido pela sua própria espécie, e dizem que você está certo porque é pago por estrangeiros, e ver

todo o povo judeu domina a sua terra, assumindo o papel de defensor do Estado Romeno e zelador do Estado Romeno, ameaçado por vocês, a juventude do país.

Noite após noite, éramos perturbados por esses pensamentos, ocasionalmente nos sentindo enojados e imensamente envergonhados, e cheios de tristeza.

Não seria melhor para nós, reflectimos, sair pelo mundo, ou não seria melhor procurar a vingança pela qual todos morreríamos: tanto nós como os traidores romenos e os chefes da hidra judaica.

Machine Translated by Google

* Superstição popular, segundo a qual, para evitar que um fantasma perturbe a paz dos vivos, a "cabeça é desenterrada e o coração perfurado pelo mal" .

O CONGRESSO DE LÍDERES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

IASI, DE 22 A 25 DE AGOSTO DE 1923

Numa comissão limitada em Bucareste, foi decidido que um primeiro congresso dos líderes e delegados do movimento estudantil seria realizado após um ano de luta.
Este congresso teve lugar em Cluj nos dias 22 e 25 de Agosto de 1923. Mota, o presidente do centro estudantil de Petru Maior, escreveu-nos que as autoridades locais lhe informaram que tinham uma ordem para proibir este congresso. Nós, Iasianos, respondemos a Cluj, bem como aos outros centros, que assumiríamos a responsabilidade pela realização deste congresso em Iasi, mesmo que o governo quisesse proibi-lo. Nossa oferta foi aceita e cumprimos nosso dever de providenciar o aquartelamento dos 40 delegados conhecidos. Na manhã do dia 22 de agosto fomos à estação ferroviária receber a delegação de Cluj liderada por Ion Mota, depois a de Cernauti liderada por Tudose Popeseu e Carsteanu, e a de Bucareste liderada por Napoleão Cretu, Simioneseu e Rapeanu. Às 10 horas fomos in corpore à Catedral para rezar e

realizar um Requiem celebrado em memória dos estudantes mortos na guerra, um dos quais era o ex-presidente do centro estudantil, Cap Stefan Petrovici.

Mas, para nossa grande tristeza, encontramos os portões da catedral trancados com correntes e guardados por gendarmes. Nesse ínterim também chegou o velho professor Gavanescul. Depois, descobrindo a cabeça, ajoelhamo-nos no meio da rua em frente à igreja que nem mesmo os turcos infiéis tinham fechado a quem quisesse rezar. Quando o Padre Stiubei passou, vendo-nos ajoelhados, aproximou-se de nós e leu algumas orações.

Assim, de cabeça descoberta, silenciosos e muito tristes, percorremos a distância até à Universidade, andando pelo meio da rua, com olhares judeus atirando-nos como flechas das suas portas e montras.
As autoridades locais, ladeadas por numerosas forças policiais, que nos esperavam nas escadas da Universidade, informaram-nos que o Ministério das Relações Internacionais proibiu a realização do congresso. O promotor parou e nos avisou para nos dispersarmos. Irritado, respondi: "Senhor advogado, sei que vivemos num país governado por leis. A
Constituição nos garante o direito de reunião, e o senhor sabe melhor do que eu que um Ministro não pode revogar esses direitos garantidos por a Constituição, portanto, em nome da lei que não nós, mas você, desobedecemos, pedimos que você se afaste."

Endurecidos pelo sacrilégio cometido uma hora antes, quando as portas da igreja foram acorrentadas e fomos impedidos de rezar; enfrentando agora uma segunda provocação injusta e humilhante, de sermos impedidos de entrar na nossa própria casa, a Universidade; O dimensionamento destas medidas constituiu uma
flagrante ilegalidade, queimamos tudo no nosso caminho e, após algumas lutas, ocupamos a Universidade à força.

O 13º Regimento, chegando momentos depois, cercou a universidade. Nós nos protegemos, guardando todas as entradas, enquanto do lado de fora de cada janela víamos três soldados postados, com baionetas em punho.
O congresso foi inaugurado no auditório da Faculdade de Direito às 12 horas, num clima pesado nesta situação desfavorável. Os delegados, pálidos de indignação, silenciados pela dor do que aconteceu na Catedral e aqui, sentiram nos corredores desertos um ar de profunda tristeza. Todos estavam preocupados com um possível ataque do exército à Universidade e com as consequências inevitáveis.

Machine Translated by Google

Não fizemos nenhum discurso. O Congresso avaliou mal a gravidade da situação e temeu graves repercussões.
Fui escolhido presidente no primeiro dia. Começamos a denunciar os acontecimentos do dia. Vários pediram a palavra para protestar. Então iniciamos discussões sobre o movimento.

Que atitude tomamos quando abre o novo ano letivo. Nós capitularemos? Difícil!
Um ano inteiro de luta sem resultado. Pelo contrário, envergonhado, humilhado, espancado.
Continuamos? Mais uma vez, difícil! Os alunos estão exaustos; eles não podem continuar um segundo ano de batalha.
Mesmo assim, Mota, Tudose Popescu, Simionescu e eu imploramos para continuar nossa luta; implorar por sacrifício, pois nada resultaria da capitulação, exceto vergonha e humilhação. E era impossível que, por causa do sacrifício, algo melhor não desse frutos para a nossa nação. Às 8 horas já estava escuro. Na cidade, ouvimos barulho e comoção.

Constantin Pancu, o lutador veterano de 1919, cercado por estudantes, ficou do lado de fora. Um grande número de habitantes da cidade, reunidos no Café Tufii carregando tochas, tentaram avançar colina acima em direção à Universidade para nos trazer vários sacos de pão.

Todos nós saltamos para as janelas para olhar para fora. Os manifestantes romperam o cordão do Tufli Café e subiram o morro correndo. Um segundo cordão de isolamento na rua Coroiu também foi rompido em uma dura luta. Ouvimos rajadas de "Viva". Da mesma forma, um terceiro cordão foi superado. Preparamo-nos para atacar por dentro, para sair, mas o nosso pessoal de fora não conseguiu romper o quarto cordão. Podia-se ouvir a voz de Pancu, com o saco de pão aos pés: “Eles são nossos filhos”.

Estávamos chorando lágrimas de alegria. É por essas pessoas que lutamos e isso não nos decepcionaria.
Às 9 horas
as negociações começaram entre nós e as autoridades através de Napoleão Cretu. A todos os estudantes foi prometida liberdade imediata, desde que eu fosse entregue a eles. Os estudantes recusaram. Por volta das 11 horas, avisaram-nos que poderíamos partir em grupos de três, naturalmente com a intenção de me prender quando saíssemos. Nós aceitamos. A cada minuto, um grupo de três partia. Na porta, foram examinados de perto por quatro comissários e agentes. Rapidamente tirei meu vestido nacional, entreguei a um camarada e vesti suas roupas. Saí com Simionescu e um terceiro aluno.
Quando a porta se abriu, tirei algumas moedas do bolso. Ao chegar à calçada, todos os comissários olharam para baixo e perguntaram:

"O que vocês perderam, senhores?"
Nós, também de cabeça inclinada, procurando as moedas,
respondemos: “Sem troco”.

Simioneseu ficou conversando com eles, procurando dinheiro riscando fósforos, enquanto eu fugia.

Marcamos a continuação do nosso congresso para o segundo dia fora da cidade, no Mosteiro de Cetatuia, no maior sigilo. Esgueirei-me até lá disfarçado de foguista de locomotiva e tive a sorte de não ser reconhecido nem pelos marechais.
Ion Mota presidiu.

Com nossas sentinelas posicionadas em posições estratégicas, poderíamos detectar a aproximação de qualquer pessoa a um quilômetro de distância. Trabalhamos em silêncio e ficamos lá até tarde naquele dia. Propostas foram feitas, decisões

Machine Translated by Google

tomadas. Foi também nesta reunião que o dia 10 de dezembro foi proclamado feriado nacional para os estudantes romenos.

No terceiro dia, as deliberações continuaram numa pequena floresta no Monte Galata. Por maioria, foi decidido continuar a greve. Um comitê de ação composto por cinco pessoas foi eleito para dirigir as ações de todo o movimento estudantil em todas as universidades. Os membros do comité eram: Ion Mota em Cluj, Tudose Popescu em Cernauti, Ilie Gameata em Iasi, Simioneseu em Bucareste e eu próprio. Ao formar este comité, a antiga liderança estudantil em Bucareste, insuficientemente informada e indecisa, caiu para sempre. Ele continuou no nome, mas não liderou mais. Pela primeira vez, foi oficialmente decidido dar uma nova orientação ao movimento: por um lado, lutar contra os partidos políticos, que considerávamos distantes da nossa nação, e por outro lado, fortalecer a fé num novo movimento romeno que deveria ser oficialmente apoiado pelos estudantes. para alcançar a vitória, "A Liga Cristã de Defesa Nacional".

O congresso concluiu seus trabalhos no quarto dia na casa da Sra. Ghica na Rua Carol. À noite todos partiram para a universidade e eu parti para Campul-Lung para organizar o congresso do LANC em Bucovina, no qual participariam o professor Cuza e todos os líderes do movimento. Tive dificuldade em chegar lá porque havia um mandado de prisão emitido.

Durante a viagem, fiquei encantado com todas as decisões do congresso que estavam no espírito das nossas opiniões, mas sobretudo porque ganhámos um homem para o nosso lado: Ion Mota, o presidente do Centro Petru Maior de Cluj.

O CONGRESSO LANC EM CAMPUL-LUNG

O congresso em Campul-Lung ocorreu na segunda-feira, 17 de setembro de 1923.
Só o mantivemos depois de uma dura batalha, porque o governo o proibiu e, para fazer cumprir o seu decreto, enviou tropas de Cernauti sob o comando de um coronel. Fortes cordões de tropas foram colocados em cada entrada da cidade.
Concentramos todas as nossas forças na entrada oeste da cidade, de Sadova, Pojorata.
Lá rompemos as cordas, graças aos arqueiros de Vatra-Dornei e Candreni, o que nos deu uma hora inteira para fazer passar todo o comboio de várias centenas de carroças.

O congresso foi realizado no cemitério da cidade. Os palestrantes foram: Professor C, Uza, meu pai, Dr. Catalin, Presidente do LANC de Bucovina, Tudose Popescu; depois os irmãos Octav e Valerian Danieleanu, que organizaram com entusiasmo este imponente congresso com a ajuda do Dr. Catalin. Aqueles orgulhosos camponeses da montanha, com seus longos cabelos, vestidos com camisas brancas e casacos de pano grosseiro, ao ouvirem o som da longa buzina da montanha, reuniram-se em sua cidade, muitos em número e tempestuosos como nunca antes. Pensavam que tinha chegado a hora, esperada há séculos, de o romeno pisotear a hidra que o sugava e de ele emergir para assumir os seus direitos de senhor do seu país, das suas montanhas, dos seus rios e das suas cidades. Eles carregaram o fardo da guerra. Seu sacrifício de sangue em todas as frentes criou a Grande Romênia. Mas, para grande desgosto e decepção deles, a Grande Roménia não correspondeu às suas expectativas.

Porque a Grande Roménia recusou quebrar as correntes da escravatura judaica que os torturou durante tanto tempo.
A Grande Roménia abandonou o mito em favor de uma maior exploração judaica" e derrubou-lhes nas cabeças os açoites dos políticos que os enviariam para as prisões quando tentassem reivindicar os seus direitos históricos roubados.
Uma floresta em Bucovina, todas aquelas montanhas carregadas de antigos pertencentes à Igreja Ortodoxa, agora mergulhadas na política e distantes, foram entregues ao judeu Anbaub para explorar lenha pelo preço inédito de 10 lei por metro cúbico, enquanto o camponês romeno teve de pagar 3,50 lei.

Machine Translated by Google

As florestas montanhosas caem sob o impiedoso machado judeu. A pobreza e a tristeza espalham-se pelas aldeias romenas, as montanhas transformam-se em rochas estéreis, enquanto Anhauh e a sua família transportam constante e incansavelmente os seus cofres carregados de ouro através da fronteira. O parceiro do judeu no crime ao explorar a miséria de milhares de camponeses foi o político romeno que se empanturrou com a sua parte desse lucro fabuloso.

A manifestação delegou 30 camponeses importantes a Bucareste sob a liderança do Dr. Catalin e Valer Danieleanu, ver o Primeiro Ministro e pedir-lhe que tome medidas contra a devastação das suas montanhas, revogando o contrato da Igreja Anhauh e assim mostrar o seu amor e gratidão aos jovens que os despertaram para a batalha, peço-lhe que coloque "úmero clausus" nas escolas, Tudose Popescu e eu também fomos escolhidos pela manifestação para acompanhar os 30 camponeses a Bucareste.

*
A unidade monetária romena. **(Trad.)**

Parti antes deles para Bucareste, para garantir que estes camponeses que vieram pela primeira vez à capital do seu país fossem bem recebidos pelos estudantes. Estes camponeses aproximaram-se de Bucareste com tanta pureza de coração, com tanta dor e tantas expectativas, para defender a nossa causa e a deles. As despesas com viagens eram desproporcionalmente grandes em comparação com os seus escassos recursos.

Ao chegarem a Bucareste, os estudantes receberam-nos regiamente - estes reis de todos os tempos do povo romeno - e desceram do comboio na sua capital sagrada com os olhos cheios de lágrimas. Mas atrás da estação ferroviária, o promotor Rascanu, comissários de polícia e fileiras de gendarmes esperavam para impedi-los de passar. Os gendarmes e comissários de polícia receberam ordens de nos atacar.

Corpos de fuzileiros e bastões choviam golpes nas cabeças brancas e nos rostos serenos dos camponeses. Os estudantes furiosos então, colocando os velhos camponeses no meio do seu grupo, atacaram e. romperam o primeiro cordão, precipitando-se em direção à Escola Politécnica, onde romperam o segundo, depois o terceiro, e fugiram para a Praça Matache Macelaru. Os camponeses choraram. Um deles, tomado por uma indignação incontrolável, rasgou a camisa. No dia seguinte fomos todos à Rua Gogu Cantacuzino à presidência ministerial para sermos recebidos pelo primeiro-ministro.

Fomos adiados para o dia seguinte; finalmente fomos informados de que seríamos recebidos no terceiro dia. Nós viemos. Entramos em um corredor e esperamos cerca de uma hora, em silêncio, conversando em sussurros e na ponta dos pés. O chefe do escritório apareceu.

“Senhores, vão para casa, o Primeiro-Ministro não pode recebê-los. Ele vai entrar no Conselho de Ministros.”

“Mas percorremos um longo caminho”, tentamos dizer. A porta foi fechada na nossa cara. Fiquei pensando: cada homem gastou 1.000 lei só na passagem. Vamos voltar para casa sem fazer nada? Eles não podem mais ficar em Bucareste. Agarrei a porta com as duas mãos e comecei a sacudi-la com toda a força. gritando a plenos pulmões: "Deixe-nos entrar ou arrombarei a porta e entrarei à força".

Chutei a porta com o pé. Os camponeses deram um clamor e apoiaram os ombros na porta. A porta se abriu e apareceram cerca de dez indivíduos assustados, cabelos em pé e rostos amarelos. Acho que eram jornalistas: “O que querem, senhores?” eles perguntaram.

"Diga ao primeiro-ministro que se ele não nos deixar entrar, quebraremos tudo aqui e forçaremos a entrada." Vários minutos depois, as portas se abriram à nossa frente e entramos. Subimos um lance de escadas. Lá em um corredor, de pé alto e

Machine Translated by Google

reto como um poste estava Ion Bratianu; atrás dele, os ministros Angelescu, Florescu, Constantinescu, Vintila Bratianu e outros.

"O que vocês querem, bons homens?" ele perguntou.
Nós, os dois jovens estudantes, continuávamos indignados e gostaríamos de parecer mais ferozes, transmitindo assim a nota mais verdadeira do estado de espírito do grupo, mas os camponeses, depois de calçarem os seus sapatos campestres nas escadas de mármore e nos tapetes de pelúcia, suavizaram-se.

“Sua Alteza, Primeiro Ministro, beijamos suas mãos e ficamos respeitosamente a seus pés. O que queremos? goteiras no telhado, pois não temos nem telhas para cobri-las. Não podemos mais manter nossos filhos nas escolas. Os judeus também encheram nossas escolas, e nossos filhos se tornarão seus trabalhadores contratados”.

Então outros camponeses falaram. Ion Bratianu ouviu, não fez menção à nossa confusão na antecâmara e, finalmente, depois de os camponeses acrescentarem: “Pedimos também aos estudantes universitários, aos nossos filhos, que o numerus clausus seja implementado como eles pediram”, respondeu: “Vão para casa e tenha paciência porque vou mandar examinar a questão florestal; quanto ao numerus clausus, isso não pode ser feito.

Mostre-me apenas um único estado na Europa que o introduziu. Essa medida e eu também vou apresentá-la.

Mas a Europa acordaria apenas dez anos mais tarde e introduziria um numerus clausus, reconhecendo assim a nossa justa causa. Contudo, Ionel Bratianu não viveria o suficiente para cumprir a sua promessa e os seus sucessores seriam apenas servos de baixa patente do Judaísmo que ergueriam os punhos para nos atacar e

mate-nos por ordem de seus mestres alienígenas.

Todos nós partimos, sem esperança. Nada será feito. Imediatamente após a audiência, várias horas depois, o Dr. Catalin, que chefiava a delegação, e Valer Danieleanu foram presos. Naquela noite, um grupo de estudantes realizou uma manifestação hostil em frente à casa do Ministro do Interior. O estudante Vladimir Frimu foi detido e encarcerado na prisão de Vacaresti. O resto de nós partiu para Campul-Lung.

Machine Translated by Google

O TRABALHO DO ESTUDANTE DE OUTUBRO DE 1923

UMA TENTATIVA DE VINGANÇA PARA SERVIR DE EXEMPLO PARA GERAÇÕES FUTURO

Mota também veio a Campul-Lung para se juntar a mim, subindo até a ermida de Petru no tumulto da montanha Rarau: - a montanha que eu particularmente amo. À medida que Rares subia, Mota partilhou comigo o seu interior

"Os estudantes não podem mais continuar no próximo outono, e em vez de todos nós aceitarmos uma capitulação vergonhosa depois de um ano de luta, seria melhor instá-los a retomar as aulas e nós, que os lideramos, terminamos nobremente o movimento, sacrificando-nos e levando connosco todos aqueles que consideramos mais culpados de terem traído os interesses romenos.

"Vamos procurar armas e disparar contra elas, dando um exemplo terrível que será lembrado por muito tempo ao longo da história romena. O que será de nós depois disto, quer morramos ou passemos o resto dos nossos dias na prisão, já não importaria.

Concordei que o acto final da nossa luta seria, ao preço da nossa queda, um acto de punição para os pigmeus que, abandonando as posições de grande responsabilidade que ocupavam, humilharam e expuseram a nação romena a perigos indescritíveis.
Naquele momento, sentíamos o sangue borbulhando em nossas veias exigindo vingança por todas as injustiças e pela longa cadeia de humilhações a que nosso povo havia sido submetido.

Pouco depois, eles se encontraram na casa do Sr. Butnaru em 12 Saveseu St. Ion Mota, Corneliu Georgescu e Vernichescu frorri Cluj; Ilie Gameata, Radu Mironovici, Leonida Bandac e eu de Iasi; e Tudose Popeseus de Cernauti. O primeiro problema que tivemos que enfrentar foi decidir quem eram os principais culpados; quem foram os maiores responsáveis pelo estado de miséria que tomou conta de todo o país: os romenos ou os judeus? Concordamos unanimemente que os primeiros e maiores culpados foram os traiçoeiros romenos que, pelas moedas de prata de Judas, traíram o seu povo. Os judeus são nossos inimigos e, como tal, odeiam-nos, envenenam-nos e exterminam-nos.
Os líderes romenos que entram no seu campo são piores que os inimigos: são traidores. O primeiro e mais violento castigo deve recair primeiro sobre o traidor e depois sobre o inimigo. Se eu tivesse apenas uma bala e fosse enfrentado por um inimigo e um traidor, eu deixaria o traidor ficar com ela. Chegámos a acordo sobre os nomes de várias pessoas que traíram o seu país, nomeadamente seis ministros, com George Marzescu no topo da lista.

Afinal, foi uma época marcante para aqueles canalhas que nunca imaginaram que teriam que prestar contas dos seus feitos num país onde se consideravam senhores absolutos de um povo incapaz de qualquer reação - época em que teriam que responder com a vida. .
Desta vez, a Nação estava enviando os seus vingadores através dos laços invisíveis da alma.

Então assumimos a segunda categoria: os judeus. Qual devemos escolher entre os dois milhões? Ponderámos, discutimos e finalmente concluímos que os verdadeiros líderes do ataque judaico à Roménia são os rabinos, todos rabinos em todas as cidades e aldeias comerciais.

Eles lideram toda a massa judaica no ataque e onde quer que um romeno caia, ele não cai por acaso. Ele cai porque foi marcado por um rabino. Por trás de cada político que se vendeu está o cérebro de um rabino que lançou as bases e ordenou que Kahal ou o banqueiro judeu fechassem o negócio e o pagassem. Por trás de cada jornal judaico que inspira calúnias, mentiras, instigações, existe um rabino.
Mas somos poucos, por isso escolhemos apenas "os grandes felinos" de Bucareste. Se tivéssemos força numérica, teríamos conquistado absolutamente todos eles.

Depois escolhemos os banqueiros. Aristide e Mauritiu Blank, que corromperam todos os partidos e todos os políticos romenos, colocando-os em conselhos de administração e enchendo-os de dinheiro; Bercovici, que financiou o Partido Liberal (Blank assumiu em particular o Partido Nacional Camponês, sentiu-se capaz de comprar também os Liberais).

mas se

A seguir, olhamos para os judeus na imprensa. Os mais insolentes, os envenenadores de almas:

Machine Translated by Google

*
Governante da Moldávia, 1527-1538; 1541-1546. **(Trad.)**

Rosenthal, Filderman, Honiginann (Fagure), diretores dos jornais Dimineata ("A Manhã"), Adevarul ("A Verdade"), Lupta ("A Luta"), todos estes, os inimigos do romeno.

Partimos em grupos para Bucareste, despedindo-nos para sempre de Iasi. Deixei uma carta aos alunos na qual expliquei a justificativa do nosso gesto, despedi-me deles e instei-os a voltarem às aulas, mas a manterem a fé até a vitória final.
Todos nós escrevemos para nossos pais e companheiros de armas.

Em Bucareste, voltamos a encontrar-nos na casa de Danulescu. Já o conhecíamos há algum tempo e ele nos causou uma boa impressão. Ele não foi incluído nesta equipe, mas nos recebeu com prazer. Saímos de sua casa naquela noite às 8 horas para ir até Dragos, na rua 13 de setembro, 41, onde deveríamos esclarecer detalhes e determinar quando nossa ação deveria começar. Mal estávamos reunidos quando um Dragos de rosto pálido entrou na sala, dizendo: “Irmãos, a polícia cercou a casa”.

Isso foi na noite de 8 de outubro de 1923, por volta das 9 horas – um momento de confusão em que nem tínhamos tempo para conversar. Nós apenas direcionamos nossos olhares penetrantes um para o outro.

Depois saí para o corredor onde pude ver a figura do General Nicoleanu e dos seus comissários que forçavam a porta. No segundo seguinte, a porta cedeu e a casa ficou cheia de comissários. O General Nicoleanu gritou: "Mãos para cima!"

Mas não tivemos tempo, pois cada um de nós foi agarrado por dois comissários e colocado em jogo: eu no flanco direito, depois Mota, Corneliu Georgescu, Tudose Popescu, Radu Mironovici, Vernichescu, Dragos. "Vire seus revólveres!"
“Não temos nenhum”, respondemos. Apenas Mota tinha Browning 6,35 e Vernichescu.
Depois nos tiraram de casa, um de cada vez, cada um com os braços segurados por dois comissários de bordo, e nos colocaram individualmente em carros que nos aguardavam.

Atrás de nós, na casa, a velha mãe de Dragos chorava. Os carros deram partida. Para onde eles estavam nos levando, nos perguntamos? Não dissemos uma palavra. Não fizemos perguntas aos que nos mantinham prisioneiros, que também se calavam. Depois de caminhar por algumas ruas, chegamos à Sede da Polícia. Eles nos fizeram sair e ir para uma sala onde revistaram nossos bolsos. Levaram tudo o que tínhamos conosco, inclusive colarinho e gravata. Essa reviravolta, esse arrancamento das coleiras, esse tratamento como se fôssemos batedores de carteira foi muito humilhante. Mas estávamos apenas no início deste caminho de humilhação. Com o rosto virado para a parede, incapazes de virar a cabeça e mantidos nesta posição durante algum tempo, pensámos: "Homens livres há várias horas, orgulhosos e determinados a quebrar as correntes do nosso povo, vejam o que nos tornámos - alguns pobres coitados e impotentes olhando fixamente para uma parede por ordem de alguns policiais miseráveis, revistados como ladrões, despojados de nossos pertences pessoais."

Foi com esta humilhação que começou o nosso grande sofrimento, que aos poucos partiu os nossos corações. Acho que não há sofrimento maior para um lutador que vive com dignidade e honra do que ser desarmado e depois humilhado. A morte é sempre mais doce que isso.

Depois fomos levados para uma sala e sentados em bancos a cinco metros de distância, com os agentes ao nosso lado, sendo proibidos de olhar uns para os outros. Ficamos assim por horas até sermos chamados para interrogatório. Participaram dessas longas e dolorosas horas, além de mim, Mota, Tudose Popescu, Radu Mironovici, Corneliu Georgescu, Vernichescu e Dragos. Depois de algum tempo, um por um, fomos chamados para ser interrogados, numa grande sala com o promotor, o juiz de instrução, o general Nicoleanu e alguns representantes do governo. Foi a minha vez de madrugada. Lá eles colocaram diante de mim alguns dos meus

Machine Translated by Google

cartas e dois cestos contendo todos os nossos revólveres que estavam escondidos em local supostamente muito seguro. Eu não conseguia descobrir como eles chegaram lá. Eu poderia entender que fomos pegos, mas quem disse onde as armas estavam escondidas?

Meu questionamento começou. Eu não tinha ideia do que os outros haviam declarado e não tínhamos nenhum entendimento prévio entre nós sobre o que declarar, pois não havíamos sonhado que nos encontraríamos em tal situação. Então considerei a situação e tomei a decisão que achei melhor.

Um minuto na encruzilhada. Quando me fizeram a primeira pergunta, apesar de terem passado três minutos desde que entrei na sala, ainda não tinha avaliado a situação suficientemente bem para tomar uma decisão. Senti-me oprimido pelo cansaço e profundamente abalado. E quando me pediram para responder, eu disse: "Senhores! Por favor, pensem um pouco antes de responder."

A questão era: negar ou não negar? Naquele minuto, forcei todas as forças da minha mente e da minha alma e decidi não negar nada. Diga a verdade. E não com timidez ou remorso, mas com coragem:

"Sim, estas são as nossas armas. Queríamos atirar com elas em ministros judeus, rabinos e grandes banqueiros."

Eles me perguntaram seus nomes.
Quando comecei a dar-lhes os nomes, começando com Alexandru Constantinescu e terminando com os judeus Blank, Filderman, Bercovici, Honigmann, todos os presentes pareciam cada vez mais arregalados, aterrorizados. Suspeitei que os camaradas, interrogados diante de mim, negassem tudo.

"Então por que matá-los?"
"Os primeiros porque traíram o seu país. Os últimos como inimigos e corruptores." "E você não se arrepende agora?"
“Não, não nos arrependemos de nada… Embora tenhamos caído, não importa… Atrás de nós estão dezenas de milhares que pensam da mesma maneira!”
Ao dizer isso, senti-me livre da rocha da humildade, na qual teria afundado ainda mais se tivesse negado tudo. Agora eu estava firme na fé que me trouxe até aqui, enfrentando com orgulho meu destino e aqueles que pareciam ter direito de vida ou morte sobre mim. Se eu tivesse negado tudo, teria que ficar na defensiva contra a acusação que me foi feita, implorando por clemência, conquistando a boa vontade dos meus inquisidores.
No julgamento que se seguiria, e com base nas provas escritas em sua posse, teríamos de passar por um teste doloroso e vergonhoso, negando a nossa própria escrita e as nossas próprias crenças, negando a verdade, que ia contra a nossa consciência e a honra do nosso movimento.

Representantes de um grande movimento estudantil, será que nos falta a coragem de assumir a responsabilidade pelas nossas ações e pela nossa fé?

Nesse caso, o país e os nossos camaradas de fora não teriam conhecido as nossas intenções, enquanto o único fruto do nosso sofrimento - por mais longo que fosse - foi precisamente que o país se iluminou para pelo menos conhecer melhor os seus inimigos.

Então eles exigiram que eu colocasse essas declarações no papel com minha própria caligrafia.
Eu fiz. No final acrescentei: “A data ainda não foi decidida.
Eles nos pegaram enquanto discutíamos isso. Propus mudar-me dentro de uma ou duas semanas."
Ao que os interrogadores me impediram de insistir cada vez mais para que eu não anotasse esses detalhes.

Só mais tarde é que percebi as razões desta insistência - porque a minha última frase explodiu o valor jurídico de toda a denúncia, sendo a nossa defesa, porque uma conspiração requer quatro elementos: 1. Uma associação de indivíduos com um objectivo em mente.
2. A designação das vítimas.
3. A aquisição de armas.
4. Data estabelecida para a ação.

Machine Translated by Google

Mas como ainda não havíamos definido a data para colocar o plano em ação, ainda estávamos na fase de discussão. A fixação da data foi de capital importância, porque em duas semanas poderíamos ter adoecido, as vítimas poderiam ter morrido, o governo poderia ter caído ou cedido, etc. Toda a nossa defesa jurídica se baseou neste ponto.

Depois do meu depoimento, os agentes levaram-me para uma cave, onde fui colocado sozinho numa cela. A porta estava trancada por fora. Imaginei que meus camaradas estavam ocupando as celas vizinhas. Bati na parede com o punho me perguntando quem mais estava lá. Recebi uma resposta: "Mota". Deitei-me então nas tábuas para dormir um pouco, pois estava morto de cansaço, mas sem ter um

casaco pesado, tremi de frio. Então os piolhos começaram a me picar. Eles atacaram-me aos milhares. Virei as tábuas para o outro lado, os piolhos vieram para cima, repeti várias vezes esta operação até pensar que já era dia.

Ouvi um barulho na porta. Foi aberto, e os de outros, e fomos todos retirados; depois colocados em carros, cada um acompanhado por dois gendarmes e dois comissários. Os carros saíram um após o outro. E a mesma pergunta passou pela nossa cabeça.. "Para onde?"

NA PRISÃO DE VACARESTI

Passamos por várias ruas desconhecidas, nas quais transeuntes curiosos nos olhavam. Deixamos a capital para trás e os carros pararam em frente a alguns grandes portões com as palavras “A Prisão de Vacaresti” escritas neles.

Saímos dos carros, ladeados por soldados com baionetas, separados por dez metros. Ouviu-se um rangido de fechaduras e correntes e os grandes portões foram abertos. Cruzámo-nos um a um e, ao entrarmos, fomos conduzidos escada acima até à sede da prisão, onde nos foram entregues os nossos mandados de detenção. Percebemos que fomos presos por conspiração contra a Segurança do Estado, tendo o trabalho forçado como punição específica.

Fomos então levados para outro pátio, no meio do qual havia uma igreja alta. Ao redor havia paredes e ao longo delas celas. Fui colocado em uma cela nos fundos, com mais de um metro de largura e sessenta centímetros de profundidade, e depois trancado por fora.

Dentro havia apenas uma cama de madeira e perto da porta havia uma pequena janela com barras de ferro. Eu me perguntei onde meus camaradas estavam. Então deitei a cabeça nas tábuas e adormeci. Acordei depois de duas horas, tremendo. Estava frio e nem um único raio de sol penetrava na cela. Atordoado, olhei em volta e mal pude acreditar onde estava. Olhei bem e vi a miséria da cela.

Eu disse a mim mesmo: “Situação difícil”. Uma onda de dor rasgou meu coração. Mas me consolei: “É pelo nosso povo”.

Então comecei a fazer movimentos de ginástica com os braços para me aquecer. Por volta das 11h ouvi passos. Um guarda abriu a porta. Eu olhei para ele. Talvez eu o tenha conhecido em algum momento, eu esperava. Mas ele era um homem estranho e mal-humorado. Ele olhou para mim com olhos malignos. Ele me deu um pedaço de pão e um prato de sopa de beterraba. Perguntei a ele: - Guarda, você poderia fumar um cigarro? "Não eu não!"

Ele me trancou novamente e saiu. Quebrei o pão preto e engoli algumas colheradas de borsch. Então coloquei-os no chão de cimento e comecei a organizar meus pensamentos. Eu não conseguia entender como eles nos encontraram. Algum de nós foi descuidado o suficiente para falar sobre nosso projeto com alguém? Alguém nos traiu? Como encontraram nossos revólveres?

Mais uma vez, ouvi passos. Olhei pela janela, um padre e vários homens se aproximavam da minha cela. Eles disseram: "Bem, senhores, é possível que vocês, jovens instruídos, possam fazer tal coisa?"

Machine Translated by Google

"Se é possível que este povo romeno pereça invadido por judeus e oprimido pela traição, licenciosidade e ridículo dos seus líderes, então o que fizemos também é possível."

“Mas você tem tantos meios legais!”
“Percorremos todos os caminhos legais até agora. Se apenas um tivesse sido aberto para nós, talvez não teríamos chegado a estas celas.”

“E agora, isso é bom? Você terá que sofrer por suas ações!”
“Talvez do nosso sofrimento surja algo melhor para este povo” Eles partiram.

Por volta das 4 horas, um guarda veio me trazer um cobertor surrado e um saco grande cheio de palha em vez de colchão. Esvaziei a bolsa assim que pude. Depois comi mais pão e deitei-me. Fiquei meditando na conversa que tive com o padre e pensei: “Um povo nunca ganha nada com a festa e a convivência dos filhos. Sempre foi o sofrimento que

resultou em bons ganhos para ele. "
Consegui encontrar um propósito para o nosso sofrimento e ao mesmo tempo algum apoio moral para estas horas tristes. Então me levantei, me ajoelhei e orei: "Senhor! Levamos sobre nós todos os pecados desta nação. Receba esse nosso sofrimento agora. Faça com que este povo tenha um dia melhor que passe por esse sofrimento."

Depois pensei na minha mãe e nas pessoas da minha terra que poderiam ter ouvido falar do meu destino e estar pensando em mim. Orei por eles e deitei-me para dormir.

Embora estivesse vestido e coberto com um cobertor, ele estava com frio e dormia mal naquele colchão de palha. Acordei às 8h quando um guarda abriu a porta e me perguntou se eu queria sair por alguns minutos. Saí e fiz ginástica para me aquecer.

A fileira de celas, da qual a minha era uma, era um pouco mais alta que as outras, de modo que eu podia ver todo o pátio. De repente, vi alguém vestindo um traje nacional andando entre os presos. Foi meu pai. Mas eu não conseguia acreditar. O que ele estava fazendo aqui? Ele também foi preso? Fiz alguns sinais e ele me viu. O guarda me parou: "Senhor! Você não tem permissão para sinalizar." “Ele é meu pai”, respondi.

"Poderia ser, mas você não tem permissão para sinalizar"
Olhei para ele e disse: “Camarada, deixe-nos aos cuidados de Deus com o sofrimento que Ele nos deu; não acrescente mais”. E voltei para minha cela.

Depois do almoço, eles me levaram para sair novamente. Eles me flanquearam entre baionetas e me levaram para fora da prisão, onde, na estrada, fomos todos colocados em fila única, separados por 10 metros, cada um entre duas baionetas. Meu pai liderou a coluna entre dois soldados, com baionetas na mão.

Havia alguns novos presos; Traian Breazu de Cluj, Leonida Bandac de Iasi e Danulescu. Não tínhamos permissão para virar a cabeça ou sinalizar um para o outro. Por apenas um segundo, tive um vislumbre dos rostos encovados dos meus pobres camaradas sofredores. O que atormentava meu coração era a injustiça a que meu pai estava sendo submetido. Ele não era culpado de nada. Lutador de toda a vida desta nação, professor em escolas secundárias, major, ex-comandante de batalhão na linha de frente durante a guerra, várias vezes membro do Parlamento, não obscuro, ele agora desfilava pelas ruas de Bucareste entre baionetas . . Então saímos em coluna marchando em direção à Corte. Os romenos olharam-nos com indiferença. Mas quando chegamos ao bairro judeu, todos os judeus saíram pelas portas e janelas. Alguns nos lançaram olhares ultrajantes e riram; outros comentaram em voz alta, outros cuspiram.

Inclinamos a cabeça e caminhamos assim, todo o caminho, com o coração cheio de dor.

Machine Translated by Google

No tribunal, nossos mandados de prisão foram mantidos. Fomos defendidos pelo advogado Paul Iliescu, que foi o primeiro advogado a se apresentar para defender nosso caso. Fomos então mandados de volta na mesma formação, no mesmo caminho. Pudemos ver nas bancas as manchetes do Dimineata (“The Morning”) e de outros jornais judaicos, “Conspiração Estudantil. Conspiradores Presos”. E novamente peguei meu celular. Fiquei ali no frio por duas semanas, sem saber mais sobre os outros ou notícias de fora.

Depois de duas semanas que pareceram dois séculos, fomos retirados das nossas celas e colocados em salas aquecidas, em grupos de três. Tínhamos permissão para cozinhar e comer juntos.

Quando nos vimos novamente, foi como um feriado de verdade. Eu deveria dividir o quarto com Dragos e Danulescu. Enquanto isso, Garneata, presidente da Associação Estudantil Cristã, entregou-se para que nosso número aumentasse para 13. Meu pai, livre de qualquer culpa; Mota, Garneata, Tudose Popescu, Corneliu Georgescu, Radu Mironovici, Leonida Bandac, Vernichescu, Traian Breazu e eu, acusados de conspiração; Dragos e Danulescu, presos por nos acolherem.

Além destes, havia Vladimir Frimu, que havia sido preso quando nos manifestamos em frente à casa do Ministro do Interior. Adquirimos um fogão primus no qual cozinhávamos alimentos enviados do exterior por parentes e amigos. A alimentação normal da prisão era algo assustador, e a miséria em que viviam os presos, indescritível.

Meu pai obteve permissão da administração da prisão para irmos todas as manhãs, às 7 horas, à igreja do pátio para orar. Todos nos ajoelhamos diante do altar dizendo o “Pai Nosso” e Tudose Popescu cantou Prea Sfanta Nascatoare de Dumnezeu (“Santíssima Virgem Maria”).

Lá encontramos consolo para nossa triste vida na prisão e esperança para o amanhã. Cada um de nós estabeleceu um horário de trabalho para si mesmo. Mota ocupou-se com assuntos relacionados com o julgamento que se aproximava; Danulescu estudou para os exames médicos. Eu estava trabalhando em planos para organizar a juventude na luta nacional. Organizar centros estudantis, jovens nas aldeias e estudantes nas escolas secundárias. Trabalhei nos mínimos detalhes, até a época do Natal, para que, se saíssemos da prisão, pudéssemos colocá-lo em prática; caso contrário, decidimos encontrar alguém de fora para implementá-lo.

Isto deveria ser feito no âmbito da Liga, que seria o braço político, enquanto a nossa secção seria para a educação e luta da juventude.
No dia 8 de novembro, festa dos Santos Arcanjos Miguel e Gabriel, estávamos discutindo um possível nome para esta organização juvenil. Eu disse: “Que seja ‘Miguel, o Arcanjo’”.

Meu pai disse: “Há na igreja, na porta esquerda do altar, um ícone de São Miguel”.
"Vamos ver!" Mota, Garneata, Corneliu Georgescu, Radu Mironovici, Tudose e eu fomos ver e ficamos realmente maravilhados. O ícone apareceu-nos de uma beleza insuperável.
Nunca me senti atraído pela beleza de nenhum ícone. Mas agora, senti-me ligado a este com toda a minha alma e tive a sensação de que o Arcanjo estava vivo. Desde então, passei a amar esse ícone. Sempre que encontrávamos a igreja aberta, entrávamos e orávamos diante daquele ícone. Nossos corações se encheram de paz e alegria. A tortura das nossas idas ao Tribunal foi retomada. A pé, entre baionetas, na lama, com sapatos gastos e pés molhados. Alguns criminosos judeus que fraudaram o Estado em várias centenas de milhões de lei foram levados ao tribunal enquanto caminhávamos. Muitas vezes nossas viagens foram feitas desnecessariamente, só para nos incomodar. Fui chamado ao tribunal 25 vezes, apenas para ser interrogado duas vezes pelo juiz de instrução.

Não alteramos nenhuma parte dos nossos depoimentos iniciais.
Um pensamento nos preocupava constantemente: “Quem nos traiu?”
Noite após noite tentamos resolver esse enigma. Chegamos ao ponto em que suspeitamos um do outro. Certa manhã, fui à igreja rezar diante do ícone para

Machine Translated by Google

revelar o traidor. Naquela noite, ao nos sentarmos para jantar, disse aos meus companheiros: - Sou obrigado a trazer notícias tristes.

O traidor foi identificado. Ele está entre nós sentado à mesa conosco. Todo mundo estava olhando para todo mundo. Mota e eu seguimos o rosto de todos na esperança de encontrar uma pista. Coloquei a mão no bolso da camisa e disse: “Agora vou mostrar a prova”.

Nesse momento Vernicheseu levantou-se, hesitou um pouco, entregou a Bandae a chave da caixa de comida e disse: “Vou embora”.

Ficamos intrigados com a sua partida, mas retomamos a nossa discussão sobre as provas que me recusei a apresentar porque não as tinha. Quando saímos da mesa, encontramos Vernichescu sozinho.
Ele se dirigiu aos EUA: “Codreanu suspeita de mim”.

Eu disse a ele que não suspeitava de ninguém; assim fomos reconciliados.

Semanas e semanas se passaram e nossa vida na prisão se arrastou. Marcamos a lápis na parede todos os dias que passavam. A vida na prisão foi difícil, desgastante para o homem que nasceu livre, que viveu com dignidade. Foi horrível sentir-se acorrentado, dentro de muros altos e hostis, longe de seus entes queridos, dos quais você não tem notícias. E mesmo aqui você não pode se mover muito, pois três quartos do tempo estamos trancados em nossas celas. Todas as noites, o barulho sinistro dos ferrolhos sendo puxados em sua porta o mergulhava em um clima de tristeza. Os inimigos desta nação eram livres lá fora, gozando do respeito e da boa vida, enquanto nós, além das indignidades morais, muitas vezes íamos para a cama com fome e tremendo a noite toda em camas de tábuas e palha. Mas finalmente dias felizes surgiram em nosso caminho. Após dois meses de prisão, recebemos a notícia de que a ordem de libertação do meu pai e de Danulescu havia sido recebida. Para nós, sim, uma grande alegria. Nós os ajudamos a fazer as malas e logo foram levados embora.

Nós assistimos enquanto eles saíam até passarem

o primeiro portão. Pedi ao meu pai que dissesse à minha mãe e aos outros para não se preocuparem.

A libertação de qualquer pessoa é uma ocasião de grande alegria para os que ficaram. Todo mundo está feliz. Talvez, com a libertação de alguém, cada um se fortaleça na esperança de obter a própria liberdade. Depois de um tempo, Dragos, Bandac, Breazu e Vernichescu foram embora, tendo sido retirados do caso, assim como meu pai e Danulescu.

Restaram apenas seis de nós, acusados de “conspiração contra a segurança do Estado”. Vários dias depois, Dragos enviou uma mensagem dizendo que foi Vernichescu quem nos traiu; também fez cópias do depoimento deste último, que estava arquivado.
Recebemos esta notícia com o coração cheio de amargura. A nossa nação sempre teve a sua quota de traidores.

FORA

Em todas as universidades, os alunos retornaram às aulas. Pareceu haver um momento de desorientação.
Durante dois meses viveram sob o terror da imprensa judaica que exagerava incessantemente a gravidade da nossa tentativa de vingança e as suas consequências “desastrosas” para o país. Gritava que havíamos perdido a confiança do “mundo civilizado”; que éramos um Estado balcânico. Eles perguntavam constantemente: "O que Berlim dirá?" "Viena?", "Paris?" E assim, transformados em defensores do “interesse permanente do Estado”, os judeus exortavam diariamente os líderes do país a tomarem medidas radicais contra o movimento nacional que deve ser reprimido “com a maior violência”.

Machine Translated by Google

Um ano antes, quando Max Goldstein plantou a bomba no edifício do Senado e a polícia prendeu judeus comunistas, a mesma imprensa gritou: “Um Estado não pode manter-se contra a vontade popular através do uso da violência.
Onde está a Constituição? Onde estão as leis? Onde estão as liberdades garantidas constitucionalmente?
O que dirão os países estrangeiros quando um Estado tomar tais medidas restritivas? Um Estado não pode sobreviver através de detenções, prisões, baionetas, terror. Para esta violência o Estado recorre à retribuição da multidão ou de indivíduos isolados. A força será respondida pela força.

Terror, com terror. E a culpa não será deles, mas sim do Estado que os provocou”.

E agora, com uma vergonha que só os vendados não conseguem ver, a mesma imprensa escreveu: “Não basta que estes terroristas sejam presos. Eles devem ser condenados de forma a fazer deles um exemplo. Mesmo assim, não basta: todos aqueles que propagam tais “ideias” anti-semitas que causam tantos danos ao nosso país, devem ser presos. Esta erva daninha anti-semita deve ser arrancada, com raízes e tudo. E este assunto deve ser tratado de forma implacável e sem clemência. "

A esta torrente de hostilidade, a imprensa nacional encontrou forte resistência.
Além do Universul (“O Universo”) que sempre manifestou uma atitude correta face às manifestações de consciência nacional, o movimento nacionalista contou com o apoio dos seguintes jornais. Cuvantul Studentesc ("Voz do Estudante") dos estudantes de Bucareste, que só recentemente se tornou editor dos nossos incansáveis camaradas livres: Simionescu, Rapeanu, Fanica Anastasescu, Danulescu e outros cujos nomes me escapam. Dacia Noua ("Nova Dácia"), o órgão estudantil de Cluj, dirigido por Suiaga, Mocanu, Iustin Iliesu, poeta e autor de "The Students'

Hino".

Cuvantul Iasului ("A Palavra de Iasi"), órgão dos estudantes de Iasi. Disapta-te Romane ("Acordem, romenos"), órgão dos estudantes de Cernauti, recentemente transferido para Campul-Lung, dirigido pelo Dr. Catalin e Danieleanu. Apararea Nationala ("A Defesa Nacional"), órgão oficial do LANC em Bucareste, com os insuperáveis artigos do Professor Paulescu, dos quais reproduzimos as seguintes falas:

"... A mesma restrição por meio do frio, da fome e do terror, usada com sucesso pelos judeus bolcheviques, foi usada contra os estudantes."
"Quem poderia imaginar que chegaria o momento em que os nossos filhos, a flor da nação romena, seriam obrigados a celebrar o feriado da unificação de todos os romenos encerrados em

nos porões de alguma prisão ou perseguidos no frio, sem abrigo, sem comida? "
"Provavelmente você não percebeu que estava travando uma guerra contra toda a nação romena."
Unirea ("A União"), órgão do LANC, Iasi, dirigido pelo Professor Cuza, contendo artigos de lógica imortal. Nationalistul ("O Nacionalista"), órgão popular da Liga em Iasi. Libertatea (“Liberdade”), o jornal popular de Orastie, pertencente ao Padre Mota, que revelou o nosso gesto na sua verdadeira luz, sendo assim o primeiro a cortar sem hesitação a cortina de silêncio que nos envolveu naqueles primeiros momentos.

O corpo discente entendeu nosso sacrifício. É por isso que o movimento estudantil se mobiliza cada vez mais em torno destes muros da prisão de Vacaresti, onde cada centro estudantil teve os seus representantes presos.

Os camponeses também começaram a se preocupar com o nosso destino. Eles nos enviaram dinheiro, realizaram missas para nós em igrejas, especialmente nas montanhas da Bucovina e na Transilvânia, onde a Libertatea (“Liberdade”) se insinuou.

Aqui está um pequeno exemplo:

Machine Translated by Google

O ÁCARO MOTI PARA ESTUDANTES VACARESTI

(Cuvantul Studentesc nº 7, Ano II, 4 de março de 1924)

Entre as dádivas em dinheiro recebidas pelos estudantes presos na prisão de Vacaresti dos camponeses de todas as regiões, há uma mais brilhante e mais preciosa que todas as outras, é a enviada pelos Moti das Montanhas Apuseni. Raspando o fundo dos bolsos dos cintos de couro ou as pontas dos lenços, juntaram os seus 2, 3 ou 5 lei para enviar os seus vouchers pelos caminhos trilhados por Lancu, seu antigo defensor, e enviaram-nos juntamente com o coração, para cima. o topo, o longo, longo caminho até Vacaresti através das montanhas, onde ouviram dizer que seus filhos estavam presos por quererem salvá-los da miséria e da injustiça, da pobreza e do sofrimento. Estas contribuições foram enviadas desde o canto mais pobre do nosso país, de onde a canção diz com tanta amargura e tristeza: 'O ouro está no centro das nossas montanhas' como pedimos de porta em porta.

' "O presente mais precioso foi enviado aos estudantes de Vacaresti: um punhado de moedas e um fragmento da alma de um mendigo 'faminto e nu, sem alojamento', uma alma que se esconde debaixo de um trapo, seu maior tesouro, a saúde moral tribulação flui a salvação do povo! , aquela fonte inesgotável de força da qual em tempos de grande

Moti pensa nos alunos! Sua alma começa a compreender, a se mover, a forjar um novo ideal. Este é o melhor e mais eloquente sinal! Ouça alguns de seus nomes, da cidade de Risca, perto de Baia de Cris: "Nicolae Oprea, 2 lei; Nicolae Florea, 3 lei,. N.
Haragus, Aron Grecu, Tigan Adam, A. Hentiu, N. Bulg, Ion Asileu, Al. Vlad, N. Borza, N.
Leucian, Antonie Florea, A. Leucian, cada 5 lei; N. Ciscut, A. Riscuta, Ion Ancu, Saliu Faur, cada 10; N. Florea, sacerdote e N. Rusu, cada um 15 lei; N. Baia, notário e Dutu Riscuta, cada 20 lei. Total de 210 lei. "

Os camponeses compreenderão em breve e virão para o nosso lado com as suas almas fortes e sofredoras, na expectativa da hora da Justiça.

PENSAMENTOS DE UMA NOVA VIDA

O feriado de Natal está aqui. Lá, na prisão de Vacaresti, pensamos constantemente nas nossas famílias e, especialmente durante as longas noites sem dormir, estamos incansavelmente preocupados.
Quando nosso lado vencerá, nos perguntamos? Quando sairemos daqui? Se formos condenados a 10-15 anos, seremos capazes de resistir à prisão ou o nosso sofrimento e as nossas preocupações minarão a nossa saúde dia após dia até morrermos?

Flutuamos no desconhecido. Esse estado de incerteza nos consumiu.

Gostaríamos que a data do julgamento fosse fixada de uma vez por todas, para que possamos saber o mais rapidamente possível qual o destino que nos espera.

O sofrimento e o destino comum que tínhamos reservado nos aproximaram cada vez mais, e as discussões sobre as inúmeras questões levantadas nos levaram à mesma conclusão, moldando gradualmente um padrão uniforme de pensamento. As menores questões sobre o movimento nacional nos preocuparam durante horas e dias. Foi quando aprendemos a pensar profundamente e a perseguir um problema em todas as suas ramificações, nos mínimos detalhes. Retomamos o estudo do problema judaico e das suas causas, das suas possibilidades de solução. Estabelecemos planos de organização e ação.

Depois de um tempo, as discussões foram encerradas e passamos para leis, verdades indiscutíveis e axiomas.

Vimos romenos fora do nosso grupo, tateando no nosso problema nacional e dando origem a um jornal ou a uma paródia de uma organização. Pudemos ver que eles estavam chegando a conclusões falsas em questões de doutrina, eram incertos em questões de organização e careciam totalmente de ideias originais em questões de ação. Como resultado de uma reflexão mais profunda, percebemos cada vez melhor que:

Machine Translated by Google

1. O problema judaico não é uma utopia, mas um sério problema de vida ou morte para a nação romena, os líderes do país agrupados por partidos políticos tornam-se cada vez mais como brinquedos nas mãos dos manipuladores judeus.
2. Este sistema político actual, através do seu conceito de vida, da sua imoralidade e da configuração democrática que lhe dá origem, constitui uma verdadeira maldição que caiu sobre o povo romeno.
3. O povo romeno não será capaz de resolver o problema judaico a menos que primeiro resolva o problema dos seus partidos políticos. O primeiro objectivo a ser alcançado pelo povo romeno no seu caminho para derrubar o poder judaico que o oprime e estrangula, terá de ser a derrubada deste sistema político. Um país tem apenas os judeus e os líderes que merece. tal como os mosquitos só conseguem instalar-se e prosperar nos pântanos, os primeiros só conseguem prosperar nos pântanos dos nossos pecados romenos. Em outras palavras, para superá-los, primeiro teremos que erradicar os nossos próprios defeitos. O problema é ainda mais profundo do que o professor Cuza nos mostrou. A missão desta luta foi confiada à juventude romena que, se quiserem enfrentar o desafio desta missão histórica, se quiserem continuar a viver, a continuar a ter um país, devem preparar-se e reunir todas as suas forças para liderar a luta e a vitória. Decidimos que quando saíssemos da prisão, com a ajuda de Deus, não estaríamos separados, mas permaneceríamos unidos para dedicar nossas vidas a esse único objetivo.

Mas antes de nos preocuparmos com as falhas do nosso povo, começamos examinando os nossos próprios pecados. Tivemos longas reuniões nas quais cada um de nós compartilhou as falhas que notou nos outros. E nos esforçamos para corrigi-los.

Era um assunto delicado, porque o homem também é feito: ele não aceita levianamente as críticas às suas próprias deficiências. Cada um acredita ou quer mostrar que é perfeito. Mas dizemos: primeiro devemos conhecer e corrigir os nossos pecados e depois veremos se temos ou não o direito de nos esforçarmos para melhorar os outros.

Assim passaram as férias e depois o inverno. A primavera chegou. Ainda não sabíamos nada sobre nosso destino futuro. Mas uma grande corrente popular a nosso favor nasceu lá fora, apoiando a nossa causa, apesar de todos os esforços desesperados da imprensa judaica para detê-la. Esta corrente crescia constantemente entre os estudantes, os cidadãos e os camponeses, e era uniformemente forte na Transilvânia, na Bessarábia, na Bucovina e no Império Antigo. Agora recebemos cartas de apoio e incentivo de todo o mundo.

A primavera finalmente nos trouxe uma grande alegria. O julgamento foi marcado para 29 de março no Tribunal de Justiça de Ilfov. Começamos a nos preparar. Mas que tipo de preparação poderíamos fazer? Admitimos tudo. Dissemos tudo o que tínhamos a dizer. Os advogados que se inscreveram para nos defender vieram nos visitar. Chamaram-nos a atenção para a seriedade da nossa posição em relação ao nosso testemunho, sugerindo que a mudássemos, bem como toda a nossa atitude; o que seria mais sensato negar. Recusámos categoricamente e pedimos-lhes que nos defendessem no âmbito do nosso depoimento, que não tínhamos a menor intenção de alterar, qualquer que fosse o resultado do julgamento.

Se por acaso formos absolvidos, como poderíamos passar sem o ícone diante do qual rezamos todas as manhãs? Procuramos em todos os internos até encontrarmos um pintor.
Pedimos que ele nos fizesse uma cópia e em três semanas ele fez uma réplica exata, de um metro e oitenta de altura e pequena para mim.

continue minha pessoa, e um rosário de tamanho médio para minha mãe. Mota também mandou fazer um para os pais.

Machine Translated by Google

Então descobrimos que, pelo nosso testemunho, certamente receberíamos pelo menos cinco anos, e nos ajoelhamos diante do ícone: “Senhor Todo-Poderoso! Consideramos estes cinco anos
perdidos para nós mesmos.
Se formos absolvidos, comprometemo-nos a consagrá-los à causa da nossa nação."
Decidimos que 91 de nós nos mudaríamos para Iasi, se fôssemos absolvidos, para aí estabelecermos o nosso centro de actividade. A partir daí, seguindo os planos que traçamos, começaríamos a organizar toda a juventude do país, começando pelos meninos e meninas do ensino médio e seguindo até os alunos mais novos; aqueles nas escolas normais, escolas profissionais, seminários, escolas de negócios e, finalmente, jovens nas aldeias. Depois disso, os centros universitários seriam reformados. Todos estes jovens, esperávamos, crescerão no espírito da fé que nos anima, para que, como jovens adultos, entrem na arena política, onde o destino da nossa luta será determinado e, sendo ainda aumentado pelos recém-formados, ano após ano, seriam como ondas de assalto que se aproximam sem parar.

O ISOLAMENTO DOS POLÍTICOS

O sistema político infectou a nossa vida nacional. A organização dos jovens é necessária, assim como a ênfase na necessidade da sua auto-educação, para protegê-los e separá-los da infecção do sistema político. Permitir que a infecção da juventude romena continue significa aniquilação para nós e uma vitória definitiva para Israel.

Além disso, a nossa organização desta juventude cuidará do problema do nosso próprio sistema político, que por falta de jovens recrutas passará fome. O slogan de toda a geração mais jovem deveria ser:

Nenhum jovem deveria jamais passar pela porta de um partido político; ser aquele que faz isso é um traidor de sua geração e de sua nação. Pois de fato, com sua presença, nome, dinheiro, trabalho, ele fortalece o poder dos políticos. Tal pessoa é um traidor, assim como é um traidor quem sai do lado do irmão e vai para o acampamento do inimigo. Embora não possa revidar com uma arma se apenas levar água ao atirador, ele é cúmplice na matança daqueles que caem entre seus camaradas traídos e, consequentemente, um traidor de sua causa.

A teoria que nos incita a todos a aderir a partidos políticos para melhorá-los - se fingirmos que são maus - é falsa e pérfida. Como tem acontecido desde o início do mundo, dia e noite sem interrupção, é apenas água doce que flui de milhares de rios para o Mar Negro, nunca resultando no adoçamento da água salgada do mar, mas antes pelo contrário: o o mesmo acontece conosco entrando na fossa. dos partidos políticos, não só não os melhoraremos, como também corromperão ,
nós.

Esses foram os pensamentos e resoluções que mais tivemos em mente para implementar quando fomos absolvidos. Nossa configuração organizacional estava pronta. Nosso plano de ação foi estabelecido nos mínimos detalhes. A parte de todos estava definida. O jornal que seria lançado se chamaria Generatia Noua (“A Nova Geração”) e nossa organização como um todo se chamaria Archangelul Mihail (“O Arcanjo Miguel”). Todas as nossas bandeiras deveriam trazer a imagem de São Miguel Arcanjo da igreja da prisão de Vacaresti.

Esta organização, a nosso ver, de toda a geração jovem, seria a secção juvenil da organização política de LA, NC, tendo como objectivo a educação desta juventude.
Para nós, este programa, concebido dentro dos muros da prisão de Vacaresti, foi o início de uma nova vida. representou algo completo em inspiração, organização e plano de ação, diferente de tudo que havíamos pensado anteriormente. Foi o início de um novo mundo, uma base sobre a qual poderíamos construir nos próximos anos.

Ao sairmos da prisão, devemos ir a todos os centros universitários e partilhar as nossas decisões com os estudantes, mostrando-lhes que as manifestações e confrontos de rua já não têm razão de existir face ao nosso novo plano. Ainda nos apegaríamos às nossas expressões passadas, não as negando como nossas,

Machine Translated by Google

não tenha vergonha deles. Mas seu tempo acabou. Todos devemos agora empenhar-nos numa grande tarefa organizacional que nos trará a vitória.

EVITANDO TRAIÇÃO E JULGAMENTO

Vimos Mota pensativo. Ele estava constantemente nos dizendo que, uma vez fora, não seríamos capazes de fazer nenhum progresso a menos que punissemos o traidor. Sempre foi a traição que minou a força da nação, mas nós, romenos, nunca voltamos as nossas armas contra os traidores; é por isso que a traição se enraizou e os traidores se multiplicaram em todas as esferas da vida; é por isso que a vida pública romena nada mais foi do que uma traição permanente ao povo. Se não resolvêssemos esse problema da traição, nosso trabalho ficaria comprometido.

Estávamos muito entusiasmados na noite anterior ao início do nosso julgamento.
Finalmente, nosso destino estava para ser decidido. De manhã fomos levados ao escritório para que nossas famílias pudessem nos ver. Os pais de Corneliu Georgescu eram de Poiana Sibiului.
Pouco depois, Vernichescu entrou. Mota pegou-o pelo braço como se quisesse lhe dizer alguma coisa e os dois foram para uma sala próxima. Vários minutos depois, ouvimos sete tiros e gritos. Saímos para o corredor. Mota atirou em Vemichescu para puni-lo pela traição.

Pulei para o lado de Mota para defendê-lo, pois ele estava cercado por policiais e autoridades que o ameaçavam. Quando a comoção diminuiu, fomos imediatamente levados e colocados em celas separadas. Pelas janelinhas podíamos ver Vernichescu sendo retirado da enfermaria em uma maca a caminho do hospital.
Nas nossas celas, todos começámos a assobiar “Estudantes Cristãos da Grande Roménia”, o nosso hino de luta, para o acompanhar até que desaparecesse pelos portões da prisão.
Duas horas depois, chegou o juiz investigador Papadopol. Ele nos conduziu, um por um, para aparecer diante dele. Todos fizemos uma causa comum com Mota.

No dia seguinte, depois de passarmos a noite dormindo no chão de cimento, fomos levados a tribunal. Nossa situação agora era muito grave, mas nós, no subsolo da Corte, cantávamos nossas canções de luta o tempo todo.
O julgamento deveria começar à uma da tarde. A partir das 10h, milhares de estudantes e cidadãos reuniram-se em torno do Tribunal. Por volta do meio-dia, todos os regimentos da capital foram convocados para controlar a multidão. À uma hora fomos conduzidos ao Tribunal de Justiça. A presidência foi do Sr.
Davidoglu e o promotor foi o Sr. Racoviccanu. Na bancada da defesa estavam os professores Paulescu, Paul Iliescu, Nelu Ionescu, Teodorescu, Donca Manea, Tache Policrat, Naum, etc.
Após sorteio dos jurados, o mandado definitivo foi lido em meio a grande silêncio. Nós ouvimos.
Percebemos que nosso destino estava sendo decidido. Depois foi a nossa vez de falar. O interrogatório começou. Admitimos tudo, menos uma decisão final. Não determinamos a data, mas mostramos os motivos que nos levaram a esta ação. Mostramos a ameaça do problema judaico e acusamos os políticos de corromperem e traírem a nação.
Apesar das muitas interrupções do presidente, continuamos nosso testemunho até o fim.

Seguiu-se uma acusação severa, muitas vezes injusta e insinuante por parte do promotor.
Sentimos que a balança pendeu a seu favor. Mas o sucesso da acusação durou pouco. O professor Paulescu leu a sua declaração no silêncio eclesiástico imposto pelo seu grande prestígio e figura santa: Foi uma declaração curta, mas para o procurador que parecia afundar-se envergonhado na sua poltrona, uma declaração devastadora.

Foi feito um recesso; já eram 20h. Lá fora, a multidão esperava em números cada vez maiores. Nelu Ionescu, Tache Policrat e outros, e no final, Paul Iliescu, falaram de forma brilhante. Já eram 5 horas da manhã a esta hora. O promotor, por meio de nova denúncia, tentou recuperar o cargo e conquistar a Corte.
Nossos advogados responderam a ele. Às 6 horas tivemos nossa última palavra. Então fomos retirados. Os jurados iniciaram sua deliberação. Esperamos mais de meia hora, o que pareceu meio ano. Um pouco mais tarde ouvimos "Hurrah's". Um oficial nos trouxe a notícia: “Vocês estão absolvidos!”

Fomos então levados de volta ao tribunal, onde o veredicto de absolvição foi lido para nós. Lá fora, as pessoas ainda esperavam. Sabendo que estávamos

Machine Translated by Google

absolvidos, começaram a cantar "Viva". Fomos colocados em um carro que nos levou por ruas desconhecidas de volta a Vacaresti para a

cumprimento das formalidades habituais de quitação. Reunimos os nossos pertences e ícones, prontos para sair daquele túmulo com as suas longas noites de agitação e sofrimentos. Mas o pobre Mota teve que ficar, sabe-se lá quanto tempo, para sofrer sozinho daqui para frente. Dizemos adeus a ele. Nós o abraçamos com lágrimas nos olhos e nos separamos dele com profunda dor. Decidimos ser livres; ele entrou novamente em sua cela, em confinamento solitário. Oh, quantas semanas mais ele teria para ficar sozinho naquele cimento!

Assim que partimos, a primeira coisa que fizemos foi ir até Danuleseu e Dragos para pedir perdão às suas famílias pelos problemas que lhes causamos e agradecer-lhes pela preocupação que tiveram connosco durante a nossa prisão.

Depois partimos para nossas casas, onde nossas mães e toda a família nos esperavam, alegres e com os olhos cheios de lágrimas.

Machine Translated by Google

NA IASI

Em Iasi, fui aguardado com impaciência pelos camaradas mais jovens. Não encontrei mais nenhum dos meus colegas lá; desde o outono passado, todos eles se espalharam por suas cidades natais. Levei meu ícone para a Igreja de São Spiridon, onde o coloquei dentro do altar. Um após o outro, encontrei todos os meus amigos e ficamos felizes em nos ver novamente. Mas a nossa alegria não durou muito, pois enquanto eu passeava pela rua Lapusneanu com as minhas duas irmãs e cerca de dez estudantes, a polícia saltou-nos do céu azul, batendo-nos na cabeça com os seus cassetetes de borracha e com as coronhas. . de seus rifles.

Provocado desta forma e atingido sem motivo em Iasi, onde vimos tantas batalhas? Em Iasi, onde derrotamos o comunismo judaico na universidade em 1919, 1920 e 1922? No Iasi, onde os colocamos no lugar deles e nos seguramos durante anos para esmagar o Judaísmo e a sua imprensa? Atingido na minha própria casa?

Então me virei para dar uma resposta. A indignação parecia me dar a força de um leão e eu teria sido capaz de enfrentar toda a força policial, mas meus amigos estudantes agarraram-se a mim, alguns nos meus braços, outros nas minhas pernas. campo como este, recebi vários golpes adicionais com coronhas de rifle. Os transeuntes começaram a vaiar e gritar pela polícia. Voltei para casa abatido, furioso com quem me segurou. Mas eles estavam me contando.

"Eles têm ordens de provocar você, se você retaliar, de atirar e se livrar de você." À tarde, junto com Garneata e Radu Mironovici, fui a um dormitório estudantil onde os líderes estudantis estavam reunidos em uma grande sala. Eles nos contaram como, durante os seis meses que não nos vimos, eles brigaram e quanto custou; como retornaram às aulas e como administraram a situação para não serem humilhados; como no dia 1º de novembro, dia da inauguração, foi realizado um serviço religioso no auditório diante de todos os alunos e professores e o que o aluno Lazarescu disse na época: “Vamos voltar às aulas, mas agora não. um memorando aos nossos professores e ao Senado Universitário, aguardando resposta satisfatória.

"

Ele então nos contou como esse memorando foi apresentado e como os professores universitários chefiados pelo pró-chanceler Bacaloglu concederam a maioria dos pontos do memorando. No dia 6 de novembro, os alunos retomaram as aulas. Os professores souberam evitar uma humilhação injusta dos alunos que lutaram durante um ano inteiro pelas suas crenças.

Continuaram a contar-nos como Marzescu, o Ministro do Interior, trouxe o seu próprio homem como Prefeito da Polícia, dando-lhe liberdade para esmagar o movimento estudantil e o movimento nacional em Iasi; como este homem, com a ajuda de toda a sua força policial, se engajou neste trabalho.

Como os alunos voltaram para a aula e o silêncio foi restaurado, e sem saber como ganhar os louros e receber o pagamento, ele começou a provocá-los.
Contaram-nos também como, no dia 10 de dezembro, as alunas que se dirigiam à Catedral foram recebidas por policiais bêbados que as espancaram com cassetetes de borracha, agarraram-nas pelos cabelos - à vista dos professores - e as arrastaram pela lama. na estrada; como, um por um, os estudantes foram espancados; como no dia 10 de dezembro o estudante Gheorghe Manoliu, diretor do coral, foi espancado nos tornozelos com varas e depois preso; como ele, mantido pela polícia em estado de grande miséria,

contraiu icterícia e morreu no hospital.
Os alunos de Iasi passaram por momentos difíceis nestes seis meses.
Nós, por nossa vez, contamos-lhes as nossas atribulações, lembrando-lhes que era nosso dever tirar Mota da prisão. no final, fizemos um relato dos nossos planos para o futuro.

Como deveríamos organizar toda a nossa geração, criá-la e educá-la com um espírito heróico; como teríamos que isolar o sistema político para que nenhum jovem entrasse nas suas fileiras, e como ele poderia ser derrotado e como o LANC com o Professor
Cuza poderia entrar; como só através de um governo nacionalista, a expressão da nossa
Consciência, força e saúde romenas, o problema

Machine Translated by Google

O judaísmo poderia ser resolvido tomando medidas legais para proteger o elemento romeno e deter a invasão judaica. Como a nossa geração tem a grande e sagrada missão de reavivar esta

consciência, esta força e esta vitalidade. Que nós, os “vacarestianos”, decidimos que todos deveríamos vir a Iasi e estabelecer aqui o centro desta ação que colocaríamos sob a proteção de São Miguel Arcanjo. Nossos camaradas ouviram e receberam nossos planos para o futuro com grande alegria. Após a reunião, visitamos os professores Cuza, Gavanescul, Sumuleanu, etc., partilhando também com eles os nossos pensamentos.

Machine Translated by Google

UM ANO DE GRANDE

OS TESTES PODEM

1924 - MAIO DE 1925

A CASA CULTURAL CRISTÃ

As nossas reuniões, face ao plano que procurávamos seguir, realizavam-se com dificuldade, porque não tínhamos local próprio. Sendo todos pobres, não tínhamos condições de alugar pelo menos dois quartos para começar a organizar a juventude. Encontramo-nos num quartel de madeira que sobrou da guerra na Sra. Um dia decidimos construir uma casa com vários cômodos.

Mas como devemos fazer isso? No dia 6 de maio de 1924, reuni cerca de 60 jovens, estudantes universitários e secundários (membros da primeira Irmandade da Cruz* fundada em Iasi). E foi assim que lhes falei: “Queridos camaradas, até quando vamos suar realizando as nossas reuniões neste quartel? Até agora, os estudantes romenos tinham o direito de se reunir nos seus próprios edifícios universitários.

Machine Translated by Google

Até ontem tínhamos o direito de nos reunirmos em nossos donatários. Também fomos expulsos daqui. Hoje estamos num quartel degradado, onde chove. Em todas as cidades, os estudantes recebem ajuda em suas nobres atividades.
Aqui não há ninguém que nos ajude, porque a população que nos rodeia é composta por multidões de judeus inimigos e políticos desprovidos de sentimento. Os nossos romenos são empurrados para as periferias das cidades onde vivem na miséria negra. Nós estamos sozinhos. O poder de esculpir outro destino para nós, agora como amanhã, só encontraremos em nós mesmos.

Devemos nos acostumar com essa ideia de que entre Deus e nós não há ninguém que nos ajude.
"É por

isso que não há outra solução senão construir com as próprias mãos a casa que precisamos. É verdade que nenhum de nós construiu casas ou fez tijolos. Posso compreender que primeiro precisamos de coragem para quebrar a mentalidade em que crescemos, o mentalidade que faz com que o jovem intelectual que, no segundo dia depois de se tornar estudante, tenha vergonha de carregar um pacote na rua, precise de coragem e vontade para começar do zero, moer para arrancar obstáculos e superar dificuldades."

Olimpiu Lascar, um pequeno construtor com um grande coração, dono de uma casa em Ungheni, no rio Pruth, encorajou-me na minha ideia, dizendo-nos: "Senhores, sugiro que venham fazer os tijolos em Ungheni, onde tenho terreno que vou embora, deixe-os ficar. Também coloco minha casa à sua disposição.

Aceitamos sua proposta. Mas não tínhamos dinheiro para pagar a passagem para Ungheni. Precisávamos de cerca de 300 lei para cerca de 20 pessoas. Esse dinheiro também nos foi dado por Olimpiu Lascar.
*
As "Irmandades da Cruz" são os "ninhos" onde se reúnem os jovens "irmãos da cruz" nas escolas secundárias. Veja também o capítulo "Os primórdios da organização" na seção "A Legião do Arcanjo Miguel" p.244; veja também a nota de rodapé na p.248. **(Trad.)**

O PRIMEIRO CAMPO DE TRABALHO 8 de maio de 1924

No dia 8 de Maio partimos para Ungheni, uns de comboio, outros a pé. Éramos 26. Não tínhamos nada: nem pás, nem ferramentas de qualquer tipo, nem dinheiro, nem comida. Lascar, que nos esperava, nos recebeu. "Bem-vindos, senhores! A cidade mercantil de Ungheni está cheia de judeus, como uma colmeia. Talvez, ao vê-los, eles ajam com menos impertinência.
Nós, cristãos, apenas um punhado, estamos aterrorizados por eles.
"Por fim, formamos algumas

delegações para ir às casas dos cristãos, tentando pegar emprestadas pás, pás e outras ferramentas necessárias. No dia seguinte, fomos a um terreno às margens do rio Pruth. oração por nós. Trabalhamos mais uma semana para chegar ao solo bom, pois tivemos azar que por mais ou menos tantos anos os moradores da cidade despejaram ali seu lixo, formando uma camada de quase dois metros de espessura em alguns lugares. Lembro com carinho do velho Chirosca, começamos a trabalhar com barro e a fazer tijolos. Fomos divididos em equipes de cinco, cada uma fazendo 500 tijolos por dia, chegando a um total de 3.000 por dia.

Mais tarde, quando nosso número cresceu, ganhamos ainda mais, trabalhando das 4 da manhã à noite.
O grande problema era

Comida. No início foi o povo Ungheni que nos ajudou; mais tarde, mantimentos também nos foram enviados de Iasi. Nossos ex-professores, Cuza e Sumuleanu, olharam para o nosso empreendimento com certa desconfiança. Eles acharam que era infantil, achando que não conseguiríamos. Porém, depois de algum tempo, eles começaram a valorizar nossos esforços e até nos ajudaram.

Machine Translated by Google

Quando Corneliu Georgescu deixou a Universidade de Cluj, onde havia completado um ano de farmácia, e veio para Iasi, de acordo com os demais, entregamos à olaria os 17.000 lei doados enquanto estávamos presos em Vacaresti, que ele havia guardado para nós. Contudo, como o problema alimentar era grave, a Sra. Ghica emprestou-nos um terreno de dois acres, que foi plantado por outras equipas de estudantes, para cultivarmos os vegetais necessários em Ungheni. Nosso trabalho agora era realizado em dois locais, um grupo de estudantes trabalhando em Ungheni, outro em Iasi, no jardim, mudando a cada três ou quatro dias. Nosso primeiro trabalho de campo teve o efeito de gerar uma revolução no pensamento da época. Todos de todos os lugares - camponeses, trabalhadores e não menos intelectuais vieram nos observar cheios de curiosidade. Essas pessoas estavam acostumadas a ver estudantes passeando elegantemente vestidos pela rua Lapusneanu ou cantando canções de alegria em torno das mesas das cervejarias nas horas vagas.

Agora eles os viam trabalhando o barro com os pés, enlameados até a cintura; transportar água do rio em baldes do rio Pruth; curvando-se sobre a pá no calor do sol.
Estas pessoas assistiam ao colapso de um conceito até então dominante, nomeadamente o de que é vergonhoso para um intelectual trabalhar com as mãos, especialmente em trabalhos pesados, antes atribuídos a escravos ou a classes desprezíveis. Os primeiros a compreender o valor do campo, sob este ponto de vista, foram justamente os membros das classes humildes. Camponeses e trabalhadores, socialmente separados de outras categorias, tímidos porque o seu trabalho não era apreciado, mostravam no rosto o seu encanto, vendo nisso à primeira vista um sinal de apreço pelo seu trabalho desgastante e de estima por eles. Eles se sentiram honrados e talvez imaginassem dias melhores para si e para seus filhos no futuro.

Por isso, do pouco que tinham, traziam-nos comida diariamente, com alegria.
A vida estudantil transcorreu com calma. Não houve mais manifestações e incidentes de rua.
Trabalhamos cheios de alegria, esperança, pensando que em breve teríamos: casa própria,

UM NOVO RESPIRAÇÃO

Um dia meu pai foi para Iasi e eu o conheci lá. Por volta das 22h eu estava voltando para casa. Na Union Square ouvi um barulho num restaurante e parei para ver o que estava acontecendo. Dois estudantes, os irmãos Tutoveanu de Barlad, estavam brigando com o professor Constantinescu-Iasi. O prefeito de polícia chegou ao local, algemou os estudantes e os levou para a delegacia, espancando-os. Eu, sem dizer nada, apenas assisti essa cena com tristeza. Então notei que o Comissário Clos acompanhado de 3 ou 4 policiais vinha em minha direção. A dois passos de mim ele gritou: "O que você está fazendo na rua a esta hora, seu imprestável?"

Perplexo, apenas olhei para ele. Como ele me conhecia há tantos anos, não poderia imaginar que ele se dirigiria a mim dessa forma. Achei que ele me confundiu com outra pessoa. Mas me senti agarrado pelo pescoço e empurrado para trás. E novamente: "Você já está olhando para mim? Vagabundo... bandido!"

Eu não disse nada, mas mantive minha posição olhando para eles. Assim, golpe após golpe, empurrado pelos quatro policiais, fui “levado” por mais de 30 metros até a esquina de Smimov. Aqui, tirei o chapéu, saudei-os e disse: “Obrigado, senhores”.

Profundamente magoado, esmagado pela dor e pela vergonha, voltei para casa e passei aquela noite atormentado. foi a segunda vez na minha vida que fui atingido, ambas no mesmo mês. Eu me controlei. Mas vocês, opressores do mundo inteiro, não têm o poder do autocontrole. Aquele que se controla um dia explodirá terrivelmente. No dia seguinte contei ao meu pai o que aconteceu comigo. "Deixe-o em paz", disse ele. "Não faça nada. Dois tapas no rosto de uma pessoa assim só sujam as mãos. A hora de sua justiça chegará, tenha certeza. Eles provavelmente estão condenados a

Machine Translated by Google

provocar você. Mas você deve se controlar e tentar não sair mais sozinho.
Segui o seu conselho, mas parece que um homem que foi espancado e não revida não é mais um homem.
Ele se sente envergonhado, desonrado. Carreguei esta desonra como uma grande pedra no meu coração. Mas o pior ainda estava por vir vários dias depois.

SUPRIMIDO POR GOLPES NO JARDIM

O jardim ficou todo devastado. Viemos de Ungheni para colocar tomates. Às 5h do dia 31 de maio, 50 alunos estavam prontos para começar a trabalhar.
Ainda em formação, ao terminarmos a chamada, notei vários soldados nos fundos do jardim. Então, mais de 200 deles invadiram o pátio carregando suas armas.
Eles nos cercaram. Eu disse aos meninos:
"Todos fiquem parados. Não reajam".
No mesmo momento, vi como uma nuvem negra um grupo de cerca de 40 homens em volta do portão, correndo em passo acelerado, revólveres na mão, gritando e xingando.
Foi o prefeito Manciu e sua polícia. Eles estavam ao nosso lado em pouco tempo. Dois comissários e o chefe de polícia colocaram três canos de armas na minha testa. Eles olharam para mim com olhos vermelhos, xingando.
Manciu gritou: "Amarre as mãos atrás das costas!"

Ele me acertou. Outros dois avançaram sobre mim, puxaram-me o cinto e amarraram-me as mãos com força.
Então um golpe vindo de trás me atingiu no queixo direito. Outro, Vasiliu Voinea, aproximou-se e sussurrou-me ao ouvido:

"Antes do anoitecer, nós mataremos você! Você não viverá para expulsar os judeus!"
Ele me xingou e me chutou; então choveram golpes em meu rosto e algumas cuspidas em meu rosto.
Toda a nossa frente, agora bloqueada entre rifles e revólveres, ficou imobilizada, olhando impotente para vir em meu auxílio.

Dona Ghica desceu perguntando: "O que isso significa, senhor prefeito?"
E ele respondeu:

"Eu vou prender você também!"
Um pouco ao lado, vi o promotor de Buzea presenciando a cena. Armas em mãos, os detidos foram revistados.
Qualquer um que se mexesse era atingido e derrubado no chão. Depois disso, flanqueados por oito policiais com baionetas fixas, colocaram-me 10 metros à frente; os outros também foram flanqueados por 200 policiais.
E eles nos levaram embora. Eu estava na frente, com as mãos amarradas nas costas, o rosto cuspido, seguido pelos outros. Fomos assim escoltados pela rua Carol, antes da Universidade, pela rua Lapusneanu, Union Square, por Cuza-Voda, até a Prefeitura de Polícia.

O prefeito e seus oficiais caminhavam pelas calçadas esfregando as mãos. Os judeus, exultantes diante das suas lojas, cumprimentaram-nos respeitosamente.
Eu, triste, mal conseguia ver diante dos meus olhos, senti que a partir de agora tudo tinha acabado.
Vários estudantes do ensino médio que passavam
pararam e tiraram seus bonés para mim. Eles foram imediatamente presos, maltratados e colocados com o resto dos EUA. Depois de desfilarmos assim por mais de um quilômetro pelo meio da cidade diante da população judaica, neste estado de total humilhação, fomos levados à Prefeitura de Polícia. Eles me jogaram amarrado como estava, em uma cabana imunda; os outros foram mantidos no quintal.

NO ANDAR DE CIMA, NO ESCRITÓRIO DO PREFEITO

Um por um, os jovens presos foram levados ao gabinete do prefeito para interrogatório. O prefeito estava sentado à sua mesa e os outros interrogadores, mais de 30 deles, sentaram-se em cadeiras ao seu redor.
"O que Codreanu lhe contou?" Ele demandou.

Machine Translated by Google

“Ele não nos contou nada, senhor prefeito”, respondeu o estudante ou jovem universitário.
"Você vai declarar agora tudo o que ele lhe contou!"

Os sapatos do interrogador foram retirados e seus tornozelos acorrentados. Uma arma foi colocada entre eles e ele foi levantado de cabeça para baixo, a arma sendo segurada em seus ombros por dois soldados.
Manciu, sem casaco, começou a bater na sola dos pés da vítima com um tendão de boi. As pobres crianças, de cabeça baixa, espancadas nos pés, sem aguentar a dor, começaram a gritar.

Percebendo que enfrentavam estes capangas-comissários que zombavam com entusiasmo do terrível quadro - em que as crianças da nação romena eram torturadas por alguns canalhas pagos pelo inimigo - longe de qualquer coração que pudesse chorar por eles e intervir em seu nome, eles gritou:

"Ajuda!"

Depois o Comissário Vasiliu baixou-lhes a cabeça em baldes de água para que os seus gritos de dor e desespero não pudessem ser ouvidos do lado de fora. Quando finalmente a dor se tornou insuportável e eles sentiram que seus corpos não aguentavam mais, gritaram que iriam admitir tudo.
O prefeito foi até sua mesa esperando sua confissão e as vítimas, com as pernas livres, olharam em volta atordoadas. Em seguida, começaram a chorar, caindo de joelhos diante do prefeito: “Perdoe-nos, senhor, mas não sabemos o que declarar”.

"Não? Não quer? Levante-o de novo!" ele ordenou a seus comissários e gendarmes.
E cada pobre criança, com o coração gelado, assistiu aos preparativos para sua agonia recomeçarem.
Novamente levantado de cabeça para baixo sobre a arma, novamente espancado nos pés. Novamente sentiram, um por um, os golpes do prefeito caindo em seus pés. Seus pés estavam ensanguentados, pretos como ébano, tão inchados que não podiam usar sapatos. Entre os torturados estavam: o filho do actual procurador do condado de Ilfov, Dimitriu; Filho do major Ambrozie, com tímpano rompido, que mais tarde se tornou comissário da mesma prefeitura de polícia.

Espancados dessa maneira, eles foram levados para uma sala secreta separada.
Por volta das 9h fui chamado. Com as mãos ainda amarradas e anestesiadas, dois policiais me acompanharam até a prefeitura. Lá, ele se sentou atrás de uma mesa e ao seu redor estavam sentados mais de 30 homens, comissários, comissários auxiliares e agentes. Olhei nos olhos dela.
Talvez entre eles eu possa encontrar um coração compassivo. Mas não encontrei nada além de satisfação geral; Todos sorriam: Botez, o Chefe de Segurança, Dimitriu, o Diretor de

Prefeitura,

Comissário Vasiliu, Clos e outros. O prefeito pegou uma folha de papel. Anotei meu nome e então:

"Qual é exatamente o seu nome?"
"Sou Corneliu Codreanu, doutorando em direito e advogado no mesmo bar que você."
"Leve-o para baixo!"
Três indivíduos, canalhas servis, atacaram-me e derrubaram-me em frente à sua secretária. "Tire os sapatos dele!"
Eles os tiraram, um homem para cada sapato. "Coloque correntes nele!"

Eles acorrentaram meus pés. Eu lhes disse: "Senhor

Prefeito, agora você é o mais forte, mestre da vida e da morte; mas amanhã, quando eu sair daqui, me vingarei de você e daquele que me amaldiçoou”.

Naquele momento, ouvi barulhos e vozes no corredor.
O Professor Cuza chegava com o Professor Sumuleanu e os pais das crianças: Coronel Nadejde, Maj. Dumitriu, Butnariu, Maj. Ambrozie e outros, acompanhados pelo promotor e médico legista, Professor Bogdan.

Machine Translated by Google

O prefeito e os outros pularam das cadeiras e foram para o corredor. Eu ouvi o prefeito dizer.
“O que você quer aqui? Peço que saia!” Depois veio a voz do professor Cuza: "Quem você acha que está expulsando? Viemos ver você para que você nos expulsasse? Viemos acompanhados do Ministério Público como denunciantes contra você."
"Gendarmes, joguem-nos fora!" ordenou o prefeito.

O professor Sumuleanu parou na porta da sala onde as vítimas estavam trancadas e disse.

"Sr. Promotor, não sairemos desta sala até que esta sala seja aberta para nós." Vários comissários.
"Não há ninguém nesta sala. Está vazia.
Professor Sumuleanu: "Que esta sala seja aberta agora!"
Com a intervenção do advogado, a sala foi aberta e seis jovens foram socorridos pelos pais e encaminhados à Câmara Municipal. O legista, professor Bogdan, examinou todos eles, emitindo atestados médicos. Várias horas depois, todos os que estavam no pátio foram libertados. Fiquei detido por mais dois dias, após os quais fui encaminhado ao juiz de instrução.

Ele me soltou. Eu disse a ele:
“Meritíssimo, se a justiça não for feita, eu mesmo farei isso”.
Fui para casa. O professor Cuza com Liviu Sadoveanu veio me ver.
"Ouvimos que você disse que queria fazer justiça com as próprias mãos. Não faça nada disso. Iremos denunciar isso ao Ministério do Interior exigindo uma investigação. É impossível que não recebamos satisfação."

NA MONTANHA RARAU

Fiquei moralmente arrasado. Todos os meus planos falharam. Deixei a olaria e o jardim ao destino e embarquei no primeiro trem para Campul-Lung em Bucovina, onde, pelos caminhos verdes, subi lentamente a montanha, carregando comigo o fardo da minha alma e a humilhação de ontem, também como os tormentos enigmáticos relativos ao futuro. Parecia que eu não tinha nenhum amigo no mundo, exceto a montanha - o Rarau, com sua ermida. Quando eu estava a cerca de 4.500 pés de altura, parei.

Olhei para montanhas e colinas por centenas de quilômetros, mas nenhuma visão diante dos meus olhos poderia substituir

a imagem de infâmia e humilhação a que fui exposto junto com meus companheiros; Eu ainda podia ouvir seus soluços e doía. Estava ficando escuro. Não há uma alma viva por perto. apenas árvores com abutres gritando em volta dos penhascos áridos.
Eu só tinha meu casaco pesado e um pedaço de pão comigo. Comi um pouco de pão e bebi um pouco da água que escorria das pedras. Juntei pedaços de madeira para fazer um abrigo, uma cabana. Morei aqui neste quarto por um mês e meio. A pouca comida que eu precisava me foi trazida pelos pastores do curral do velho Piticaru.

Fiquei taciturno e com vergonha de descer entre as pessoas. Perguntei-me: que pecados eu poderia ter cometido para que Deus mandasse esse infortúnio sobre minha cabeça agora mesmo, quando eu estava pronto para lançar um plano tão grande e lindo? Escrevi para Mota:

"Não sei o que me aflige; parece que não sou eu mesmo! A sorte me abandonou. O infortúnio me segue há algum tempo, passo a passo; em tudo que começo, falho. E quando a fortuna não te serve mais na batalha, todos aqueles ao seu redor começam a abandoná-lo. Você os reúne ao custo de 30 vitórias, e uma derrota é suficiente para que eles o abandonem.

Machine Translated by Google

Minha alma estava atormentada por dúvidas. Eu estava em uma encruzilhada. Lutámos pelo bem do país e fomos tratados como inimigos do povo. Fomos atingidos impiedosamente pelo governo, pela polícia, pelos gendarmes, pelo exército.

Devemos também usar a força? Eles são o Estado; por dezenas de milhares, por centenas de milhares. Nós, um punhado de jovens, fisicamente exaustos pelas dificuldades, pela fome, pelo frio, pela prisão, que força representamos para ter esperança, mesmo que por uma pequena chance de vitória? Se tentássemos, seríamos esmagados. E no final, o país, atordoado pela imprensa judaica, diria que éramos loucos. Não usar a força e a violência como eles fazem?

Eles provocam, torturam seus homens, dispersam-nos e matam você. Deveríamos nos permitir ser mortos? Mas na nossa idade ainda não escrevemos nada e nem sabemos porque nos mataram, é melhor que todos saiamos do país. Sair e xingar; para

vagar por todo o mundo. É melhor mendigar país após país do que sermos tão humilhados aqui em nossa própria terra.

Ou descer desta montanha, arma na mão e fazer justiça, para que eu possa acabar com a besta que bloqueia a estrada e sufoca a vida da nossa nação. Mas e nossos planos mais tarde? Morrerei no meu esforço ou morrerei na prisão; pois não posso suportar um regime de prisão. Eu amo a liberdade. Se eu não tiver, eu morro. Mas e Mota? Pois tal medida significa tanto o meu martírio como o de Mota, cujas possibilidades de absolvição desaparecerão completamente. Todo o nosso grupo será esmagado. Todos os nossos pensamentos bem-intencionados, todos os nossos planos de organização terão sido em vão – porque todos teriam acabado aqui.

,

Durante seis semanas, no alto da montanha, fui atormentado por esses pensamentos, incapaz de encontrar uma solução. Sob o peso das minhas preocupações e angústias, meu peito começou a doer e senti meus poderes diminuindo.

Eu tinha sido um homem impetuoso que nunca cedeu a ninguém. Eu estava seguro de mim e confiante em meus poderes. Onde quer que eu fosse, eu venci.

Desta vez, as dificuldades atuais me dobraram! Eu desci da montanha. Deixei tudo para o destino; Não consegui encontrar nenhuma solução. Mas desde então carreguei comigo um revólver que pretendia usar à primeira e mais leve provocação; ninguém me afastaria dessa resolução. Fui à cerâmica. Ali, Grigore Ghica, encarregado da obra, cumpriu exemplarmente a sua responsabilidade. O número de tijolos armazenados aumentou consideravelmente.

Foram construídos dois novos fornos, cada um com capacidade para 40 mil tijolos.
Isso foi por volta de 15 de julho. Os meninos me receberam calorosamente. Nada de incomum aconteceu no quintal.

Em Iasi, porém, encontrei mudanças. Os comissários de polícia que antes mal usavam sapatos eram agora equipados de cima a baixo por judeus que se sentiam mestres absolutos. A Prefeitura de Polícia tinha à sua disposição um carro fornecido pelos judeus.

Demonstraram uma impertinência que não se via desde 1919, durante os movimentos comunistas, quando se imaginavam nas vésperas da revolução e quando cada pequeno judeu, em Iasi ou no Pruth, assumia o ar de comissário do povo.

ESFORÇOS PARA DIVIDIR NOSSO BLOCO

O poder judeu-liberal tinha ouvido falar do nosso grupo, do nosso voto feito em Vacaresti, percebendo que em torno deste bloco os estudantes se uniriam. Nada assusta mais os judeus do que a unidade perfeita nos outros: unidade de sentimento num movimento, num povo.
Por isso serão sempre a favor da “democracia”, que só tem uma vantagem, e esta para o inimigo da nação. Pois a democracia quebrará a unidade e o espírito de um povo que, face à perfeita unidade e solidariedade do Judaísmo na Roménia e no resto do mundo, uma vez dividido em partidos democráticos, portanto fragmentados, será derrotado.

Machine Translated by Google

Isto também se aplica ao movimento estudantil; como não tínhamos uma unidade perfeita, os judeus encontraram facções ou líderes que pudessem convencer, à maneira maçônica, isto é, sugerindo-lhes todo tipo de ideias que não tinham outro propósito senão quebrar a nossa unidade.

Ou, como o nosso grupo desta vez apresentava uma unidade inabalável com a possibilidade de reunir todo o movimento estudantil em torno de si, fomos confrontados com uma série interminável de mentiras e intrigas cuidadosamente tecidas, com o objetivo de separar Mota de mim e dos outros. .

Os judeus encontraram entre os estudantes elementos fracos que poderiam ser usados como ferramentas involuntárias. Fingindo que compartilhavam com eles grandes segredos, os judeus lançaram intrigas que atingiram até mesmo os pais dos estudantes, alguns dos quais se tornaram os mais ferozes defensores do corte dos laços dos filhos com este grupo.

Como conseguimos resistir? Somente através da previsão de nossos planos é que Vacaresti. Percebemos desde o primeiro momento que este clássico ataque da Maçonaria e do Judaísmo seria dirigido a nós. Estávamos prontos. Então, no momento em que tudo começou, resistimos até mesmo aos nossos parentes mais próximos. Assim que detectamos um intrigante trabalhando, nos reunimos e informamos todo o grupo.

Agora dou conselhos a todas as organizações aqui presentes, chamando a atenção para este sistema, que é comumente usado em todos os lugares. Para evitar o ataque: 1. Nunca acredite em informações tendenciosas, não importa de onde elas venham.
2. Relate imediatamente a tentativa de intriga ao grupo em questão, às pessoas envolvidas e aos líderes. Desta forma, o ataque pode ser repelido.

MEU BETROTA

Em 10 de agosto de 1924, na olaria Ungheni, rodeado de meus companheiros e de meus pais, ocorreu meu noivado com a Sra. Elena Ilinoiu, filha do Sr.
Constantin Ilinoiu, maquinista, era um homem de grande bondade e grande ternura de alma. Depois disso, fui morar com eles, onde fui recebido de braços abertos, apesar de terem uma família de cinco pessoas. Esta família foi um apoio constante para mim na luta que travava. Seu cuidado comigo e seu amor me sustentaram. No dia 13 de setembro fui à casa do Husi, onde comemorei meu aniversário e meu nome na casa dos meus pais. Eu tinha acabado de completar 25 anos.

Machine Translated by Google

TESTE MOTA-VLAD

O julgamento de Mota e da estudante Leonida Vlad, que adquiriu o revólver, foi marcado para 26 de setembro de 1924. Vlad se entregou vários dias após o tiroteio e ficou preso com Mota o tempo todo.

Parti para Bucareste, onde foram abertas deliberações no Tribunal de Justiça. Mota defendeu energicamente a sua tese de que a traição devia ser punida. A opinião pública, farta de traidores, acompanhou o desenrolar do julgamento com grande interesse e entusiasmo.
Viu no gesto de Mota um início de ação contra os traidores e uma prova de saúde moral. O seu feito brilhou como uma luz no lado negro da vida romena, onde, século após século, lutadores pelo bem do povo foram derrubados.

através da traição.
Todos os estudantes das universidades AJL fizeram grandes manifestações pela sua absolvição. Em torno do Tribunal de Bucareste, mais uma vez, milhares de pessoas reuniram-se querendo uma nova vida para o seu país e exigindo a liberdade de Mota.

De madrugada, a justiça popular deu a sentença de absolvição que foi recebida com entusiasmo em todo o país. Mota, depois de ver os pais, trocou Cluj por Iasi, onde se estabeleceu, conforme nosso voto.

SOBRE O QUE ACONTECEU NO JARDIM

A humilhação e a desonra a que fomos submetidos durante a ilegalidade de 31 de Maio esmagaram-nos moralmente; tornou-se uma ferida aberta que se aprofundou

Machine Translated by Google

cada vez mais, consumindo nossa vida e aparentemente nos aproximando do túmulo.

A humilhação que você sente quando você e os seus são desonrados, lhe dá uma sensação de dor profunda, fazendo com que você evite as pessoas, tenha vergonha de ser visto. você parece sentir que este mundo o despreza, rindo na sua cara porque você é incapaz de defender sua honra; que você coloca a própria sociedade em perigo ao permitir que se acredite, por sua covardia, que um opressor pode, sem punição, desonrá-la e feri-la de acordo com seus caprichos.

Estas dores aumentaram proporcionalmente à medida que os nossos esforços para obter reparação legal foram rejeitados com um cinismo que nos levou ao desespero.
As vítimas que entravam com ações judiciais por satisfação corriam o risco de serem novamente espancadas pela polícia, desta vez dentro dos próprios muros do pretório da justiça e até mesmo diante dos juízes. No final, porém, foram os requerentes que foram condenados. O que aconteceu em 31 de maio teve repercussões.

Reproduzo nos jornais o eco que este acontecimento teve na sociedade romena juntamente com as tentativas de obter satisfação pela indignação.

Universul ("O Universo") em 8 de junho de 1924 imprime sob o título:

A POLÍCIA IASI

ALUNOS FORAM ESPANCADOS PELA POLÍCIA PREFETIVA

Imaginamos o Sr. Manciu, o prefeito da polícia de Iasi, como um dos mais notórios agentes da polícia do século passado, exemplificado pela violência e brutalidade, o Sr. Presidente da Câmara Manciu, embora seja um agente da polícia com apenas um ano de experiência numa cidade universitária como Iasi, inaugurou o seu sistema de violência policial anacrónica no ano passado no congresso de professores universitários. Ele conseguiu impedir uma conferência de professores universitários porque foi isso que seus impulsos policiais lhe ditaram.

Os protestos que se seguiram contra as indignidades infligidas a este ilustre grupo de intelectuais permaneceram infrutíferos, uma vez que o Sr. Prefeito da Polícia de Iasi tinha apoio político para fazer o que fez.

E desde então o senhor Manciu continuou assiduamente os seus métodos policiais que tem demonstrado particularmente nestes últimos dias, quando bate, bate com sede, bate com zelo, sangra maliciosamente os estudantes, depois ordena aos seus subordinados que o imitem com o mesmo zelo brutal.

Não importa o que os alunos de Iasi tenham feito, se fossem assassinos, não deveriam ter sido espancados.

Em primeiro lugar, deveria ter havido uma investigação, o Ministério Público deveria ter sido informado, eles deveriam ter sido presos, possivelmente acorrentados, mas não espancados até virarem polpa.

O Sr. Presidente da Câmara Manciu é certamente obrigado, no desempenho das suas funções, a aplicar certos regulamentos relativos à “protecção dos animais”. Nós até acreditamos que ele os aplica.

“Ou seja, ele cuida para que os cavalos não sejam espancados, para que os porcos não sejam torturados.

No entanto, o Sr. Manciu, que como estudante deve ter estudado direito penal e deve ter lido alguma da literatura criminal que lhe pode ter sido recomendada pelo nosso ilustre penalista Sr. Iulian Teodoreanu, um homem que pregou a abolição das sanções brutais dentro de

prisões, espancou pessoalmente estudantes, torturou-os e cobriu-os de sangue.
Mas e se os estudantes espancados não forem culpados de nenhum dos absurdos de que são acusados? E daí?
Ele deveria, por sua vez, ser derrotado?
Uma investigação judicial é certamente necessária.
Mas também é necessária uma sanção para impossibilitar o Sr. Manciu de fortalecer os músculos da cabeça dos estudantes. "

B. Cecrópida

Machine Translated by Google

O jornal continua em 9 de junho de 1924:

ALUNOS DA IASI FORAM MALTRATADOS

Eles foram provocados pela polícia, torturados sem motivo, um prefeito brutal da polícia. Manciu deve ser demitido.

Escrevemos em uma edição anterior sobre o banditismo cometido pelo Sr. Manciu, prefeito da polícia de Iasi, contra os estudantes. Hoje reproduziremos vários trechos do memorando que os alunos enviaram ao Ministério do Interior.

Os Estudantes Construtores No memorando eles dizem: 'Nós, estudantes cristãos da Universidade de Iasi, tomamos a decisão há um mês de construir, através do nosso próprio trabalho, uma casa cultural...'

As provocações do prefeito de polícia Assim que nos reunimos, fomos cercados por uma companhia de gendarmes e por todo o aparato policial chefiado pelo prefeito Manciu.
Enquanto estávamos todos parados, com as armas estendidas, eles atacaram-nos, começaram a praguejar e a atacar-nos da forma mais bárbara possível.
Fomos revistados porque pensavam que encontrariam armas conosco, mas nada foi encontrado em nenhum de nós. Durante a busca, tentaram colocar um revólver e alguns papéis nos bolsos do nosso colega Corneliu Zelea Codreanu, o que ele protestou. Por isso foi espancado pelo Policial Manciu, pelo Inspetor Clos, pelo Comissário Vasiliu e, junto com os demais agentes, foi amarrado como se fosse o pior dos ladrões. A mesma coisa aconteceu com um grande número de nós que estávamos lá. Fomos presos, cercados por cordões militares, levados para a Prefeitura de Polícia. '

Até crianças na rua foram espancadas "No caminho encontramos vários estudantes de várias escolas secundárias que se dirigiam ao parque desportivo para praticar oina (beisebol romeno - **Tr.), conforme** orientação dos seus directores. Todos foram presos e levados conosco para a sede da polícia, naturalmente após serem espancados pelo próprio policial Manciu e pelos demais policiais, para que todos pudessem assistir. Eles também ficaram detidos na sede da polícia o dia todo.

Alguns de nós foram espancados até desmaiar e depois libertados; outros prestaram declarações sob coação, enquanto alguns foram libertados sem qualquer declaração". "E para finalizar, a Universul acrescentou: "Os atos acima mencionados não podem ficar impunes.

O prefeito da polícia, Manciu, que se revelou um agente provocador e culpado de torturar estudantes e rapazes de alto escalão em Iasi, deve ser punido por tais irregularidades.

Entre outros, a Universul de 10 de junho de 1924 imprime:

IASI SOB O TERROR DA PREFEITORIA

POLÍCIA "...Transportados para os calabouços da polícia, esses estudantes foram submetidos às mais terríveis torturas." Alguns deles foram pendurados de cabeça para baixo e espancados nas solas dos pés com tendões de carne bovina. O estudante Corneliu Codreanu foi amarrado, esbofeteado e torturado pelo próprio prefeito da polícia. Sua saúde estava abalada. "

"Os outros estudantes presos apresentam lesões corporais graves."
"Trezentos estudantes relataram os fatos acima mencionados ao procurador-geral, exigindo que o legista investigasse as condições de seus colegas torturados".

A PALAVRA DO PROFESSOR AC CUZA

Machine Translated by Google

Na edição especial do jornal Unirea ("A União") de 1º de junho de 1924, o professor AC Cuza publicou um criterioso artigo do qual extraio: "Mas, diante dessas brutalidades constantes e de inúmeros abusos, sem fundamento - especialmente cometidos para que os estudantes romenos se preocupassem durante o terror - duas questões são fortemente colocadas: “O que quer o governo que mantém um polícia no comando de uma cidade como Iasi?” O que quer o próprio polícia?

“Eles querem que reações impensadas sejam produzidas como resultado dessa frustração contínua que parece ser provocada diariamente?”
“Esta provocação é ainda mais indigna e irritante porque ao mesmo tempo o polícia Manciu participa nas reuniões da associação judaica 'Macabi' e ostensivamente lidera estes Macabeus de espírito desportivo em excursões, sob a sua bandeira branca e azul.

“E você pode vê-lo descansando diariamente em seu carro – não aquele que viajou outro dia para Ciurea – mas no carro novo que parece ter sido comprado para ele pela comunidade israelense de Iasi através de uma assinatura pública, o mesmo Kahal que encoraja-o na imprensa e em todas as oportunidades na sua atitude contra os estudantes cristãos.

“Protestando com a maior indignação contra esta ação provocativa contínua, exigimos que as autoridades superiores intervenham para pôr fim a um estado de coisas indigno e perigoso, que nem Iasi nem os estudantes cristãos podem mais tolerar”.

AC Cuza

REUNIÕES DE PROTESTO CONTRA MANCIU

3 e 5 de junho

Foram enviados os seguintes telegramas:

À SUA MAJESTADE O REI

“Querendo nos unir para protestar contra a ilegalidade da Polícia Manciu contra nossos estudantes e crianças que eram espancados e insultados diariamente, fomos parados pela polícia e pelos gendarmes, embora o promotor tenha autorizado nossa reunião.

“Respeitosamente submetemos nossa reclamação a Vossa Majestade e pedimos para ser protegidos.” (seguem 1200 nomes).

AO MINISTÉRIO DO

INTERIOR “Nossos filhos foram tirados das ruas, violentamente maltratados pelo prefeito policial Manciu. Exigimos investigação imediata seguida de sanções forte.

“Feridos em nossos sentimentos parentais, perdendo toda a paciência, esperamos justiça sem demora”. ss. Maior 1. Dumitriu,

Maj. Ambrozie, D. Butnaru, Elena Olanescu, Capitão Oarza, Gheorghiu, etc.

ACTIUNEA ROMANEASCA ("AÇÃO ROMANA")

Primeiro ano, nº 2, 15 de novembro de 1924

Actiunea Romaneasca em sua edição de 15 de novembro de 1924 publicada sob a assinatura do renomado

Machine Translated by Google

escritor Dr. Ion Istrate: "Um

Uma impressionante reunião de protesto público foi realizada em 8 de junho de 1924 no Bejan Hall, sob a presidência honorária do General Tamoschi. A conduta de Manciu foi marcada por: o professor universitário AC Cuza, o estudante Grigorescu representando os estudantes cristãos o artesão Artur Rus, o metalúrgico C. Pancu, o professor universitário C. Sumuleanu da Faculdade de Medicina que fez uma descrição impressionante do que viu na delegacia: quebrado tímpanos, carros inchados, olhos ensanguentados, braços quebrados e pernas machucadas pelos tendões de boi dos selvagens de Manciu. Declarou que se tivesse tido um filho tão torturado pelo bárbaro que chefiava a força policial, “não teria hesitado um só instante em estourar os miolos do canalha”.

Em seguida falou o major 1. Dumitriu, que concluiu dizendo: 'Confio que a justiça do país nos satisfará. Caso contrário, juro aqui diante de vocês e saberei respeitar meu juramento de que farei justiça às minhas próprias bandas.

“Também falaram o advogado Bacaloglu, a então artesã Cristea, o advogado Nelu Ionescu e o professor Ion Zelea Codreanu. No final, foi votada uma moção de protesto em que se solicitava satisfação ao Ministério da Justiça, por um lado, e o governo era chamado a demitir Manciu, por outro.

UM AVISO INÚTIL

Em Tara Noastra ("Nosso País") nº 24 de 15 de junho de 1924, o conhecido escritor Al.O. Teodoreanu publicou um artigo do qual reproduzimos os últimos trechos:

“O tribunal, chamado a manifestar-se, declara inocentes todos os 'estudantes detidos' e decide que devem ser libertados imediatamente.
Apesar disso, a estudante Zelea Codreanu está presa, sendo julgada pelo Policial Manciu, que também é advogado, por formação de quadrilha.
Os mais elementares manuais de direito e o bom senso nos dizem que no casamento, no duelo ou na conspiração, uma única pessoa não consegue figurar.
Para colocar tal rótulo em uma pessoa como acima, aquele que o emite deve estar em um estado particular de intoxicação que o faria ver pelo menos o dobro.
Em outras palavras, você não pode falar com ele.
Mas, em nome de toda a população romena caluniada, da qual excluímos alegremente, sem prejuízo de ninguém, os seus tímidos representantes no Parlamento e na imprensa, perguntamos ao governo se considera melhor deixar a punição (inevitável) de Manciu ao seu cargo. vítimas, ou mais oportuno evitá-lo.

Fortalecidos pela palavra decisiva da justiça, não hesitamos em rotular “a conspiração” de Iasi como uma conspiração traiçoeira...

AO Teodoreanu

É ORDENADA UMA INVESTIGAÇÃO ADMINISTRATIVA

Como resultado dos numerosos protestos decorrentes deste evento, o Inspetor Administrativo Vararu foi enviado para investigar o caso. Aqui está o memorando enviado a você pelo Maj. Ambrozie:

MEMORANDO

Senhor Inspetor,

Desejando definitivamente apurar toda a verdade sobre o nosso relatório telegráfico sobre a tortura dos nossos filhos, o Ministro do Interior enviou-o para investigar; pois acreditamos que você deseja dar total

Machine Translated by Google

exposição a este caso, elaboramos este memorando contendo a narração dos fatos. O evento decorreu da seguinte forma: Em Iasi, tanto os directores das escolas como os pais dos alunos sabiam que os alunos estavam a fazer tijolos em Ungheni para construir a sua própria casa em Iasi e que estavam a trabalhar num jardim colocado à sua disposição pela Sra. , e 20 a 25 meninos do ensino médio foram enviados para regar o jardim.

O prefeito da polícia estava ciente disso; mas imaginou que poderia muito bem inventar algo sensacional, como uma conspiração, «especialmente quando os jornais de Iasi são praticamente sua propriedade e, consequentemente, cairiam no seu jogo». Dito e feito. No dia 31 de maio de 1924, entre 4h30 e 5h da manhã, quando soube que cerca de 65 estudantes tinham vindo trabalhar na Sra. Ghica, toda a sua força policial e muitas tropas armadas fizeram um ataque repentino contra eles por causa de a seriedade da “conspiração” inventada. A mente humana recusa-se a compreender o que aconteceu quando estudantes do ensino secundário e rapazes foram presos como criminosos comuns e brutalmente espancados no local por agentes, militares e até pelo próprio oficial Manciu.

Meia hora depois, todos eles, liderados por Corrieliu Zelea Codreanu e sob forte escolta, caminhavam pela rua principal em direção à sede da polícia; no caminho, conheceram outro grupo de estudantes do ensino médio que, por ordem de seus professores, iam para Copou interpretar Ioina. Estes, por se darem ao luxo de cumprimentar os acorrentados, foram imediatamente presos, espancados e levados para a sede da polícia, como cúmplices dos primeiros.

Chegando lá, o prefeito, sem se preocupar em informar o Ministério Público da gravidade da situação, iniciou sozinho um interrogatório 'sui generis'; nomeadamente, ele espancou, maltratou e torturou estes estudantes e rapazes do ensino secundário para os forçar a declarar que faziam parte da conspiração, para os fazer contar o que sabiam. Mas o que eles deveriam dizer, quando não sabiam nada disso?
Quase todos foram espancados, mas os mais gravemente feridos foram: 1. Meu filho, Cezar Ambrozie, aluno do Seminário Pedagógico, que foi chicoteado pessoalmente pelo prefeito com um tendão de boi na cabeça, e no final, por não dar a resposta esperada deu um soco na , era orelha esquerda, que rompeu seu tímpano.

2. Estudante do ensino médio Dumitriu Sprinti, filho do Major Durnitriu; seus pés foram acorrentados e ele foi virado de cabeça para baixo e pendurado em um rifle empunhado pelo sargento. Cojocaru e Cpl. Teodoroiu. Ele foi espancado nos pés com tendão de boi pelo próprio prefeito até desmaiar.

3. Ai, garoto do ensino médio. Gurguta estava com as mãos e os pés amarrados. Em seguida, ele foi colocado no chão de bruços e espancado com um tendão de boi, e para abafar seus gritos, uma panela com água foi colocada sob seu rosto e um oficial ali postado enfiou seu rosto na água quando ele gritou mais alto.

Durante toda essa tortura, também estiveram presentes dois policiais: o capitão Velciu e o tenente. Tomida, cuja dignidade de soldado, esperamos, não os impede de revelar a verdade, pois não lhes foi digno presenciar tal tratamento; utilizar tropas para tortura, bem como utilizar arma militar como instrumento de tortura, quando se sabe qual deve ser a sua utilização.

Segundo relatos de estudantes do ensino médio e meninos, enquanto o policial Manciu estava envolvido nessas operações, os promotores Culianu e Buzea passaram por seu gabinete. Acredito que eles dirão a verdade.

Os espancamentos e a tortura só cessaram completamente mais tarde, quando o Primeiro Promotor Catichi chegou à sede da polícia, conforme exigido por um comitê composto por; Os professores Cuza e Sumuleanu, o advogado Bacaloglu, o coronel Nadejde e o legista Bogdan que examinaram as crianças e comprovaram legalmente, ali na delegacia, os ferimentos listados nos atestados médicos anexos a este relatório.

Como pode constatar, Inspetor, até hoje seguimos os trâmites legais, nomeadamente.
1. Pedimos ao primeiro promotor e legista que fossem à prefeitura verificar os ferimentos dos alunos.
2. Apresentámos uma acção judicial contra os torturadores no Tribunal Distrital 11.

Machine Translated by Google

3. Informamos o Ministério Público, para onde também foi enviado o relatório do legista,

o caso está sendo encaminhado ao Magistrado Lesanu para investigação.
4. Como oficiais e homens de honra, poderíamos ter exigido satisfação do Sr.
Manciu através das armas, mas ele se desqualificou quando se recusou a enfrentar
o capitão Ciulei em um duelo. Honestamente, essa é a verdade.
Peço-lhe que tenha a bondade de considerar que, entre os pais ofendidos, dois de nós somos funcionários de alto escalão que, por terem agido legalmente, ficam expostos, pois até hoje ninguém nos deu satisfação.
Acreditamos que o Ministro do Interior nos dará total satisfação ao levar o Prefeito Manciu perante o tribunal por seus crimes, e intervirá junto ao Ministério da Guerra para Manciu, embora um oficial menor da reserva tenha torturado intencionalmente os filhos de seu superior camaradas.

Maj, (ss) Ambrozie

O resultado da investigação foi o seguinte: 1.
O prefeito Manciu foi premiado com Steaua Romaniei (a estrela da Roménia) com o posto de comandante.

2. Todos os comissários de polícia que nos torturaram foram promovidos.
3. Encorajada por estas medidas, a polícia desencadeou mais perseguições contra nós, desta vez estendendo-se a toda a Moldávia. um polpa na rua ou na sede sem ter que responder a ninguém por seus atos.

Machine Translated by Google

O DIA FATAL

Sendo esta a situação, no dia 23 de Outubro de 1924 compareci no Tribunal do 11º Distrito de Iasi como advogado, juntamente com o meu colega Dumbrava, para representar o estudante Comarzan que foi torturado por Manciu.

O prefeito apareceu com toda a equipe e ali, em plenário, diante dos advogados e do juiz presidente Spiri doneanu, se jogou sobre nós.

Nessas circunstâncias, arriscando tudo, prestes a ser esmagado por vinte policiais armados, saquei minha arma e disparei.

Mirei em quem chegasse mais perto.

O primeiro a cair foi Manciu. O segundo, Inspetor Clos; o terceiro, um homem muito menos culpado, Commissax Husanu.

O resto desapareceu.

Num instante, diante do Tribunal, vários milhares

*

O subtenente Manciu estava no 10º Regimento de Infantaria de Montanha, mas durante a mobilização evitou suas funções nas oficinas do 3º Corpo de Exército.

Os judeus se reuniram, com as mãos no ar, os dedos como garras tortas de ódio, esperando que minha partida me despedaçasse.

Segurando a arma na mão direita, que ainda tinha cinco cartuchos, agarrei Victor Climescu, advogado em Iasi, pelo braço, pedindo-lhe que me acompanhasse ao tribunal.

Saímos e caminhamos por ali, no meio da multidão uivante de judeus que tiveram o bom senso, ao verem a arma, de se afastarem.

Fui apanhado pelos gendarmes no caminho, separado do Sr. Climescu e levado para a Prefeitura de Polícia. Aqui os comissários saltaram sobre mim para me desarmar com a arma do único amigo que eu tinha no meio desta desgraça. Reuni todas as minhas forças resistindo a eles por cerca de cinco minutos. No final, fui dominado.

Eles então acorrentaram meus pulsos atrás das costas e me colocaram entre quatro soldados com baionetas em punho.

Depois de um tempo, eles me tiraram daquele escritório e me levaram para o fundo do pátio, colocando-me em frente a uma cerca alta. Os policiais recuaram, deixando-me sozinho. Suspeitei que queriam atirar em mim. Fiquei lá por várias horas até altas horas da noite, esperando ser baleado. Porém, essa espera não me afetou. A notícia desta trágica vingança se espalhou na velocidade da luz.

Quando chegou aos dormitórios estudantis, causou uma grande explosão.

De todos os refeitórios e dormitórios, os estudantes começaram a correr pelas ruas em direção à Union Square. Lá eles se manifestaram por muito tempo, cantando, depois tentaram ir até a Prefeitura de Polícia. Mas o exército, agora em cena, conseguiu detê-los. Embora acorrentados, fiquei feliz em ouvi-los cantar, pois isso significava que haviam sido libertados do seu tirano.

No final do dia, fui levado para cima, para o mesmo escritório de tortura onde Lesanu, o juiz de instrução, estava agora sentado atrás da secretária, o mesmo homem a quem me tinha queixado quatro meses antes, exigindo justiça. Ele me interrogou brevemente e depois emitiu o mandado de prisão.

Fui então jogado em uma carroça de arroz e transportado para a Prisão de Galata, na colina acima de Iasi, perto do mosteiro construído por Petre Ise'hiopul, MXP-T de Lá, fui colocado em uma sala com outros dez prisioneiros, onde minhas correntes foram foram removidos. Meus colegas de cela me deram uma xícara de chá. Então me deitei para dormir. No dia seguinte, fui colocado em confinamento solitário, num quarto com piso de cimento, cama de tábuas, sem cobertor ou travesseiro; a porta estava trancada com cadeado. A sala tinha duas janelas cujos vidros eram caiados por fora. Eu não consegui ver nada. Uma parede estava tão molhada que a água escorria por ela. No primeiro dia naquela sala, um velho da guarda Matei trouxe-me pão preto. Abriu uma fresta da porta, meteu a mão com o pão, pois não lhe foi permitido entrar. Eu não estava com fome nenhuma. À noite, estendi-me nas tábuas e cobri-me com o casaco. Eu não tinha nada para colocar embaixo da minha

Machine Translated by Google

cabeça. Estremeci.

Eles me levaram para sair de manhã por dois minutos, depois fui trancado novamente. Uma estudante, Miluta Popovici, que também estava presa, conseguiu chegar perto da minha janela durante o dia, limpar o vidro do tamanho da ponta de um dedo para que eu pudesse ver lá fora. Então ele se afastou e quando estava a cerca de 18 metros de distância, ele sinalizou cuidadosamente para mim com os dedos. Eu entendi que ele estava usando código Morse. Assim, soube que todos os Vacarestianos foram presos novamente: Mota, Garneata, Tudose Popescu, Radu Miromovici exceto Corneliu Georgescu, que não conseguiram prender. Eles também foram levados para a mesma prisão e colocados juntos numa sala. Fiquei sabendo que meu pai também foi levado para lá. A segunda noite foi muito pior. Eu estava com muito frio e não conseguia dormir. Passei quase toda a noite na cela.

De manhã, novamente fui levado para fora por dois minutos e depois trancado novamente; o velho Matei me deu outro pão. Ao meio-dia fui algemado, colocado em uma carroça e levado ao Tribunal para confirmação do meu mandado de prisão. Seguindo esta formalidade, fui levado de volta a Gálata, para o mesmo quarto escuro. Lá fora, o tempo estava piorando. Sem calor, comecei a tremer.

Tentei dormir um pouco nas tábuas, mas só consegui tirar uma soneca de cerca de meia hora por vez, pois meus ossos doíam. Por causa do frio que subia do chão de cimento, meus rins começaram a doer. Percebendo que estava perdendo as forças, apelei para a minha vontade e para a ginástica.
Durante toda a noite, de hora em hora, levantei-me para fazer exercícios por dez minutos, esforçando-me obstinadamente para manter minhas forças.

No dia seguinte me senti mal. Minha força estava visivelmente diminuindo apesar da minha determinação e vontade.

poder. Na noite seguinte o frio foi ainda maior e minha vontade não funcionou mais; Eu me senti quebrado, vi preto diante dos meus olhos e desmaiei. Enquanto durou minha vontade, não me preocupei.
Mas agora percebi que estava muito mal. Eu estava tremendo e não conseguia parar. Quão difíceis foram aquelas noites aparentemente intermináveis!

O promotor veio no dia seguinte me ver. Tentei esconder minha forma.
"Como estão as coisas aqui?"
"Muito bem, senhor."
"Você não tem nada a
relatar?" "Não, nada."

Passei treze dias assim; então eles fizeram uma pequena fogueira para mim. Eles me deram roupa de cama, cobertores e alguns tapetes que estavam pendurados nas paredes. Eu tinha permissão para ficar fora de casa uma hora por dia. Um dia vi Mota e Tudose no fundo do quintal e fiz um sinal para eles. Foi então que soube que meu pai havia sido libertado; da mesma forma, Liviu Sadoveanu, Ion Sava e outro estudante que foi preso.

DOIS ARTIGOS RELACIONADOS AO CASO MANCIU

No dia seguinte aos acontecimentos em Targul-Cucului, Cuvantul Iasului ("O
Palavra de Iasi") de 27 de outubro de 1924 publicou um artigo assinado por Nelu Ionescu, advogado, ex-presidente da Associação dos Estudantes de Direito, do qual cito:

"Os comentários feitos pela imprensa liberal judaica sobre a morte de C. Manciu são tendenciosos e de má-fé; começam com uma falsificação grosseira de factos - factos que foram apenas a consequência inevitável de um regime de abusos e injustiças - a fim de transformar em herói, a qualquer custo, o homem que era apenas uma ferramenta, e culpar alguma conspiração fascista anti-semita imaginária

.

Os estudantes foram impedidos à força de entrar na Catedral para rezar; foram impedidos de comer juntos num restaurante; foram brutalizados e impedidos de andar nas ruas; foram impedidos de ousar reunir-se na sua própria universidade e nos escritórios da sua associação; foram impedidos de trabalhar

Machine Translated by Google

seu próprio jardim para seu próprio uso; foram espancados na rua, nos porões da polícia e em praças públicas por toda a força policial, desde o policial mais humilde até o

aquele que ontem foi prefeito da polícia desta cidade.
Os estudantes, demonstrando um autocontrole digno de admiração e confiança na justiça que os homenageia, iniciaram uma série de ações judiciais contra o prefeito Manciu e seus subordinados, por grave crueldade, abuso de poder e liberdade individual.
Este gesto dos alunos não foi compreendido. E, infelizmente, devemos dizer que a Justiça não correspondeu às expectativas que lhe foram depositadas por toda uma geração, animada pelo mais puro sentido de legalidade e ordem.

'rbe aluna Silvia Teodorescu, chutada nas costas por Manciu em plena luz do dia em 11 de dezembro de 1923 na Rua Carol em frente à casa de Cel. Velsa - fato declarado e atestado por diversas testemunhas oculares - não só não conseguiu a condenação de Manciu perante o Juízo da Comarca Urbana I, como como autora acabou sendo condenada por calúnia, já que no julgamento se sabia que durante o chute ela dirigiu para Manciu as palavras: 'isso é selvageria'.

Na noite de 14 de dezembro de 1923, o estudante de direito Lefter, de Galati, ao entrar no Hotel Bejan onde residia, foi sem motivo cercado por um bando de policiais e gendarmes que, juntamente com Manciu e por suas ordens, atingiram-no. com porretes, bengalas, fuzis, coronhas, chutes e soc◙s, até cair inconsciente no chão, sendo arrastado para uma rua lateral, largado e ali deixado sem qualquer ajuda.

Embora Lefter tenha processado, Manciu foi inocentado, não tendo que trazer nenhuma testemunha em seu defesa.

Mas e a barbárie e a selvageria do verão passado, perpetradas contra os estudantes que trabalhavam no jardim da residência Ghica?!
Vinte e cinco estudantes, espancados na sola dos pés como ladrões durante um dia inteiro, facto verificado pelo primeiro procurador e pelo patologista, por uma conspiração imaginária tão insignificante que nem sequer justificava investigação.

E não só isso, mas quando, face às exigências dos estudantes para uma investigação administrativa, uma foi conduzida no verão passado pelo Sr. Vararu, ele ficou profundamente chocado com os abusos que ele próprio confirmou. No entanto, o relatório de Vararu ao ministério apropriado resultou na atribuição de Manciu ao Steaua Romaniei (a Estrela da Roménia).

Este é então o homem que morreu; As pessoas falam bem dos mortos, mas isso não nos impede de dizer a verdade.
Manciu suspendeu reuniões; Manciu impediu quem quisesse entrar na Catedral; Manciu espancou estudantes nas ruas, na polícia e em praças públicas; ele insultou aqueles que reclamaram e ameaçou seus apoiadores. Manciu, protegido por cordões de policiais e gendarmes, espancou - com a bestialidade de um possuído - os estudantes, amarrados e a pé, que conseguiam devolvê-los na chuva de saliva e golpes de seus subordinados dementes, apenas olhares de desprezo e temporários renúncia.

Eis o homem do dever e o tipo de ordem que este homem estava dispensando!
A opinião pública está do lado de Corneliu Codreanu. Gosta do seu gesto viril e, apreciando o motivo superior deste gesto alertando um regime e servindo uma ideia, absolve-o da habitual incriminação por tal acto, justificando-o plenamente e, de facto, a opinião pública aprova-o.

Pessoalmente, saúdo o gesto heróico de Corneliu Codreanu, que mais uma vez permanece intransigente em questões de honra e determinado quando a dignidade está envolvida. "

Vários dias depois, o jornal Unirea ("A União"), em outubro de 1924, publicou
Artigo do professor Cuza:

Machine Translated by Google

PREFEITO A MORTE DE MANCIU

O SISTEMA FATAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS

“Há um ano que a polícia de Iasi vive uma verdadeira tragédia, cujo último ato é do conhecimento de todos. Devido à evolução fatal dos acontecimentos, caíram as seguintes vítimas:

O prefeito Manciu, o inspetor Clos, o vice-comissário Husanu e nada menos, o candidato ao doutorado Corneliu Zelea Codreanu.

O prefeito Manciu morreu; O vice-comissário Husanu luta até a morte; O inspetor Clos sofreu um ferimento profundo; Corneliu Zelea Codreanu continua na prisão.

Que tragédia é esta que faz tantas vítimas? De que forma podemos falar da evolução fatal destes acontecimentos? Quem são os culpados?

Manciu era o senhor, prefeito da polícia de Marzescus em Iasi. Foi apenas nesta função que ele foi trazido para cá e foi retido até o fim - apesar de todos os excessos de que foi culpado. O que deixa bem claro que suas ações foram aprovadas. A prova abundante de que foi aprovado, de que funcionou segundo um plano pré-estabelecido por inspiração direta do Sr. GG Marzescu que o apoiou, são as distinções que lhe foram atribuídas - os 'méritos' do seu mandato e a promoção do seu pessoal.

O sistema fatal inspirado por Manciu foi o terrorismo dos estudantes cristãos: satisfazer os judeus e provar que a “ordem” pode ser mantida “por meios energéticos”.

O infeliz Manciu, que não tinha talentos especiais, pôs em marcha o sistema fatal com uma brutalidade invulgar, mesmo quando se tratava de professores universitários: iniciou a sua carreira por ocasião da assembleia geral da Associação de Professores Universitários da Roménia, realizada em Iasi de 23 a 25 de setembro de 1923 sob a presidência do nosso eminente colega Professor I.

, Gavanescul.

O prefeito Manciu insultou universidades, brutalizou e prendeu estudantes inocentes, forçando seus professores a protestar e buscar satisfação.

As quatro comissões universitárias formadas pelos professores Dr. Hurmuzescu, de Bucareste; doutor Sumuleanu, Iasi; M. Stefanescu, Cluj; e Haeman, Cernauti, editou ali mesmo na reunião o seguinte telegrama assinado pelo Professor Gavanescul, que foi então enviado para: 1. O Presidente do Conselho de Ministros; 2. O Ministro da Administração Interna; 3. O Ministro da Instrução Pública A Associação Geral dos Professores Universitários da Roménia, na sua reunião de abertura, condena a perturbadora interferência da polícia de Iasi e, em pleno acordo com o seu Presidente, exige das autoridades superiores a habitual investigação e total satisfação.

Presidente da Associação (ss) L. Gavanescul A mesma comissão editou e enviou o seguinte texto ao prefeito de Iasi: "Sr. Prefeito, Associação Geral de Professores Universitários, na sua reunião de abertura, em consequência das medidas agressivas tomadas contra nossa convenção pelo Sr. O Presidente da Câmara da Polícia de Iasi, lamenta informar que, dadas as circunstâncias, não poderá comparecer ao banquete organizado pela Câmara Municipal, agradecendo por este meio as suas boas intenções. "

Presidente da Associação (ss) L Gavanescul

“Tendo recebido um mandato imperativo para aterrorizar os estudantes, Manciu agiu de acordo com os seus objectivos e de acordo com o plano estabelecido - trilhar o caminho do fatalismo.

Machine Translated by Google

1. A introdução da polícia e do exército na universidade em 10 de dezembro de 1923.
Durante as manifestações estudantis que se seguiram, o estudante G. Manoliu foi tão espancado pela polícia que desenvolveu icterícia e morreu poucos dias depois.

2. Brutalidade na estação ferroviária. Por ocasião da chegada do Professor Ion Zelea Codreanu a Iasi, após a sua libertação da prisão, o Presidente da Câmara Manciu, de forma bastante injustificada, lançou-se, a polícia e o exército sobre os cidadãos e estudantes que vieram ao armazém para o receber, brutalizando-os e perseguindo-os. embora como se fossem malfeitores.

3. Visita do Príncipe Carol. por ocasião desta visita, Manciu protagonizou outros abusos escandalosos que obrigaram os estudantes a queixarem-se a Sua Alteza Real.

4. O escândalo no Teatro Sidoli Depois que os artistas de ópera romenos aposentados chegaram a Iasi, foram recebidos por estudantes que fizeram uma demonstração de simpatia por eles. Esta manifestação absolutamente pacífica foi motivo suficiente para que o prefeito Manciu causasse outro escândalo. Ele maltratou os estudantes e os dispersou com uma brutalidade odiosa.

5. A Conspiração de Carol St. Graças à cortesia da Sra. Constanta Ghica, os alunos plantaram vegetais em sua horta dedicada para se sustentarem.
No dia 31 de maio deste ano, enquanto os estudantes se reuniam para iniciar os trabalhos, o prefeito Manciu, com todos os seus funcionários e policiais com baionetas fixas, apareceu e prendeu todos os estudantes presentes. As mãos de Corneliu Zelea Codreanu foram amarradas atrás das costas com o cinto e ele foi conduzido pela cidade junto com outros 25 estudantes do ensino médio e meninos em direção à sede da polícia, onde foram cruelmente espancados.

Corneliu Zelea Codrednu, oficial da reserva, candidato ao doutorado em direito, foi esbofeteado na cara e grosseiramente insultado com as mais degradantes vulgaridades.

O estudante do ensino médio Ambrozie, filho do major sênior Ambrozie, levou um tapa tão forte que seu tímpano rompeu, fato corroborado pelo atestado médico assinado pelo patologista Dr. Bogdan.
Os demais estudantes do ensino médio e meninos tiveram as solas dos pés chicoteadas após serem suspensos, de cabeça baixa. Suas cabeças foram abaixadas em baldes de água para conter os gritos.
Os pais das crianças torturadas são: Major Ambrozie, Dimitriu, Butnaru, etc., que encaminharam uma petição contra o Prefeito Manciu ao Ministério do Interior e o processaram. Mas Manciu continuou a demonstrar uma atitude revoltante mesmo diante do juiz.

Não só o Prefeito Manciu foi mantido no seu posto, mas também recompensado pela sua atitude e encorajado a continuar com o seu sistema fatal. A imprensa judaica elogiava-o diariamente, proclamando-o um salvador da lei e da ordem e um ser superior.

O governo, com Iasi como representante GG Marzescu, em vez de aceitar as conclusões do Inspector Vararu, prendeu Steaua Romaniei (a estrela da Roménia) ao peito de Manciu e promoveu o pessoal que ele utilizou para cometer a sua ilegalidade. Por exemplo, o Comissário Clos, um dos mais culpados, foi promovido a Inspetor de Polícia.

O Departamento de Justiça, chefiado pelo mesmo GG Marzescu, apoiante de Manciu, em vez de intervir enérgica e prontamente contra os abusos perpetrados, condenou as vítimas.

Os encantados judeus de Iasi presentearam Manciu com um automóvel, que ele aceitou, escandalizando todos os romenos e induzindo ainda mais ressentimento, especialmente entre os estudantes que puderam ver a insolência desafiadora de Manciu enquanto ele orgulhosamente dirigia o carro dos judeus pela cidade.
Sustentado em seu cargo, assim apoiado e encorajado, o Prefeito Manciu, por seu temperamento impulsivo, sem autocontrole, imaginava ter alcançado o ápice da glória pela aplicação de seu sistema.

Foi esta sequência de acontecimentos que levou o prefeito Manciu ao último ato desta tragédia. Corneliu Zelea Codreanu agiu em legítima defesa.

Machine Translated by Google

A responsabilidade pela morte do Presidente da Câmara Manciu cabe principalmente à pessoa que colocou Manciu à frente do departamento de polícia e o apoiou, nomeadamente o Ministro da Justiça, GG Marzescu. A responsabilidade cabe à imprensa judaica e a todos aqueles que o incitaram e encorajaram, felicitando-o pela aplicação do seu sistema fatal.

GREVE DE FOME

Cerca de dez dias antes do Natal, Mota, Garneata, Tudose e Radu Mironovici, que haviam sido presos sessenta dias antes, inocentes de qualquer crime, fizeram greve de fome e sede. Eles disseram:

nossa liberdade ou morte. Os esforços de várias autoridades para alcançá-los falharam, pois eles se barricaram na cela, não permitindo a entrada de ninguém.

Há muito que estes jovens se tornaram a imagem de todos os estudantes romenos; um símbolo. Quando a notícia da sua greve foi ouvida, os estudantes e todos os outros compreenderam a gravidade do seu acto, tendo em conta a sua conhecida força de resolução.
Deveriam estes jovens morrer dentro dos muros de Gálata?

Em Iasi e Cluj, os espíritos estavam tão agitados que teria ocorrido uma vingança em massa contra aqueles que as turbas responsabilizariam. Não só os estudantes, mas também os idosos bem consolidados na sociedade exigiram em voz alta: “Se todas essas crianças morrerem aí, vamos começar a atirar”.

O governo começou a perceber que enfrentava tensão e determinação geral; À medida que esta nação começou a mostrar vontade e dignidade, o meu pai publicou em Iasi um manifesto do qual reproduzo a seguinte passagem:

UM RECURSO

"Irmãos romenos,

Alunos: Ion 1. Mota, Illie Garneata, Tudose Popescu e Radu Mironovici, detidos há dois meses na prisão de Galata, declararam greve de fome e sede às 13h00 desta terça-feira.

Eles deram este passo difícil porque são completamente inocentes, porque foram presos em Vacaresti e também inocentes, e porque perceberam que certos políticos querem arruinar gradualmente a sua saúde e as suas vidas, prendendo-os.
Esses jovens heróis, flor preferida do futuro do país, foram dotados por Deus, entre outras qualidades, de vontades de aço. Consequentemente, a sua determinação de morrer de bunger e primeiro - de protestar contra a injustiça de que são vítimas e a escravização da nossa Nação pelos Judeus com a ajuda de certos políticos não é uma piada, mas uma decisão séria ”.

SEJA LIBERDADE OU MORTE

Irmãos Romenos,
Vamos esperar e ver, daqui a 2 ou 3 dias, os quatro caixões com os corpos destes heróis sendo carregados pela rua?

Velhos e jovens, pensem bem, não estamos falando dos cadáveres dos quatro alunos, mas da morte dos nossos filhos, de todos nós.
É dever de todos nós tomar medidas rápidas de protesto pacífico e legal, mas enérgico e determinado, contra este governo, e prevenir esta iniquidade, para impedir o assassinato dos nossos filhos.

No Natal, após onze dias de greve de fome e sede, foram libertados. Mas eles estavam tão emaciados que foram levados da prisão em macas diretamente para o

Machine Translated by Google

hospital. Alguns tinham cumprido uma pena de prisão apenas alguns meses antes desta última detenção, Mota apenas um mês antes de ter completado um ano consecutivo, de modo que as suas forças estavam minadas.

As consequências desta greve ainda são sentidas por alguns deles hoje, dez anos depois, enquanto o pobre Tudose os levava consigo para o túmulo.

SOZINHO EM GALATA

Na mesma cela úmida e escura, sentado na beirada dura da cama, com os braços cruzados sobre o peito, a cabeça baixa sob o peso dos meus pensamentos, o tempo passa lentamente, minuto após minuto.

Quão aterrorizante é a solidão!

Com pesar, lembro-me dos versos:

"Gaudeamus igitur" juvenes dum sumus.

Alegremo-nos, portanto, enquanto somos jovens! Versos que aqueceram, animaram e coroaram com uma coroa de alegria jovens de todas as gerações de estudantes. Ser alegre, divertir-se é um direito da juventude, antes que chegue a idade em que a vida do homem fica sobrecarregada de dificuldades e preocupações, sempre

ficando cada vez maior. Este direito não me foi concedido. Não tive tempo para me divertir.
A vida estudantil, em que todos se divertem e cantam, acabou para mim. Eu nem percebi quando passou.
Sobre minha juventude vieram preocupações, dificuldades e golpes cedo demais, e tudo isso a despedaçou.
O que resta dele é ainda mais destruído por essas paredes frias e escuras. Agora eles me privam até do sol.
Muitas semanas se passaram desde que estive nesta escuridão e só consigo aproveitar o sol uma hora por dia.

Meus joelhos estão constantemente congelados. Sinto o frio do chão de cimento subindo até meus ossos. As horas passam lentamente; muito devagar. Dou algumas mordidas ao meio-dia e à noite. Não consigo mais comer. Mas é especialmente à noite que começa o verdadeiro tormento; são cerca de 2 ou 3 da manhã quando adormeço. Lá fora está tempestuoso. Aqui, no alto do morro, o vento é mais forte. A neve é empurrada pelo vento através das frestas da porta até cobrir um quarto da área da cela. De manhã, sempre encontro uma camada bem grossa. O silêncio pesado da noite é interrompido apenas pelas corujas que vivem nas torres das igrejas e de vez em quando pelas vozes dos guardas que gritam o mais alto que podem.

"Número um! OK! Número dois! OK!"

Eu estava pensando, imaginando, me preocupando, mas não consegui resolver o enigma: um mês? Dois meses? Um ano? Quanto? Uma vida inteira? O resto da minha vida?

Sim, meu mandado de prisão me ameaçou com trabalhos forçados pelo resto da vida. O julgamento será realizado? Certamente; mas será um teste difícil. Porque há três forças que se unem contra mim: O governo, que tentará dar o exemplo da minha punição,
especialmente considerando que esta é a primeira vez na Roménia que alguém fica cara a cara, de arma na mão, com o opressor que pisotearam a sua dignidade, ofenderam a sua honra e rasgaram a sua carne em nome do princípio do poder da autoridade estatal. O poder judeu dentro da Roménia, que faria qualquer coisa para me manter nas suas garras. O poder judeu do exterior, com o seu dinheiro, os seus empréstimos, as suas pressões. Todas essas três forças estão interessadas em me impedir de sair daqui. Contra eles estão os estudantes e o movimento nacionalista romeno. Quem ganhará? Percebo que meu julgamento é mais um teste de força. Não importa o quão certo eu estivesse, se as forças inimigas fossem um pouco mais fortes que o nosso acampamento, elas não hesitariam nem por um momento em me destruir. Já se passaram tantos anos desde que esperaram para me pegar, pois eu me coloquei em todos os planos deles. Eles farão todos os esforços para que eu não possa escapar deles. Em

Machine Translated by Google

Em casa, minha mãe, tendo ouvido tantas notícias terríveis ano após ano, sua casa invadida à noite por promotores e revistada por comissários brutais, estava sofrendo golpe após golpe.

Refletindo sobre o destino tão triste de minha vida, ela me enviou o Akathist da Virgem Maria, instando-me a lê-lo à meia-noite por 42 noites consecutivas. Eu tinha feito isso e parecia que, à medida que me aproximava do meu objetivo, nosso lado ganhava força à medida que o inimigo recuava e os perigos diminuíam.

O TESTE É TRANSFERIDO PARA FOCSANI

Fui informado em Janeiro que o julgamento tinha sido transferido oficiosamente para Focsani.
Focsani, na época, era o maior reduto liberal do país. Três membros do gabinete vieram daquela cidade: General Vaitoianu, NN Saveanu e Chirculescu. Foi a única cidade em todo o país onde o movimento nacionalista não pegou. Nossos esforços para realizar algo falharam. Lá, não tínhamos ninguém, exceto a Sra. Tita Pavelescu, uma patriota veterana com seu jornal Santinela (“A Sentinela”) que pregava, mas no vento.

Os estudantes de Iasi, ao saberem desta transferência, ficaram muito preocupados.
Numerosos grupos, a cada partida do comboio, esperavam nas estações ferroviárias de Iasi para me acompanhar até Focsani, pois corria o boato de que a minha escolta tentaria atirar em mim por ocasião desta transferência, sob o pretexto de que eu estava tentando escapar . Duas semanas depois, Botez, o chefe da segurança, veio com vários agentes e me colocou em um carro escoltado por um segundo carro.

Saímos de Iasi pela barreira Pacurari até o depósito Cucuteni. Lá conheci um grupo de estudantes e no trem que parou havia outro grupo. Mas não consegui falar com nenhum deles. Quando a polícia me colocou no carro dos prisioneiros, mostrou o meu apoio. Viajamos quase

a noite toda. Aproximei-me de Focsani certo da minha condenação. A polícia local e o diretor da prisão estavam me esperando na delegacia. Fui imediatamente levado e preso. No início, o regime era mais rigoroso do que em Iasi.
Gavrilescu, o presidente da câmara do condado, que parecia ser um homem mau «sem qualquer justificação - pois nenhum presidente da Câmara tem o direito de interferir no regime prisional - queria impor-me um regime severo. Ele até entrou na minha cela, onde tivemos uma discussão muito desagradável. O milagre, que nem eu nem particularmente aqueles que me trouxeram a Focsani esperávamos, foi que, três dias após a minha chegada, toda a população, independentemente do partido político e apesar de todos os esforços por parte das autoridades para virar contra mim, veio espontaneamente para o meu lado.

Os políticos liberais foram abandonados não só pelos seus próprios apoiantes, mas também pelas suas famílias. Por exemplo, as meninas do Colégio Chirculescu me enviaram comida e costuraram para mim, junto com outras meninas, uma camisa nacional regional. Até ouvi dizer que eles se recusavam a sentar-se à mesa para comer com o pai. Foi então que conheci o General Dr. Macridescu, a figura mais venerável de Focsani; Hristache Solomon, um proprietário moderadamente rico, mas um homem de grande autoridade moral a quem até seus inimigos tiravam o chapéu; Sr. Georgica Niculescu; Coronel 'Blezu, que através de sua filhinha Fluturas me mandava comida; Vasilache, Stefan e Nicusor Graur; os Olteanu, Ciudin, Montanu, Filho, Maj. Cristopol, Caras, Gurita Stefaniu, Nicolau, Tudoroncescu, entre outros. Todos estes, e muitos outros, de quem recebi mais que cuidado paterno. No entanto, minha saúde não estava em boas condições.

Meus rins, peito e joelhos doem.

A data do julgamento foi marcada para 14 de março de 1925. Pensando nisso, milhares de folhetos começaram a ser impressos em todos os centros universitários e também em outras cidades, em Cluj, Cap. Beleuta imprimiu e

Machine Translated by Google

distribuídos por todo o país, dezenas de milhares desses panfletos. A sua casa, aberta dia e noite aos combatentes nacionalistas, foi transformada num verdadeiro quartel-general. Em Orastie, na gráfica do Padre Mota, foram impressas dezenas de milhares de brochuras de poesia popular e centenas de milhares de folhetos.

Aqui, também, meus camaradas mandaram imprimir algumas de minhas cartas escritas por mim na prisão de Vacaresti como um livreto intitulado: Cartas de um estudante prisioneiro.

O governo apresentou assuntos contrários para serem espalhados perto e longe. Mas não surtiram efeito, pois a onda de sentimento nacional cresceu de forma imponente e irresistível. Dois dias antes do início do julgamento, centenas de pessoas e estudantes de todo o país começaram a chegar a Focsani. Mais de trezentos chegaram só de Iasi, num trem inteiro. Fui transportado pelas autoridades numa carruagem para o Teatro Nacional, onde seria realizado o julgamento. Mas isso foi adiado, embora o júri tenha sido escolhido. Eles me levaram de volta para a prisão.

Mas lá fora, o adiamento injustificado do julgamento produziu uma indignação geral que rapidamente se transformou numa enorme manifestação de rua que durou toda a tarde e noite adentro.

Os esforços do exército para reprimir a torcida não deram em nada. A manifestação foi dirigida contra os judeus e o governo. Os judeus perceberam então que todas as suas pressões no caso seriam um tiro pela culatra. Esta demonstração foi extremamente importante para o resultado do meu julgamento.

Isto colocou os Judeus fora da luta porque eles perceberam que a minha condenação poderia ter repercussões desastrosas contra eles. Embora o povo judeu não tenha recuado totalmente, a sua pressão sobre as autoridades diminuiu. Entretanto, recebi sugestões de petição de libertação e garantias de que seria libertado, mas recusei-me a fazê-lo.

A Páscoa chegou. Celebrei a Ressurreição sozinho na minha cela. Quando os sinos de todas as igrejas da cidade começaram a tocar, ajoelhei-me e orei por mim e pela minha noiva, pela minha mãe e pela minha casa, pelas almas dos mortos e pelos que lutavam lá fora - para que Deus os abençoasse. , fortaleça-os e conceda-lhes a vitória sobre todos os inimigos.

EM TURNUL-SEVERIN

Uma noite, por volta das duas horas, acordei com alguém tentando abrir a fechadura. Os funcionários da prisão vieram buscar-me, pois o meu julgamento tinha sido inesperadamente transferido, devido à intervenção do governo, para Turnul-Severin, no outro extremo da Roménia.

Juntei apressadamente meus poucos pertences; depois, rodeado de guardas, fui colocado num caminhão que nos levou até a periferia da cidade, perto de uma linha férrea. Pouco depois, um trem parou e fui colocado no vagão Black Maria.

Abandonava portanto esta cidade de Focsani que, no momento oportuno, enfrentou corajosamente as tremendas pressões do funcionalismo e cujos cidadãos romperam laços partidários, ou por vezes familiares, para se manifestarem numa soberba e inegável unanimidade de sentimentos.

Durante a viagem, queria saber que tipo de pessoas deveria encontrar em Tumul-Severin? Eu nunca tinha estado lá, não conhecia ninguém naquela cidade.
Onde quer que o trem parasse, eu ouvia as pessoas conversando, rindo, descendo ou entrando no trem, mas não conseguia ver nada porque o vagão em que eu estava não tinha janelas. era apenas um centímetro de parede que me separava do resto do mundo, da liberdade. Talvez entre aqueles que cruzaram os trilhos daquelas estações ferroviárias houvesse muitos que me conheciam ou eram meus amigos.

Mas eles não sabiam que eu estava dentro daquele carro. Todo mundo está indo para algum lugar. Só que eu não sabia para onde estava indo. Todos caminham com leveza e alegria enquanto carrego na alma, mais pesado que uma pedra de moinho, o fardo deste imenso desconhecido que me espera. Eu devo ser condenado

Machine Translated by Google

para a vida? Por menos? Será que algum dia deixarei os muros pretos e feios da prisão ou será meu destino morrer ali? Sei muito bem que o meu julgamento não é uma questão de justiça, é uma questão de força; o que for mais forte vencerá – será a nossa corrente nacionalista mais forte ou a pressão do governo judaico? Mas não pode ser assim! Quem tiver razão será mais forte e, consequentemente, vencerá inevitavelmente. E à medida que o trem avançava, senti minha dor mais aguda. Aparentemente, meu coração estava ligado a cada pedra da Moldávia e, à medida que ia deixando cada vez mais para trás, senti como se pedaços dela fossem gradualmente sendo arrancados.

Viajei assim o dia todo, trancado sozinho no carro da prisão. Chegámos à Balota, creio, ao anoitecer. Um policial acompanhado de agentes entrou e me pediu para sair. Eles me levaram para trás da estação, onde entramos em um carro e partimos. Eles pareciam homens muito legais, tentando puxar conversa comigo, fazer uma piada. Mas eu, oprimido por outros pensamentos e necessidades, não estava disposto a falar. Eu respondi de bom grado, mas brevemente.

Entramos em Turnul-Severin.

Ao caminhar por várias ruas, experimentei verdadeira alegria em meu coração, e deleite, ao ver as pessoas andando pelas ruas novamente.
Paramos no portão da prisão. Mais uma vez, os portões trancados se abriram e fecharam novamente atrás de mim.

O diretor e a equipe me receberam como convidado de honra. O belo quarto que me foi designado tinha piso de madeira, não de cimento como os anteriores.
Também aqui os detidos se aproximaram de mim como fizeram em outras prisões, com carinho; e mais tarde os ajudei em sua infindável miséria material e moral.

No dia seguinte saí para o pátio. Dali eu podia ver a rua.
Por volta do meio-dia notei mais de 200 crianças pequenas, entre 6 e 7 anos, reunidas em frente aos portões da prisão, que, ao me verem passar, começaram a acenar para mim com as mãozinhas, algumas de lenço, outras de boné. Eram alunos que souberam que eu vim para Turnul-Severin e estava lá na prisão.
A partir de então, essas crianças deveriam estar lá diariamente para me mostrar sua simpatia. Eles esperaram que eu passasse, balançasse as mãozinhas.

No tribunal, o Presidente Varlam, um homem de grande bondade, tratou-me com grande cortesia. Muito menos o procurador Constantineseu, de quem se dizia que ele próprio presumia que, juntamente com o prefeito Marius Vorvoreanu, obteria a minha condenação, mas não acreditei.
No início foram bastante severos, por trás dos quais detectei alguma maldade. Mas aos poucos foram amenizados pela onda da opinião pública, pelo entusiasmo que emanava das crianças aos idosos. Naquela altura, todos se sentiam romenos e viam a nossa luta como uma luta sagrada pelo futuro deste país. Eles sabiam dos meus infortúnios e viram no meu gesto um gesto de revolta pela dignidade humana, um gesto que qualquer homem livre teria feito.

Estas pessoas, descendentes de Iancu Jianu e do capitão Tudor Vladimirescu, cujas pistolas foram brandidas em defesa da honra da nação contra a humilhação de séculos, compreenderam prontamente o que aconteceu em Iasi. Nenhum argumento poderia movê-los. Foi em vão que gritaram o procurador e o prefeito, estive rodeado do carinho e do carinho de todas as famílias da cidade, mesmo daquelas que desempenhavam um papel oficial, como a do prefeito Corneliu Radulescu para quem desenvolvi um

grande admiração; mas eu estava especialmente cercado, como em nenhum outro lugar, pelo amor e compreensão das crianças pelas minhas tribulações. Foram os primeiros a falar em meu nome em Turnul-Severin. Lembro-me com carinho de como os pequenos da periferia, que mal sabiam andar, começaram a chegar, vendo os mais velhos reunirem-se regularmente em frente à prisão, acenando com as mãos. Observei-os montando-o de todas as partes, num determinado momento, como um programa que tinham que fazer. Todos estavam quietos e bem comportados. Eles não tocavam nem cantavam. Eles apenas observaram, esperando me ver passar por uma abertura para poder acenar para mim.

Machine Translated by Google

meu; então eles voltaram para casa. Eles entenderam que há algo de triste nesta prisão e seu bom senso lhes disse que não havia motivo para rir aqui. Um dia os policiais começaram a expulsá-los. No dia seguinte, não os vi mais. Sentinelas foram postadas para impedi-los de chegar.

O JULGAMENTO

A data do julgamento foi marcada para 20 de maio. O Presidente do Tribunal recebeu 19.300 assinaturas de advogados que queriam me defender, de todo o país. Dois dias antes do julgamento, começaram a chegar trens cheios de estudantes. assim como em Focsani, os estudantes de Iasi chegaram a 300 pessoas. Da mesma forma, estudantes de Bucareste, Cluj, Cernauti compareceram em grande número. Entre os presentes estava uma delegação de Focsani liderada pelo antigo presidente do júri de 14 de março, Mihail Caras, que agora se inscreveu como defensor em representação do júri de Focsani. Também chegaram testemunhas de acusação: os polícias de Iasi. O procedimento teve início no Teatro Nacional, sob a presidência do Conselheiro Variam. Ao meu lado, no banco dos réus estavam: Mota, Tudose Popescu, Garneata, Corneliu Georgescu, Radu Mironovici. No banco de defesa

Machine Translated by Google

sentaram-se: Professor Cuza, Professor Gavanescul, Paul Iliescu, Professor Sumuleanu, Em. Vasiliu-Cluj, Nicusor Graur, todo o bar Turnul-Severin O teatro foi , etc.

lotado e ao seu redor, do lado de fora, mais de 10 mil pessoas esperavam.
Os jurados foram escolhidos. Foram sorteados: N. Palea, GN, Grigorescu, J. Caluda, I. Preoteasa, GN Grecescu, D.1. Bora, VB jujescu, C. Vargatu, C.
Surdulescu, Adolf Petayn, P. 1. Zaharia, GN Boiangiu, I. Munteanu e GN Ispas. Eles prestaram juramento e sentaram-se gravemente em seus assentos. A acusação foi lida.
Seguiu-se o interrogatório. Eu contei as coisas como elas aconteceram. Os outros cinco responderam ao seu interrogatório da mesma forma, dizendo a verdade, nomeadamente que não estavam envolvidos no caso em julgamento. As testemunhas de acusação eram um judeu e os policiais de Iasi. Durante o processo, negaram tudo. Nada era verdade. Todos os espancamentos, todas as torturas, puras invenções. Negaram até os atestados médicos emitidos pelo professor Bogdan, o patologista.
A atitude deles, considerando que prestaram juramento na cruz de dizer a verdade e somente a verdade, provocou a indignação de toda a corte.

Uma das testemunhas, o Comissário Vasiliu Spanchiu, que agora vi metamorfoseado no ser mais compassivo, não viu nada, não fez nada. Levantando-me, com a permissão do juiz presidente, perguntei-lhe em voz alta, cheio de indignação: "Você não me deu um soco na cara na casa da Sra.

O jardim de Ghica?" "Não sou eu."

"Não foi você quem mergulhou a cabeça dos alunos em baldes d'água enquanto eles, de cabeça baixa, levavam chicotadas nas solas dos pés?"
"Eu não estava lá na hora. Estava no centro."

No seu rosto, em todos os seus gestos, em todo o seu comportamento, via-se que ele estava mentindo; embora tenha jurado na cruz, ele mentiu. Toda a multidão no teatro fervia de indignação.
De repente, como se a fúria coletiva da multidão assim o desejasse, um homem na plateia deu um pulo, levantou o comissário nos braços e carregou-o corporalmente. Era o Sr. Tilica Ioanid. Ouvimo-lo gritar enquanto empurrava o comissário escada abaixo: “Sai daqui, canalha, porque não garantimos a sua vida!” Ao retornar, ele disse aos outros comissários de Iasi: "Com suas próprias mãos vocês torturaram selvagemente essas crianças. Se vocês tivessem feito algo assim aqui em Turnul-Severin, as pessoas os teriam massacrado. Sua presença nesta cidade a mancha; deixe-o no primeiro trem, caso contrário o infortúnio acontecerá com você."

Este gesto foi realmente bem-vindo porque as pessoas ficaram chateadas. Isso relaxou toda a atmosfera tensa. Os torturadores foram humilhados e agora, enquanto caminhavam, cumprimentavam as pessoas curvando-se ao chão, implorando o menor sinal de atenção do mais humilde portador da faixa tricolor. “Como se não fôssemos bons romenos! O que íamos fazer?
Tínhamos ordens."

"Não! Canalhas! Vocês não tinham coração de pai, nem coração de romeno. Vocês não tinham honra, nem respeito pela lei. Vocês dizem que tinham ordens? Não! Vocês tinham corações traidores."
Foi assim que as pessoas os repreenderam nas ruas.
Seguiram-se então, durante cerca de dois dias, os depoimentos de testemunhas de defesa, entre as quais o idoso Professor Ion Gavanescul, da Universidade de Iasi, ele próprio maltratado pelo Presidente da Câmara Manciu no Congresso de Professores Universitários que presidiu; também oficiais do Liceu Militar e da Escola de Infantaria, meus ex-superiores e professores. Depois as vítimas e seus pais testemunharam, reencenando perante os juízes, e quase em lágrimas, as dolorosas cenas de humilhação que sofreram

Foi submetido. O observador civil foi o Sr. Costa-Foru, chefe de uma loja maçônica na capital.

Os advogados de defesa falaram na seguinte sequência. Paul Iliescu, Tache Policrat, Valer Roman, Valer Pop, Sandu Bacaloglu, Em. Vasiliu-Cluj, Cananau, Donca Manea,

Machine Translated by Google

Mitulescu, Virgil Neta, Neagu Negrilesti, Henrietta Gavrilescu, Professor Dr.
Sumuleanu, Professor Ion Gavanescul e Professor AC Cuza. Breves declarações foram feitas por Mihail Caras, pelo coronel Vasileseu Lascar, pelo velho padre Dumitrescu de Bucareste, pelo coronel Catuneanu; por Ion Sava, Dr. Istrate, I. Rob, Dragos, Ion Blanaru e Camenita, representando estudantes de Iasi, Cluj, Cernauti, Bucareste, Condado de Falciu e

Turnul-Severin respectivamente; Capitão da Marinha Manolescu, Alexandru Ventonic para os mercadores cristãos de Iasi; depois Costica Ungureanu, Petru Vasiliu, Grecea, Capitão Peteu-Ploesti, inválido de guerra, e M. Negru-Chisinau. Fui eu quem falou por último. Eu disse: "Senhores do júri. Tudo pelo que lutámos foi por fé e amor ao nosso país e ao povo romeno. Assumimos a
obrigação de lutar até ao fim. Esta é a minha última palavra."

Isso aconteceu no sexto dia do meu julgamento, 26 de maio de 1925. Nós seis fomos levados para uma sala para aguardar o veredicto. Não estávamos muito entusiasmados, mas de alguma forma, mesmo assim. Vários minutos depois, ouvimos aplausos estrondosos, gritos e vivas vindos do grande salão. Não tivemos tempo para refletir sobre isso quando as portas se abriram e a multidão nos conduziu para a sala de reuniões.
Quando aparecemos, carregados nos ombros, todos aplaudiram e agitaram os lenços.

O juiz Varlam também foi dominado por uma onda de entusiasmo à qual não conseguiu resistir. Os jurados estavam todos sentados, desta vez usando fitas de lapela tricolor com suásticas.

Assim que o veredicto de absolvição foi lido para nós, fui empurrado para fora, onde mais de dez mil pessoas estavam reunidas. Todos caíram em coluna nos carregando nos ombros pelas ruas enquanto as pessoas nas calçadas nos cobriam de flores. Quando chegamos ao Sr. Tilica Loanid, dirijo-me às pessoas da sua varanda em poucas palavras, expressando minha gratidão aos romenos de Tumul-Severin pelo grande amor que me demonstraram durante o julgamento.

RETORNANDO À IASI

Depois de agradecer a várias famílias Turnul-Severin pela visita e pela forma como me adoptaram, embarquei no dia seguinte num comboio especial para Iasi. O comboio especial não era para mim, mas para os mais de 300 Iasianos que assistiram ao julgamento, aos quais estavam anexados os carros dos Focsanianos, Barladianos e Vasluianos. Milhares de pessoas vieram à estação para nos despedir e decorar nosso trem com flores.

O trem partiu. Atrás, a multidão agitava lenços expressando seu amor e desejo de continuar a luta pelos “vivas” que faziam o ar reverberar. Da minha janela, observei aquela grande multidão de pessoas, nenhuma das quais eu conhecia antes, mas que agora se separavam de nós com lágrimas nos olhos, como se nos conhecessem há anos. Orei interiormente, agradecendo ao Senhor pela vitória que Ele nos deu.

Só agora, ao passar de carro em carro, pude ver novamente os meus camaradas de Iasi, conversando com cada um e juntos regozijando-nos por Deus nos ter feito vitoriosos, salvando-nos da ameaça da qual todos os nossos inimigos pensavam que eu estava não. conseguiria escapar.

Num compartimento encontrei o professor Cuza e o professor e a senhora Sumuleanu.
Eles estavam felizes por estarem cercados pelo nosso amor.
Todos os quartos foram lindamente decorados com flores e vegetação. E, na primeira paragem fora de Tumul-Severin, uma nova montanha de flores foi trazida - para nossa grande surpresa - por camponeses com os seus padres, por professores com os seus alunos, todos vestidos com trajes nacionais.

Havia muitas pessoas em cada estação ferroviária esperando a chegada do trem.
Não eram recepções oficiais e frias. Não foi o dever, nem o medo, nem o interesse próprio que trouxeram estas pessoas. Vi velhos à beira de uma multidão chorando.

Machine Translated by Google

Eu quero saber porque? Eles não conheciam ninguém no trem. Parecia que uma força desconhecida os compelia a vir, sussurrando-lhes misteriosamente: “Vão para a garagem, pois entre todos os comboios que passam, há um que segue o rumo do destino romeno. Todo o resto corre no interesse de quem os monta, menos este que corre no rumo do povo, para o povo.”

As multidões às vezes fazem contato com a alma das pessoas. Um momento de visão. Multidões veem a nação, com seus mortos e todo o seu passado; sinta todos os seus momentos de glória e também os de derrota. Eles podem sentir o futuro fervendo. Este contacto com toda a alma imortal e colectiva da nação é febril, cheio de tremores.

Quando isso acontece, multidões choram. Esta talvez seja a mística nacional que alguns criticam porque não sabem o que é e que outros não conseguem definir porque não conseguem vivenciá-la.

Se a mística cristã que visa o êxtase é o contato do homem com Deus, através de um “salto da natureza humana para a divina” (Crainic *), a mística nacional nada mais é do que o contato do homem, ou da multidão, com a alma do seu povo. , através de um salto das preocupações pessoais para a vida eterna das pessoas. Não intelectualmente, como qualquer historiador poderia fazer, mas pessoalmente, com a alma.

Quando o trem, todo enfeitado com bandeiras e vegetação, parou em Craiova, a plataforma da estação estava lotada com mais de 10 mil pessoas. Fomos carregados nos ombros até aos fundos do armazém, onde fomos recebidos por um dos cidadãos.

Professor Cuza falou. E eu, brevemente.

Fomos recebidos assim em todas as estações, grandes e pequenas, mas principalmente nas cidades de Piatra-Olt, Slatina e Pitesti. Embora não houvesse organizações nacionalistas na maioria das cidades ao longo da ferrovia e ninguém distribuísse panfletos para chamar as pessoas às estações, as plataformas estavam todas cheias de milhares de pessoas saudando a América.

Eram cerca de 20h quando chegamos a Bucareste. Mais uma vez fui apanhado, carregado triunfantemente nos ombros através da estação até à frente, onde toda a praça era um mar de mar que se estendia ao longo do Caminho da Grivita, muito além da Escola Politécnica. Deve ter havido mais de 50 mil pessoas, demonstrando um entusiasmo que nada poderia abafar.

O professor Cuza dirigiu-se a eles. Assim, de facto, em todo o país prevaleceu uma corrente patriótica tão poderosa que poderia ter levado o LANC ao poder. Mas estes momentos propícios, tácticos e politicamente grandiosos, que este movimento nunca mais veria, não foram aproveitados.

O professor Cuza não soube aproveitar a grande oportunidade tática raramente encontrada pelos movimentos políticos.

Aos olhos de qualquer observador objectivo e familiarizado com os confrontos políticos, o destino do LANC estava agora selado.

Nós saímos. A noite toda as pessoas nos encontravam nas paradas. Havia mais de 1.000 pessoas em Focsani às 3h da manhã que esperavam desde as 16h da tarde anterior. Eles queriam que parássemos lá por um dia. Mas continuamos. Uma delegação composta por Hristache Solomon, Aristotel Gheorghiu, Georgica Niculescu e outros embarcou no trem. Eles me disseram: "Como não tivemos a sorte de sediar seu julgamento em nossa cidade, você deverá se casar em Focsani. No dia 14 de junho, de manhã cedo, você deverá estar em Focsani. Tudo estará resolvido."

A delegação saiu do trem em Marasesti depois que eu prometi que estaria em Focsani conforme planejado. Chegamos a Iasi pela manhã, extremamente cansados. Estudantes e moradores da cidade estavam na estação. Eles nos carregaram nos ombros pela cidade até a universidade. Lá fomos recebidos por cordões de gendarmes. A multidão irrompeu e entrou na universidade, levando-nos ao anfiteatro. Lá o professor Cuza falou, após o que o povo se dispersou pacificamente. Todos foram para o berço. Revisei a casinha na Flowers Street que havia abandonado há oito meses. No dia seguinte parti para Husi, onde minha mãe me esperava chorando na porta.

Vários dias depois, na Prefeitura, foi realizado meu casamento civil.

***** Nichifor Crainic (1889-1972), jornalista, teólogo e filósofo romeno. **(Trad.)**

Machine Translated by Google

JUNHO DE 1925 - JUNHO DE 1926

O MEU CASAMENTO

Acompanhado de minha mãe, pai, irmãos, noiva e sogros, parti no dia 13 de junho para Focsani. Lá éramos convidados na casa do General Macridescu. Fomos informados naquela noite pela comissão organizadora do casamento que nos visitou, que tudo estava pronto e que já haviam mais de 30 mil pessoas de outras cidades que estavam todas alojadas, com mais chegando naquela noite; que todos os habitantes de Focsani receberam com alegria estes convidados e os acolheram com alegria.

Um cavalo foi trazido para mim na manhã seguinte, de acordo com nossa antiga tradição popular - conforme exigido no programa - e depois de passar pela casa da noiva, liderei uma coluna até Crang (Grove), fora da cidade. Em ambos os lados da estrada havia pessoas, até crianças, entre as árvores. Seguindo atrás de mim estavam os padrinhos andando em carruagens ornamentadas. Professor Cuza e Gen. Macridescu, Hrisache Solomon, Coronel Cambureanu, Tudoroncescu, Georgica Niculesc, Maj. Bagulescu e outros. Em seguida veio a carroça da noiva, puxada por seis

Machine Translated by Google

bois e enfeitados com flores, seguidos das carroças dos convidados. ao todo foram 2.300 carroças, carruagens e carros todos decorados com flores e pessoas vestidas com trajes nacionais. Cheguei a Crang, a menos de seis quilômetros de Focsani, e a cauda da coluna ainda não havia deixado Focsani. A cerimónia de casamento decorreu numa plataforma, construída especialmente para o efeito.

Entre 80.000 e 100.000 pessoas estiveram presentes. Após a cerimónia religiosa dançamos a hora e outras danças nacionais, e a celebração continuou com uma festa na relva. Os habitantes de Focsani trouxeram provisões para si e também para hóspedes de fora da cidade.

Toda a festa foi filmada com a grande exibição de trajes nacionais, carroças enfeitadas, com suas danças e entusiasmo. Várias semanas depois, foi exibido nos cinemas de Bucareste, mas apenas duas vezes, porque o Ministério da Administração Interna confiscou o filme e uma cópia e os queimou.

A festa terminou ao anoitecer com um sentimento geral de fraternidade e animação. Junto com minha esposa e alguns companheiros parti naquela noite para Baile Herculane, onde passamos duas semanas com uma família de velhos amigos, os S. Martalog.

Mota, por sua vez, foi a Iasi para começar a escavar os alicerces da Casa Cultural Cristã em terreno doado pelo engenheiro Grigore Bejan.

A CERIMÔNIA DO BATISMO EM CIORASTI

No dia 10 de agosto, em Ciorasti, perto de Focsani, fui padrinho no batismo de 100 bebês que nasceram naquele mês no condado de Putna e arredores. O batismo aconteceria em Focsani. Mas o governo para evitar decretou estado de sítio ali.
Depois de superar muitos obstáculos, retiramo-nos para Ciorasti, onde conseguimos realizar o batismo de crianças à sombra das baionetas.

APÓS UM ANO, O TRABALHO RETOMA

Voltei para Iasi para trabalhar ao lado dos meus companheiros na construção da nossa Casa. Seguimos tanto o antigo plano de construção como o plano de organização juvenil, interrompidos pelo destino durante quase um ano inteiro.
As doações começaram a chegar. A família Moruzzi de Dorohoi contribuiu com 100.000 lei; O General Cantacuzino doou três vagões de cimento; Os romenos na América, através do jornal Libertatea ("Liberdade") contribuíram com mais de 400.000 lei. Camponeses das aldeias mais remotas da Transilvânia, Bucovina e Bessarábia enviaram alguns dos seus escassos recursos para a "Casa em Iasi", como a chamavam carinhosamente.

Todas essas contribuições chegaram por causa da simpatia que nosso movimento gozava naquela época em todas as camadas sociais. Fotos mostrando como alunos e alunas construíam sua própria casa despertaram grande entusiasmo. Isto era algo totalmente novo, que não tinha

Machine Translated by Google

já foi visto antes em nosso país ou no exterior. Esta atividade gerou tanta simpatia em Iasi, que quando os funcionários de escritório saíam do trabalho no final do dia, eles iam para o canteiro de obras, tiravam os casacos e pegavam a pá, a picareta ou o carrinho de mão de cimento. Estudantes de Cluj, Bessarábia e Bucovina, Bucareste, encontraram-se lá neste tipo de trabalho. As irmandades da cruz já haviam sido organizadas em muitas cidades sob a supervisão de Mota, por isso jovens estudantes do ensino médio vieram de todos os lugares para trabalhar, voltando para casa educados em nosso espírito.

Dois anos de luta estudantil, agitação e sofrimento, comuns a todos os jovens na Roménia, realizaram um grande milagre: o restabelecimento da unidade espiritual da nação que tinha sido ameaçada pela incapacidade da geração mais velha de se fundir e tornar-se um com a grande comunidade nacional. Agora os jovens, vindos de todas as partes do país, consolidavam e santificavam esta unidade de alma através do seu esforço comum, na escola do trabalho, pelo nosso país.

PERIGOS QUE AMEAÇAM UM MOVIMENTO POLÍTICO

Essa corrente em todo o país era formidável. Não creio que uma corrente popular tão incomum tenha existido muitas vezes no país. O campeonato não ia bem, por falta de organização, falta de plano de ação. Havia, além disso, como resultado desta grande corrente, a ameaça de que alguns elementos comprometedores e perigosos pudessem infiltrar-se no movimento. Um movimento nunca morre sob os golpes do inimigo externo, mas por causa dos inimigos internos, como qualquer organismo humano. Normalmente, apenas cerca de um ser humano em um milhão morre por causas externas (atropelado por um trem ou carro, morto a tiros, afogamento, etc.); o homem sucumbe às toxinas internas, ele morre envenenado.

Tal como aconteceu, na sequência dos julgamentos de Vacaresti, Focsani e Turnul-Severin, qualquer pessoa que quisesse poderia juntar-se às nossas fileiras.
Alguns se uniram para praticar fraudes: cobrando assinaturas, vendendo folhetos, emprestando etc. e, onde quer que esses personagens aparecessem, invariavelmente comprometiam o movimento; outros, que se tinham unido como alpinistas políticos, começaram a discutir e a denunciar-se entre si, cada um competindo pela posição de liderança ou por um assento no Parlamento, etc. Outros eram de boa fé mas careciam de disciplina, recusando-se a obedecer às ordens dos seus superiores; essas pessoas discutiam interminavelmente cada diretiva, cada uma agindo por conta própria. Outros, tendo novamente se juntado às nossas fileiras de boa fé, foram simplesmente incapazes de integrar-se no nosso espírito.

Existem muitos indivíduos muito bons que possuem uma estrutura moral tal que simplesmente não conseguem fundir-se numa organização como a nossa e, portanto, colocam em risco a sua própria existência a partir de dentro. Alguns são intrigantes de nascimento; tudo o que unem, eles destroem contando histórias.
Alguns outros têm uma ideia fixa; eles honestamente acreditam que encontraram a chave para todas as soluções, tentando convencê-lo do seu valor. Outros estão doentes, afligidos pelo mal do jornalismo. Querem, a qualquer custo, ser diretores de jornal ou ver seu nome estampado no final de uma matéria. Há outros que agem de tal forma que, onde quer que vão, conseguem transigir

toda a luta e minando a confiança que a organização desfrutava ali.
Finalmente, há alguns que são especificamente pagos para se envolverem em intrigas, espionagem e comprometerão quaisquer esforços nobres do movimento nacionalista.
Que cuidado, que circunspecção, então, deve ser exercido pelo chefe de um movimento em relação àqueles que desejam ficar sob sua liderança! Quanto ele deve fazer para educá-los e que supervisão incansável deve exercer sobre eles! Sem essas precauções, um movimento fica irremediavelmente comprometido.

Machine Translated by Google

Infelizmente, o Professor Cuza desconhecia totalmente estes imperativos. O seu slogan era: “Qualquer pessoa pode aderir à Liga, mas só quem pode ficar”.

E essa atitude traria um verdadeiro desastre. Na verdade, vários meses depois, a Liga tornou-se um caldeirão de intrigas, um verdadeiro inferno.
A minha convicção na altura, que mantenho até hoje, era que uma organização não deveria permitir a entrada de "quem quiser", mas apenas daqueles que "merecem aderir", e permitir-lhes permanecer nela apenas - e apenas enquanto eles são – íntegros, trabalhadores, disciplinados e fiéis.

Se sinais de gangrena, como os mencionados acima, parecerem evidentes numa organização, devem ser imediatamente isolados e depois excisados com mais energia. Caso contrário, a infecção se espalha como um câncer por todo o organismo em movimento e a causa é perdida. Sua missão e futuro comprometidos; ele morrerá ou permanecerá entre a vida e a morte, incapaz de realizar qualquer coisa. Nossos esforços para induzir o professor Cuza a remediar esta situação fracassaram, porque, por um lado, ele desconhecia totalmente esses princípios elementares para a condução de um movimento e, por outro lado, porque as intrigas conseguiram nos isolar dele também e consequentemente, para paralisar qualquer influência que pudéssemos ter sobre ele.

Nós Vacarestianos, percebendo isso e vendo os assaltos desesperados, as ondas de intrigas que nos assolavam, com o objetivo de nos separar do professor Cuza, fomos até sua casa, novamente lhe jurando fidelidade e pedindo-lhe que confiasse em nós que faríamos tudo está em nosso poder corrigir a situação dentro do movimento. A nossa tentativa revelou-se fútil, pois ele percebeu que estávamos a ver as coisas sob uma luz totalmente diferente, tanto no que diz respeito à organização e ao plano de acção, como mesmo no que diz respeito à doutrina fundamental do nosso movimento. Partimos da ideia da essência moral do homem, não como um dígito numérico, eleitoral ou democrático. Mas ele estava convencido de que mantivemos esta ideia porque fomos vítimas de alguns intrigantes.

A CRÍTICA DO LÍDER

Quem foi o responsável por este estado de coisas? O líder, é claro. Este movimento precisa de um grande líder, não de um doutrinário brilhante que permaneça alheio às ondas de movimento abaixo; um líder imponente, para dominar e controlar o movimento.

Nem todos podem preencher esse papel. É preciso um profissional, um homem com qualidades inatas, alguém que conheça não só os princípios de organização, mas também de desenvolvimento e de luta. não basta ser um renomado professor universitário para comandar tal movimento. Aqui é necessário um bom timoneiro, um capitão hábil para nos conduzir sobre as ondas, um homem que conheça a lei e esteja familiarizado com o segredo de tal liderança; que conheceria os ventos e as profundezas do mar, que conheceria os recifes perigosos, que finalmente seguraria o leme com mão firme.

Não basta que um homem que prove que a Transilvânia pertence aos romenos tenha o direito de assumir o comando das tropas que saem para conquistá-la; assim como o facto de poder demonstrar teoricamente a existência de um perigo judaico não é suficiente para que ele tenha o direito de assumir o comando de um movimento político popular que se propõe a resolver este problema. Existem aqui dois níveis de actividade totalmente diferentes, níveis que exigem aptidões e qualificações totalmente opostas dos indivíduos envolvidos.

Podemos imaginar o primeiro nível acima dos 1.000 metros, o domínio da teoria, o campo abstrato das leis. Lá, o teórico se dedica à pesquisa da verdade e de sua formulação teórica. Ele parte da base das realidades concretas, desde a base para formular leis aí no seu domínio criativo.

O outro nível está na terra. Aqui, o homem dotado de qualidades de liderança empenha-se na arte de impor a verdade pela força. Ele alcança as alturas para

Machine Translated by Google

estar em harmonia com as leis, mas o seu lugar de cumprimento é aqui no campo de batalha, na área da estratégia e da tática.

A primeira cria ideais, traça objetivos; este último os executa, os cumpre.
Em virtude do princípio natural da divisão do trabalho, as exceções em que as qualidades destas duas funções se encontram num único indivíduo são
extremamente raro.

O professor Cuza é antes de tudo um teórico. No nível teórico, brilha como o sol.
Seu trabalho é o seguinte:

a) Investigação e formulação da verdade do direito da nacionalidade. b)
Descoberta e identificação perfeita do inimigo da nacionalidade. o judeu. c) Postular soluções para o problema judaico.

Isso é tudo! No entanto, esta é uma conquista colossal. Pois embora todas as evidências científicas estejam do seu lado, todos os homens da ciência estão contra ele, atacando-o de todas as direções e tentando derrubar as suas descobertas. Mas ele resiste. Este primeiro nível não requer o uso de homens, de forças humanas; pelo contrário, o homem do primeiro plano evita as pessoas. Mas o segundo plano requer, antes de tudo, pessoas. qualquer um? Certamente não! Mas as pessoas que o líder deve transformar em forças humanas.

Que significa:

1. Saber organizá-los segundo certos princípios rígidos.
2. Dar-lhes educação técnica e heróica para aumentar o seu poder, apenas para transformar os homens em poder humano.
3. Conduzir estas forças, agora organizadas e educadas, para o campo de batalha estratégico e táctico para combater outras forças humanas, ou a própria natureza, a fim de alcançar um objectivo útil.

Se se espera que o doutrinário domine a ciência de pesquisar e formular a verdade, espera-se que o líder de um movimento político domine a ciência e a arte de organizar, educar e liderar homens, o Professor Cuza, excelente e insuperável em primeiro plano. , quando rejeitado pelo prático, revelou-se ignorante, desajeitado, ingénuo como uma criança, incapaz tanto de organizar como de educar técnica e heroicamente os seus seguidores, incapaz, por outras palavras, de liderar as forças humanas.

Um homem ilustre no plano teórico nunca será capaz de obter uma vitória no segundo plano. Ele será derrotado ou, na melhor das hipóteses, satisfeito com os pequenos sucessos obtidos por aqueles que o rodeiam.

Quais são os traços espirituais característicos que o líder de um movimento político deve possuir? Na minha opinião são: 1. Um poder interno de atração. Não
existem pessoas independentes e livres no mundo. tal como no sistema solar cada estrela segue a sua própria órbita em que gira em torno de um maior poder de atração, da mesma forma as pessoas, especialmente no campo da ação política, gravitam em torno de algumas personalidades atraentes. O mesmo acontece no reino do pensamento. De fora estão aqueles que não querem demonstrar interesse nem pensar.

Um líder deve ter esse poder de atração. Alguns têm mais de dez pessoas, sendo líderes apenas para eles; outros sobre uma aldeia inteira, um condado; outros sobre uma província ou país inteiro; e alguns até fora das fronteiras de um único país. A capacidade de liderança de um indivíduo é limitada pela extensão do seu poder interior de atração. É uma espécie de força magnética que, se não for possuída por um homem, o torna incapaz de liderar.

2. Capacidade de amar. Um líder deve amar todos os seus companheiros de armas.
O amor deles deve penetrar nos limites da comunidade de um movimento.

3. Conhecimento e sentido de organização. As pessoas atraídas para a órbita de um movimento devem ser organizadas.

Machine Translated by Google

4. Conhecimento das pessoas. Na organização deve ser tido em conta o princípio da divisão do trabalho, colocando cada um no seu lugar, de acordo com as suas aptidões e recusando aceitar quem as carece.

5. O poder de educar e inspirar o heroísmo.
6. Domine as Leis da Liderança. Quando um chefe tem uma tropa organizada e educada, ele deve saber como liderá-la no campo de batalha político para competir com as demais forças.

7. Noção de tempo. Um chefe deve ter um senso especial para lhe dizer quando travar uma batalha. Uma intuição interior deveria lhe dizer: agora! Neste minuto, nem mais tarde, nem antes.

8. Coragem. Quando um líder ouve esse comando interno, ele deve ter a coragem de desembainhar a espada.

9. A consciência dos objetivos justos e morais a serem perseguidos por meios honestos, além de todas as virtudes de um soldado que um líder deve possuir, espírito de sacrifício, resistência, devoção, etc., ele deve ser animado por um espírito de elevada moralidade, pois não há vitória duradoura se não for baseada na justiça e na legalidade.

UM CASO DE CONSCIÊNCIA

Na verdade, o Professor Cuza não foi responsável pela situação caótica em que a Liga se encontrava. Quando se opôs aos nossos esforços de organização, tinha, creio, a consciência tranquila da sua competência teórica e da sua falta de poder no plano político. Fomos nós os responsáveis e especialmente eu, porque o forçamos contra a sua vontade a empreender uma acção para a qual ele era fraco. Na verdade, ele esteve ausente de todos os eventos importantes que ocorreram durante esses dois anos de luta. Todas as lutas que abalaram todo o país e levantaram as massas romenas foram iniciadas sem a ajuda do Professor Cuza. Em cada uma delas ajudou muito, claro, mas sempre no final a iniciativa não lhe pertenceu.

Eu estava errado; e como não há erro que não se volte imediatamente contra quem o cometeu, o meu erro também nos perseguirá como no movimento. E isso acontecerá quando o professor Cuza, sem conseguir nos entender, estiver trabalhando sozinho, sem o nosso apoio.

Este ano também foi difícil para ele. Após 30 anos de dedicação na Universidade de Iasi, o governo cometeu a injustiça sem precedentes de destituí-lo da cátedra, quando, na investigação sumária que foi realizada foi acusado de instigar os estudantes, o professor Cuza respondeu:

“Sou um instigador das energias nacionais”.
Uma vida inteira de luta e ensino ilustre ao serviço da nação romena terminou com tal recompensa por parte do povo liderado pelos políticos judeus.
A este golpe baixo juntou-se também o facto de, estando sozinho na rua, ter sido provocado e atingido na cara pelo punho de um judeu. Quando essa ousadia escandalosa se tornou conhecida, os estudantes iam a todos os bares e espancavam da mesma maneira todos os judeus que encontravam. Durante esta manifestação, dez estudantes foram presos, incluindo Mota e Lulian Sarbu, que foram condenados a um mês de prisão. Eles serviram em Galata. Urziceanu, um estudante, disparou vários tiros contra o suspeito de ser o instigador moral do ato de violência prejudicial.

Machine Translated by Google

NA FRANÇA, NA ESCOLA
A PARTIDA E A PRIMEIRA ETAPA EM ESTRASBURGO

Em 23 de setembro de 1925, lançamos a pedra fundamental de nossa casa estudantil. Os muros tinham cerca de um metro de altura quando, tendo dado ao nosso movimento nacionalista tudo o que podia na minha idade, achei oportuno regressar ao estrangeiro para completar os meus estudos, tanto mais que a minha saúde não estava em muito boas condições. das difíceis provações pelas quais passei, fui levado a tomar esta decisão também pelo facto de me sentir um tanto isolado nas minhas opiniões sobre a organização da Liga e os planos de combate. Eu estava dizendo para mim mesmo. “É possível que me engane e seria melhor não perturbar o desenvolvimento de um ponto de vista que pode, afinal, revelar-se bom”, especialmente tendo em conta que ultimamente a Liga adquiriu nova força (1) ao aderir à "Acção Romena", liderada pelo Professor Catuneanu, que trouxe para o nosso lado intelectuais eminentes da Transilvânia como Valer Pop e Padre Titus Malai; e (2) unir forças com "The National Fascia", uma organização menor, mas saudável. Esperançosamente, as falhas inocentes da liderança de Leakue seriam agora remediadas pela presença de tantos homens da elite, entre os quais podemos contar: o nosso advogado Paul Iliescu, de Bucareste, com um notável séquito de intelectuais; General Macridescu, liderando outro grupo de elite de Focsani; o ilustre professor de sociologia da Universidade de Cernauti, um velho nacionalista, Traian Braileanu; e o ilustre professor de pedagogia Ion Gavanescul, da Universidade de Iasi, que até agora não tinha aderido ao nosso movimento, embora também tivesse pregado a ideia nacional ao longo da sua vida na sua cátedra de pedagogia.

Também esteve connosco o erudito Professor de Fisiologia Nicolae Paulescu da Universidade de Bucareste, um especialista incomparável em manipulações judaico-maçónicas, que iluminou o movimento nacional na capital.
A estas personalidades que honraram o nosso movimento e lhe deram um prestígio insuperável, juntou-se a preciosa ajuda do Libertatea ("Liberdade"), o jornal popular romeno mais lido e apreciado, editado pelo Padre Mota.
O meu camarada Mota - filho do Padre Mota - expulso da Universidade de Cluj, ainda estudante do segundo ano, decidiu ir comigo para o estrangeiro para terminar os estudos de Direito.

Nós dois concordamos em ir para a França, para uma das cidades menores.
Escolhemos Grenoble. Ganhei 60.000 lei com a venda do meu livreto Cartas de um estudante preso e com presentes de casamento; Mota recebia ajuda mensal em casa.

Depois de nos despedirmos de nossas famílias em casa, prestamos nossas homenagens ao professor Cuza e aos nossos companheiros. Depois subimos a montanha Rarau até a ermida para rezar e iniciar nossa jornada. Minha esposa e eu saímos primeiro. Mota seguiu duas semanas depois. Depois de uma longa viagem pela Checoslováquia e Alemanha, seguida de vários dias em Berlim e Jena, entrámos em França e paramos em Estrasburgo. O que me surpreendeu muito foi o facto de esta cidade, ao contrário de todas as minhas expectativas, se ter transformado num verdadeiro ninho de vespas para infecção judaica.
Ao descer do comboio esperava ver gente da raça gaulesa que, com a sua bravura ímpar, marcou séculos de história.

Em vez disso, vi o judeu de nariz adunco e sedento de lucro que me puxou pela manga para sua loja ou restaurante, sendo que a maioria dos restaurantes ao redor da estação de trem eram administrados por eles. Na França do judeu assimilado, tudo era kosher. Entramos em um restaurante após o outro e encontramos um cristão, mas em cada um deles vimos uma placa em iídiche: “Comida Kosher”.
Finalmente encontramos um restaurante francês onde comemos. Não encontramos nenhuma diferença entre os judeus de Targul-Cucului e de Estrasburgo; a mesma figura, os mesmos modos e jargões; os mesmos olhos satânicos com que se lê e descobre, sob o olhar educado, a vontade de brincar.

Machine Translated by Google

EM GRENOBLE

Mais uma noite de viagem e chegaremos a Grenoble pela manhã. Que maravilhas se abriram aos nossos olhos! Que cenário! Uma cidade situada há muito tempo no sopé dos Alpes. Uma enorme pedra avançou em direção ao centro da cidade como se fosse cortá-la em duas. Cinzento, robusto e ousado, dominava as casas, que, embora com muitos andares de altura, em contraste pareciam pequenos formigueiros. Mais longe, mas também perto da cidade, existia uma outra montanha repleta de antigas fortificações, trincheiras e parapeitos, que tinha sido transformada numa imensa fortaleza.
Ao longe, ao fundo, sobretudo, branca como a honra, a neve brilhava inverno e verão sobre os imponentes maciços Alpes.

Impressionado com o que vimos e caminhando como se estivesse num castelo encantado de alguma história, disse a mim mesmo: “Esta é a cidade da bravura”. E com certeza, enquanto continuava andando, tive certeza de que estava certo, ao parar em frente a uma estátua que li. "Bayard, cavaleiro sem peur etsans reproche." Bayard foi um grande guerreiro épico do século XV que, após uma vida inteira de batalhas, foi mortalmente ferido e ficou em agonia, segurando sua espada cujo punho estava agora transformado em uma cruz da qual o bravo velho recebeu na hora de sua morte , a última bênção. Alugamos um quarto na antiga Grenoble. Há também um novo e moderno Grenoble.

Mas gostamos mais da seção antiga. Mota chegou um pouco mais tarde. Nós nos registramos na universidade. Ele, pelo bacharelado em Direito; Eu, como doutorando em economia. Comecei a auditar cursos de primeiro e segundo ano, mas não entendia nada. Essas foram as primeiras lições. Eu só conseguia entender palavras isoladas.
Contudo, à medida que continuei obstinadamente a auditar esses cursos, por volta do Natal comecei a entender muito bem as palestras. Havia apenas oito doutorandos, razão pela qual essas turmas desenvolveram um caráter familiar de vínculo estreito entre aluno e professor.
Os professores, extremamente conscienciosos, apenas ensinavam, também não politizavam.

As refeições para nós três foram preparadas pela minha esposa. Nos feriados comecei a fazer pequenos passeios pela cidade. Fiquei impressionado com as ruínas do castelo e as torres antigas. Você gostaria de saber quem viveu nesses antigos? Eles devem ter sido esquecidos por todos. Deixe-me ir visitá-los. Entrei nessas ruínas e fiquei ali por horas em silêncio imperturbável, conversando com os mortos. Visitei uma pequena igreja nos arredores da cidade, datada do século IV, a Igreja de São Lourenço, e para meu espanto, vi mais de cinquenta suásticas no seu teto azulado. Na cidade, no edifício da Câmara Municipal, no Palácio da Justiça e noutras instituições, avistava-se a estrela maçónica, símbolo do controlo absoluto desta hidra judaica sobre França, por isso retirei-me para o bairro antigo de Grenoble, onde as igrejas com suas cruzes foram obscurecidas pelo tempo e pelo esquecimento. Dei as costas aos cinemas, teatros e cafés modernos, encontrando diversão entre as ruínas onde suspeitava que Bayard pudesse ter vivido. Afundei-me no passado onde, para minha grande felicidade, vivi na França histórica, na França cristã, na França nacionalista, não na França judaico-maçónica, ateia e cosmopolita, mas em Bayard! Não na França de Leon Blum! A praça "Marche des puces", como a chamavam os franceses, estava cheia de judeus, o que explicava o seu nome. Na verdade, a universidade também era dominada por eles. Havia 50 estudantes judeus da Romênia estudando aqui, além dos cinco romenos. Visitei também o antigo mosteiro, "Grande Chartreuse", cujos 1.000 monges foram expulsos pelo governo ateu. Em vários ícones ainda pude ver marcas de pedras atiradas

pela multidão durante a Revolução Francesa (1789), quando mutilaram a imagem de Deus.

Não demorou muito para que as preocupações materiais nos dominassem. Meu dinheiro estava acabando e eu não esperava nenhum em casa. Apesar de todas as grandes poupanças, não conseguimos gerir sozinhos o que o Mota recebeu.

Passamos muitas horas pensando em como poderíamos ganhar algum
dinheiro sem atrapalhar a programação dos cursos. Percebendo que o bordado é apreciado e bem remunerado na França, decidimos aprender bordado com minha esposa e depois tentar vender esse bordado romeno. Aprendemos esse ofício ao longo de várias semanas. Bordávamos nas horas vagas, tínhamos a nossa

Machine Translated by Google

produtos expostos na vitrine e, somando o pouco que ganhávamos dessa forma ao que Mota recebia de casa, conseguíamos viver com muita modéstia.

ELEIÇÕES GERAIS DE VOLTA PARA CASA
MAIO DE 1926

Na época da Páscoa, cartas e jornais que recebíamos regularmente traziam notícias da queda dos Liberais no poder e da chegada do General Averescu.
As novas eleições gerais deveriam ocorrer em meados de maio. Para a Liga, esta foi a oportunidade de travar uma grande batalha pela primeira vez. Eu dizia para mim mesmo: "Preciso voltar para casa e me juntar a essa luta. E depois voltar para a escola".

Escrevi para o professor Cuza pedindo dinheiro para a passagem. Não obtendo resposta, escrevi ao Sr. Hristache Solomon em Focsani. Ele me enviou 10 mil lei, dos quais deixei uma parte com minha esposa. Com o resto, fui para casa.
Cheguei a Bucareste no início de Maio, durante toda a campanha eleitoral.
Procurei imediatamente o professor Cuza que não pareceu muito feliz em me ver ali, me dizendo que não havia necessidade de eu vir porque o movimento poderia correr bem mesmo sem meu.
Doeu um pouco, mas não fiquei com raiva. Não há lugar numa organização política para um membro que se irrita ao ser repreendido pelo líder.
A advertência pode ou não ser justificada, mas nunca se deve ficar zangado, este é o princípio que deve nortear um homem em qualquer organização.

Depois, parti para o município de Dorohoi para auxiliar o professor Sumuleanu. De lá fui para outros condados, Campul-Lung, Iasi, Braila, etc. Entretanto, por causa de uma carta que recebi do Professor Paulescu e por insistência do General Macridescu, decidi candidatar-me a Focsani. Lá estava eu, na situação mais nojenta e indesejada para mim: sair implorando votos para mim. Onde? Entre as multidões que, justamente no momento em que deveriam ser inspiradas pelos sentimentos mais sagrados - para quem estavam em jogo o seu país e o seu futuro - ficam atordoadas com as bebidas abundantemente oferecidas pelos agentes eleitorais, e são possuídas pelos paixões desencadeadas pelo espírito maligno dos políticos. Nesses momentos, durante a vida serena e limpa nas aldeias, as marés de corrupção política diminuem.

Este inferno se espalha por todo o país e dele emerge a próxima liderança do país por um, dois, três ou quatro anos. Isso é

deste monte de putrefação que a democracia – a democracia “sagrada” – produz a liderança de um país!

Cheguei a Focsani, que estava sitiada desde os batismos de Ciorasti. para prosseguir em campanha era necessário um passe livre, emitido pelo comandante da guarnição, que solicitei e recebi. Por volta das 10h, acompanhados pelo Sr. Hristache Solomon e outros, partimos em dois carros. Mas a 500 metros da cidade, encontramos uma barricada de duas carroças colocadas do outro lado da estrada, com vários policiais por perto.

Paramos, os policiais vieram até nós e disseram que não podíamos passar. Apresentei a ordem do general e mostrei-lha. Eles leram e disseram: “Mesmo assim você não pode passar”.

Ordenei aos meus companheiros que abrissem a estrada. Após uma breve briga, a estrada estava transitável.
Os carros começaram a se mover lentamente. Os policiais, vários metros atrás de nós, ajoelharam-se, miraram e começaram a atirar. Eu disse:

"Continue andando, eles estão atirando para o alto."
Uma bala atingiu um pára-choque; outro, perto de nós. Continuamos dirigindo. Mas duas balas nos pararam, uma furou o tanque de gasolina, a segunda um pneu.
Não podíamos continuar dirigindo. Descemos e voltamos. Mais uma vez, dirigimo-nos ao general que emitiu a nossa autorização de passagem e relatou o ocorrido,
estando também presente o general Macrisdescu. Ele respondeu: "Você está livre para viajar. Ordenei que ninguém o impedisse. Talvez tenham sido as autoridades administrativas." De lá fomos para

Machine Translated by Google

Prefeitura junto com o General Macridescu. O prefeito do condado era Nitulescu, um homem rude e rude. Com muita calma, entramos em seu escritório. O General Macridescu relatou os acontecimentos. Mas o prefeito, desde o primeiro momento, nos tratou com muita grosseria. Ele começou a fazer um discurso interminável de sua posição elevada.

“Senhores, os mais elevados interesses do Estado exigem ...”

“Existem leis neste país; nós estamos dentro das leis. Temos o direito...” En. Macridescu tenta explicar. Mas o prefeito continuou: “O conde exige nestes tempos difíceis...”

O General Macridescu tentou novamente explicar. O prefeito com autoridade: “A vontade do país é…”

"Ouça aqui, Sr. Prefeito", interrompi, bastante chateado. "Vejo que você não quer entender conversas razoáveis. Amanhã de manhã iniciarei a campanha e, se os policiais atirarem contra nós novamente, voltarei aqui ao seu escritório e atirarei em você."

E sem esperar resposta, me virei, deixando os outros para trás. Várias horas depois, fui convocado para o Conselho de Guerra. Eu fui. Um comissário real* me interrogou. Afirmei por escrito exatamente o que aconteceu. Eles me prenderam. E eu disse: "Bem, senhores, vocês não fazem nada com aqueles que realmente atiraram em mim, mas eu, que acabei de dizer que faria, vocês prendem!"

Então lá estava eu de novo, numa sala de detenção do quartel do regimento. Três dias depois fui chamado pelo general. Um oficial me levou ao seu escritório.

"Sr. Codreanu, você deve deixar a cidade de Focsani."

“Senhor, sou um candidato aqui. Sua ordem para eu sair é contra a lei. É claro que não vou me opor a esta medida porque não posso fazê-lo, mas peço que me dê esta ordem por escrito." "Não posso colocá-la por escrito."

“Então irei a Bucareste reclamar deste tratamento.”

O general me liberou sob minha palavra de honra de que partiria no primeiro trem. E parti para Bucareste no primeiro trem.

No dia seguinte apresentei-me ao Sr. Octavian Goga, Ministro do Interior, que me recebeu bem. Contei a ele o que aconteceu comigo e exigi justiça. Ele me prometeu que enviaria um inspetor administrativo para investigar o caso e me pediu para ir vê-lo novamente no dia seguinte. Eu vim. Ele me adiou para o dia seguinte.

Mas como o tempo se esgotava e o dia das eleições se aproximava, no quarto dia saí.

Mais uma vez consegui uma autorização de passagem gratuita do general e novamente começamos a dirigir. Faltavam apenas dois dias para as eleições. Chegámos à primeira aldeia onde havia alguns aldeões reunidos como na véspera de qualquer eleição, mas pareciam assustados com o terror geral prevalecente. Os gendarmes apareceram: "Vocês podem falar com essas pessoas, mas só por um minuto. Esta é a nossa ordem!"

Falei por um minuto e depois continuamos. Foi o mesmo em todas as outras aldeias, apenas por um minuto em cada uma. Falta de justiça e legalidade neste país! A um é dado o privilégio de votar, a outro é chamado a exercer esse privilégio; se você não comparecer para votar, será multado e se comparecer para votar, será derrotado. Os políticos romenos, sejam eles liberais, apoiantes de Averescu, camponeses nacionais, são apenas um bando de tiranos que estão por detrás de slogans

* **Oficial do exército que, na justiça militar romena, desempenha o papel de juiz ou promotor investigador no Conselho de Guerra. (Trad.)**

como: "Legalidade", "Liberdade", "Os direitos do homem", sem vergonha e sem medo atropelar um país inteiro com todas as suas leis, todas as suas liberdades e

Machine Translated by Google

todos os seus direitos. Que possível recurso resta, pergunto-me, para o futuro?

No dia das eleições, os nossos delegados foram espancados, cobertos de sangue e impedidos de chegar aos locais de votação; aldeias inteiras não podiam aproximar-se das assembleias de voto. Resultado: perdi, mas na cidade de Focsani ganhei todos os partidos políticos.

“Não importa”, eu disse a mim mesmo. "Se eu tivesse vencido, isso teria interrompido meus planos de continuar meus estudos." Dois dias depois, tomei conhecimento, para minha grande alegria, dos resultados das eleições em todo o país. A Liga somou 120 mil votos e enviou dez deputados ao Parlamento: Professores Cuza e Gavanescul de Iasi; Professor Sumuleanu de Dorohoi; meu pai de Radauti; Paul Iliescu da Campul-Lung;

Professor Calan de Suceava; o médico Haralamb Vasiliu de Botosani; Valer Pop de Satu-Mare; a engenheira Misu Florescu, de Piatra-Neatnt; e Iuniu Lecca de Bacau.
Na verdade, um corpo de homens de elite foi eleito para honrar o movimento nacionalista, homens que o povo admirava com amor ilimitado e esperanças vivas. Esses 120.000 votos representaram o que há de melhor e mais puro na nação romena. Os eleitores superaram todas as ameaças, todas as tentações, todos os obstáculos para chegar às urnas. Mas aqueles que não conseguiram alcançá-los eram muito numerosos – mais do que aqueles que o fizeram.
Houve pelo menos outros 120 mil votos que foram anulados ou roubados das urnas.

Regressei a França satisfeito com os resultados, mas constantemente preocupado com a seguinte questão: Como poderíamos vencer se todos os governos conduzissem eleições desta forma, usando a corrupção, o roubo e a força estatal contra a vontade popular?

NOS ALPES

Chegando à França, já era tarde para fazer os exames da sessão de junho.
Eu estava enfrentando um problema sério. Mota teria que voltar para casa para cumprir o serviço militar no outono. Como é que íamos viver se o nosso bordado mal dava para uma pessoa, quanto mais para duas almas... Tentei arranjar trabalho na cidade, qualquer coisa.
Impossível. Então pensei que talvez no campo, perto da cidade, eu pudesse conseguir alguma coisa. Junto com Mota fui em diversas direções em busca de trabalho; mas à noite voltamos sem sucesso. Um dia, pegamos o bonde para Uriage-les-Bains, a cerca de seis milhas de Grenoble (lá, os bondes circulam não apenas nas cidades, mas também no exterior, por até 19 quilômetros em todas as direções, pois há energia elétrica abundante gerada pelas cachoeiras nas montanhas.).

A partir de Uriage seguimos alguns caminhos montanha acima. Cerca de meia hora depois chegamos a Saint Martin, uma aldeia bastante grande com uma estrada bem pavimentada, casas de pedra bem conservadas, vários armazéns e uma bela igreja alta. Mas nós passamos. Depois de mais uma hora de caminhada, subindo constantemente no calor suado, chegamos a uma pequena aldeia, Pinet-d'Uriage.

Estávamos a uma altitude de aproximadamente 2.600-2.700 pés. Acima de nós, os Alpes ofereciam uma perspectiva admirável aos nossos olhos, pois estavam cobertos de neve. parecia que a neve começava a alguns quilômetros de onde estávamos. À nossa esquerda, em direção ao Chateau de Vizille, estendia-se um belo vale; em direção a Grenoble, à nossa direita, outro; e ao longo do vale a estrada pavimentada que serpenteava brilhava como a água de um rio banhado pelo sol.

Nos campos podíamos ver pessoas trabalhando. Estávamos nos perguntando como ali, na encosta da montanha, a poucos quilômetros de neves perpétuas, o trigo poderia crescer até a altura de um homem; ou aveia e cevada, bem como todos os tipos de vegetais. Provavelmente por causa do clima mais ameno e do solo sem rochas. Na verdade, o seu solo era de baixa fertilidade, mesmo pobre. Mas os agricultores utilizavam continuamente estrume ou fertilizante.

Machine Translated by Google

Ao vê-los trabalhar nos seus campos, enfrentámos o mesmo problema que noutras aldeias: como poderíamos falar com eles para que soubessem que estávamos à procura de trabalho. Passamos por eles sem ousar falar com eles. Mais acima havia mais algumas casas, cinco ou seis. Nós fomos lá.
Chegamos ao último. Além dela, nenhuma outra habitação humana apareceu entre nós e o enorme Beldona, exceto cabanas turísticas. Perto dali, um velho estava cortando a grama. Precisávamos falar com ele. Nós o cumprimentamos e começamos a conversar. Ele percebeu que éramos estrangeiros, então nos perguntou o que éramos. Dissemos-lhe que éramos romenos, que gostávamos muito daqui e que queríamos alugar um quarto para passar vários meses ao ar livre.
O velho estava orgulhoso e provavelmente pensando ter encontrado alguém com quem pudesse aprender muitas coisas, pediu-nos que víssemos juntar-nos a ele e nos sentássemos à mesa exterior sobre a qual colocou uma garrafa de vinho preto adstringente e três copos que encheu. .

Então ele começou a nos questionar, acompanhando nossas respostas com muita curiosidade:

"Então você diz que é romeno?"
"Sim, romenos, romenos da Roménia."
"A Romênia fica longe daqui?"

"Quase 2.000 milhas."

“Existem também camponeses no seu país como aqui?”
"São muitos, Pere Truk", pois este era o seu nome.

“Lá também cresce capim? Tem bois lá? Vacas? Cavalos?"

Finalmente respondemos a todas as suas perguntas, tornando-nos rapidamente amigos dele.

Mas não lhe dissemos nada que nos incomodasse, porque o velho percebeu que éramos pessoas educadas, “senhores”, e teria perdido todas as ilusões se lhe disséssemos que estávamos à procura de trabalho.
Acabamos de perguntar se ele conhecia algum quarto para alugar em algum lugar. Ele nos deu um endereço e insistiu que disséssemos ao proprietário que foi ele, Pere Truk, quem nos enviou.

Ao sairmos, expressamos nossos agradecimentos e prometemos que voltaríamos para ajudá-lo a cortar.
Encontramos o endereço que ele nos deu em diversas casas da encosta. Era a casa do Sr. Chenevas Paul, um aposentado bem vestido de 70 anos, ex-suboficial, agora aposentado. Ele estava orgulhoso de ser o único pensionista da aldeia. Ele possuía duas casas lado a lado, que usava inteiramente para si, pois estava sozinho. Todos os seus parentes morreram.
Ele nos alugou sua casa menor, composta por dois quartos abaixo, um grande e um pequeno, e um acima (todas as casas tinham um segundo andar). Na sala de baixo havia um fogão para cozinhar;

No andar de cima, mobiliado com simplicidade, havia uma cama. Tudo isso transmitia a aparência de vazio. Era evidente que ninguém morava lá há muito tempo.
Combinamos 400 francos até o Natal (ou seja, seis meses). Em Grenoble pagávamos 150 francos por mês. Pagamos três meses adiantados e dissemos que nos mudaríamos em alguns dias. Depois voltamos para a cidade de bom humor.
Senti isso agora, tendo feito o trabalho do curso de residência exigido no doutorado. programa, eu estudaria para os exames aqui e iria para Grenoble só para fazer.

EM PINET-D'URIAGE ENTRE CAMPONESES FRANCESES

Vários dias depois, subíamos os mesmos caminhos, com os nossos pertences às costas, eu e a minha mulher, Mota, até aos nossos novos alojamentos. Finalmente, nos acomodamos. Mota despediu-se de nós e partiu para a Roménia. Ficamos para trás com apenas alguns francos no bolso. Uma situação terrível!
Como iríamos comer? Na manhã seguinte, bastante deprimido, fui até Pere Truk. Ajudei a cortar a grama e carregar o feno o dia todo. Ele me pediu para comer com ele ao meio-dia e às

Machine Translated by Google

hora do jantar. Se eu pudesse levar algo para minha esposa, também teria sido perfeito, mas voltei de mãos vazias, voltei na manhã seguinte. Desta vez ele tinha alguém para trabalhar para ele, um homem baixo, com cabelos ruivos desgrenhados, olhos brilhantes e inquietos nos quais não consegui discernir nenhum traço de bondade; ele parecia ser um homem mau. O nome dela era Corbela.

Provavelmente Corbelle na língua oficial e literária. Mas todos os camponeses da região falam "Patois", isto é, um dialeto camponês que difere muito da língua oficial tanto na pronúncia quanto na estrutura das palavras. Esta diferença é tão grande que um francês urbano não consegue compreender um francês do interior que fale "Patois". Mas eles também conhecem a língua oficial.

Nós três fomos convidados por uma dona de casa, a velha, para comer na casa dela ao meio-dia. Ela era uma velha como as velhas de casa. Em França, os camponeses não comem uma cebola com um monte de juncos ao meio-dia, como fazem os nossos camponeses; via de regra, comem um prato de vegetais, um de carne e depois um de queijo; e uma taça de vinho normal. Agradeci por me convidarem para participar da refeição, mas disse que não comeria. Embora eu me senti envergonhado, eles insistiram. Então eu lhes disse que, sendo sexta-feira, jejuei até a noite. Era um hábito antigo que mantive fielmente durante três anos, desde que fui encarcerado pela primeira vez na prisão de Vacaresti.

Quando Corbela soube que eu estava em jejum, perguntou-me rispidamente:

"Mas por que você jejua?" "Porque eu acredito em Deus."

"Como você sabe que existe um Deus? Você viu Jesus Cristo?" Ele continuou.
“Não, eu não O vi, mas eu sou assim; Não acredito que você me diga que Ele não existe, mas acredito nos inúmeros mártires que, quando pregados na cruz, gritaram: 'Você pode nos matar!' Ah, os sacerdotes! Os charlatões! Eu os esmago com meu calcanhar, , mas nós O vimos'. "
empurrando-o e virando-o no chão, como esmagar uma woria"

Ao vê-lo tão animado, parei a discussão.
Naquela noite voltei para casa com uma cesta cheia de batatas e um pedaço de bacon que o velho me deu. Trabalhei da mesma forma naquele sábado. No domingo, fui à igreja. Havia muita gente, provavelmente toda a aldeia. Num banco lateral junto ao altar, solene como um santo, estava um homem que me lembrava Corbela. Dei outra olhada. Ele seguiu o padre de muito perto. A certa altura, ele se aproximou do padre e o ajudou com muita humildade.

Foi ele, Corbela! Cantor, sacristão e descascador.

Mais tarde, ao fazer amizade com os aldeões, contei-lhes sobre meu encontro com Corbela, e todos nós rimos muito.
“Nós também temos nossos tolos entre nós”, me disseram. "Eles ouvem pessoas importantes que odeiam a Igreja. Mas nós, camponeses franceses, acreditamos em Deus como aprendemos com os nossos pais."

O padre, homem de vasta cultura, doutor em filosofia e teologia, vivia em grande pobreza, sem receber salário do Estado ateu que perseguia os padres como inimigos.
Estes últimos vivem apenas da ajuda recebida dos poucos aldeões. Na semana seguinte trabalhei para outra pessoa, colhendo batatas, que me deu mais batatas, base da nossa existência durante algum tempo. Troquei para outro camponês para ajudar a polir e debulhar o trigo. Em cada aldeia, as pessoas têm uma debulhadora comum que é usada por todos. Os rendimentos são ricos e bonitos como ouro.

Cada aldeão assina algum semanário agrícola que está cheio de conselhos sobre agricultura em geral, horticultura, criação de gado, apicultura, etc. eles podem, e fazem uso de grande parte disso. Seus estábulos são cuidados, assim como suas casas. O gado fica bem protegido do frio e da fome, sendo escovado diariamente. É por isso que eles têm bons

Machine Translated by Google

aparência, pode ser trabalhado muito e produzir muito. Muitas vezes vi um pedaço de papelão em seus estábulos onde se lia: “Amai os animais, nossos parceiros de trabalho!”

Depois de cerca de um mês, os aldeões começaram a se acostumar comigo. Eu era conhecido como “le romain” (o romeno). Eles ouviram que eu era estudante de doutorado e conversávamos à noite. Eles estavam interessados em questões de filosofia, política, relações internacionais e economia política, particularmente nas questões de preços, na lei da oferta e da procura e outras leis que determinam os preços, bem como nas causas da flutuação dos preços e no momento certo de colocação no mercado. Produtos deles. . Os camponeses com idades entre os 25 e os 40 anos estavam bem orientados sobre estes temas e podiam discutir com eles questões ainda mais importantes; eles os entenderam perfeitamente.

Depois de um tempo, comecei a estudar para as provas. Mota passou com sucesso nos exames de junho. Trabalhei dia e noite e à noite estudava o máximo que podia.
Nesse primeiro ano, cursei quatro disciplinas: economia política, história das doutrinas econômicas, legislação industrial e legislação financeira. Mas em cerca de dois meses eu estava começando a perder as forças. Nossa comida se mostrou inadequada. Ultimamente, tínhamos feito uma dieta quase exclusivamente à base de batatas cozidas. A cada dois ou três dias, um litro de leite e carne, mas uma vez por semana, ocasionalmente queijo. Isso era tudo que eu poderia ganhar trabalhando. Mas pior do que eu foi minha esposa, que ficou anêmica. Fiz as provas em outubro, fui reprovado, embora na disciplina principal, economia política, tenha tirado nota máxima e nas demais tenha passado. Em legislação financeira tirei apenas nove, a nota para aprovação no doutorado foi dez. No momento, eu estava desorientado.

Nunca fui um elemento brilhante quando se tratava de estudar, mas até agora nunca tinha sido reprovado num exame, pois era considerado um aluno mediano. Este foi um duro golpe dada a nossa difícil situação económica. A dificuldade é que só consegui repetir os exames três meses depois, e depois em todas as disciplinas. Tornei-me teimoso e decidi começar tudo de novo.
O trabalho agrícola nos campos acabou. O chão estava coberto de neve. O único trabalho disponível era cortar lenha na floresta. meu pagamento por

trabalho havia uma carroça cheia de lenha.
Mas começamos a receber ajuda financeira do Padre Mota, que conseguiu um empréstimo em meu nome.

Passamos os meses de inverno e as férias de Natal entre os camponeses, principalmente com a família Belmain-David. Candidatei-me novamente aos exames na sessão de fevereiro do meu primeiro ano de doutorado e passei em todos eles. Comecei imediatamente a estudar para o segundo ano: direito administrativo, filosofia do direito, história do direito francês e direito civil internacional. Na primavera, aluguei um pedaço de jardim, que comecei a cuidar sozinho. Mas em maio de 1927 recebi uma carta desesperada de Mota e de outros, também de Focsani, e de estudantes, pedindo-me que voltasse para casa imediatamente porque a Liga estava dividida em duas. Mota e Hristache Solomon também me mandaram dinheiro para a viagem. Mas eu tinha mais um mês antes dos exames. Vi o Reitor da Faculdade informando-o da emergência que exigia o meu regresso à Roménia e pedindo autorização para fazer os meus exames antes da sessão ordinária. Minha petição foi aprovada. No dia 16 de maio fiz e passei nos exames. No dia 18 de maio parti para a Roménia depois de me despedir dos habitantes de Pinet, entre os quais vivíamos há quase um ano. Quando saímos, alguns deles, os mais velhos, choraram. Outros me acompanharam até a estação de Grenoble.

Vim para França com a preocupação de encontrar um povo imoral, corrupto e decadente, como já foi noticiado muitas vezes em todo o mundo. Mas cheguei à conclusão de que o povo francês, camponês ou cidadão, é um povo de moralidade.

Machine Translated by Google

forte. As imoralidades pertencem aos estrangeiros mimados, aos ricos de todas as nacionalidades atraídos para Paris e outras grandes cidades. A classe dominante, na minha opinião, está irremediavelmente comprometida, pensando, vivendo e agindo sob a influência, e exclusivamente sob a influência, da Judaico-Maçonaria e dos seus banqueiros. A Judaico-Maçonaria usa Paris como sede mundial (Londres, com o Rito Escocês é apenas uma subsidiária). Esta classe dirigente perdeu contato com a história francesa e com a nação francesa. É por isso que, ao deixar a França, ele estava a fazer uma grande diferença entre o povo francês e o Estado maçónico francês. Pelo povo francês, carreguei no coração não só o amor, mas também a fé – que jamais será abalada na sua ressurreição e vitória sobre a hidra que os assola, obscurecendo o seu raciocínio, sugando as suas forças e comprometendo a sua honra e o seu futuro.

EM BUCARESTE

A LIGA DE DEFESA NACIONAL CRISTÃ QUEBRADA

DOIS

Cheguei em Bucareste. Foi um desastre. A Liga se dividiu em duas. As esperanças desta nação estavam desmoronando. Um povo inteiro que tinha lutado para reunir as suas forças exaustas num momento difícil da história, e lutado contra o maior perigo da sua existência, estava agora a cair no chão, com todas as suas esperanças frustradas. Tal desastre, para os corações valentes de milhares de combatentes, todos eles vendo num momento todos os seus sacrifícios passados e todas as suas esperanças desmoronando, inspirou um sentimento de profunda dor mesmo naqueles fora do nosso movimento, uma tristeza nunca antes vista. mais generalizado.
Todas aquelas ondas de entusiasmo de Severin a Focsani, de Campul Lung a Cluj, transformaram-se agora em ondas de tristeza e desespero.

Fui ao Parlamento ver o professor Cuza. Para minha grande surpresa, em meio à dor geral, ele era o único homem alegre. Esse homem era o professor Cuza. Dou aqui, com a maior precisão possível, a nossa conversa. “Bem-vindo de volta, querido Corneliu”, disse ele, avançando em minha direção com o braço estendido. "Você é um bom sujeito. Continue cuidando de seus negócios como tem feito até agora e tudo ficará bem."

"Senhor, estou profundamente deprimido com o infortúnio que se abateu sobre nós."

Machine Translated by Google

“Mas nenhum infortúnio aconteceu. A Liga está mais forte do que nunca. Olha, voltei ontem de Braila, foi fantástico. Fui recebido lá com bandas, tambores, vivas intermináveis. Você verá o clima do país. Você sabe como é. todo o país está conosco. "Dissemos mais algumas palavras e depois saímos.

Atordoado, perguntei a mim mesmo: "Será que um líder, vendo sua tropa dilacerada pela dor, dividida em duas e possuída pelo desespero, poderia desfrutar de uma disposição perfeita e de bom humor? Não ver o desastre fervendo sob ele? Mas talvez ele veja! Se assim for, como então é possível que ele se regozije?"

O QUE ACONTECEU?

A actividade parlamentar e extraparlamentar dos dez deputados da Liga durante o seu mandato deixou muito a desejar. Eles eram homens fracos? Decididamente não! Eles estavam de má fé? Decididamente não! Eram de absoluta boa-fé, mas tinham pequenas deficiências, quer no conhecimento do problema judaico por serem os membros mais jovens da Liga, quer porque eram um pouco pesados e lentos na acção e na razão, sendo os os mais antigos. Mas tais deficiências são inerentes a todos os homens reunidos numa organização e devem ser corrigidas com amor e tato pelo líder. Então, quais foram as verdadeiras causas deste estado de coisas?

Na minha opinião eram: 1.
A falta de coordenação da sua actividade parlamentar e extraparlamentar.
2. A falta de unidade espiritual, unidade absolutamente indispensável a uma tal organização que está rodeada por todos os lados por inimigos que tentam tirar partido de qualquer dissensão interna.

Mas estas duas desvantagens são basicamente o resultado da causa real: a falta de liderança, os erros do líder. Um líder deve expor constantemente os seus pontos de vista a todos os lutadores ao seu redor, a fim de alcançar a unidade de pensamento dos seus seguidores; desenvolver um plano de ação; dirigir a ação de seus homens; ser um servidor permanente da unidade do movimento, tentando com seu amor, comentários, repreensões, amenizar mal-entendidos e discórdias inerentes à organização; ser um exemplo constante para seus seguidores no cumprimento de seu dever; tratar os assuntos de forma justa', respeitando as normas de liderança que lhe foram assumidas e com base nas quais reuniu os seus apoiantes.

Mas o professor Cuza não fez nenhuma dessas coisas. Ele não educou seus homens. Ele nem sequer os consultou. “Vamos fazer uma consulta, senhor”, insistiram alguns deles, “para que possamos saber que medidas devemos tomar e como devemos nos apresentar no Parlamento”.

“Não precisamos de fazer quaisquer consultas porque não somos um partido político.
Ele nunca emitiu nenhuma diretriz para ninguém. Podem ser encontrados tomos valiosos, dezenas de panfletos escritos pelo professor Cuza, centenas de artigos. Mas desafio alguém a trazer-me dez circulares, ou ordens de organização ou acção dadas à organização política mais problemática desde 4 de Março de 1923, a sua fundação, até 20 de Maio de 1927, momento da sua abolição.

Você não encontrará dez, nem cinco, nem mesmo três. O Professor Cuza exortou outros, mas ele próprio não instou os seus seguidores a agir; ele puniu outros, mas quando o fez, causou um verdadeiro desastre porque não lidou com o assunto com sabedoria. Entretanto, certamente, dada a situação assim apresentada, alguns dos deputados, sentindo que as coisas não corriam como deveriam, manifestaram a sua insatisfação. Viram que gradualmente o movimento caminhava para a ruína, especialmente porque, além da falta de directivas de vez em quando, certas explosões do Professor Cuza no Parlamento tiveram um efeito devastador e desconcertante em todo o movimento. Por exemplo, quando, imediatamente após a abertura do Parlamento, um dos deputados da Liga protestou contra o estado de sítio imposto a Focsani e os abusos sem precedentes, o Professor Cuza levantou-se, ordenando ao governo que o fizesse, embora dissesse que teria fizeram a mesma coisa, porque as pessoas estavam

Machine Translated by Google

agitado por causa dos judeus. Noutra ocasião, discutindo a verdadeira mensagem ao Parlamento, respondendo aos membros do Partido Nacional Camponês (eles estavam, aliás, na oposição na altura), declarou: “O Partido Popular pode tornar-se um factor de governo através de um sistema de rotação com o Partido Liberal se o General Avereseus adotasse a doutrina da Liga Cristã de Defesa Nacional. "

Tais declarações - lançadas da eminência da tribuna parlamentar no momento em que milhares de homens, espancados, torturados e injustiçados, aguardavam ansiosamente, como um fraco alívio para o seu sofrimento, uma palavra que condenasse o governo de quem eram vítimas - espalharam, em vez disso, uma atmosfera de desânimo geral.

Abaixo cito o Monitor Oficial a respeito de um trecho do discurso que acabamos de mencionar:

“Há, portanto, actualmente ao serviço do Estado, dois partidos maduros, partidos da ordem, da agenda, partidos do governo, que se complementam e asseguram o normal funcionamento do mecanismo constitucional: o Partido Popular e o Partido Liberal .

“Ambos assentam em bases sólidas, sustentados por interesses produtivos que, embora divergentes, são, no entanto, gerais, reais e permanentes e asseguram a sua existência e a eficácia da sua acção. O novo trabalho de organização política e constitucional do país é a sua atuação naquele com quem colaborou, cada um na medida da responsabilidade e do papel que desempenhou como governo ou oposição. O Partido Popular continuará este trabalho através de todas as melhorias que a prática sincera e a boa fé indicarem como necessárias para a consolidação do Estado e a unificação completa do país.

“O Partido Liberal é o expoente dos interesses da burguesia romena, dos legítimos interesses financeiros, comerciais e industriais, indispensáveis ao bem-estar do país.

“O Partido Popular, chamado a aperfeiçoar a organização económica do Estado, apoiando-a em bases reais, preocupado com as necessidades de todos no âmbito dos interesses superiores do país, apoia-se sobretudo nos interesses gerais, reais e permanentes da produção agrícola , que é um factor preponderante da nossa vida económica.

“O Partido Popular, que tem as raízes mais profundas e extensas em todo o país, na harmonia social... quer dar aos agricultores, donos da sua terra, o papel que eles merece não economia do estado de acordo com seu trabalho e seus números.

"(Monitor Oficial, 30 de julho de 1926, p. 395).

Esta atitude por parte do líder de um movimento nacional é injusta. Apresentando tantos elogios aos partidos políticos que o movimento nacionalista denuncia como uma calamidade que se abateu sobre a Roménia e contra a qual tem lutado com dolorosos sacrifícios para criar um novo destino para este país, diferente daquele que lhe foi destinado pelos governos "políticos" partidos, é o mesmo que condenar à morte o seu próprio movimento.

Para elogiar um sistema rotativo representado pelos partidos Liberal e Averesco,

denunciado por você durante toda a sua vida como inimigo do povo, significa eliminar qualquer chance de vitória do movimento nacional que você liderou, ao mesmo tempo em que prova que você mesmo não depositou nenhuma fé nele. O que diria o comandante de tropas heróicas que lutam, fazem sacrifícios supremos, acreditam em sua vitória, vivem e estão prontos para morrer por ela, se ele, durante um discurso no decorrer da luta diante de milhares de soldados feridos, diria elogiar as tropas inimigas e prever sua vitória?

O que aconteceria às pobres tropas que, em vez de ouvirem uma palavra de encorajamento sobre as suas esperanças de vitória, ouvissem o seu próprio comandante falar das maravilhosas perspectivas de vitória do inimigo?

Machine Translated by Google

O que aconteceria? A tropa se dispersaria desmoralizada. E foi exatamente isso que aconteceu. Muitos combatentes da frente do movimento nacional partiram desesperados. Devido a esta estranha atitude, os deputados da Liga começaram a demonstrar o seu descontentamento. Eles estavam errados, eu acho. Eles não tinham o direito de expressar a sua insatisfação, exceto ao presidente e dentro do círculo limitado de liderança. Mas eles saíram dos limites.

Nessas condições, cada palavra pronunciada ao acaso significa um infortúnio adicional em relação ao causado pelo próprio presidente do movimento. Gradualmente, os erros de um grupo após o outro levaram à frieza nas suas relações. Até que um dia, sem motivo suficiente, sem consideração prévia, também sem respeitar as normas e leis da organização, o deputado Paulo Iliescu foi expulso da Liga Cristã de Defesa Nacional e, além disso, o Presidente Cuza não informou nenhum dos parlamentares de a sua decisão, mas simplesmente anunciou a sua demissão do seu prestigiado cargo, exigindo que o deputado fosse simultaneamente expulso do Parlamento e que o seu lugar em Campul-Lung fosse declarado vago. Isto atingiu como um raio as cabeças dos pobres deputados da Liga. Dois dias depois, o professor Sumuleanu, que entretanto veio às pressas de Iasi, apresentou à Câmara dos Deputados uma comunicação também assinada pelos restantes deputados, Ion Zelea-Codreanu, Valer Pop, Dr. afirmaram que a declaração do professor Cuza foi certamente prematura, pois o estatuto da Liga estipula que as exclusões são pronunciadas pela comissão, que neste caso estava totalmente no escuro. Ele não sabia de nenhuma culpa por parte deste homem, mas não pediu que não fosse expulso, mas apenas que fosse julgado primeiro para poder se defender; exigiu, por outras palavras, que os estatutos da Liga fossem respeitados; que a lei que todos juraram defender seja obedecida.

Ao mesmo tempo, o professor Cuza foi abordado com o mesmo pedido. O resultado destas intervenções: Todos os signatários foram expulsos da Liga, incluindo o Professor Sumuleanu e o meu pai, alguns deles tendo maiores méritos de trabalho e sacrifício na formação da Liga do que o Professor Cuza, sendo o Professor Sumuleanu o próprio Deputado. Presidente da Liga. Todos estes, da mesma forma, foram expulsos sem serem julgados; sem que lhe digam nada; sem ser abordado. Na minha opinião, o procedimento utilizado pelo Professor Cuza na sua qualidade de presidente da organização - cuja função era exercer a maior preocupação com o bem-estar da organização e o maior cuidado em qualquer fase que pudesse pôr em perigo a sua existência - foi fundamentalmente errado. Na verdade, não só foi injusto, mas totalmente desnecessário, especialmente considerando os indivíduos envolvidos que representavam o próprio grupo que liderava a Liga. Eles foram os criadores desta organização. A medida não foi fundamentada, pois o professor Cuza não previu suas consequências para o movimento.

Uma edição especial da Apararea Nationala ("A Defesa Nacional"), publicada imediatamente após a sua expulsão, afirmava que estes homens, com o professor Sumuleanu e o meu pai no topo da lista, se tinham vendido aos judeus, espalhando assim esta insinuação por todo o mundo. o país. .

O Professor Sumuleanu, amigo constante do Professor Cuza durante um quarto de século, um homem de correção exemplar, foi atacado de forma horrível e inescrupulosa nesta edição especial sob a direção e conselho do Sr. Cuza. Fle andou pelas ruas sufocado pela dor, tendo sido acusado de traição. Ele então publicou um panfleto em resposta intitulado: "A Traição de Alguns Amigos". Sua resposta foi apenas consequência dos erros cometidos pelo professor Cuza.

Neste caso, o professor Cuza, na minha opinião, não foi apenas injusto, mas mais que injusto. Os expulsos, por sua vez, cometeram o erro de imprimir panfletos contendo ataques igualmente injustos, mas o erro seguiu o do professor Cuza.

Todos esses ataques e contra-ataques estavam se desdobrando para

o grande desespero dos combatentes romenos e a grande satisfação e ridículo dos judeus. Foi nesta fase que voltei da França. A questão de saber se os deputados expulsos da Liga deveriam ser autorizados a cumprir os seus mandatos estava a ser debatida no Parlamento.

Machine Translated by Google

Ainda hoje me pergunto: “Será que, quando o professor Cuza deu esses passos, foi vítima de algumas sugestões ou intrigas, ou estava convencido de que era o certo a fazer?”

Vários dias depois, vários membros da Liga que ficaram petrificados com as medidas do Professor Cuza exigiram a sua anulação e o respeito dos estatutos. Isto resultou na eliminação daquele grupo, entre os quais estavam: Gen. Macridescu, Professor Traian Braileanu, Llristache Solomon, Professor Catuneanu, etc. Em geral, espalhou-se sistematicamente o boato de que todos os expulsos foram vendidos aos judeus. Entre os agentes activos que espalharam estes rumores estavam o Coronel Necuicea e Liviu Sadoveanu, respectivamente os braços direito e esquerdo do Professor Cuza.

Os expulsos formaram então a Liga Estatutária de Defesa Nacional Cristã, indicando assim que estavam dentro dos estatutos da Liga. Nesta altura, o Professor Cuia convocou uma grande assembleia nacional em Iasi, no Bejan Hall, à qual compareceram cerca de 1.000 pessoas.

Ratificaram as expulsões sob a falsa base de que os membros expulsos se tinham vendido aos judeus. Paro aí, omitindo comentários sobre o que estava impresso de um lado ou de outro, considerando que o que escrevi no papel deveria ser suficiente para compreender a situação do movimento naquele momento. Gostaria apenas de acrescentar que o tempo (nove anos se passaram) provou que o Professor Cuza estava errado, porque nem o Professor Sumuleanu, tão gravemente ferido em sua homenagem, nem o meu pai, que recebeu golpes quase mortais do poder judaico - isso o Professor Cuza não pode orgulhe-se de ter sofrido - nem o General Macridescu, o Professor Gavanescul, o Professor Traian Braileanu, o Professor Catuneanu, o Dr. Vasiliu,
o Professor Carlan, o Padre Mota, etc. - nenhum deles se vendeu aos judeus. Anos mais tarde, depois que este desastre devastou a Liga, o Professor Cuza foi até seu velho amigo, o Professor Sumuleanu, a quem ele havia matado tão cruelmente, e disse:

"Querido Sumuleanu, não tenho nada contra você. Vamos fazer as pazes!"
Mas o professor Sumuleanu virou-se e, ao sair, disse: “É tarde demais”.
Não porque o professor Sumuleanu não quisesse perdoar o golpe cruel que recebeu, mas porque lá embaixo se viam as cinzas de um movimento e das esperanças romenas.

MINHA REAÇÃO A ESTE ESTADO DE ASSUNTOS

Quando cheguei de França, no meio desta catástrofe que esmagou o movimento nacional, pretendia salvar o que ainda podia ser salvo. Convoquei às pressas o grupo Vacaresti e parte dos líderes da juventude estudantil dos quatro centros universitários para Iasi.

Esperava localizar a divisão, formando uma matilha jovem; para evitar que esta atmosfera de ódio que se dissipava nas fileiras da geração mais velha envolvesse os jovens. Naturalmente, quis basear este bloco sobretudo na consciência de que a desunião e o ódio entre nós significavam a morte do movimento nacional. Uma vez formado este bloco, quis dirigir os nossos esforços para as fileiras ardentes dos veteranos, para aplicar certas pressões a fim de restabelecer a unidade, salvar a situação. Mas meu plano falhou. A juventude já estava envolvida nas chamas consumidoras do ódio, de modo que em Iasi, apesar de todos os laços existentes entre a juventude e eu, a minha proposta não encontrou resposta nos seus corações.

A liderança estudantil em Iasi poderia naquele momento ter dado o sinal para uma iniciativa económica, mas infelizmente uma série de elementos fracos assumiram o controlo, e as suas tendências negativas impediram a aceitação das minhas propostas. foi apenas o grupo Vacaresti, de todos os jovens, que apoiou o meu ponto de
vista, ao qual devo acrescentar alguns estudantes iasianos, cerca de 10 ou 12, entre eles os veteranos Ion Blanaru, Ion Sava, Ion Bordeianu, Victor Silaghi e os outros, recém-chegados, um grupo de transilvânicos liderados por Ion Banca, Emil Eremeiu, Misu

Machine Translated by Google

Crisano. Estes foram todos os que se reuniram ao nosso redor, dentre todos os jovens da terra.

Eu segui meu plano.
Partimos todos para Bucareste para ver os dois lados. Fomos primeiro ver os “Estatutos”, pedindo-lhes que fizessem todo o sacrifício que fosse necessário para restabelecer a unidade do movimento.
Após várias horas de discussão, concordaram condicionalmente, estando mesmo dispostos a fazer sacrifícios, mas insistindo que os estatutos fossem respeitados no futuro.
Depois fomos ver o professor Cuza. Mas ele, seguindo nossos apelos e raciocínios, recusou. É melhor para mim não revelar a discussão que tivemos naquela ocasião.

Nós saímos. O desânimo tomou conta de nossas almas. Tudo o que foi construído, todo o brilho do movimento de ontem não veio como um presente da fortuna. Tudo cresceu da luta passo a passo, passo a pé. Carregamos o peso de nossas decisões sérias, enfrentamos inúmeros perigos, riscos, sofrimentos físicos e morais.
Alguns mais comoventes que outros. Tínhamos proporcionado a saúde dos nossos corpos, o sangue dos nossos corações; lutamos e nos sacrificamos dia após dia.
Agora, tudo parecia virar cinzas.

Machine Translated by Google

A LEGIÃO DE MICHAEL O

ARCANJO

A LEGIÃO DO ARCANJO MICHAEL

Perante a situação acima mencionada, decidi não ir a lado nenhum, não com a intenção de me resignar, mas de organizar a juventude, assumindo esta responsabilidade de acordo com a minha alma e o meu cérebro e continuando a luta, para não capitular. No meio de todos estes problemas e encruzilhadas, lembrei-me do ícone que nos protegia na prisão de Vacaresti.

Decidimos cerrar fileiras e continuar a luta sob a proteção do mesmo ícone sagrado. Com isso em mente, trouxemo-lo para a nossa casa em Iasi, vindo do altar da Igreja de São Spiridon, onde tinha sido colocado três anos antes.
O grupo Vacaresti concordou imediatamente com meus planos. Vários dias depois, reuni-me em Iasi, em meu quarto na Rua Florilor, 20, para sexta-feira, 24 de junho de 1927, o grupo Vacaresti e os poucos estudantes que ainda moravam nos EUA.

Poucos minutos antes do início da reunião, inscrevi um livro na seguinte agenda.

Machine Translated by Google

“Hoje, sexta-feira, 24 de junho de 1927 (Festa de São João Batista), às 10 horas da noite, é fundada sob minha liderança, 'A Legião de Miguel Arcanjo. as dúvidas ficam de lado. Nomeio Radu Mironovici como líder da guarda do ícone."

Corneliu Zelea Codreanu

Esta primeira reunião durou um minuto, tempo suficiente para que eu pudesse ler a ordem acima. Depois disso, os presentes partiram para pensar se se sentiam determinados e corajosos o suficiente para ingressar numa organização como esta, sem outro programa senão o exemplo da minha vida de patriota até então e dos meus companheiros de prisão. Até dei ao grupo Vacaresti um tempo de reflexão e sensibilização para que tivessem dúvidas ou reservas, porque uma vez inscritos tinham que avançar sem hesitações para o resto da vida.

Os sentimentos íntimos dos quais nasceu a Legião foram estes: não nos importávamos se íamos triunfar ou ser conquistados, ou se íamos morrer.
Nosso propósito era outro: avançar juntos. Avançando numa frente unida, com a ajuda de Deus e da justiça do povo romeno, qualquer que seja o destino que nos espera - o da derrota ou o da morte - seria abençoado e daria frutos para o nosso povo. O professor Nicolae Iorga disse certa vez: “Há derrotas e mortes que podem despertar uma nação para a vida, assim como há triunfos do tipo que podem colocar uma nação para dormir”.

Na mesma noite, e inscritos no mesmo cadastro, editamos uma carta ao professor Cuza e outra ao professor Sumuleanu. Às 10 horas da manhã seguinte todos os Vacarestianos se reuniram e foram para a casa do Professor Cuza, Rua Codrescu 3. Depois de tantos anos de batalhas e provações difíceis, iríamos agora vê-lo para nos despedirmos e pedir-lhe que nos libertasse do votos que fizemos. O professor Cuza nos recebeu na mesma sala em que esteve comigo 28 anos antes, no meu batismo. Ele estava atrás de sua mesa; nós na frente. Eu li para ele o seguinte

Carta:

"Senhor, estamos vindo até você pela última vez para nos despedirmos e pedir que nos liberte de todos os votos que fizemos. "Não podemos mais segui-lo no caminho que você seguiu, pois não acreditamos mais nele. é impossível, porque foi a fé que alimentou o nosso entusiasmo na batalha”. Implorando para sermos liberados de nosso juramento de que devemos lutar sozinhos da melhor maneira que nossos cérebros e corações possam nos guiar, o professor Cuza então nos falou o seguinte:

"Meus queridos amigos, eu os libero de seus votos e aconselho que, entrando na vida por conta própria, não cometa erros. Porque, principalmente na política, os erros custam muito caro. Vocês têm como exemplo os erros políticos de Petre Carp, o que teve consequências fatais para ele.

De minha parte, desejo-lhe o melhor na vida. "

Então ele apertou a mão de todos nós e saímos. Achávamos que era correcto da nossa parte proceder desta forma e que esta era a forma honrosa com que a nossa dignidade de lutadores nos obrigou a encará-lo.

De lá fomos até o professor Sumuleanu na rua Saulescu, lendo-lhe a outra carta escrita aproximadamente nos mesmos termos, na qual informamos a ele e aos seus “Estatutos” que também não poderíamos concordar com eles e que iríamos redigi-los para nós mesmos. de agora em diante à nossa maneira. Ao deixá-lo, sentimos em nossos corações o quanto estávamos sozinhos, sozinhos como no deserto, e construiríamos nosso caminho na vida com nossas próprias forças.

Machine Translated by Google

Chegamos ainda mais perto do ícone. Quanto mais dificuldades nos assaltassem e quanto mais os golpes dos nossos compatriotas se espalhassem sobre as nossas cabeças, mais procuraríamos a protecção de São Miguel Arcanjo e a sombra da sua espada. Ele já não era para nós uma imagem num ícone, mas muito vivo. Ali no ícone nos revezávamos vigiando, noite e dia, a vela acesa.

MATÉRIA VERSUS ESPÍRITO

Quando nos reunimos em nossa sala de estar, nós cinco e mais uns dez calouros e alunos do segundo ano, e quando queríamos escrever várias cartas anunciando nossa decisão ao Sr. Hristache Solomon e outros só então perceberam o quão pobres éramos, pois todos nós juntos, nem mesmo dinheiro suficiente para envelopes e postagem. Até então, sempre que precisávamos de dinheiro, íamos ter com os veteranos mais velhos e pedíamos-lhes, mas agora não tínhamos a quem recorrer. Lançar uma organização política totalmente sem um tostão! Foi uma coisa difícil e ousada de fazer, neste século onde a matéria é todo-poderosa, onde ninguém começa nada, por menor que seja, sem antes se perguntar "Quanto dinheiro eu tenho?" Deus queria provar que na luta e na vitória do legionário a matéria não desempenhava nenhum papel.

Com o nosso gesto ousado, viramos as costas a uma mentalidade que dominava tudo. Matamos um mundo em nós mesmos para erguer outro, tão alto quanto o céu. O domínio absoluto da matéria foi derrubado para que pudesse ser substituído pelo domínio do espírito, dos valores morais.

Não estávamos negando e nunca negaremos a existência, função e necessidade da matéria no mundo, mas negamos e negaremos para sempre o seu direito ao domínio absoluto. Ou seja, estávamos desferindo um golpe contra uma mentalidade que colocava o bezerro de ouro no centro e como objetivo principal da vida. Percebemos que, se tivéssemos seguido esse caminho de relação invertida de valores entre espírito e matéria, teríamos esgotado toda a nossa coragem, força, fé e esperança. Durante esses primeiros começos, encontramos a única moral força somente na fé inabalável, de que, colocando-nos na harmonia original da vida, subordinação da matéria ao espírito, poderíamos subjugar as adversidades e ser vitoriosos sobre as forças satânicas unidas com o propósito de nos destruir.

RAZÃO

Outra característica do nosso início, além dessa falta de dinheiro, foi a falta de programa.

Não tínhamos programa. E esse facto sem dúvida levantará um grande ponto de interrogação. Quem já ouviu falar de uma organização política sem um programa que partiu da razão, do cérebro de alguém ou de várias pessoas?

Não fomos aqueles de nós que se sentiam iguais que se uniram, mas aqueles de nós que se sentiam iguais. Não aqueles entre nós que raciocinaram da mesma maneira, mas aqueles que tinham o mesmo construção espiritual.

Este foi um sinal de que a estátua de outra Deusa – a Razão – seria destruída; aquilo que o homem levantou contra Deus, nós – sem querermos descartar ou desprezar – devemos colocar no seu devido lugar, ao serviço de Deus e do sentido da vida. se então não tínhamos dinheiro nem programa, tínhamos Deus em nossas almas e Ele nos inspirava com o poder invencível da fé.

CONTRA TRATAMENTO

Machine Translated by Google

Nosso nascimento foi saudado com um furacão de ódio e ridículo. Os dois campos da Liga - Cuzistas e Estatutários - romperam relações connosco. Todos os estudantes de Iasi nos deixaram e os ataques dos Khuzistas* até então dirigidos aos Estatutários seriam doravante dirigidos a nós, perfurando-nos como flechas nos nossos corações.

Não seríamos feridos por flechas, mas ficaríamos aterrorizados com o que descobriríamos nas pessoas. Em suma, seríamos recompensados e honrados com os mais pesados insultos por tudo o que havíamos feito antes, e sofreríamos golpe após golpe. Não apenas sentiríamos o ódio, mas veríamos a falta de caráter e a incorrupção da alma em toda a sua nudez. Em breve nos tornaríamos “exploradores da ideia nacional” para nosso próprio benefício. Não teríamos acreditado que aqueles que

que bateram no peito com os punhos um ano antes, reivindicando recompensas por sofrimento fingido, teriam agora a coragem de lançar na nossa cara a acusação que acabamos de mencionar. Em breve as pessoas saberiam que tínhamos... ...vendido aos judeus" e até artigos cheios de insultos seriam escritos e haveria camponeses que acreditariam e homens que nos virariam as costas. Injustamente!

Insultos que os inimigos nunca ousaram usar contra nós antes, por medo, agora vinham de nossos amigos, sem medo e sem vergonha.

Se fosse verdade que nós, que passamos por tanto sofrimento e cujos corpos suportamos tantos abusos, seríamos capazes de tal infâmia, isto é, de nos vendermos como um grupo ao inimigo, então não restaria nada para não nos cabe fazer senão atirar dinamite a este povo e explodi-lo. isto. Um povo que gerou e criou tais crianças em seu seio não merece mais viver.

Mas se não for verdade, então aqueles que inventam estas mentiras e as espalham são canalhas que drenam a confiança da sua nação no seu próprio futuro e destino.
Para pessoas como estas, nenhuma punição do seu país é suficientemente grande.
Que confiança poderá este povo ter na vitória e no futuro se, no meio da dura luta que trava, ouvir que nós, os seus filhos, criados nos seus braços, em quem depositaram as suas mais sagradas esperanças, os traímos? ?

Deixo estes dias apenas na memória daqueles que os viveram. A eles, meus camaradas da época, testemunhas daquelas horas, eu disse: “Não tenham medo desses pigmeus, pois quem tem tais almas não pode vencer. perdoa-lhes, porque não o fazem, fá-lo-ão por remorso pela transgressão cometida, mas por traição.E agora, mesmo que o inferno com todos os seus fantasmas impuros nos confronte, impassíveis na nossa posição firme, nós o venceremos.
"

Até aquele momento eu conhecia a fera do homem. Agora eu vi o canalha no homem. Protejam-se a si mesmos e aos filhos de hoje e de amanhã do povo romeno e de quaisquer outros povos do mundo desta terrível praga: a traição.
Toda a inteligência, toda a aprendizagem, todos os talentos, toda a educação não nos ajudarão se quisermos ser traiçoeiros.

Ensine seus filhos a não usar a traição nem contra um amigo nem contra seu maior inimigo.
Não só não vencerão, mas serão mais do que derrotados, serão esmagados. Nem devem usar a traição contra a pessoa traiçoeira e os seus modos traiçoeiros, pois se vencerem, só as pessoas mudam. A traição permanecerá inalterada. A traição do vencedor será substituída pela traição do derrotado. Em essência, a mesma traição governará o mundo.

* Membros do partido do Professor Cuza **(Tr.)**

As trevas da traição no mundo não podem ser substituídas por outras trevas, mas apenas pela luz trazida pela alma dos corajosos, cheios de caráter e honra.

E, no entanto, logo no início desta onda de ódio e traição, veio até nós como um refúgio que lhes deu esperança: Hristache Solomon, aquele homem de grande honra e consciência, Engenheiro Clime, Engenheiro Blanaru, Advogado Mille Lefter,

Machine Translated by Google

Andrei C. Ionescu, Alexandru Ventonic, Dumitru Ifrim, Cosachescu, Ion Butnaru, Ilierodeacon Isihic Antohic, etc.

Todos estes ilustres combatentes e veteranos da Liga deram-me agora a impressão de alguns náufragos, cujo navio afundou no meio do mar, e desembarcaram cansados e preocupados na nossa pequena ilha, onde puderam encontrar paz interior e confiança em o futuro.

O General Macridescu nos disse:

“Embora eu seja velho, irei com vocês e os ajudarei, apenas com uma condição: que vocês não apertem a mão dessas pessoas que não têm honra, porque se vocês fizessem isso me enojaria. sem fim e eu perderia toda a minha esperança em você."

O professor Ion Gavanescul começou a mostrar interesse por nós e pelo que estávamos fazendo.

O INÍCIO DA VIDA LEGIONÁRIA

Quatro linhas marcaram nossa vidinha inicial: 1. Fé em Deus. Todos nós acreditamos em Deus. Nenhum de nós era ateu. Quanto mais estávamos sozinhos e cercados, mais nossas preocupações se voltavam para Deus e para o contato com nossos próprios mortos e com os da nação.

Isso nos deu uma força invencível e uma serenidade brilhante diante de todos os golpes.

2. Confie na nossa missão. Ninguém poderia ser apresentado com a menor razão para a nossa possível vitória. Éramos tão poucos, tão jovens, tão pobres, tão odiados e odiados por todos, que todos os argumentos não baseados em factos eram contra qualquer possibilidade de sucesso. E ainda assim avançamos graças apenas a. confiança no nosso propósito, confiança ilimitada na nossa missão e no destino do nosso país, 3. Nosso amor mútuo. Alguns de nós já nos conhecíamos há algum tempo, tendo formado amizades íntimas, mas outros eram jovens, calouros ou estudantes do segundo ano da faculdade, que nunca havíamos conhecido. Desde os primeiros dias se estabeleceu um clima de carinho entre todos nós, como se fizéssemos parte da mesma família e nos conhecêssemos desde a infância.

A necessidade de um equilíbrio interior era óbvia para resistir. O nosso afeto comum tinha de ter a mesma intensidade e força para corresponder à onda de ódio vinda de fora. Nossa vida neste ninho não foi uma vida fria, oficial, com distanciamento entre chefe e soldado, com teatralidade, declarações retóricas e ares assumidos de liderança. Nosso ninho estava quente. As relações entre nós eram absolutamente casuais. Alguém não foi para um quartel frio, mas para sua própria casa, entre sua própria família. E não se veio aqui apenas para receber ordens, mas encontrou-se aqui um raio de amor, uma hora de sossego espiritual, uma palavra de encorajamento, de alívio, de ajuda na desgraça ou na necessidade.

Ao legionário não era exigida tanta disciplina, no sentido de disciplina de quartel - quanto de decoro, fé, devoção e zelo pelo trabalho.

4. A música. Provavelmente porque não havíamos iniciado o caminho da razão montando programas, discussões contraditórias, argumentos filosóficos, palestras, nossa única possibilidade de expressar nossos sentimentos íntimos era cantando. Cantamos aquelas músicas nas quais nossos sentimentos encontravam satisfação. "Lá, no alto de uma rocha negra" A canção de Stefan, o Grande, cuja melodia, dizia-se, permaneceu inalterada desde sua época até agora, de geração em geração. Diz-se que, ao som desta melodia, Stefan, o Grande, entrou triunfantemente no seu forte em Suceava há 500 anos. Quando cantávamos, sentíamos-nos vivos daqueles tempos de grandeza e glória romenas; nós afundamos

500 anos atrás na história e ali viveu por alguns momentos em contato com Stefan, o Grande e seus soldados e arqueiros. "Like a Globe of Gold", a música de Michael the Brave; A Canção de Avram Iancu; “Deixe o Clarim Soar Novamente”, a Marcha da Escola de Infantaria Militar de 1917;

Machine Translated by Google

"Rise Romenos", escrito por Iustin Iliesu e Istrate, que proclamamos como o hino da Legião. Para poder cantar é preciso estar em certo estado de espírito, em harmonia interior. Quem está decidido a roubar alguém não pode cantar, nem quem está prestes a cometer algum outro erro; nem aquele cuja alma está consumida pela inveja e pelo ódio de seu companheiro; nem aquele cuja alma é desprovida de fé.

É por isso que vocês, Legionários de hoje e de amanhã, sempre que sentirem necessidade de se orientar no espírito Legionário, devem retornar a estas quatro linhas de nossos primórdios que formam a base do nosso movimento. A música será um guia para você. Se você não vai conseguir cantar, você deve saber que uma doença corrói o fundo do seu ser espiritual ou que a vida encheu a sua alma inocente de pecados; e se você não consegue se livrar desses pecados, você deve se afastar, deixando seu lugar para aqueles que sabem cantar. Prosseguindo a nossa vida nos moldes acima mencionados, partimos para agir desde os primeiros dias. Nomeei líderes, que recebiam e davam ordens.

Não começamos participando de ações espetaculares. Quando nos deparamos com um problema, decidimos resolvê-lo. A nossa primeira ação foi reparar o quarto da nossa casa onde ficava o ícone de São Miguel Arcanjo.

Pintamos, limpamos o chão, as legionárias começaram a costurar cortinas. Assim, os legionários escreveram várias máximas que coletei dos Evangelhos ou de outros escritos. Eles embelezaram nossas paredes. Aqui estão alguns deles: “Deus nos carrega em sua carruagem vitoriosa”.
"Quem
vencer... eu serei o seu Deus."

"Se você não tem uma espada, venda sua capa e compre uma."
"Lute bravamente pela fé."
"Evite os prazeres carnais, pois eles matam a
alma." "Esteja vigilante."
"Não destrua o herói que há em você."
"Irmãos na fortuna... como em
infortúnio."
“Quem sabe morrer nunca será escravo.”
“Estou ansioso pela ressurreição de minha pátria e pela destruição das hordas de traidores”, etc.

Em uma semana, nossa sede estava montada.
A nossa segunda acção foi de natureza diferente: dizia respeito a qual deveria ser a nossa atitude face aos ataques externos. Decidimos não responder a eles; o que foi extremamente difícil para todos nós. Nosso ser moral estava sendo dilacerado. Mas este foi o momento de resistência heróica. Outra ação: ninguém deve tentar convencer ninguém a se tornar legionário.
O costumeiro arrancar mangas e pescar galhos sempre me desagradou. O sistema foi e continua a ser contrário, até hoje, ao espírito legionário. Apresentaremos nosso ponto de vista de forma simples.
Qualquer um que quisesse entrar viria. E entrará, se for aceito.

Mas quem estava vindo? Pessoas com a mesma essência espiritual que a nossa.
Muitos? Muito pouco. Em Iasi, um ano depois, havia apenas mais dois ou três do que no primeiro dia. No resto do país, porém, houve mais pessoas que aderiram ao saber da nossa existência.

Todos aqueles que se aproximaram de nós foram caracterizados por duas linhas distintas claramente visíveis: 1. Uma grande correção de alma.

2. Falta de interesse pessoal. Entre nós, ninguém poderia lucrar com quaisquer benefícios. Nenhuma perspectiva promissora se abriu. Aqui todos só tinham que dar alma, riqueza, vida, capacidade de amar e confiar.

Mesmo que alguém que fosse uma pessoa incorreta ou motivada por algum interesse se juntasse, não poderia permanecer conosco, pois não encontraria aqui um ambiente propício. Ele partiu automaticamente, um mês, um ano, dois ou três, recuando, desertando ou traindo.

NOSSO PROGRAMA

Machine Translated by Google

Este ninho de juventude foi o primeiro início da vida legionária, a primeira pedra angular. Ele teve que ser colocado em terra firme. É por isso que não dissemos: “Vamos conquistar a Roménia!

Percorra as aldeias e grite: 'Uma nova organização política acaba de ser formada, todos venham e registrem-se!' Não havíamos elaborado nenhuma nova plataforma política além das dez existentes no

país - todos eles "perfeitos" aos olhos dos seus autores e apoiantes - e não enviamos legionários para difundir um programa nas aldeias, apelando às pessoas para se juntarem a ele para salvar a terra.

A este respeito, mais uma vez, diferimos fundamentalmente de todas as outras organizações políticas, incluindo os Khuzistas. Todos acreditavam que o país estava a morrer por falta de bons programas; consequentemente, montaram um programa perfeitamente integrado com o qual começaram a reunir apoiadores. É por isso que todo mundo pergunta: "Qual é o seu programa?"

Este país está a morrer por falta de homens, não por falta de programas; pelo menos esta é a nossa opinião. Que, por outras palavras, não são programas que deveríamos ter, mas sim homens, novos homens, pois a forma como o povo é hoje, constituído por políticos e infectado pela influência judaica, comprometerá os mais brilhantes programas políticos.

Esse tipo de homem que vive hoje na política romena que conhecemos antes na história.
Nações morreram sob seu governo e estados entraram em colapso.
O maior dano que nos foi causado pelos judeus e pelo sistema político, o maior perigo nacional a que nos expuseram, não é nem a apropriação da terra e do subsolo romenos, nem mesmo a trágica aniquilação da classe média romena, nem o grande número dos judeus nas nossas escolas, profissões, etc. e nem mesmo a influência que exercem na nossa vida política - embora cada um deles seja em si um perigo mortal para o nosso povo. O maior perigo nacional é o facto de terem deformado, desfigurado a nossa estrutura racial daco-românica, dando origem a este tipo de homem, criando este lixo humano, esta falha moral.. o político que nada tem a ver com a nobreza do nosso pessoas. corra mais; que nos desonra e nos mata, se este tipo de homem continuar a 'liderar este país, o povo romeno fechará os olhos para sempre e a Roménia entrará em colapso, apesar de todos os programas brilhantes com os quais a "malandragem" desta criatura degenerada é capaz de deslumbrar os olhos das multidões infelizes.

De todas as pragas trazidas sobre nós pela invasão judaica, esta é a mais assustadora!

Todos os povos com quem nós, romenos, contactámos e lutamos, desde as invasões bárbaras até hoje, atacaram-nos a nível físico, económico ou político, deixando intocado o nosso património moral e espiritual, a nossa consciência, da qual mais cedo ou mais tarde veio a nossa vitória, a quebra do jugo estrangeiro - mesmo quando nos atacaram em grande número e levaram todas as nossas riquezas, mesmo quando nos governaram politicamente.

Agora, pela primeira vez na nossa história, os romenos enfrentam um povo que nos ataca não com a espada, mas com as armas típicas da raça judaica, com as quais primeiro atacam e paralisam o instinto moral do povo, depois espalham sistematicamente todos os tipos de doenças morais, para destruir quaisquer possibilidades de reação. É por isso que o nosso povo se sente desarmado e derrotado.

Como consequência de ver este estado de coisas, a pedra angular sobre a qual a Legião se apoia é o homem, não o programa político; reforma do homem, não de programas políticos.
“A Legião de Miguel Arcanjo” será, em outras palavras, mais uma escola e um exército do que um partido político. Nestes tempos críticos, a nação romena não precisa de um grande político como muitos erroneamente acreditam, mas de um grande educador e líder que possa derrotar os poderes do mal e esmagar o bando de malfeitores. Mas para fazer isso, ele primeiro terá que vencer o mal dentro de si mesmo e dentro de seus homens. Desta escola legionária deverá emergir um novo homem, um homem com qualidades heróicas; um gigante de

Machine Translated by Google

nossa história para lutar e conquistar todos os inimigos da nossa pátria, tendo a sua batalha e vitória de se estender além do mundo material para o reino dos inimigos invisíveis, os poderes do mal. Tudo o que nossa mente pode imaginar de mais belo espiritualmente; tudo de mais orgulhoso que a nossa raça possa produzir, maior, mais justo, mais poderoso, mais sábio, mais puro, mais diligente e mais heróico, é isso que a escola legionária nos deve dar! Um homem em quem se desenvolvem ao máximo todas as possibilidades de grandeza humana implantadas por Deus no sangue do nosso povo.

Este herói, fruto da educação legionária, saberá também elaborar programas; você também saberá como resolver o problema judaico; saberá também organizar bem o Estado; você também saberá como convencer outros romenos; e se não, ele saberá se curvar para vencer, porque é por isso que ele é um herói. Este herói, este legionário da bravura, do trabalho e da justiça, com os poderes que Deus implantou na sua alma, conduzirá o nosso país no caminho da sua glória.

Um novo partido político, mesmo que cuzista, pode, na melhor das hipóteses, dar-nos um novo governo e uma nova administração; uma escola legionária, contudo, pode dar a este país um excelente tipo de romeno. Poderia produzir algo grande que nunca tivemos antes, que poderia quebrar toda a nossa história em duas, lançar as bases para o início de uma história romena diferente à qual este povo tem direito.

Pois o nosso povo, em virtude dos seus sofrimentos e múltiplos sofrimentos, em virtude da sua pureza e bravura de alma, foi talvez o único povo no mundo que, em toda a sua história, nunca cometeu o pecado de invadir e subjugar outras nações.

Devemos criar uma atmosfera, um ambiente moral, no qual o homem heróico possa nascer e crescer. Este médium deve ser isolado do resto do mundo pelas mais altas fortificações espirituais possíveis. deve ser defendido de todos os ventos perigosos da covardia, da corrupção, da licenciosidade e de todas as paixões que enterram as nações e matam os indivíduos. Uma vez que o legionário se desenvolva em tal ambiente, ou seja, no ninho*, campo de trabalho, na organização legionária e na família, ele será enviado ao mundo: para viver, para aprender a ser correto; lutar, para aprender a ser corajoso e forte; trabalhar, ser fiel e amar todos os que trabalham; sofrer, fortalecer, sacrificar, habituar-se a superar os seus interesses egoístas, ao serviço da sua Pátria.

Não importa para onde vá, criará um novo meio de natureza idêntica. Ele será um exemplo; transformará outros em legionários. E as pessoas, em busca de dias melhores, seguirão.
Os recém-chegados terão de viver e respeitar as mesmas normas da vida legionária. Todos juntos, no mesmo exército, formarão uma força que lutará e vencerá. Isso é o que deveria ser "A Legião de Miguel Arcanjo".

ASPECTOS DA VIDA PÚBLICA ROMENA

A seguir, apresento o aspecto geral da nossa vida pública no meio da qual e contra a qual se formou “A Legião de Miguel Arcanjo”. O governo Averescu havia caído cerca de um mês antes. Em 7 de julho de 1927, os liberais chegaram ao poder.
Novas eleições foram realizadas e, como sempre, o governo detinha a maioria. Contudo, o governo teve que superar, por qualquer meio, a grande corrente popular de apoio ao Partido Nacional Camponês. As pobres massas do povo romeno correram de partido em partido, de promessa em promessa, ligando as suas esperanças mais sinceras - com a sua confiança secular - a cada partido, mas terminando enganadas e desanimadas, todas as esperanças destruídas. E continuará sendo assim, até que um dia eles finalmente entendam que caíram nas mãos de gangues de ladrões em busca de lucro e pilhagem. Havia três partidos principais, Liberal, Averescan e Camponês Nacional, e vários outros menores.
Fundamentalmente, não havia distinção entre eles, a não ser diferenças na forma e nos interesses pessoais – a mesma coisa em formas diferentes. Eles nem sequer tinham a justificativa de opiniões divergentes.

Machine Translated by Google

A sua única motivação real era a religião de interesse próprio, deixando de lado quaisquer desideratos e interesses superiores do país. É por isso que o espetáculo das lutas políticas era repugnante. A busca por dinheiro, situações pessoais, riqueza e prazeres, pilhagem, deu a estas lutas um aspecto de hostilidade implacável. Os partidos políticos pareciam verdadeiras gangues organizadas que se odiavam e lutavam entre si por saques.

Só a luta pela Pátria ou por um ideal que supere os interesses pessoais, o egoísmo ou a luxúria é calma, decente, nobre, sem desencadeamento cego de paixões.
Pode-se colocar entusiasmo nisso, mas não paixão vil e cega.
O ódio e a baixeza envolvidos nestas lutas são prova suficiente de que foram travadas não no domínio de ideais elevados e santos ou de princípios, mas nas profundezas lamentáveis do mais vergonhoso interesse próprio.

O mundo do político desenrola-se em festas luxuosas e escandalosas, na mais repugnante imoralidade, às costas de um país cada vez mais desmoralizado. Quem deve prestar atenção às suas necessidades?

Estes políticos, com as suas famílias e os seus agentes, precisam de dinheiro para celebrar e entreter a sua clientela política, para comprar votos e consciências humanas. Um por um, eles, em massa, descem ao país para saquear. Em última análise, é isso que a sua regra significa. Esvaziam os orçamentos do estado, das prefeituras, das prefeituras. Eles se ligam como carrapatos aos conselhos de administração de todas as empresas, dos quais coletarão sem esforço salários na casa dos milhões com o suor e o sangue do trabalhador cansado. Eles estão incluídos nos conselhos de banqueiros judeus, dos quais recebem honorários de milhões a mais como preço pela traição ao seu país.

Originam negócios escandalosos que surpreendem os seus compatriotas. A corrupção espalha-se na vida pública como uma praga, desde o mais humilde servo até aos ministros. Eles se vendem para todo mundo; qualquer pessoa com dinheiro pode subornar esses monstros e, através deles, todo o país. É por isso que, quando o país espremido já não pode dar-lhes dinheiro, eles entregam a consórcios de banqueiros estrangeiros, um por um, as riquezas da nossa terra, e assim entregam a nossa independência nacional. Uma verdadeira multidão de empresários espalhados por toda a Roménia, que não trabalham nem produzem nada, mas sugam a força vital do país.

Estas são as façanhas dos políticos. A miséria, a desmoralização e o desespero espalharam-se pelas camadas mais baixas. Dezenas de milhares de crianças morrem, ceifadas pela doença e pela fome, enfraquecendo assim o poder de resistência do povo na sua luta contra o povo judeu organizado que é apoiado por políticos alienados e defendido por todo o aparelho estatal. Os poucos políticos honestos, vários pontos talvez, talvez até dirigentes partidários, não são capazes de fazer outra coisa. Eles são como alguns pobres fantoches nas mãos da imprensa judaica, de banqueiros judeus ou estrangeiros e dos seus próprios colegas políticos.

Esta confusão, esta desmoralização, esta infecção, é apoiada passo a passo por toda a falange de judeus, interessados na nossa destruição, a fim de nos substituir neste país e assim roubar completamente as nossas riquezas. Através da sua imprensa, que usurpou o papel da nossa imprensa romena, através de centenas de folhas sujas, através da literatura imoral e ateísta, através dos cinemas e teatros que espalham a licenciosidade, através dos bancos, os Judeus tornaram-se senhores do nosso país.

Quem poderia se opor a eles? Hoje, quando são eles os promotores do desastre e do seu aparecimento. É o sinal da nossa morte nacional, quem irá enfrentá-los?

O movimento nacional está prostrado no chão. Nestas últimas eleições a Liga obteve menos 70 mil votos, totalizando menos de 50 mil, menos de dois por cento a nível nacional.
Dos dez parlamentares que tiveram ontem, hoje não há nenhum. Deve chegar o dia em que o legionário saberá como enfrentar esse monstro e como enfrentá-lo em uma batalha de vida ou morte. Ele sozinho.

Machine Translated by Google

NOSSOS SENTIMENTOS POR ESTE MUNDO

O nosso pequeno número, comparado com a força desse poder todo-poderoso, muitas vezes fez-nos perguntar a nós próprios questões como estas: O que faremos se formos proibidos? Se essas hidras realizarem o que planejamos, elas colocarão todos os obstáculos possíveis diante de nós e tentarão esmagar nós.

Seus olhos estão fixos em nós. Eles podem nos provocar. Eles fizeram isso conosco uma vez, quando começamos a trabalhar silenciosa e pacificamente em Ungheni; então nos levaram à beira do abismo, desejo todos os nossos planos. O que faremos se eles nos provocarem? Devemos novamente sacar nossas pistolas e atirar, para que nossos ossos não apodreçam nas prisões e nossos planos fracassem? Diante de vislumbres de tais perspectivas, brotou em nossas mentes a ideia de recuar para as montanhas - ali, onde os romenos aceitaram lutar contra todas as hordas inimigas. A montanha está perto de nós há muito tempo, durante toda a nossa vida. Ele nos conhece. Em vez de deixar os nossos corpos secarem e o nosso sangue secar nas nossas veias em prisões desoladas e horríveis, é melhor acabar com as nossas vidas morrendo até ao último homem nas montanhas por causa da nossa fé. Rejeitamos assim a humilhação de nos encontrarmos novamente acorrentados. Atacaremos a partir daí, atacando todos os ninhos de vespas judaicas.

* Unidade básica da organização legionária. **(Trad.)**

Lá em cima, defenderemos a vida nas árvores e nas montanhas de mais devastação. Lá embaixo, espalharemos morte e misericórdia.

Seremos enviados para sermos capturados e mortos. Vamos fugir, nos esconder; vamos contra-atacar; e no final certamente seremos derrubados. Para lá. seremos alguns de nós, procurados pelos batalhões e regimentos romenos. Então receberemos a morte. O sangue de todos nós fluirá.

Este momento será o nosso maior discurso dirigido ao povo romeno, e o último.

Liguei para Mota, Garneata, Corneliu Georgescu e Radu Mironovici e compartilhei esses pensamentos com eles. Tivemos que pensar nos dias bons e ruins que viriam. Tínhamos que ter soluções e estar preparados para tudo. Nada deveria nos surpreender. Seguiremos o caminho das leis do país, não provocando ninguém, evitando todas as provocações, não respondendo a nenhuma provocação. Mas quando já não somos capazes de sofrer, ou quando obstáculos intransponíveis nos são colocados, o nosso caminho deve ser em direcção às montanhas.

Não é aconselhável tentar uma rebelião em massa, pois neste dia seriam dizimados pelos canhões e isso resultaria em espalhar apenas infortúnios e tristezas.
Pelo contrário, devemos trabalhar sozinhos, em números limitados e apenas sob a nossa própria responsabilidade.

Todos concordaram.

"Não pode ser", disseram eles, "que o nosso sangue, o sangue de vinte jovens, não redimiria os pecados desta nação. Não pode ser que este nosso sacrifício não seja compreendido pelos romenos, que não faça tremer as suas almas e consciências e que isso não constitua um ponto de partida, um ponto de ressurreição para o "

Romenos.

a nossa morte desta forma poderá eventualmente fazer mais bem a este povo do que todos os esforços frustrados da nossa vida. Nem mesmo os políticos que vão nos matar ficarão impunes.

Há outros entre as nossas fileiras que nos vingarão. Não podendo vencer na vida, venceremos morrendo. Depois disso, vivemos com o pensamento e a determinação de morrer. Tínhamos a solução certa para a vitória, aconteça o que acontecer. isso nos deu paz de espírito e força. nos fará sorrir diante de qualquer inimigo e de qualquer tentativa de nos destruir.

Machine Translated by Google

AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO DAS LEGIÕES

PAMANTUL STRAMOSESC ("A TERRA ANCESTRAL")

Nascemos em 24 de junho de 1927. Vários dias depois ocupamos nossa sede. Agora sentíamos que deveríamos ter a nossa própria publicação para ampliar o nosso campo de influência, para formular nela as normas da nossa vida e através dela dirigir o movimento. Como devemos chamá-lo? “A Nova Geração” foi sugerida; Eu não gostei disso. Parecia uma definição; nos distinguiu de outra geração, o que não funcionará. "A Terra Antiga," Que este seja o seu nome. Este título nos liga à terra do nosso país, onde repousam os nossos antepassados; a terra que deve ser defendida. mergulha-nos profundamente em reinos indefinidos; será mais que um nome, será um apelo constante à batalha, um apelo à bravura, ao despertar das qualidades guerreiras da nossa raça.

Além disso, além das qualidades mencionadas há várias páginas, este título sublinha outro traço estrutural da alma do legionário: a bravura, sem a qual o homem é incompleto.

Pois se um homem for justo, justo, devotado, fiel, diligente, etc., mas não tiver qualidades heróicas que o capacitem a lutar contra inimigos inescrupulosos, desonestos e injustos, ele morreria nas mãos deles. Aqui estávamos nós agora com o eixo do nosso movimento já fixado; uma extremidade enraizada na terra da nossa Pátria, a outra nos céus: “A Terra Ancestral” e Miguel Arcanjo. Mas um papel custa dinheiro que não tínhamos. O que nós vamos fazer? Resolvemos escrever ao Padre Mota pedindo-lhe que o imprimisse a crédito, na antiga tipografia de Libertatea ("Liberdade") em Orastie. Ele aceitou; ele imprimiria nosso jornal e nós o pagaríamos em assinaturas e vendas. "A Terra Ancestral" nº 1 foi publicada em 1 de agosto de 1927 em formato de revista bimestral, com o ícone de São Miguel Arcanjo no centro da capa. À esquerda do ícone foram reproduzidas as seguintes palavras do ícone de São Pedro.

Miguel Arcanjo na Igreja da Coroação 'em Alba-Iulia: “Aos corações impuros que entram na mais pura Casa do Senhor, aponto a minha espada sem piedade”.

E à direita uma estrofe do poema de Cosbuc "Decebal to his People:"

“Embora sejamos descendentes dos deuses, ainda temos uma dívida de morte. Morrer jovem ou velho curvado é a mesma coisa, mas não é a mesma coisa morrer como leão ou como cachorro acorrentado! Abaixo, o mapa da Roménia que mostra em pontos escuros a extensão da invasão judaica.

O CONTEÚDO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

O artigo principal, intitulado “A Terra Antiga”, investiga a situação do movimento nacional após o conflito dentro da Liga e tenta explicar a nossa posição.

Termina com a súplica. "Enfrente o inimigo!" É assinado por Corneliu Z. Codreanu, Ion Mota, Ilie Garneata, Corneliu Georgeseu e Radu Mironovici. O segundo artigo é assinado por mim, “Chegou a sua hora, venha”; uma continuação da mesma linha de pensamento abordada no primeiro artigo. A terceira foi assinada por Ion Sava, um jovem lutador talentoso que participou de muitas batalhas do movimento estudantil, que se apegou a nós, mas não se tornou legionário. Seu título: “Resultados eleitorais”.

Segue-se um breve panegírico por ocasião da morte do rei Fernando, falecido poucos dias antes. Acima de sua foto, com borda preta, estava o título “Nosso Rei
ele morreu.

Seguiu-se o artigo de Mota, que aqui reproduzo parcialmente:

POR ÍCONE

“É do ícone e do altar que começamos, depois vagamos um pouco levados pelas ondas humanas

* **Nome popular da igreja de Alba-Iulia onde o rei Fernando e a rainha Maria foram coroados em 15 de outubro de 1922. (Tr.)**

Machine Translated by Google

e não alcançamos margem alguma, apesar da pureza dos nossos impulsos. Agora, com os corações pesados, dispersos e dilacerados, reunimo-nos no abrigo, para nosso único calor e consolo, força e conforto, doador de poder, aos pés de Jesus Cristo, no limiar do brilho ofuscante do céu, no Ícone. Não nos envolvemos em política, nem mesmo um único dia em nossas vidas, jamais. Temos uma religião, somos escravos de uma fé. Nós nos consumimos em seu fogo e, totalmente sujeitos a ele, o servimos até o limite de nossas forças. Não há derrota e desarmamento para nós mesmos, pois o poder cujas ferramentas queremos ser é eternamente invencível.

“Não podemos, neste momento, discutir detalhadamente as causas da queda da antiga Liga.
Resta dizer que, nestes momentos de nova criação, queremos afirmar de forma clara e decisiva, imprimir o caráter do novo sistema que está nascendo: “Luz de luz.....

O artigo prossegue dando algumas dicas sobre a nova organização, terminando com uma expressão de fé na vitória.

Extraído de um artigo de Corneliu Georgescu:

ACENDA A TOCHA DA FÉ

"Crônicas antigas nos contam que, no passado, os deuses enviaram um julgamento difícil à antiga Hélade por seus pecados. Dos terrenos baldios da Ásia, grandes exércitos, muitas vezes mais fortes que os gregos, desceram como uma tempestade sobre as planícies do país , destruindo seus campos, demolindo suas cidades, destruindo seus templos e destruindo seus exércitos, que, embora valentes, eram em número muito pequeno para se oporem a uma oposição bem-sucedida.

Não encontrando mais resistência, os medos vitoriosos penetraram no coração da Grécia em Delfos, local do templo mais famoso de Apolo. Os sacerdotes do templo tremiam de medo de que em breve o inimigo pudesse profanar o templo sagrado.
Somente o sumo sacerdote não teve medo. Cheio de confiança no poder divino, ele se voltou para seus colegas sacerdotes e disse... 'Não temas, Deus não precisa de exércitos.
Ele mesmo nos defenderá! '

“E o sumo sacerdote e todos os outros começaram a orar e suas orações fizeram milagres.
Assim que os confiantes exércitos dos persas se aproximaram a poucos passos do templo, o Monte Parnaso estremeceu e rolou pedras pelas encostas com trovões ensurdecedores sobre o inimigo, esmagando-o. Os relâmpagos descendo como se viessem do nada completaram sua ruína, de modo que do grande exército de apenas um momento antes, poucos restaram para contar sobre esse milagre celestial...

"Lutadores! Acendam novamente em suas almas a tocha da fé de que a vitória e o triunfo serão nosso."

Segue-se então uma carta de Radu Mironovici para um dos seus irmãos da aldeia onde morava.
Sabendo que está desanimado, diz-lhe: “Claro que podemos ficar tristes e tristes,
mas há um direito que não temos: perder a coragem e largar a arma”.

Depois disso, explica-lhe a desunião na Liga e a fundação da Legião, assim: “A nossa casa, que todos construímos com o nosso próprio suor, que era o nosso abrigo, queimou...

"Apenas algumas paredes escurecidas pela fumaça permanecem como uma dolorosa lembrança da antiga casa.

“O que você quer que façamos agora? Rebelar-se contra Deus? Não pode ser, pois 'o Senhor dá, o Senhor tira, bendito seja o nome do Senhor'.
“Será que cruzaremos os braços e morreremos na miséria, no frio, na chuva e no vento? Não! Mas, com fé em Deus, vamos ao que interessa e, aos poucos, devemos construir para nós uma casa nova, duas vezes mais bonita. Aqui está, 'a Legião', para a qual lançamos a primeira pedra angular.

Machine Translated by Google

O artigo de Garneata é o próximo:

DESACORDO ENTRE IRMÃOS – A ALEGRIA DO INIMIGO

“Com o coração cheio de pesar, pego minha caneta para compartilhar com os outros a torrente de pensamentos inquietantes que nos envolveram diante de
nossos problemas tardios...

“A rivalidade entre irmãos e as divergências entre os líderes tornaram-se tão evidentes que não podemos mais escondê-las. As suas consequências provavelmente desanimarão muitos, e o desânimo daqueles que confiaram na Liga é certamente um passo atrás, um passo em direção à derrota. .

"Isso é tão óbvio, porque em nenhum momento da história foi demonstrado que a desunião leva a outra coisa senão infortúnio, desastre...

“Saberemos trilhar o caminho que escolhemos há sete anos, e com a mesma determinação.
Nossos ossos, acostumados à dureza dos tempos de prisão e à miséria, se sentirão bem nas trincheiras da batalha, em posição contra o adversário.

“Que os judeus, que hoje se regozijam em acreditar que chegou a hora de seu domínio, saibam que há um canto neste país onde, a qualquer hora do dia ou da noite, há uma tropa de guarda, com o rosto voltado para o inimigo."

Diversas informações completam este primeiro número junto com o artigo "Sonhos, Esperanças, Realidade" do engenheiro Gheorghe Clime, ex-vice-presidente do LANC na Moldávia, do qual extraio a parte final: "O que precisamos para chegar a isso objetivo final?

“Um exército guerreiro liderado por um líder capaz cercado por ajudantes dedicados. Sobre esta questão, no que me diz respeito, embora muito mais velho, sigo o grupo de ação do jovem Corneliu Z.
Codreanu, Íon 1. Mota ...
“Obviamente é necessária a contribuição de muitos, de todos aqueles que hoje estão espalhados em campos desmoralizados.” Consequentemente, se alguém em algum canto da Roménia abriu uma lista de assinantes, autorizados ou não, que indique também o meu nome, com o qual posso dar a minha vida. "

OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA ÉTICA LEGIONÁRIA

A segunda edição de "The Ancient Land" foi publicada em 15 de agosto. No artigo principal intitulado “A Legião de Miguel Arcanjo”, procuro formular brevemente as primeiras normas éticas da vida legionária que pretendemos respeitar e afirmar com rigor, e em torno das quais devem reunir-se todos aqueles que as valorizam.

Quem vier e crescer entre nós terá que crescer respeitando-os.
Seleciono deste artigo-estatuto as ideias na ordem em que as escrevi naquele momento. A primeira ideia: “Pureza moral”.
A segunda: “Desinteresse pela batalha”.
O terceiro: “Entusiasmo”.
A quarta: “Fé, trabalho, ordem, hierarquia, disciplina”.
A quinta: “A Legião estimulará a energia e a força moral da nossa nação, sem as quais nunca poderá haver vitória”.
A sexta: “Justiça, (a Legião será a escola da justiça e a energia para entronizá-la).”
O sétimo: "Ações, não palavras - você executa! Não fale!"
O oitavo: “No final desta escola surgirá uma nova Roménia e a tão esperada ressurreição deste povo romeno, meta de todos os nossos esforços, sofrimentos e sacrifícios que fazemos”. Quero detalhar alguns deles.

DESINTERESTIDADE NA BATALHA

Machine Translated by Google

Derrotar o interesse próprio é outra virtude fundamental do Legionário. Isto está em total oposição à posição do político cujo único motivo para agir e lutar é apenas o seu interesse próprio, com todos os seus subprodutos degenerados – a ganância de enriquecimento, o luxo, a libertinagem ou a arrogância. Portanto, queridos camaradas, de agora em diante, enquanto existir a vida de um legionário, vocês devem saber que onde quer que vocês se sintam alcançando, seja na alma de algum lutador ou na sua própria alma, o emaranhado desse interesse próprio, aí a Legião deixou de existir. Aí termina o legionário e o político começa a mostrar suas presas.

Olhe nos olhos de um recém-chegado e se em seus olhos você detectar um brilho de algum pequeno interesse próprio (seja material, seja ambição, paixão, orgulho), saiba que ele não pode se tornar um legionário.

Tampouco será suficiente vestir a camisa verde ou adotar a saudação legionária para que alguém se torne legionário, nem mesmo que entenda “aleatoriamente” o movimento legionário; mas apenas se viver de acordo com as normas da vida legionária. Pois a Legião não é apenas um sistema lógico, uma cadeia de argumentos; é uma “fé viva”. assim como alguém não é cristão se “conhece” e “compreende” o Evangelho, mas apenas se se conforma às normas de vida nele adotadas, se “vive o Evangelho”.

DISCIPLINA E AMOR

Toda a história social da humanidade está repleta de lutas, baseadas em dois grandes princípios, um dos quais é a luta por um lugar em detrimento do outro: o princípio da autoridade e o princípio da liberdade. A autoridade esforçou-se para expandir-se em detrimento da liberdade, e a liberdade esforçou-se para limitar o poder da autoridade tanto quanto possível. Estes dois, frente a frente, não podem deixar de significar conflito. Orientar um movimento de acordo com um ou outro destes dois princípios é continuar a linha histórica de agitação social e guerra. Significa continuar a linha da tirania, da opressão e da injustiça, por um lado, e a linha da insurreição sangrenta e do conflito permanente, por outro.

Por isso quero chamar a atenção de todos os Legionários e em particular dos mais jovens para não se desviarem da linha do movimento por causa de um mal-entendido. Em muitos casos, notei que assim que um legionário recebia um posto, ele se endurecia com todo o seu ser na “autoridade”, rompendo com tudo o que até então o tinha ligado aos seus camaradas, e sentia-se compelido a “impressionar” os outros com o seu uso de sua autoridade.

O movimento legionário não se baseia exclusivamente nem no princípio da autoridade nem no da liberdade. Tem suas bases enraizadas no princípio do amor. nele tanto a autoridade como a liberdade têm as suas raízes.

O amor é a paz entre os dois princípios: autoridade e liberdade. O amor está no meio, entre eles e acima deles, envolvendo-os em tudo o que há de melhor e eliminando os conflitos entre eles.

O amor não pode trazer tirania, opressão, injustiça, insurreição sangrenta ou guerra social. Isso nunca pode significar conflito. Existe também um conceito hipócrita do princípio do amor praticado por tiranos e judeus que apelam contínua e sistematicamente ao sentimento de amor nos seus semelhantes, por trás do qual continuam a odiar e a oprimir sem serem perturbados.

O amor aplicado significa paz de espírito na sociedade e no mundo. A paz já não se apresenta como a pobre expressão de um equilíbrio mecânico e frio entre os dois princípios: autboidia e liberdade condenada à guerra eterna, isto é, à impossibilidade de harmonia.

A bondade e o amor nos darão paz, não justiça. Pois a justiça é muito difícil de realizar plenamente. Mesmo que fosse encontrado um instrumento para a sua perfeita realização, o homem, incapaz de reconhecê-lo e apreciá-lo, permaneceria para sempre descontente.

No segundo, vencer na batalha contra a natureza ou contra os inimigos.
Embora cem homens possam amar-se como irmãos, é possível que, diante da necessidade de alguma ação, cada um tenha uma opinião diferente. Cem opiniões nunca vencerão. amor

Machine Translated by Google

sozinho nunca os fará vencer. É preciso disciplina. Para vencer, todos devem adotar uma opinião única, a de quem tem mais experiência, o líder.
A disciplina é a garantia do sucesso, pois garante a unidade de esforços. Há dificuldades que só um povo inteiro, unido e obedecendo a um único comando, pode superar. Quem é o imbecil que, em tal eventualidade, se recusaria a juntar-se ao resto do seu povo, quando eles, como um só, obedeceriam à mesma ordem sob o pretexto de que a disciplina feriria a sua personalidade?

Nesses casos, quando o seu país está ameaçado e quando a natureza das coisas o impele a pôr em perigo a vida e a integridade física, a despedaçar a sua família, a arriscar o futuro dos seus filhos, a renunciar a tudo o que tem nesta terra para salvar a sua pátria. , é no mínimo ridículo alguém dizer que sua “personalidade está sendo ferida”.

A disciplina não humilha ninguém, pois leva à vitória. E se as vitórias não podem ser obtidas exceto através de sacrifícios, então a submissão à disciplina é o menor de todos os sacrifícios que um homem pode fazer pela vitória da sua nação.
Se a disciplina é uma renúncia, um sacrifício, não humilha ninguém. Pois qualquer sacrifício enobrece alguém, e não o rebaixa. Dado que o nosso povo tem de superar enormes dificuldades, cada romeno deve aceitar com alegria a educação disciplinar e, assim, estar consciente da sua contribuição para a vitória de amanhã.

Não há vitória sem unidade; e não há unidade sem disciplina. Portanto, a nossa nação deve considerá-lo um ato hostil e condenar como perigoso para as suas vitórias e para a sua própria vida qualquer desvio da disciplina da disciplina.

A LUTA PARA MANTER NOSSA ANÁLISE

A luta para garantir a publicação da nossa análise foi a segunda etapa do nosso desenvolvimento. Sem recursos, os nossos esforços assumiram o aspecto de uma verdadeira batalha. na verdade, “batalha” é como a chamamos desde o início.

Utilizamos duas estratégias:
1. Concentrar todos os nossos esforços no mesmo objetivo ao mesmo tempo. No segundo, vencer na batalha contra a natureza ou contra os inimigos.
Embora cem homens possam amar-se como irmãos, é possível que, diante da necessidade de alguma ação, cada um tenha uma opinião diferente. Cem opiniões nunca vencerão. Só o amor nunca os fará vencer. Disciplina é necessária.
Para vencer,
todos devem adotar uma única opinião, a do mais experiente, o líder.

A disciplina é a garantia do sucesso, pois garante a unidade de esforços. Há dificuldades que só um povo inteiro, unido e obedecendo a um único comando, pode superar. Quem é o imbecil que, em tal eventualidade, se recusaria a juntar-se ao resto do seu povo, quando eles, como um só, obedeceriam à mesma ordem sob o pretexto de que a disciplina feriria a sua personalidade?

Nesses casos, quando o seu país está ameaçado e quando a natureza das coisas o impele a pôr em perigo a vida e a integridade física, a despedaçar a sua família, a arriscar o futuro dos seus filhos, a renunciar a tudo o que tem nesta terra para salvar a sua pátria. , é no mínimo ridículo alguém dizer que sua “personalidade está sendo ferida”.

A disciplina não humilha ninguém, pois leva à vitória. E se as vitórias não podem ser obtidas exceto através de sacrifícios, então a submissão à disciplina é o menor de todos os sacrifícios que um homem pode fazer pela vitória da sua nação.
Se a disciplina é uma renúncia, um sacrifício, não humilha ninguém. Pois qualquer sacrifício enobrece alguém, e não o rebaixa. Dado que o nosso povo tem de superar enormes dificuldades, cada romeno deve aceitar com alegria a educação disciplinar e, assim, estar consciente da sua contribuição para a vitória de amanhã.

Não há vitória sem unidade; e não há unidade sem disciplina. Portanto, a nossa nação deve considerá-lo um ato hostil e condenar como perigoso para as suas vitórias e para a sua própria vida qualquer desvio da disciplina da disciplina.

Machine Translated by Google

A LUTA PARA MANTER NOSSA ANÁLISE

A luta para garantir a publicação da nossa análise foi a segunda etapa do nosso desenvolvimento.
Sem recursos, os nossos esforços assumiram o aspecto de uma verdadeira batalha. na verdade, “batalha” é como a chamamos desde o início.

Usamos duas estratégias: 1.
Concentre todos os nossos esforços no mesmo objetivo ao mesmo tempo.
2. Encorajar nossos combatentes durante a batalha através de citações e distinções.
Você encontrará este princípio em todas as nossas atividades legionárias.
Incorpora as seguintes vantagens: a)
A rápida realização do propósito desejado. b)
A educação da ação unida e do esforço disciplinado de todos os trabalhadores. c) Despertar para a consciência das próprias potências, confiança em si e nas próprias potências.

A memória das derrotas económicas, especialmente dos esforços infrutíferos, levou o povo romeno à demissão, à falta de iniciativa e à perda de confiança. Teremos que despertar a confiança deles em si mesmos, substituindo lembranças dolorosas por uma tradição de sucesso em seus empreendimentos. E, finalmente, ao nutrirmos os nossos combatentes, seremos capazes de alcançar a exibição zelosa de um quadro de combatentes de elite. Na nossa análise, lançámos um apelo a todos os nossos amigos para que partam para a ofensiva entre 1 de setembro e 15 de outubro, para que juntos consigamos o maior número possível de novos subscritores.

A partir deste apelo, iniciou-se uma verdadeira campanha de formigas, na qual todos participaram ativamente: jovens, velhos, camponeses, intelectuais.
Alguns trouxeram até 45 assinaturas (Constantin Ilinoiu).

O resultado dessa primeira batalha foi publicado na edição de 1º de novembro de 1927. Eis o que escrevi na época: “Às seis da tarde do dia 15 de outubro, o número de inscrições chegou a 2.586.
A Legião agradece a todos aqueles que trabalharam pela sua primeira vitória."

Todos que participaram desta batalha foram mencionados nesta edição. Em primeiro lugar, agradecemos ao Padre Mota que nos deu publicidade favorável através da Libertatea (“A Liberdade”). Dou aqui novamente os nomes de todos conforme foram impressos em “The Ancient Land”. Alguns deles não se tornaram Legionários e alguns já não estão entre nós porque morreram na fé Legionária.
E eu os nomeio aqui porque eles eram crentes desde o início; eles estão listados na ordem em que se destacaram: Madre Pamfilia Ciolac (Varatec), Octav Negut (Focsani), Arhimandrita Atanasie Popescu (Balti),
Hieromonah Isihie Antohi (Neamt), Mihad Tanasache, Victor Silaghi, Ion
Bordeian, u, Radu Mironovici, Capitão V. Tuchel (Ivesti), Constantin Ilinoiu (Iasi), N. Grosu (Botosani), Ion Minodora (Husi), Grigorie Balaci (Movilita-Putna), Andrei C. lonescu (Barlad), Spiru Peceli (Galati) , engenheiro Mihai Ittu (Bucareste), engenheiro Gh. Clime (Iasi), Ion T. Banea (Sibiu), Ilie Garneata (Iasi), Totu Nicolae (Iasi), Coman Alexandru (Gauri-Putna), Decebal Codreanu (Husi), Mihail Marinescu (Galati), Traian Lelescu (Piatra- Nearnt), Sebastian Erhan (Campul-Lung, Bucovina), N. Tecau (América), Elena Petcu (Vaslui), Dr. Socrate Divitari (Tecuci), Ion Plesea (Orhei), PI Morariu (Suraia-Putna), Nanu Gavril Raileanu (Orhei), Cotiga Traian (Focsani), Maria Mitea (Severin), 1. Ciobanita (Belcesti), Carausu (Voinesti), Tinistei Neaga (Orhei), Zosim Bardas (Tarnava Mare), Ion Blanaru (Focsani), Luliu Stanescu (Marsani-Dolj), Corneliu Georgescu (Poiana-Sibiului), Fanica Anastasescu (Bucareste), D. Ifrim (Iasi), I Durac (P. Neamt), Pa'curaru Gh. (Bucareste), Professor Isac Mocanu (Turda), Marius Popp (Cluj), N.

Voinea (Panciu), NB Munceleanu (Romano), Grigorie Berciu (Varna), Corneliu Cristescu Basa Emil Eremeiu (Nasaud). (Comanesti), Angela Plesoianu (Seven'n) ,

Oito anos depois descobrimos que dos 59 que participaram na primeira batalha legionária: Quatro tinham-nos abandonado, incapazes de nos compreender; na verdade, eles até atacaram nós.

Oito, depois de um ou dois anos, não davam sinais de vida. Vinte e dois receberam as classificações mais altas,

Machine Translated by Google

tornando-se comandantes legionários, comandantes auxiliares ou senadores legionários.
Sete tornaram-se legionários, homens de fé inabalável, desafiando todas as perseguições.

Dezoito permaneceram nossos amigos, ajudando-nos até hoje.

Como resultado desta batalha, a publicação de "A Terra Ancestral" foi assegurada por um ano.

OUTROS NOMES ENCONTRADOS NAS PRIMEIRAS PERGUNTAS DE NOSSA REVISÃO

Vasile State, comerciante e C. Vasiliu, pensionista (Adjud), Gh. Oprea (San-Nicolaul Mare), Ion Schiopu (Prundul Bargaului, advogado Budescu P. (Banat), Adolf Greiter, Misu Stefanescu, losif Dumitru (o primeiro assinante de "The Ancestral Land"), Ilie Berlinschi (Igesti-Bucovina), Elena Bratu, Mille Lefter (Galati), Ion Demian (Turda), Dr. (Soveja), C.

Gheorghiu Contar, Capitão Siancu, Gh. Postolache, Gheorghe Despa (Dorna), Luchian Cozan (Dorna), Dr. Crisan, engenheiro Camil Grossu, Chirulescu Victor, Lorde Nicoara, Ion e Alexandru Butnaru, Adriana e Teodora Ieseanu, Vasile Stan, Professor Razmerita, Craciunescu (Focsani), Ion Belgea, Gurita Stefaniu, Ghita Antonescu, Pantelimon Statache, Octav Pavelescu (Foscani), Gheorghe Potolea (Beresti), I. Gh. Teodosiu, Margareta Marcu, I. Gh. Galati), Dan Tarnovschi, Simion Tonea, engenheiro Stoicoiu, Coronel Paul Cambureanu, Amos Horatiu Pop (Ludos), Stefan Nicolau, Ileana Constantinescu, Elvira Ionescu, Marioara Cidimdeleon, Gh.

Amancei, Coca Tiron, Iulius Igna, Aristotel Gheorghiu (Rm.-Sarat), D. Bunduc, Valer Danieleanu, Constantin, Ursescu, Vasile Tampau, C. Mierla, Octav Danieleanu, Stefan Manzat, Coronel Blezu, Eufrosina Ciudin, Reverenda Madre Zenaida Rachis, Gh. Liga, Ana Dragoi (Galati), Professor Matei Coriolan.

Menciono esses nomes, citados com frequência no jornal, não para satisfazer a curiosidade do leitor, mas porque as pessoas que nos ajudaram - principalmente nas primeiras horas difíceis - devem ser sempre lembradas. Alguns deles morreram, enquanto outros se transformaram em combatentes que enfrentam todas as perseguições até hoje. Apressei-me em listá-los agora, pois talvez não tenha a oportunidade de fazê-lo novamente mais adiante neste livro.

NOSSA AÇÃO VISTO DE FORA

Desde a primeira hora, tivemos o benefício do ódio do político judeu-maçónico.
Mas também houve pessoas que nos acolheram nos seus corações como um raio de esperança. Aqui estão várias cartas de leitores que foram impressas na primeira edição de "The Ancient Land:"

«Não tentarei expressar longamente a minha alegria pelo aparecimento da revista. Saúdo-vos com a nossa saudação de antigamente: “Que Deus vos ajude”. Nem me aprofundarei nestas linhas em acontecimentos recentes, mas digo: "Avante, sempre em frente, novos homens. Viva a tropa de Miguel Arcanjo. Que o bando dos ímpios seja engolido pela escuridão de Belzebut." “São Miguel, o arcanjo, deverá atacar sem hesitação e sem piedade. Esse é o objetivo apresentado nas páginas de 'A Terra Ancestral'.

"Nem Satanás nem seus servos podem responder ao chamado do Arcanjo, nem devem imaginar que podem enganar alguém com disfarces. Os traidores merecem um castigo mais severo do que os inimigos.
“Não seja indulgente com ninguém, pois a ninguém falta maturidade para julgar qual é a hora decisiva”.

“Fecho minhas falas desejando poder ver a vitória uma hora antes, a grande vitória.” Coronel Blezu

Machine Translated by Google

* Membros do Senado Legionário, ver página 257. **(Tr.)**

"O brilhante sol da suástica também não nos falhou desta vez para nos tirar do caos.
Ele nos deu sua luz benéfica, para nossa salvação, 'A Legião de Miguel Arcanjo'.
A partir de agora, a alma romena é novamente aquecida pela fé de que este movimento sagrado não perecerá. "

"A ideia nacional nos chamará ao dever."

"Aqueles que não nos entendem cairão no esquecimento. Estou do seu lado."
ML Lefter, advogado presidente do LANC para
Galati

"Vocês são a esperança de nossos dias futuros. Colocamos o nosso futuro e o dos nossos filhos aos seus pés.

Todos nós esperamos impacientemente para ver sua poderosa organização e ansiosos para nos juntarmos à luta. "" E quando digo isso não estou dizendo apenas o que sinto, mas o que vejo em muitos outros. "CN Paduraru

Balcão Nacional, Break, (Romano).

"Vejo e sinto os corações romenos a renascer. Não só espero que a vitória seja nossa, como tenho a certeza disso."
Ion Banea, estudante, Vurpar (Sibiu).

"Sinto que é meu dever como estudante cristão enviar parabéns a mim e aos meus amigos nas planícies de Jiul pela determinação e energia que estão demonstrando na luta que apenas começou."

Iuliu Gb. Stanescu, estudante.

"Nós, os romenos da aldeia de Vulcani, Petrosani Co., ainda carregamos hoje na Grande Roménia o jugo que os funcionários da empresa nos colocaram, porque são todos estrangeiros."
Eu, Augustin Igna, contraí tuberculose.
Mineiro de profissão, não posso mais trabalhar na mina porque o ar poluído me prejudica. "

"Encaminhei uma petição, assinada pelo médico, solicitando um trabalho mais leve lá fora, e não lá embaixo, porque ali terminaria meus dias em poucas semanas. Foi negado. Agora apelo a vocês por ajuda, pois não tenho a quem recorrer. "

Igna Agostinho

"Por favor, pare de me enviar sua crítica; meu nome é Axente Poenar, mineiro, Carteju de sus, porque não tenho dinheiro suficiente para pagar você, nem que seja por três meses, e odeio mandá-lo de volta."

"E agora deixe-me explicar porque não tenho dinheiro. Aqui é outono e todos gostam porque é época de colheita. Ou seja, todos menos nós, mineiros, porque nos faltam as roupas e os sapatos que o inverno que se aproxima exige; e nossos filhos devem ser mandados para a escola.
O pouco que economizamos do nosso pão amargo devemos gastar nessas necessidades."

Axente Poenar, mineiro.

"Queridos filhos do nosso povo: Ao aproximar-me do
pôr do sol da minha vida, um novo raio de esperança entra na minha alma para a ressurreição do nosso querido país, vendo o seu movimento puro e santo 'A Legião de Miguel, o Arcanjo', o grande príncipe celestial. Sinto-me muito triste por não viver o suficiente para ver o nosso povo florescer e desfrutar da laboriosa colheita encharcada de suor frio, e talvez do sangue, daqueles mártires destinados por Deus, que são e ainda serão, para o cumprimento de o grande plano. que foi amassado com tanto sofrimento. É tarde demais. a peste se espalha, nossa sepultura está sendo cavada, os coveiros estão prontos para nos enterrar para sempre; e nós, romenos, grandes ou pequenos,

Machine Translated by Google

hesitamos, regateamos e discutimos sobre ambições, vanglórias vazias e riquezas perecíveis.

* Continuamos mantendo seu nome na lista de assinantes.

“Eu fico calado porque não tenho instrução; você fica calado porque é astuto; ele porque está ligado a um partido político; eles ficam calados porque são a administração; e assim todos nós ficamos calados; a escuridão da nossa queda nos envolve . gradualmente e a tocha do nosso povo se apaga. Sou um camponês pobre, mas posso manejar a caneta tão bem quanto a pá ou a foice. Vou ajudá-lo com meu dinheiro, minha caneta, por atos e palavras, pedindo que você me dê um cantinho em nossa crítica 'The Ancient Land'. Escreverei sob o título "Somos romenos ou não estamos à beira da perdição? E porquê?"

'Quem são os culpados?'
'Qual é a causa das causas?'
'O que está sendo feito e o que deve ser feito?'
'O que todo romeno deveria saber e fazer?' "VL Onofrei,
Agricultor, Aldeia Tungujei (Vaslui)

ALÉM DAS FORMAS

Na verdade, “A Terra Ancestral” está repleta dessas cartas; uma contribuição dos nossos compatriotas para a criação da Legião. Pois a Legião é mais do que uma organização com membros, livros e líderes. É um estado de espírito, uma unidade de sentimento e de vida para a qual todos contribuímos. Membros, chefes, números, uniformes, programa, etc. constituem a Legião visível. A outra, porém, que não se vê, é a mais importante. A Legião visível sem o invisível, isto é, esse estado de espírito, de vida, não significa nada; seria apenas uma forma desprovida de qualquer conteúdo.

Não propusemos, com nossas críticas, como professores em suas cátedras, levantar uma barreira entre nós "os patrões", "os professores", que tiveram seus ensinamentos e teorias impressos na revista, e o leitor que não tem nada a fazer senão aprender nossos ensinamentos e conformar-se a eles. Nós por um lado, eles por outro. Não. Fazer a Legião não significa dar-lhe uniforme, botões, etc.; não significa elaborar o seu sistema de organização, nem sequer significa formular a sua legislação, normas de liderança, enumerar logicamente os textos no papel. Tal como criar um homem, não significa fazer as suas roupas, fixar os seus princípios de comportamento ou estabelecer o seu programa de atividades.

Nem estatuto, nem programa, nem doutrina se movem. Estes poderiam constituir a sua legislação, definir os seus objectivos, sistema de organização, meios de acção, etc., mas não o movimento em si. São conceitos que até os homens da ciência confundem. Criar apenas um “estatuto”, “programa”, etc., depois acreditar que você criou um “movimento” é como se você quisesse fazer um homem, você faria apenas as roupas dele.
Criar um movimento significa antes de tudo fazer nascer um estado de espírito, um entusiasmo que jorra do espírito, do coração de um povo que nada tem a ver com as especulações do raciocínio frio.
Isto é o que constitui a essência do movimento legionário. Não fui eu quem criou esse estado de espírito. Nasceu da convergência da nossa contribuição de sentimento com a de outros compatriotas.

A revista “A Terra Ancestral” foi o ponto de encontro onde as nossas aspirações e depois os nossos sonhos confraternizaram com os sentimentos e pensamentos daqueles romenos que nos conheceram.

Portanto, a Legião na sua essência, naquele estado de espírito invisível que todos nós sentimos, não foi criação minha.

Foi o resultado de uma colaboração.
Nasceu da fusão das seguintes contribuições:

Machine Translated by Google

1. Os sentimentos dos primeiros legionários.
2. Os sentimentos correspondentes de outros romenos.
3. A presença na consciência de todos os mortos do nosso povo.
4. O desejo do solo da nossa pátria.
5. Bênção de Deus.

Eu não gostaria que meus pensamentos fossem mal interpretados por alguém que diz: “Não sou um daqueles legionários de uniforme, sou um legionário em espírito”.

Isto não pode ser.

Doutrina, programa, estatuto, uniforme, atividade são criados sobre esta base espiritual, mesmo assim, não como acessórios, mas como fatores que fixam o conteúdo espiritual do movimento, dando-lhe uma forma unificada e mantendo-o vivo na consciência do movimento. pessoas e conduzindo você à conquista e à vitória. O movimento legionário é tudo isso junto.

Os uniformes que surgiram em todos os movimentos contemporâneos: Fascismo (a camisa preta), Nacional-Socialismo (a camisa marrom), etc. não nasceram da imaginação dos líderes.
Eles nasceram da necessidade de expressar esse estado de espírito. A expressão da unidade de sentimento.
Eles são a face visível de uma realidade invisível.

MOVIMENTOS NACIONAIS E A DITADURA

Sempre que um movimento nacional é mencionado, são-lhe sistematicamente atribuídas tendências à ditadura. Não quero criticar as ditaduras neste capítulo, mas quero mostrar que os movimentos nacionais na Europa hoje, como o movimento legionário, o fascismo, o nacional-socialismo, etc., não são ditaduras nem democracias. Aqueles que nos combatem gritando: “Abaixo a ditadura fascista!”, “Lutem contra a ditadura!”, “Defendam-se da ditadura!” não nos bata. Eles estão atirando fora do alvo. Só poderão alcançar a notória “ditadura do proletariado”.

A ditadura pressupõe a vontade de um único homem imposta à força à vontade de outros súditos de um Estado. Ou seja, duas vontades opostas: a do ditador ou de um grupo de homens, por um lado, e a do povo, por outro. Quando esta vontade é imposta pela coerção e pela crueldade, então a ditadura é tirania.

Mas quando uma nação com uma maioria de 98 por cento, com um entusiasmo indescritível, uma nação de 60 milhões ou uma de 40 milhões de almas, aprova e aplaude delirantemente as medidas do chefe, significa que há um acordo perfeito entre a vontade do patrão e aquela das pessoas. Além disso, combinam-se tão perfeitamente que já não existem duas vontades. Só existe uma: a vontade da nação, cuja expressão é a principal. Entre a vontade da nação e a vontade do líder existe então apenas uma relação: uma relação perfeita entre elas.

Afirmar que a unanimidade alcançada sob regimes de movimentos nacionais se deve ao “terror” e aos “métodos inquisitoriais” é absolutamente ridículo, porque as pessoas entre as quais tais movimentos surgiram têm uma consciência cívica altamente desenvolvida. Lutaram, sangraram e deixaram milhares que morreram pela liberdade; eles nunca se submeteram, nem ao inimigo externo nem ao tirano interno. Por que não deveriam eles lutar e sangrar também hoje, se confrontados com tamanho terror? E então, os votos ou mesmo as maiorias podem ser retirados pela força, pelo terror;

pode-se arrancar lágrimas ou suspiros; mas nunca se ouviu, nem nunca se ouvirá, que o entusiasmo e o fervor possam ser produzidos pela força. Nem mesmo na nação mais retardada do mundo. Porque o movimento nacional não é ditatorial na sua essência,

Machine Translated by Google

então nos perguntamos: o que é isso? É uma democracia? De modo algum, porque o líder não é votado pelo eleitorado e a democracia baseia-se no princípio da elegibilidade. Ou, nos regimes nacionais, nenhum líder é escolhido por voto. Ele concorda. Se estes regimes não são ditaduras nem democracias, o que são? Sem defini-los, deve-se admitir que representam uma nova forma de governo, sui genesis, nos Estados modernos. Ainda não foi encontrado e não sei que nome lhe será dado.

Acredito que tem na sua base aquele estado de espírito, aquele estado de consciência nacional elevada que, mais cedo ou mais tarde, se espalha pelas periferias do organismo nacional. É um estado de revelação interior. O que era

outrora o repositório instintivo do povo está agora reflectido na consciência do povo, criando um estado de iluminação unânime que só é encontrado em grandes reavivamentos religiosos. Este fenômeno poderia ser justamente chamado de estado de

ecumenicidade nacional. Um povo como um todo adquire consciência de si mesmo, do seu propósito e destino no mundo. Durante a história passada, apenas foram notados vislumbres desta consciência, mas hoje enfrentamos alguns destes fenómenos permanentes.

Nesse caso, o líder deixa de ser um “mestre”, um “ditador” que faz o que “quer”, que lidera “de acordo com seus caprichos”. Ele é a personificação desse estado mental invisível, o símbolo desse estado de consciência. Ele não faz mais “o que lhe agrada”; ele faz o que "deveria" fazer. E ele se guia não pelos interesses individuais ou coletivos, mas pelos interesses da nação imortal que penetrou na consciência dos povos. É só no quadro destes interesses e só neste quadro que os interesses pessoais e colectivos encontram a sua normal satisfação máxima.

OS PRIMEIROS COMEÇOS DA ORGANIZAÇÃO

A organização dos quadros constitui uma nova etapa no desenvolvimento do movimento legionário.

Qualquer movimento, para não permanecer caótico, deve ser moldado em moldes organizacionais. Todo o sistema de organização legionário baseia-se na ideia de “ninho”, ou seja, um grupo de 3 a 13 homens sob o comando de um líder. Não temos “membros” no sentido de indivíduos isolados. Existe apenas o ninho e o membro individual faz

parte de um ninho. A organização legionária não é formada por vários membros, mas por vários ninhos. Este sistema não variou muito em essência desde o seu início até os dias atuais. Ocasionalmente recebeu melhorias necessárias, pois uma organização deve considerar as realidades; é como uma criança em constante crescimento, cujas roupas devem ser constantemente ajustadas à medida que se desenvolve. É errado quem imagina como deveria ser a organização na sua fase final, proceder cortando desde o início uma peça de roupa que não servirá senão nessa fase final de desenvolvimento; tal como é errado que alguns procedam cortando um ajuste apertado logo no início, e depois desconsiderando-o mais tarde no crescimento do movimento, forçando-o a lutar de formas que já não se ajustam.

Não vou me alongar muito aqui sobre o “ninho” porque já tratei extensivamente desse assunto no “Manual do Líder do Ninho”. Porém, o que me fez escolher esse sistema? Primeiro, as necessidades do movimento. Há uma grande diferença entre a época em que a Liga foi fundada, quando um sistema foi utilizado, e quando a Legião foi fundada, quando adotamos outro sistema. Na época em que a Liga foi fundada, houve um apoio generalizado. Precisava ser aproveitado com urgência. Ao passo que, quando a Legião surgiu, não existia tal cadeia de apoio para nós, mas apenas homens dispersos e isolados, espalhados em cidades e vilas. Não pude começar a fundar comitês distritais porque havia falta de gente. Tampouco poderia pegar um homem e chamá-lo de chefe do condado, pois não fazia sentido se ele mal conseguisse organizar uma pequena aldeia.

Machine Translated by Google

O líder de um movimento deve levar em conta a realidade com a maior seriedade.
A minha realidade básica era “o homem solteiro”, um camponês pobre de alguma aldeia, chorando;
um trabalhador doente e infeliz, um intelectual desenraizado.

E então dei a cada um deles a oportunidade de reunir ao seu redor um grupo, de acordo com suas habilidades, tendo ele mesmo como líder. Esse foi o ninho com seu líder. Não fui eu quem nomeou o líder do ninho; foram seus méritos que o colocaram ali.
Ele não se tornou um líder porque eu “queria” que ele o fosse, mas apenas se conseguisse reunir um grupo, inspirá-lo e liderá-lo. ao longo do tempo - em
contraste com todos os outros partidos onde os chefes são frequentemente nomeados com base em presentes, consegui ter um corpo de pequenos líderes "nascidos" e não "feitos", nos quais as características do líder eram óbvias. É por isso que o líder de um ninho de legionários é uma realidade em que você pode confiar. A rede destes líderes de ninho forma todo o esqueleto do movimento legionário. O pilar da organização legionária é o líder do ninho. Quando estes ninhos se multiplicam, são agrupados sob comandos de aldeia, distrito, condado e província.

Como faço para adquirir líderes nas unidades maiores? Não nomeei nenhum líder de vila, município ou condado. Eu disse a eles: “Conquiste e organize! E por mais que você consiga organizar, você será o chefe”. Apenas os confirmei como líderes nas posições a que o seu poder, qualidades e aptidões os elevaram. Começamos com o líder do ninho e progressivamente foi crescendo até o líder da aldeia, distrito, cidade

e líder de concelho, e apenas em 1934, ou seja, sete anos depois, a líder regional.
O sistema de ninho também apresenta as seguintes vantagens: a) Ativo,
coloca em ação
todos os integrantes de um movimento. Nos restantes partidos, onde existem comissões e membros por aldeia ou concelho, trabalham apenas vários membros da comissão; o resto, 1.000, 2.000, 10.000, estão inativos. No nosso sistema, graças à ampla iniciativa dos líderes do ninho, dentro das normas prescritas, e graças à obrigação de cada ninho escrever uma página tão gloriosa quanto possível no seu registo, uma vez que não há membros separados como tais fora de todo o ninho . mundo, absolutamente todo legionário funciona. b) Resolve todos os problemas locais.
,
Há uma série de itens que um único homem é incapaz de lidar e uma organização inteira é grande demais para examiná-los, por exemplo, cavar um pequeno poço em uma aldeia, consertar uma pequena ponte, etc. sozinho; uma organização não pode lidar com eles; o ninho porém, de 6, 8 ou 10 homens é a unidade mais adequada para executá-los. c) O ninho é facilmente intercambiável. De unidade de combate a unidade de trabalho ou vice-versa. e)

Cria um grande número de quadros, formando consequentemente homens especializados na arte de liderar.

e) O efeito de uma deserção ou traição permanece localizado, f)
Finalmente, o ninho é o melhor lugar para receber educação legionária. Isso ocorre porque existem homens da mesma idade, homens de igual escopo e composição espiritual semelhante.
Lá, todos são amigos. Um homem que não conseguiu confessar a sua angústia, desnudar a alma diante de um jovem - seja por constrangimento ou porque reluta em alertá-lo desde cedo sobre as dificuldades e preocupações da vida - aqui no ninho entre amigos, ele consegue. assim como pode receber uma reprimenda ou até mesmo uma punição.

O ninho é uma pequena família de legionários baseada no amor. No “Manual do Líder do Ninho” estabeleço as seis leis pelas quais esta família deve ser guiada (página 4, ponto 3). Esta família não será governada de acordo com os caprichos dos líderes; isso seria ditadura, mas por leis.

1. A lei da disciplina. Legionário! Seja disciplinado! Pois só então você poderá vencer.
Siga seu líder nos bons e nos maus momentos.

Machine Translated by Google

2. A lei do trabalho. Trabalhar! Trabalhe todos os dias. Coloque seu coração nisso.
Que a vossa recompensa seja, não o ganho, mas a satisfação de ter colocado mais um tijolo para a construção da Legião e o florescimento da Roménia.

3. A lei do silêncio: fale pouco. Diga apenas o que você deve. Fale apenas quando necessário.

Sua oratória deve ser composta de ações, não de palavras. Você atua: deixe os outros falarem.
4. A lei da educação: você deve se tornar outra pessoa. Um herói. No ninho, torne-se completamente educado.
Conheça bem a Legião.
S a lei do belp recíproco. Ajude seu irmão que caiu na desgraça. Não o abandone.
6. A Lei da Honra: Siga apenas os caminhos da honra. Lute, e nunca seja covarde, Deixe o caminho da infâmia para os outros. Melhor cair numa luta honrosa do que vencer pela infâmia.

Mas quero enfatizar mais uma vez, queridos Legionários, e chamar a atenção de vocês para um ponto essencial: a descoberta de um ninho fica incompleta se prevalece um clima frio; “O que realizamos?”, “O que mais há para realizar?”, “Façamos isto ou aquilo”. "Adeus!"

Dêem rédea solta às suas almas. Reserve um lugar para eles na reunião. Prossiga com calor.
Dê a todos a chance de abrir o coração, descarregar suas dificuldades, ansiedades, preocupações, que a vida os oprime.
Deixe-o compartilhar suas alegrias.
Deixe o seu ninho ser um lugar de consolo e partilha de alegria. Uma reunião de ninho é bem-sucedida quando um homem volta para casa depois de descarregar ali os fardos de sua alma e está cheio de fé em seu povo. Se no “Manual do Líder do Ninho” eu não enfatizei esse ponto o suficiente, faço-o agora.

Ainda no âmbito da atividade educativa no ninho, reproduzo do “Manual do Líder do Ninho” o ponto 54: A oração como elemento decisivo para a vitória, Apelo aos nossos antepassados., “O legionário acredita em Deus e reza por a vitória de uma Legião.

“Não devemos esquecer que estamos aqui nesta terra pela vontade de Deus e pela bênção da Igreja Cristã. Diante dos altares das nossas igrejas, toda a nação romena

mulheres, crianças e idosos reuniram-se nesta terra, vezes sem conta, em períodos de fuga e perseguição - conscientes de que este é o último lugar de refúgio possível. E hoje também estamos prontos a reunir-nos - nós, o povo romeno - em torno dos altares, como em tempos de grande perigo, e ajoelhar-nos para receber a bênção de Deus.

"As guerras foram vencidas por aqueles que souberam invocar os poderes misteriosos do mundo invisível de cima e garantir a sua ajuda. Esses poderes misteriosos são as almas dos mortos, as almas dos nossos antepassados que também estavam ligados a esta terra, a nossos sulcos, e que morreram em defesa desta terra, e que hoje também estão ligados a ela pela memória de sua vida aqui e através de nós - seus filhos, netos e tataranetos.Mas acima de tudo as almas dos mortos são Deus.

“Quando esses poderes são convocados, eles vêm em nosso auxílio e nos encorajam, para nos dar força de vontade e tudo o que é necessário para nos ajudar a alcançar a vitória. Eles introduzem pânico e terror nos corações do inimigo e paralisam as suas ações. Em última análise, a vitória não depende da preparação material, da força material dos beligerantes, mas da sua capacidade de garantir o sustento dos poderes espirituais. Esta é a explicação – na nossa história – de vitórias milagrosas mesmo quando as nossas armas materiais eram decididamente inferiores.

Como podemos ter certeza de que contamos com o apoio dessas forças?
1. Pela justiça e moralidade de sua ação, e 2. Apelando
com seriedade e insistência a esses poderes. Convoque-os, atraia-os com a força da sua alma e eles virão.

O poder de atração é maior quando o apelo, a oração, é feito por muitas pessoas reunidas.

Portanto, nas reuniões do ninho realizadas em todo o país todos os sábados à noite, as orações serão levantadas e todos os legionários serão incentivados a frequentar a igreja no dia seguinte.

Machine Translated by Google

dia seguinte, domingo.
Nosso padroeiro é o Arcanjo Miguel, devemos ter seu ícone em nossas casas, e nos momentos difíceis devemos pedir sua ajuda e ele nunca nos abandonará.

Estes ninhos são então agrupados em unidades, por idade ou sexo, da seguinte* forma: 1. As Irmandades da Cruz a) para reunir jovens até aos 14 anos: os irmãozinhos da cruz. b) reunir jovens de 14 a 19 anos: os irmãos da cruz.

2. Legionários em formação.
3. Os Legionários empossados.
4. As cidadelas, agrupando as meninas e as mulheres casadas, ou por critério administrativo, vila, vila, concelho, com os respectivos dirigentes que orientam a sua actividade, garantindo assim a unidade. Todas essas questões foram tratadas extensivamente no "Manual do Líder do Nest". Este sistema de nidificação pode ter uma desvantagem; parece quebrar, esmagando pela sua fragmentação a unidade do movimento, mas isto é apenas uma ameaça aparente, pois é removida pelo amor mútuo e pela grande dose de disciplina que é derramada na educação legionária.

O VOTO DOS PRIMEIROS LEGIONÁRIOS

8 de novembro de 1927, Festa dos Santos. Miguel e Gabriel, os Arcanjos, aproximavam-se.
Naquele dia faríamos nosso primeiro voto. Procuramos e encontramos um símbolo que pudesse ser uma expressão fiel do caráter do nosso movimento, da nossa união com a terra dos nossos antepassados, dos nossos mortos e dos céus.

Coletamos uma pequena quantidade de terra de todos os locais gloriosos da história romena por 2.000

* "irmãos da cruz", tradução literária do romeno "fresh de cruce", são jovens que, segundo um tradicional ritual popular nativo, fazem votos uns aos outros na cruz de amizade eterna, ajuda recíproca e fidelidade. O movimento legionário foi inspirado nesta popular instituição Ittoman para nomear jovens aspirantes a legionários de "irmãos da cruz". As "Irmandades da Cruz?" são então agrupamentos de "irmãos da cruz".

anos atrás, que depois misturamos bem, enchemos pequenas bolsas de couro e amarramos bem com barbantes.

Eles deveriam ser recebidos pelos legionários ao fazerem o voto e deveriam ser usados perto de seus corações. Aqui está a descrição desse serviço, reproduzida na edição de 8 de novembro de 1927 de "The Ancestral Land:"

Na manhã de 8 de novembro de 1927, todos os legionários de Iasi reuniram-se no nosso quartel-general, e vários outros que se deram ao trabalho de vir de outros lugares.
Poucos em número, mas fortes através da nossa fé inabalável em Deus e confiança na Sua ajuda; fortes em nossa determinação e obstinação obstinada para permanecermos inabaláveis diante de qualquer tempestade; fortes no nosso total desapego de tudo o que é ouvido - um facto que pode ser visto no nosso desejo, no nosso prazer de romper com ousadia com as coisas materiais e servir a causa da nação romena e da cruz.

Este era o estado de espírito daqueles que aguardavam impacientemente o momento de fazer o voto, de formar com alegria a primeira onda de ataque da Legião. E todos podem ter a certeza de que nenhuma outra atitude é possível quando, no meio de nós, vestidos de branco como na hora da ira, estávamos unidos. Ion L Mota, Ilie Garneata, Radu .Mironovici, Corneliu Georgescu – aqueles que, de prisão em prisão, carregaram todo o peso do movimento nacionalista nos últimos cinco anos

anos.

A oração,

Machine Translated by Google

Às dez horas partimos todos para a Igreja de São Spiridon, vestidos com trajes nacionais e com caciula a suástica sobre os corações, marchando em colunas. Pronto, Grande, governante da Moldávia; de Miguel, o Bravo; por Mircea Ion Voda; de Horia, Closea e Crisan; Avram Yancu; Domnul Tudor; Mng Fernando; e à memória de todos os governantes e soldados que tombaram nos campos de batalha em defesa das terras romanas contra inimigos invasores. '

A solenidade de fazer o voto.

Voltamos para nossa casa marchando e cantando o Hino da Legião. Ali aconteceu a comovente solenidade da votação dos primeiros legionários.

A terra ancestral. Esta solenidade começou por misturar a terra trazida do túmulo de Miguel, o Valente de Turda, com a de Moidavia - de Razboeni - onde Estêvão, o Grande, travou a sua maior batalha, e de todos os outros locais onde o sangue dos nossos antepassados foi encharcado através do pousar em batalhas ferozes, abençoando-o assim. Quando os pacotes de terra foram abertos e antes de serem esvaziados sobre a mesa, foram lidas as cartas de quem os trouxe ou enviou.

Fizeram os votos: Corneliu Zelea-Codreanu, Ion I. Mota, Illie Garneata, Corneliu Georgescu, Radu Mironovici, Hristache Solomon que presidiu esta cerimónia, G. Clime, Mille Lefter, Ion Banea, Victor Silaghi, Nicolae Totu, Alexandru Ventonic Dumitru lfrim, Pantelimon Statache, Ghita Antonescu, Emil ,
Eremeiu, Ion Bordeianu, M.
Ciobanu, Marius Pop, Misu Crisan, Popa, Butnaru, Budeiu, I. Tanasache, Stefan Budeciu, Traian Cotiga e Mihail Stelescu, um estudante do ensino médio.

UMA NOVA BATALHA

Na edição de "A Terra Ancestral" de 1º de dezembro de 1927, abrimos uma nova unidade em busca de recursos para a compra de um caminhão leve para usar em nossas viagens. Novamente, usamos o mesmo sistema geral de esforço. Os legionários começaram a organizar concertos festivos, conferências, coros de Natal e a contribuir com o seu dinheiro. “A Irmandade da Cruz de Vrancea” de Focsani destacou-se por colecionar o

*
Chapéu feito de cordeiro encaracolado. **(Trad.)**

soma de 50.000 lei como resultado de um espetáculo festivo patrocinado pelo General Macridescu. Foi nessa época que mudei seu naine de "Vrancea" para "Irmandade da Vitória da Cruz", pela qual é conhecido até hoje. Em 19 de fevereiro de 1928, ou seja, em dez semanas, essa mudança foi bem-sucedida.

Compramos um caminhão novo em Bucareste por 240.000 lei, dos quais pagamos 100.000 lei, o saldo de 140.000 lei a ser pago em doze parcelas mensais.
Saímos de Bucareste e fomos para Iasi, com Stefan Nicolau dirigindo "The Doe*", como os meninos chamavam, e Banea, Bordeianu e Mironovici. Os legionários e os nossos amigos esperavam-nos nos arredores da cidade e fomos recebidos à chegada num clima de alegria geral.

Para cumprir nossas parcelas mensais, formamos um Comitê de 100, cujos membros deveriam contribuir com 100 lei por mês durante um ano. Esse comité cresceu para 50 membros em dois meses, a maioria deles pobres, pequenos empregados, operários ou camponeses que, ao doar 100 lei por mês, estavam a fazer um verdadeiro sacrifício.

As meninas das "Cidadelas" de Iasi e em particular as da "Cidadela Iulia Hajdeu" de Galati começaram a fazer bordados e a vendê-los por dinheiro.

PROBLEMAS DE UM TIPO DE MATERIAL

Machine Translated by Google

Para as suas pequenas necessidades, o movimento caminhava muito bem do ponto de vista material.
Do trabalho e das contribuições dos pobres, estava sendo arrecadado o suficiente para vivermos e apoiarmos as atividades.

Absolutamente todas as somas contribuídas foram publicadas em "The Ancestral Land".
A agenda está cheia de quem deu 10 ou 5 lei. Raramente se encontravam aqueles que davam 50 ou 60 lei, e os nossos banqueiros eram aqueles que podiam contribuir com 100 lei por mês, o Comité de 100 membros.

Vamos escolher aleatoriamente neste comitê: #16.
Nicolac Voinea de Panciu, uma família com cinco filhos que vive numa vinha de dois hectares.

#17. D.Popescu, um suboficial aposentado.
#18. Ion Blanaru, até ontem estudante; agora um engenheiro que ganha 4.000 lei por mês.
*
* 19. Ion Butnaru, funcionário da Ferrovia Romena.
* 20. Nistor M. Tilinca, vendedor cooperativo.
* 21. Ateliu Georgescu, ajuda dos pais.
* 22. Radu Mironovici, ajuda parental.
23. Ionescu M. Traian, engenheiro florestal.
Da economia, esses contribuintes impunham sobre seus gastos
com alimentação e vestuário, estava sendo arrecadado o suficiente para a organização, que com o uso criterioso do dinheiro, conseguiu se manter viva e se desenvolver normalmente. Mas a imprensa judaica gritou... "Com que dinheiro estes senhores compram camiões de painel? [O judeu, sempre de má fé, fez vários camiões com o que tínhamos]. Quem financia este movimento?"

Oh! Senhores, ninguém o "financiou". Ninguém, exceto a fé infinita dos romenos que, em sua maioria, são pobres como Jó. Não só não fomos “financiados” pelos capitalistas, mas aconselho qualquer um que lidere um movimento baseado em princípios sólidos a recusar todas as ofertas de financiamento se quiserem que o seu movimento sobreviva. Porque um movimento político deve constituir-se para poder produzir por si só, com base na fé e no sacrifício dos seus membros, exactamente aquilo de que necessita para viver e crescer. Para um desenvolvimento normal e saudável, um movimento tem o direito de consumir apenas aquilo que os seus membros podem fornecer; e seus membros só podem fornecer tanto quanto forem capazes pela fé, isto é, pelo sacrifício.
Não fornece fundos suficientes? Não recorra a financiamento externo, mas vá em frente

aumentando a fé dos membros. Na verdade, contribuições insuficientes dos membros são uma indicação de pouca fé. Não fornece fundos? A organização está morta e em breve entrará em colapso. Sem fé, você será vencido por quem a tem.

*
Nome cativante dado pelos Legionários ao seu primeiro caminhão de painel. **(Trad.)**

Um líder que aceita financiamento externo para o seu movimento é como um homem que acostuma o seu corpo a viver de medicamentos. Na medida em que um organismo recebe medicação, na mesma medida está condenado a ser incapaz de reagir por si próprio. Além disso, quando lhe é privado do remédio, ele morre; está à mercê do fanático! Da mesma forma, um movimento político está à mercê daqueles que o financiam. Estes podem interromper o financiamento a qualquer momento e o movimento, não habituado a viver sozinho, morre. Uma mudança, assim como um indivíduo, às vezes pode exigir uma quantia maior de dinheiro. Então você poderá pedir um empréstimo e reembolsá-lo dentro do prazo, mas somente se tiver certeza de que será capaz de fazê-lo. Consequentemente, senhores líderes de governantes - e ao dizer isto dirijo-me aos que virão depois de nós - recusem aqueles simpatizantes que se oferecem para financiar o vosso movimento, naturalmente, se encontrarem esta espécie no futuro.
Roménia, onde ainda hoje parecem estar a desaparecer.

Machine Translated by Google

Todos aqueles que podem e financiam são os banqueiros judeus, os judeus muito ricos, os grandes negociantes de cereais judeus, os grandes industriais e comerciantes judeus. Eles financiam partidos políticos para exterminar os romenos no seu próprio país.

Em breve não haverá ninguém para financiar - esta palavra cheira a banqueiro, presa, injustiça e indecência! - ninguém. Nem romenos nem, muito menos, judeus. Para esta casta de banqueiros e magnatas, de empresários enriquecidos por fraudes empresariais, estas aves de rapina que perseguem avidamente a sociedade humana serão exterminadas. Gente boa, gente rica, até o limite da decência, terá, mas não terá como financiar, apenas ajudará um movimento com poupança. Esta obrigação de ajudar, de ajudar a sua nação em tempos difíceis, cabe a todos os romenos e assim permanecerá para sempre; e essa ajuda é e sempre será bem-vinda.

Mas a minha própria situação material, bem como a dos meus camaradas, estava a tornar-se cada vez pior, mais premente. Eu tinha me tornado o fardo do meu pobre sogro, que, sem mim, com o seu pequeno salário, dificilmente poderia alimentar e vestir os seus cinco filhos. Com minha esposa, ocupávamos um quarto, enquanto os outros sete membros da família dividiam os outros dois
quartos.

Compreendendo a minha situação, graças ao seu grande amor formado e pela causa romena, ele nunca me disse uma palavra, embora eu tenha visto com o passar do tempo que ele se curvava cada vez mais sob o peso das dificuldades. Então decidimos que eu me dedicaria em tempo integral ao movimento e Mota com os outros três camaradas da prisão de Vacaresti fundariam um escritório de advocacia para ganhar a vida e me ajudar. Eles começariam em breve, mas enfrentariam dificuldades tremendas. Eu olhei para trás. Inscritos na universidade dez anos antes, lutamos lado a lado com todas as turmas de alunos à medida que surgiam. E aos poucos, todos encontraram colocações, criando para si uma pequena situação pela qual pudessem viver; ficamos sozinhos à margem da sociedade, como alguns loucos perdidos no meio dos caminhos do mundo.

Embora fossem advogados competentes, meus camaradas só conseguiriam sobreviver a uma existência miserável. Não poderiam ser contratados pelas ferrovias, prefeitura ou estado; esses lugares são reservados para aqueles que deixam as fileiras do movimento nacional e passam para os partidos políticos - um incentivo para aqueles que não têm carácter. A honra de nossas vidas ditou que eles não aceitassem casos judaicos para defender.

Os romenos os evitariam. Somente os pobres entrariam em seus escritórios.
O caminho foi difícil para nós, fomos condenados ao ostracismo no nosso próprio país e, portanto, colocados numa posição onde era quase impossível ganhar a vida.

O VERÃO DE 1928

Passamos todo o inverno arrumando ninhos. A primavera viu a retomada dos trabalhos na cerâmica Ungheni e na Sra. Trabalhamos nesses dois locais fazendo tijolos e cultivando hortaliças.
Queríamos construir outra casa, pois não tínhamos certeza se conseguiríamos permanecer na antiga, pois

foram iniciados procedimentos para nos despejar.

Nesse trabalho árduo, nos aproximamos, sentindo-nos cada vez mais próximos de quem trabalha com seus

mãos e cada vez mais longe daqueles que vivem do trabalho dos outros.
Esse trabalho completava mais a nossa formação do que as palestras de algum professor universitário. Lá aprendemos como superar as adversidades; fortalecemos nossa vontade; fortalecemos nossos corpos e nos acostumamos a um modo de vida duro e severo, onde nenhum prazer encontrava lugar, exceto o

Machine Translated by Google

satisfação espiritual. Foi então que "A Irmandade da Cruz" de Galati com Tocu, Savin, Costea, veio em socorro, assim como outras irmandades.
Radu Mironovici aprendeu a dirigir muito bem nossa van e com a ajuda de Eremeiu transportou passageiros pagantes entre os mosteiros de Iasi, Varatec, Agapia e Neamt.
Porém, por causa do verão, que é sempre mais pobre, tive que pedir um empréstimo ao Banco Albina de Husi, hipotecando a casa do meu pai por 1,10.000 lei, que dividi, parte para a cerâmica, parte para as prestações mensais para a van e parte para publicações legionárias. Incapaz de pagar este empréstimo até o momento, minha dívida era de 300.000 lei.

Durante aquele verão, também começamos a negociar para ganhar algum dinheiro para a Legião.
Os judeus controlam a venda de vegetais em quase todos os mercados da Moldávia. Três equipes de estudantes legionários foram encarregadas de comercializar vegetais. Estas equipas compravam mercadorias no mercado de Iasi, transportando entre 600 e 800 libras. para o caminhão, caindo como uma praga sobre os judeus, reduzindo os preços pela metade.

1º de agosto de 1928 foi o primeiro aniversário da publicação de nossa revista. Aqui está o que escrevi então:

“No dia 1º de agosto, 'A Terra Ancestral' comemora 254 anos de publicação regular.
Isso não é muito. Há vários dias, entre 13 e 30 de julho, a cidade de Careassonne (um forte em França) celebrou 2.000 anos de existência. Pode ser que a Legião também tenha 2.000 anos pela frente! Mas o mais difícil deles é o primeiro ano, quando é preciso quebrar a terra virgem, para arar o primeiro sulco. Nestes primeiros dias, muitas dificuldades pairaram sobre nós, mas o nosso diário – ora mais fraco, ora mais pobre, mas sempre grande, manteve-se firme, superando-as.

“Quando há um ano, começando sem um tostão, no momento mais crítico do movimento nacional, colocámos na capa o ícone de São Miguel Arcanjo, sabíamos que as nossas críticas sobreviveriam.”

LUTA CONTRA A MISÉRIA

Perto do outono, as dificuldades materiais pessoais tornaram-se esmagadoras. Já não tínhamos sapatos nem roupas decentes, minha esposa e eu; minha esposa estava usando sapatos de quatro anos.
Não podíamos mais esperar nada do meu pai porque havia outras seis crianças além de mim, todas na escola, e as dificuldades pelas quais ele passou o deixaram sobrecarregado de dívidas. Apenas vários milhares de lei foram deixados de fora do seu salário para alimentar e vestir uma grande família.
Então juntei todas as minhas forças e decidi que eu também iria começar a exercer a advocacia, com a intenção ao mesmo tempo de liderar o movimento. Abri meu escritório em Ungheni, trabalhando em estreita colaboração com meu secretário, Ernest Comanescu.
Como resultado, consegui ganhar uma renda pequena, muito pequena, para cuidar de nossas necessidades e das poucas indulgências modestas de nossas vidas. Seis anos se passaram desde que limitamos nossa existência às estritas necessidades da vida.

Há seis anos eu não entrava em teatro, cinema, cervejaria, salão de baile ou festa. E agora, enquanto escrevo isto, já se passaram 14 anos desde que estive em qualquer um deles. Eu não me arrependo.
O que realmente lamento é que, depois de uma vida de tantas restrições, algumas pessoas me tenham acusado de levar uma existência ociosa. Nessa miséria que durou anos, bem como nas duras provações pelas quais meu destino me fez passar, tive o apoio constante de minha esposa que cuidou fielmente de mim. Ela compartilhou meus inúmeros golpes, passou por privações e até suportou a fome para me ajudar a lutar. Serei eternamente grato a ela.

Machine Translated by Google

PROFESSOR GAVANESCUL RECEBE O SACO DE TERRA

Há uma alma que nos observou de perto, passo a passo, interessando-se por nós.
Ele está nos estudando, talvez. Estou falando da imponente figura antiga de Ion Gavanescul, professor de pedagogia na Universidade de Iasi desde 1880. Certa vez ele nos disse: “Gostaria de ter um saco de terra!”

Convidamo-lo para vir à nossa casa no dia 10 de dezembro de 1928, onde, entre o grupo de legionários, presenteei-o com o nosso presente - o presente mais precioso que poderíamos dar - o saco de terra. O velho professor de cabelos e sobrancelhas brancas arregalou os olhos como num momento de solenidade mais séria. Então, após um momento de silêncio, ele disse: “Senhores, não sou digno de receber este talismã, exceto de joelhos”. Ele então pegou, ajoelhou-se lentamente e orou. Todos nós nos ajoelhamos ao redor dele.

O Partido Liberal caiu naquele outono de 1928 como resultado dos ataques implacáveis dos Camponeses Nacionais que ameaçavam com "violência" e "revolução".
O Partido Nacional Camponês sucedeu a Theta no poder após oito anos de oposição política.
Mas logo se revelaram uma grande decepção para todo o país. Começariam a roubar, tal como fizeram os liberais; eles se envolveriam em “negócios escandalosos” como os liberais; usariam a gendarmaria para “aterrorizar” e até atirar nos
seus oponentes ou naqueles que expressassem insatisfação, como os liberais; eles seriam os seus próprios banqueiros, como os liberais.

Mas, particularmente, cairiam sob a influência contínua das finanças internacionais, às quais começaram a ceder pouco a pouco, ao longo de anos, décadas, as riquezas da Roménia, em troca de empréstimos ruinosos.

A PRIMEIRA ASSEMBLEIA DE LÍDERES NINHO E A FORMAÇÃO DE SENADO LEGIONÁRIO

Convoquei em Iasi, de 3 a 4 de janeiro de 1929, o primeiro encontro nacional de líderes de ninhos. Quarenta a cinquenta participaram. As reuniões foram realizadas na casa do General Ion Tarnoschi que, naquela ocasião, durante uma comovente cerimônia, com lágrimas nos olhos, recebeu agora o saco de terra que continha o sangue de seus próprios soldados e oficiais.

"Como eu gostaria que Deus me desse dias suficientes para viver e ver o tempo da libertação romena.
Mas não acho que viverei tanto tempo", disse ele.
Naquela ocasião, outra série de legionários fez os votos. São eles: Spiru Peceli, incapacitado durante a guerra, Gheorghe Potolea, incapacitado desde o ataque a Prunaru, Nicolae Voinea e outros.

Pelas discussões que tivemos e pelos relatórios de cada um dos presentes como representantes de todas as regiões, ficámos convencidos de que o sistema de “ninhos”, que até então não tinha sido utilizado no nosso país, poderia pegar e dar bons resultados.
Certamente, existem problemas e estranhezas inerentes a qualquer empreendimento. No entanto, bastou-me saber que no espaço de um ano sem qualquer formação complementar, mas apenas com base nos apelos e orientações dados na nossa revisão, formaram-se ninhos isolados, ninhos activos, em todas as regiões e estratos sociais. . Eu disse a mim mesmo. "O sistema passou no exame.
Funciona."
Esta reunião de 3 a 4 de janeiro provou a correção dos meus princípios de organização.
Consequentemente, o que tínhamos que fazer agora era continuar firmemente na mesma linha.

Percebi, ao mesmo tempo, que o movimento estava se popularizando principalmente entre os mais jovens; que o sistema educativo dinâmico – educação em paralelo com a acção – é muito superior ao sistema estático.

Portanto, devemos continuar este sistema por mais um ano, ainda sem tentar chegar às massas e descartando a ideia de uma campanha eleitoral. Foi então que foi criado o Senado da Legião: um fórum formado por homens com mais de 50 anos, intelectuais, camponeses ou operários, que tinham

Machine Translated by Google

levou uma vida de grande correção, demonstrou grande fé no futuro legionário e grande sabedoria. Eles seriam chamados em tempos difíceis, sempre que seus conselhos fossem considerados necessários. Eles não seriam eleitos, mas nomeados pelo chefe da Legião e posteriormente repassados pelo restante do Senado. O título de senador era a maior honraria a que um legionário poderia aspirar. O Senado foi então formado por Hristache Solomon, General Dr. Macridescu, General Ion Tamoschi, Spiru Peceli, Coronel Cambureanu e Ion Butnaru. Vários meses depois da sua constituição, o ilustre professor universitário Traian Braileanu - que cinco anos depois na sua revista "Ensaios sociológicos" explicaria nos termos mais identificativos o fenómeno legionário - assumiu o seu lugar no Senado.

PARA AS MASSAS POPULARES

Machine Translated by Google

ENTRE O MOTI

Os Moti ainda vivem nas montanhas da Transilvânia central. Antigos como aquelas montanhas, viveram durante séculos a mesma existência sempre dominada por duas características: a pobreza - são os únicos romenos, talvez o único povo na terra que nunca conheceu ao longo da sua história um único dia de felicidade e abundância e de luta pela liberdade . Toda a sua vida foi uma luta pela liberdade. Deram-nos Horia, Closca e Crisan e apoiaram a revolução de 1784; eles nos deram Avram Lancu e lutaram em 1848. A história registrou mais de 40 revoltas em suas montanhas contra o domínio húngaro; todos eles finalmente se afogaram em seu próprio sangue.

No entanto, sua firmeza nunca poderia ser quebrada. Ultimamente, as vozes do tribuno de Amos Francu e do capitão Emil Siancu, os próprios Moti, ressoam em vão como um grito de alarme. Existem minas de ouro em suas montanhas. Um por um, seus exploradores enriqueceram, enquanto permaneciam nus e sem pão:

"O ouro está no centro das
nossas montanhas Como
pedimos de porta em porta."

A rocha cinzenta está nua. Nada cresce nele; nem trigo nem milho. A única riqueza que existe é o ouro nas mãos do explorador, e a única possibilidade de ganhar a vida está na madeira das florestas.

A provação da dominação alienígena durou mil anos. Mil anos de resistência, na esperança de que um dia a Grande Roménia nasça para salvá-los, para finalmente cuidar deles e dos seus filhos, para reparar a longa e mortal injustiça, para vir recompensá-los pela sua paciência, sofrimento e sofrimento seculares. lutas. Só quem não tem mãe conhece o consolo. Só quem não tem pátria não conhece consolo nem recompensa. A pátria recompensa sempre os seus filhos, aqueles que esperaram pela sua justiça e acreditaram nela, e aqueles que lutaram e sofreram por ela. Era inconcebível que os Moti não fossem recompensados pela sua imensa paciência, sofrimento e bravura!

Mas depois da guerra, cada homem, especialmente cada político, ocupou-se com o seu próprio “eu”, com a sua própria situação material, eleitoral e política. Para que o Moti fosse esquecido. Quem está ocupado com o seu próprio “eu” não pode estar ocupado com os “outros”.
E quem está rodeado de preocupações presentes não pode colocar-se, os seus pensamentos e sentimentos, na história, para que trabalhando em nome da sua pátria possa garantir que sejam dadas as grandes compensações e recompensas históricas que são devidas aos seus valentes homens.

Não só foram esquecidos, mas foram entregues como presas aos usurários judeus que, na sua corrida pelo lucro, rastejaram para as suas montanhas, onde pés alienígenas nunca poderiam invadir, e roubaram o seu único meio de subsistência, construindo moinhos no alto das montanhas e derrubando suas florestas, deixando-as como rocha nua.

"Ó Iancu, por que você não volta dos mortos para ver nossas montanhas descobertas?"

Na sua canção de desespero, clamam a Lancu, o seu herói, para ver as suas montanhas saqueadas, as suas florestas "raspadas" por bandos de "pequenos judeus"; isto, durante uma administração da Grande Roménia, nos dias da tão esperada vitória do povo.

Vivo, que terrível tragédia, resistir durante dez séculos contra todas as iniqüidades, e agora morrer de miséria e fome na Grande Romênia que vocês esperaram durante um milênio! Ela é quem você estava esperando. Ela foi o único apoio moral que te
sustentou. Agora, essa esperança também se desfaz. Você não tinha pão, mas estava esperando. Para esta população, a Grande Roménia não se revelou um revigoramento, um triunfo, uma coroação depois de mil anos de sofrimento, com a alegre recompensa de todos os seus

Machine Translated by Google

pessoas. Para isso, era necessário alguém com uma alma como Stefan, o Grande, e não a alma pigmeu do político romeno. A Grande Roménia significou um colapso no desespero mortal para o povo Moti. Esses políticos mancham a face da nossa nação. Para

A nação, para além de qualquer outro interesse, tem o dever de cumprir certas obrigações morais. Se essa nação não os encontrar, a sua face ficará manchada.

Comovido com uma carta de um professor de Bistra, perto de Campeni, tomei um trem para ir até lá e examinar pessoalmente a situação. Em um pequeno trem de montanha, eu viajava com o coração apertado pelos vales das montanhas Apuseni, onde a morte havia saltado em inúmeras batalhas e onde vagavam os fantasmas de Horia e Iancu.

Abordei um camponês Moti numa estação ferroviária. Ele tinha pelo menos vinte manchas no casaco, evidência de uma pobreza sem igual. Ele estava vendendo aros de madeira que havia feito por uma ninharia. Seus olhos estavam fundos, suas bochechas contraídas. Um rosto gentil. Seu olhar era tímido; nenhum pensamento específico podia ser lido em seu rosto, mas em seus olhos havia dor e eu vi não apenas um homem faminto, mas um homem torturado pela fome.

Nenhum interesse pela vida podia ser visto naqueles olhos gentis que inspiravam piedade, nenhuma preocupação; eles estavam simplesmente em branco.

"Como você se sai por aqui?"

Eu perguntei a ele. "Tudo bem! Tudo bem, obrigado."

"Você pode cultivar milho e batatas aqui?" "Sim, nós podemos."

"Você tem tudo que precisa, comida...?"
"Sim, nós temos... nós temos..."

"Então, você não é tão ruim...?"
"Não!...N61..."

Ele me avaliou várias vezes, não estava disposto a conversar - pois sabe-se lá por que margens de desespero sua mente vagava - e em sua nobreza racial herdada ele não queria explicar a um estranho.

Finalmente cheguei a Bistra, procurei o professor da aldeia que me escreveu. Fiquei apenas um dia. Nas casas pobres dos Moti que visitei, vi seus muitos filhinhos encolhidos de frio - esperando duas, três semanas, às vezes um mês ou mais, pelo retorno de seus pais que haviam ido pela estrada com cavalos e carroças para trazer de volta para eles um saco de fubá em troca dos aros e barris de madeira que eles fazem, e depois vender centenas de quilômetros em outras partes do país onde Deus tem sido mais generoso. Só durante alguns meses do ano os Moti ficam em casa; o resto do tempo eles estão na estrada. A professora me contou.

“Nem durante o domínio húngaro o estrangeiro conseguiu instalar-se aqui.
Mas hoje em dia foi criada uma serração, propriedade de uma empresa judaica em Oradea, que se apoderou das nossas florestas e as derrubou. Ao longo de suas vidas pobres, os Moti ganharam a vida fabricando barris e bordas de barris.
Mas de agora em diante eles ficarão privados disso. Eles estão condenados à morte. “A fome e outras necessidades obrigam-nos a trabalhar para os judeus, derrubando as suas próprias árvores por um salário diário de 20 lei, uma bagatela. longos trens. E quando a madeira for cortada, isso será o nosso fim também. Mas há algo que é ainda mais triste. Vivemos uma vida de virtude por centenas de anos. Os judeus trouxeram consigo os pecados da devassidão Há mais de uma década, 30 judeus trabalhavam nesta serraria.

E no sábado à noite, quando recebem o salário, pegam as meninas e mulheres Moti e as desonram em orgias noturnas. As doenças morais e físicas consomem as nossas aldeias, além da pobreza.

Machine Translated by Google

E nada pode ser dito. Nenhum protesto pode ser tentado porque estes Judeus têm tão boas relações com todos os políticos que são virtualmente senhores todo-poderosos. As autoridades locais estão ao seu serviço, desde os gendarmes até ao topo.
Se tentar dizer alguma coisa, será imediatamente acusado de “incitar” uma parte dos cidadãos a “odiar” os outros cidadãos; que você “perturba a harmonia social” e o “sangue fraterno” em que os romenos sempre viveram com a “pacífica população judaica”; que não somos

bons “cristãos” para Jesus Cristo disseram: “Ame o seu próximo, mesmo aquele que te faz mal...” etc.
Se você proferir uma única palavra, será preso como “inimigo da segurança do Estado” e como incitador da “guerra civil”. Você é insultado e até espancado. Eles controlam as autoridades e você deve ficar parado e assistir a toda a tragédia do seu povo. Seria melhor que Deus nos cegasse para que não vejamos mais com os nossos próprios olhos; então não saberíamos de nada. "

Meu sangue ferveu em minhas veias e me ocorreu novamente a ideia de pegar uma arma, ir para as montanhas e começar a atirar impiedosamente contra bandos de inimigos e traidores, se as autoridades romenas e as leis da Grande Romênia puderem tolerar tais crimes contra a nação .
A Roménia, a sua honra e o seu futuro, e se estas leis e autoridades esgotadas a privaram de qualquer esperança de justiça e salvação.
Voltei para Iasi com o coração dolorido, oprimido pelo fardo que essas pessoas carregam.

Quão terrível é a alienação da classe dominante de um povo, da sua classe política e cultural!
Literatos e escritores dedicam seus esforços a todos os tipos de tópicos irrelevantes. São publicados livros e livros que enchem as vitrines das livrarias.
Qual será o veredicto do futuro em relação a estes homens, se para uma tragédia histórica como a do Moti, que se desenrola sob os seus olhos, eles não encontraram uma única palavra de protesto que pudesse também servir de sinal de alarme para o pessoas atordoadas, por que toda a literatura escandalosa que entorpece você e obscurece sua vida e seu futuro?

Sob que luz deve a nação olhar para estes escritores e estudiosos, cuja missão mais sagrada é precisamente a de denunciar os perigos que ameaçam o seu ser moral e físico e de iluminar o caminho para o seu futuro? E como será considerada aquela classe política de “oradores” no Parlamento ou em qualquer outro lugar, que abandonaram o seu dever mais elementar de zelar pela vida e pela honra da nação?

Quando eu descia do trenzinho de Bistra para Turda, o diretor da serraria de Bistra também entrou no mesmo compartimento; um judeu gordo, mal contido pelas roupas que davam a impressão de uma vida abundantemente vivida. Não acredito que alguém como ele tenha sentido fome na vida, nem sequer uma vez. Um jovem mais ou menos da minha idade também entrou no compartimento na parada seguinte. Desde o primeiro momento percebi que eram amigos que se davam muito bem e que o jovem era romeno. O judeu serviu-se de café de uma garrafa térmica e tirou algumas fatias de bolo de um pacote. Ele começou a comer; Observei o apetite de um lobo. Ele começou a engolir em seco antes de perceber que não havia convidado seu amigo para participar, então o fez imediatamente. O jovem pegou um pedaço de bolo e uma xícara de café e começou a comer com bastante timidez, demonstrando gratidão e respeito ao judeu rico pela “atenção” que lhe estava sendo demonstrada. Eram cerca de cinco horas da manhã, ainda não totalmente claro, da sexta-feira anterior à Páscoa: Sexta-feira Santa.

Infelizmente, me perguntei:

“Quem, eu me pergunto, é esse jovem romeno canalha que, neste dia em que todo o mundo cristão jejua, come bolo ao lado do judeu, o torturador dos romenos?”

Pela conversa deles, descobri que ele era engenheiro florestal. O judeu mostrou uma inclinação compulsiva para falar. Ele falava e brincava continuamente. Aí ele produziu uma vitrola e começou a tocar discos, tudo neles mais indecente. Sentei-me num canto do compartimento e ouvi sem dizer uma palavra, olhando pela janela.
O dia estava começando a raiar e pude ver, no

Machine Translated by Google

estrada paralela à ferrovia, uma longa fila de carroças puxadas por cavalos na frente de cada , e assim por diante uma, um homem Moti caminhando tranquilo e triste. Carregados de carvão, dirigiram-se ao mercado de Turda, a 65 quilómetros de distância, para vender e comprar, não roupas ou brinquedos novos, mas alguns quilos de comida para levar para casa para as crianças, pois era época de Páscoa. Essa é a única alegria que eles poderiam trazer aos seus filhos.

Meu coração geme de dor e ansiedade. Não basta que esses ladrões roubem o seu pão; também profanam, insultam, nesta Sexta-Feira Santa, a vossa pobreza e a vossa fé. Eles passam, cantando e amaldiçoando, por essas estradas de sofrimento milenar que - por respeito ao sofrimento e à dor humanos - nenhum homem deveria trilhar, exceto no mais profundo silêncio e decência, com a cabeça descoberta diante das pessoas famintas e esfarrapadas que marcham sob o ruína. do seu destino impiedoso. Quando amanheceu, nossos olhos se encontraram, os do jovem e os meus. Pude ver que ele me reconheceu. Inquieto, ele perdeu

compostura. Eu o reconheci também. Em 1923, eu o via como um estudante nacionalista cristão. Ele estava na vanguarda de um grupo de estudantes demonstrando, cantando.

“E esmagaremos os judeus sob nossos
calcanhares, ou morreremos
gloriosamente”, etc.

Refleti cheio de amargura. "Se todos os jovens que lutam forem assim amanhã, então este nosso povo deverá morrer; através da conquista judaica, inundações, terremotos ou dinamite - não importa qual - mas eles deverão perecer."

O VERÃO DE 1929

Duas marchas foram organizadas neste verão, uma com jovens das “Irmandades da Cruz” de Galati e Focsani e outra com os legionários.
Queria levá-los pelos caminhos que tantas vezes percorri, passar o máximo de tempo possível com eles, observá-los e estudá-los, bem como mostrar-lhes as belezas do nosso país, desta vez como de todas as futuras marchas que Devo realizar, tentarei desenvolver nos jovens legionários antes de tudo a sua vontade, para longas marchas em que todos carregarão cargas pesadas pela chuva, pelo vento, pelo calor ou pela lama; em formação e em passo, sendo proibido falar durante horas; através de uma vida espartana, dormindo em florestas, comendo comida simples; pela obrigação de serem severos consigo mesmos em todos os aspectos, a começar pelo porte e pelos gestos; criando para eles obstáculos que teriam que superar, como escalar pedras enormes, atravessar riachos.

Eu estava tentando transformá-los em homens obstinados que pareceriam diretos e masculinos diante de qualquer dificuldade. Portanto, nunca permiti contornar um obstáculo; teve que ser superado.

No lugar do homem fraco e derrotado, que se curva a cada vento que passa, um tipo agora predominante na vida política e nas profissões, devemos criar para este povo um conquistador, inflexível e destemido.

Ao instruí-los em comum, procurarei, por outro lado, desenvolver um espírito de corpo, um sentido de unidade. Tenho notado que a instrução comum tem uma grande influência. o intelecto e a psique de um homem, dando ordem e cadência à sua mente desordenada e sentimento anárquico. Ao impor medidas punitivas, procurarei, em última análise, desenvolver um sentido de responsabilidade e a coragem para assumir a responsabilidade pelas suas ações. Não há nada mais nojento do que o homem que mente e se esquiva de suas responsabilidades.

Eu regularmente, sem exceção, castigo qualquer infração. Puni um jovem em Vatra-Dorhei por causar distúrbios num parque público.

Machine Translated by Google

Algo mais grave aconteceu em Dorni Cozanesti, não tanto em si, mas como uma indicação do estado de espírito que o caso revelou. Quatro jovens dirigiram-se a uma taberna judaica, pediram sardinha, pão e vinho e, depois de comerem bem, levantaram-se. Em vez de pagar a conta, um deles brandiu heroicamente um revólver, ameaçando a vida do judeu se ele gritasse, porque - acrescentou - eram da casa de Corneliu Codreanu.
grupo.

Eu o puni. Se eu não tivesse feito isso, teria sido este jovem - e não o judeu de quem uma lata de sardinha foi roubada - quem teria se destruído moralmente. Na verdade, entre os legionários, a punição não pode causar ressentimento, pois todos somos falíveis. No nosso conceito, punição significa que um homem de honra deve corrigir o seu erro. Uma vez cumprida a punição, o homem é libertado do seu fardo como se nada tivesse acontecido. Na maioria dos casos, esta punição assume a forma de algum trabalho. Não porque a obra tenha o caráter de uma condenação, mas porque oferece a oportunidade de corrigir, por meio de uma boa ação, o mal cometido. É por isso que o legionário receberá e cumprirá o castigo com serenidade.

A DECISÃO DE IR ÀS MASSAS

8 DE NOVEMBRO DE 1929

Mais de dois anos se passaram desde que a Legião foi criada. Nossos ninhos se multiplicaram por todo o país. Sentiu-se agora a necessidade de fortalecer o movimento, aproveitando e estimulando o funcionamento destes pequenos núcleos. A única forma legal de trazer medidas nacionais para a solução do problema judaico era através de vias políticas. Isto pressupunha contato com as massas em geral. Bom ou mau, este foi o método que a lei nos disponibilizou e que mais cedo ou mais tarde teremos de seguir. Com Lefter e Potolea marcamos a primeira reunião pública do
legionário em Tg. Beresti, no condado de Covurlui, no norte do país, em dezembro. A decisão foi tomada em 8 de novembro, quando um novo grupo de legionários de todo o país fez os votos no aniversário do santo padroeiro da Legião.

Ao mesmo tempo, enviei Totu para o condado de Turda onde, juntamente com Amos Horatiu Pop, intensificaria a propaganda legionária e também organizaria uma reunião.

15 DE DEZEMBRO DE 1929

Na noite de 14 de dezembro estive em Beresti. Lefter, Potolea, Tanase Antohi e outros estavam me esperando no armazém. A cidade mercantil de Beresti é um verdadeiro ninho de vespas judias; casas e lojas lotadas. A única rua passa pelo meio da cidade, com lama até os tornozelos, e nas laterais, algumas calçadas. Eu deveria ficar na casa de Potolea.

Na manhã seguinte, o procurador de Galati e um chefe da polícia vieram dizer-me que eu não estava autorizado a realizar a reunião.

Eu disse a eles: "O

proibição que você está me confrontando não é correta nem legal. Qualquer pessoa tem o direito de realizar reuniões neste país, alemães, húngaros, turcos, tártaros, búlgaros, judeus. certo? Sua medida é arbitrária; sendo ilegal, não vou obedecer, devo realizar a reunião a qualquer momento
"
custo.

Finalmente, depois de alguma discussão, aprovaram que eu realizasse a reunião, com a condição de não causarmos qualquer perturbação.
O que devo fazer?
Que tipo de interrupção? Invadir a casa das pessoas? esse foi meu primeiro

Machine Translated by Google

reunião pública. Não estava eu totalmente determinado a mantê-lo em perfeita ordem e assim reter o privilégio de manter outros?
Na hora marcada, um número muito pequeno de pessoas, quase uma centena, reuniu-se.
Aprendi com eles que muito mais pessoas gostariam de vir, mas foram impedidas de deixar as suas aldeias. A reunião inteira durou apenas cinco minutos.
Lefter falou um minuto, Potolea outro e eu o resto. Eu disse: "Viemos fazer uma manifestação, mas as autoridades impediram à força a vinda dos nossos homens. Contra todas as ordens, farei dez manifestações! Deixe alguém me trazer um cavalo e eu cavalgarei de aldeia em aldeia por todo o distrito de Horincea ."

Na verdade, em meio a toda aquela lama, o único meio de locomoção era o cavalo.
Duas horas depois, um cavalo foi trazido e eu fui embora. Depois de mim, a pé, veio Lefter com outros quatro legionários. Chegamos à primeira aldeia, Meria. Ali, no adro da igreja, em questão de minutos, todos estavam reunidos - homens, mulheres e crianças. Disse apenas algumas palavras e não delineei nenhum programa político: "Vamos todos unir-nos,
homens
e mulheres, para traçarmos outro destino para nós e para o nosso povo. A hora da ressurreição e da libertação romena aproxima-se.
Aquele que acredita, aquele que lutará e sofrerá, será recompensado e abençoado por Tempos novos e secos estão batendo às nossas portas! Um mundo, com alma este povo, infértil morrendo e outro está nascendo, pertencente a quem está cheio de fé. “Neste novo mundo, todos terão o seu lugar, não com base na sua escolaridade, inteligência ou conhecimento, mas sobretudo de acordo com a sua fé e caráter”.

Então continuamos. A menos de cinco quilómetros, chegamos a Slivna.
Estava ficando escuro. Porém, as pessoas me esperavam com velas acesas. Um ninho de legionários liderados por Teodósio saiu ao encontro

eu na periferia da aldeia. Eu falei isso aqui também. Depois seguimos para Comanesti, o ninho de legionários de Slivna liderando o caminho. Eram estradas pelas quais eu nunca havia percorrido antes. Também aqui as pessoas me esperavam com lanternas e velas, enquanto os jovens cantavam. As pessoas me recebiam com alegria, independentemente do grupo a que pertenciam. Éramos estranhos, mas parecia que éramos amigos há muito tempo.
As inimizades desapareceram. Éramos todos uma só alma, um só povo. Na manhã seguinte retomei minha caminhada. Mas desta vez eu não estava sozinho. Três outros pilotos me perguntaram se poderiam vir. Nos limites da aldeia vizinha, Ganesti, paramos na casa de Dumitru Cristian. Ele era um homem de cerca de 40 anos, com porte baiduc e um par de olhos escondidos sob sobrancelhas grossas. Ele tinha sido um feroz lutador nacionalista desde as primeiras batalhas estudantis.
Agora, naquele exato momento, ele desatrelou os cavalos da carroça, selou um deles e veio conosco.

Logo nosso número cresceu com Dumitru e Vasile Popa, Hasan e Chiculita. À medida que íamos de aldeia em aldeia, o número de cavaleiros aumentava para vinte. A maioria tinha entre 25 e 30 anos, alguns com 35 ou 40 anos, a mais velha, Chiculita de Cavadinesti, tinha cerca de 45 anos.
Quando o nosso número aumentou tanto, sentimos a necessidade de uma insígnia distintiva, um uniforme. Na falta de algo melhor, todos nós colocamos penas de peru nos chapéus. E assim entramos nas aldeias cantando. Ele soava, enquanto cantávamos, os nossos cavalos trotando ao longo das cristas das colinas perto do rio Pruth, onde tantas vezes, há muito tempo, tinham passado e lutado contra os nossos antepassados, que eram as sombras daqueles que antigamente defenderam o território da Moldávia. Os vivos do presente identificados com os mortos do passado, éramos a mesma alma, a mesma grande unidade do romeno levada pelo vento sobre as cristas das colinas.
A notícia da minha chegada, transmitida oralmente, espalhou-se por todas as aldeias. Os aldeões estavam esperando por nós em todos os lugares. Todos que encontramos na estrada perguntavam: "Quando você vai vir até nós também? As pessoas esperaram por você ontem até tarde da noite."

Naquelas aldeias, enquanto cantava e falava ao povo, sentia-se penetrar nas profundezas indefinidas da alma onde os políticos com as suas plataformas emprestadas nunca poderiam descer. Ali, naquelas profundezas, mergulhei as raízes

Machine Translated by Google

do movimento legionário. Ninguém jamais será capaz de retirá-los. Quinta-feira foi dia de mercado em Beresti. Às 10 horas da manhã, cerca de 50 cavaleiros apareceram no topo da colina acima da cidade mercantil. De lá descemos para a cidade em formação, cantando.

Os habitantes da cidade acolheram-nos com grande entusiasmo. Os romenos deixaram os lares cristãos derramando baldes de água em nossa direção - um antigo costume, desejando-nos em nossas viagens a realização de todas as nossas esperanças.
Novamente entramos no pátio de Nicu Balan, onde deveria acontecer o primeiro comício. Havia mais de 3.000 pessoas neste momento. Não tivemos uma reunião.
Dei lembranças para alguns dos pilotos.

Dei minha piteira para Nieu Balan; feito na prisão de Vacaresti, Chiculita recebeu uma suástica. Lefter e Potolea foram nomeados membros do Conselho Supremo da Legião e Nieu Balan para o Estado-Maior do Condado de Covurlui; e Dumitru Cristian como líder dos legionários no Vale Horincea.
Este Vale Horincea, com seus lugares e gentes, permaneceu-me querido.
Depois de Focsani, ele continuaria a ser o segundo pilar mais forte do movimento legionário.

NA TRANSILVÂNIA, EM LUDOSUL-DE-MURES

Partimos para Ludos na sexta-feira antes do Natal, às 17h. Éramos quatro no caminhão: Radu Mironovici dirigindo, Emil Eremeiu, um conhecido, e eu. O tempo extremamente frio forçou o cancelamento dos trens. Naquela noite quase morremos de frio, apesar de termos enchido nosso caminhão com palha e nos coberto com ela. Percorremos a rota Iasi, Piatra-Neamt, Valea Bistritei, e às 4 horas da manhã chegamos ao topo dos Montes Cárpatos.

Chegamos a Ludosul-de Mures às 11h daquela véspera de Natal, depois de mais de 24 horas dirigindo. Aqui tivemos um bom descanso na casa de Amós. Fomos à igreja na manhã de Natal e depois visitamos a pequena cidade. Era maior que Tg.
Beresti; situado a cerca de 18 milhas a leste de Turda, a capital do condado. Esta cidade também está cheia de judeus, embora não atinja a percentagem de Beresti. Aqui

também Judas, estabelecido no mercado, espalhou a sua teia como uma aranha por toda a região romena. Os camponeses pobres serão apanhados nesta teia, rodopiando e atordoados, e depois sugados de todos os seus bens. Na manhã seguinte ao Natal partimos, a carrinha transportando dez legionários à frente, depois eu com vinte cavaleiros a cavalo - Amos, Nichita, Colceriu, Professor Mattei e outros, todos usando penas de peru nos chapéus. Na estrada, éramos olhados com curiosidade, pois as pessoas que encontrávamos não conheciam o nosso propósito.

Mas cavalgávamos como se estivéssemos investidos da mais alta autoridade, pois sentíamos que estávamos na natureza do povo romeno que nos ordenou que o fizéssemos. Em Gheta, os povos Gligoresti e Gura-Ariesului estavam reunidos em tão grande número quanto no Vale Horincea. Também aqui não delineamos qualquer programa político. Acabamos de vos dizer que viemos da Moldávia para reavivar a alma sofredora dos romenos, pois mil anos de escravidão, injustiça e sepultamento já tinham sido suficientemente longos.

A Grande Roménia foi realizada com muito sacrifício, mas parece que a dominação estrangeira e a antiga injustiça se estenderam a este lado do nascimento da Grande Roménia. Dez anos de administrações romenas não conseguiram curar as nossas feridas dolorosas, nem corrigir injustiças centenárias. Deram-nos uma aparência de unidade, mas a alma romena ainda estava dividida em tantos pedaços quantos fossem os partidos políticos. A ressurreição deste povo está fervendo no subsolo e em breve explodirá, iluminando com sua luz todo o nosso futuro e passado sombrio. Quem acreditar vencerá!

Machine Translated by Google

Mais uma vez tive a sensação de que estava descendo em seus corações. Embora estivesse a centenas de quilómetros da Moldávia, em regiões que durante séculos estiveram separadas de nós por fronteiras, também ali encontrei a mesma alma, exactamente a mesma que no vale de Horincea, perto de Pruth. A própria alma da nação, sobre a qual compreendi que nenhuma fronteira feita pelo homem jamais havia sido traçada, pois o mesmo fôlego fluía de uma ponta a outra da nação, do Dniester a Tisa, em total desrespeito às fronteiras feitas pelo homem, como assim como a água subterrânea flui sem levar em conta os obstáculos que o homem levantou na superfície.

Ali, nas profundezas, não encontrei partidos políticos, nem inimizades ou confrontos, de interesses, nem "desunião cega" de lutas fratricidas, mas apenas unidade e harmonia. No segundo dia depois do Natal, pegamos a estrada novamente. Tínhamos parado numa igreja no caminho para fazer uma oração em memória de Miguel o Valente*, de Horia e dos seus homens, e de lancu, para que também soubessem que percorríamos hoje os caminhos que, pelo amor do nosso povo, seus corpos foram torturados e dilacerados. era a festa de Santo Stefano; portanto acendi uma vela para o repouso da alma de Stefan, o Grande; através dele nosso povo alcançou a maior glória. Considero-o igual a Napoleão, Júlio César e Alexandre da Macedônia.

Não importa onde me levem os meus passos ou que batalhas tenha que travar, se acima de mim sinto a sombra de São Miguel Arcanjo e abaixo de mim a dos nossos vinte queridos mártires da família do movimento legionário, por minha direita, também irei sinta a alma de Stefan, o Grande, e sua espada.

NA BESSARÁBIA

Em 20 de janeiro de 1930 enviei Totu, Crang anu e Eremeiu,

*** Foi nas planícies de Turda que os húngaros assassinaram Miguel, o Bravo, Príncipe da Valáquia em 1601. Ele foi o primeiro governante a efetuar a unificação temporária da Valáquia, Moidávia e Transilvânia. (Trad.)**

com uma teta, na van, para o município de Tecuci, enquanto eu, no dia 25 de janeiro, estava novamente no vale de Horincea no meio dos meus cavaleiros. Na noite do dia 26, depois de passarmos por Rogojeni, entramos em Oancea. Em ambas as aldeias fomos recebidos calorosamente e com grandes expectativas. Fomos hospedados em Oancea pela família Antachi. No dia seguinte, segunda-feira, era dia de mercado em Cahul, na margem esquerda do Pruth.

Portanto, decidimos ir para a Bessarábia, onde os judeus eram mais numerosos e provocadores.

Em Cahul, como nas outras cidades comerciais de B.essarabian, o Judaísmo é comunista; não por causa do "amor ao povo", mas por causa do ódio ao Estado Romeno, que só com o triunfo do comunismo poderia ser derrubado e colocado sob o domínio da total dominação judaica. O triunfo do comunismo coincide com o sonho do Judaísmo de governar e explorar as nações cristãs em virtude da sua teoria do "povo escolhido" que está na base da religião judaica.

Naquela noite fizemos algumas cruzes de pano branco, com cerca de vinte centímetros de altura, que foram costuradas nos casacos dos cavaleiros. Recebi uma cruz de madeira para carregar. Às dez horas da manhã seguinte, atravessei o Pruth à frente de 30

cavaleiros, carregando a cruz contra o poder pagão que estrangulava a Bessarábia cristã. Depois de percorrer quase cinco quilômetros, entramos na cidade. Os cristãos saíram de suas casas e nos seguiram. Eles não nos conheciam, mas viram as cruzes brancas nos nossos casacos e as penas nos nossos chapéus. Caminhamos pelas ruas cantando:

"Acorde, acorde, seu romeno!"

Paramos na praça pública. Mais de 7.000 camponeses reuniram-se à nossa volta num instante. Nenhum deles sabia quem éramos e o que queríamos, mas

Machine Translated by Google

todos tiveram a premonição de que viemos salvá-los.
Comecei a falar com eles da mesma forma que fazia no Vale Horincea e em Turda. Mas dois minutos depois, Popov, um policial, acompanhado pelas autoridades locais, abriu caminho no meio da multidão e me parou:

"Não é permitido realizar reuniões públicas nesta praça..." "O povo romeno pode fazer isso em qualquer lugar."

As autoridades queriam impedir-nos de falar; as pessoas queriam nos ouvir.
“Meus bons” – disse-lhes – “é assim; a lei nos proíbe de fazer reuniões em praça pública. Vamos para a periferia da cidade ou para o pátio de alguém”.
Sinalizei para os cavaleiros e partimos para a periferia da cidade. Um cordão do exército deteve a multidão. Vários minutos depois, fui confrontado por um destacamento de soldados com baionetas, liderado por um coronel, o coronel Cornea. Ele sacou o revólver e apontou para mim: "Pare ou eu atiro!" ele disse. Eu parei.

- Coronel, por que você atiraria em mim? Eu não fiz nada de errado. Também carrego um revólver, mas não vim aqui para lutar contra ninguém, muito menos contra o exército romeno.

Discuti com ele por quase uma hora, mas tudo se revelou inútil. Fiquei ali sentado por uma hora, aceitando todos os insultos e ridicularizações que pude. Poderia ter-lhe respondido no mesmo tom de voz, ou ter lutado com ele, mas tive que reunir uma vontade de ferro, caso contrário teria caído numa situação mais triste, isto é, comigo mesmo, um nacionalista romeno, a lutar contra os meus próprios exército do país e sendo vigiado por judeus comunistas.

O coronel começou a bater em nós e nos nossos cavalos com o seu sabre e os soldados nos cutucaram com as baionetas; aí chegou o prefeito, desmontei e acompanhei ele até a prefeitura. Ele era um homem civilizado. O coronel também veio.
Eu disse a ele:

"Respeito sua posição; por isso não respondi. Mas não importa. Nos vemos na próxima segunda-feira, no mesmo lugar".
Então eu parti. Um sargento trouxe meu cavalo. Cristian e Chiculita me esperavam a pé no portão. Eles então trouxeram seus cavalos e voltamos por onde viemos, perseguidos por trás pela polícia e seguidos pelos olhares insultuosos dos judeus. Nos arredores da cidade encontramos o restante dos cavaleiros entristecidos pela derrota que havíamos sofrido. Um pouco mais adiante, alguns camponeses que haviam fugido da cidade nos perguntaram quem éramos.

"Volte e diga às pessoas que voltaremos na próxima segunda-feira. Todos os cristãos do condado deveriam ir para Cahul."
Levamos uma surra. Não estávamos com vontade de cantar. Estávamos voltando e ninguém disse uma palavra. Quando voltamos para Oancea, fizemos dez cartazes anunciando que segunda-feira, 10 de fevereiro, retornaríamos a Cahul. Estes foram enviados por cavaleiros para vários pontos do município. Em seguida, voltamos para Ganesti até a casa de Cristian, onde chegamos por volta da meia-noite depois de uma viagem difícil, como uma noite.

escuro, não podíamos ver dois passos à frente, açoitados de frente por uma chuva fria que açoitava nossos rostos e de trás pela lembrança de nossa dolorosa derrota.
Passei a noite na casa do Cristian e pela manhã parti para Beresti. Lá emiti uma diretriz aos legionários no vale de Llorencea, Galati, Iasi, Bucareste, Focsani e Turda, informando-os de nossa derrota em Cahul e dizendo que, como isso agora é uma questão de honra, devemos todos retornar para lá e vencer. ; eles devem comparecer lá no maior número possível, O local de encontro -Oancea, onde devem chegar o mais tardar na noite de domingo, 9 de fevereiro. Ao mesmo tempo, informei a equipe de Totu, Cranganu e Eremeiu, que na época estavam no município de Tecuci. Também escrevi uma carta ao meu pai pedindo-lhe que viesse nos ajudar. Os legionários arrecadaram algum dinheiro para mim e eu parti para

Machine Translated by Google

Bucareste para ver o Sr. Ioanitescu, subsecretário do Ministério da Administração Interna.

Contei-lhe o que tinha acontecido em Cahul e pedi autorização para realizar outra manifestação ali - um pedido legal - assumindo a responsabilidade de conduzir esta manifestação em perfeitas condições, desde que as autoridades não nos provocassem.
Após alguns esclarecimentos adicionais que me exigiu, o nosso comício foi aprovado. Não precisávamos de aprovação para tal manifestação, pois não era exigida por lei, mas eu queria estar coberto por permissão oficial para evitar qualquer possível interpretação tendenciosa da minha acção.

No domingo de manhã estive mais uma vez em Oancea. Lefter foi até Cahul para determinar o local de encontro com as autoridades.
Houve muita agitação em Cahul quando as autoridades souberam que milhares de camponeses de todo o condado se dirigiam a Cahul para a manifestação.

Dois caminhões chegaram durante o dia vindos de Focsani, os grupos liderados por Hristache Solomon e Blanaru; de Turda, Moga e Nichita; de Iasi, os legionários com Banea, Ifrim e Padre Isihie; de Galati, Stelescu com a Irmandade; um delegado estudantil de Bucareste; e Pralea com os ninhos de Foltesti.

Depois vieram a pé, ou em carroças e cavalos, os de Beresti e os legionários do Vale Horincea. Meu pai também veio. À noite, chegaram mais de 300 legionários; eles se alojaram em Oancea e mais continuaram chegando. Preocupado com a possibilidade de a ponte flutuante sobre o Pruth poder ser destrancada pelas autoridades para impedir a nossa travessia, despachei 30 legionários durante a noite para ocupar ambas as extremidades da ponte.

Na segunda-feira, às 8 horas da manhã, enviei uma equipa de 50 legionários sob o comando de Potolea a Cahul para policiar a manifestação. Entretanto, foram tentadas novas intervenções para nos impedir de prosseguir com a manifestação.
Isso era uma impossibilidade. Às 10 horas formamos uma coluna e começamos:

No primeiro grupo, 100 cavaleiros carregando uma bandeira, todos com penas nos chapéus, muitos com camisas verdes. Cada um tinha uma cruz de pano branco costurada no casaco. Éramos como alguns cruzados que marcharam em nome da cruz, contra um inimigo pagão, para libertar os romenos.

No segundo grupo vieram mais de 100 pedestres em coluna marchando com sua bandeira.

No terceiro grupo seguiam cerca de 80 carroças, com 4 a 5 homens em cada, a maioria pessoas de Oancea, carregando também uma bandeira.
Parecíamos um exército pronto para a batalha. Ao nos aproximarmos da orla de Cahul, um mar de cabeças descobertas veio ao nosso encontro, sem qualquer viva ou música, num impressionante silêncio de igreja, cavalgamos por entre aquela multidão de camponeses. Alguns deles estavam chorando.

Também a população camponesa da Bessarábia, desde a unificação da Roménia no final da Primeira Guerra Mundial, não sentiu qualquer melhoria na sua situação.
Pois, embora livre da ocupação russa, caiu sob o domínio dos judeus. Foi pura e simplesmente presa dos judeus.
Durante 12 anos ele foi explorado e sangrado pelos judeus comunistas, pior do que o regime mais tirânico conhecido na história alguma vez explorou qualquer sociedade humana.

As cidades e aldeias comerciais da Bessarábia são verdadeiras colónias de sanguessugas agarradas ao corpo exausto do campesinato.
E, epítome da falta de vergonha, estas sanguessugas ousaram disfarçar-se de combatentes contra a exploração do povo, contra o terror que oprime o povo.
Estes são então os comunistas da Bessarábia e da Roménia.

Além disso, essas sanguessugas, inchadas pelo sangue sugado dos romenos, mantêm a sua imprensa, da qual Adevarul ("A Verdade") e Dimineata ("A Manhã") são os principais jornais, no seguinte estilo:

Machine Translated by Google

“Nós (as sanguessugas!) Vivemos na melhor fraternidade e harmonia com o povo romeno.”
“Só alguns inimigos do povo, do país, alguns extremistas de direita querem estragar esta harmonia.

Havia mais de 20.000 camponeses na manifestação. Certamente este foi o maior encontro de pessoas que esta cidade viu desde o início, e tudo sem nenhum manifesto ou jornal para divulgá-lo. A manifestação foi conduzida de maneira muito solene. De um lado, os cavaleiros foram colocados em fila; do outro, a coluna dos legionários pedestres.

O campesinato ouviu com a cabeça descoberta. Não houve uma palavra, nenhum gesto que perturbasse esta solenidade. Desta vez, o Coronel Cornea não cumpriu o compromisso que lhe prometemos. Eu disse a este campesinato da Bessarábia - que, pelo que vi, esperava por uma palavra de consolo, e que veio a esta manifestação em números tão esmagadores, não instigados por mim, mas pelo seu grande sofrimento: "Para que não vos abandonemos à escravidão que agora o oprime; que ele era livre, senhor do fruto do seu trabalho, senhor da sua terra e da sua pátria; que se aproximava o amanhecer de um novo dia para o povo; que nesta luta que iniciámos, tudo o que esperança que os camponeses dessem seria fé - fé até a morte - e em troca eles receberiam justiça e glória"

Então falaram Lefter, Potolea, Banea, Ifrim, Padre Isihie, Victor Moga, Tarziu, Hristache Solomon. No final, meu pai falou durante duas horas com estilo e profundidade insuperáveis, e na linguagem do povo. Terminados os discursos, aconselhei os camponeses a regressarem às suas aldeias em perfeita ordem e sossego, avisando-os de que se acabássemos com esta imponente assembleia com o mínimo de desordem, estaríamos prestando um grande serviço aos judeus.

As pessoas queriam que fôssemos com elas. De todos os lados
nos desejavam: "Que Deus te ajude!"
Acompanhados pelo carinho destes camponeses, partimos para Oancea onde nos separamos. A partir desse momento da manifestação em Cahul, o meu pai aderiu ao movimento legionário.

Todos voltaram para casa em perfeita ordem. A nossa vitória foi grande, especialmente tendo em conta a forma pacífica e ordeira como a manifestação avançou e terminou. Mas os judeus de Cahul precisavam de um escândalo, de uma perturbação, de uma desordem a qualquer custo, para comprometer o nosso movimento e iniciar uma acção governamental contra nós.

Vendo que as pessoas estavam saindo pacificamente para suas casas, dois judeus, montados em segurança por seu rabino, quebraram as vitrines de uma de suas próprias lojas.
Se as autoridades locais e algumas pessoas não os tivessem apanhado em flagrante e os levado para a sede da polícia, a imprensa judaica da Rua Sarindar *, Dimineata ("A Manhã") e Adevarul ("A Verdade") teriam publicado manchetes como: “Grande devastação em Cahul”, “Quanto o país perde aos olhos dos estrangeiros!” etc.

Apresento este caso, aparentemente de menor importância por si só, devido à sua imensa importância para aqueles que desejam compreender e conhecer o sistema diabólico de luta dos judeus. Eles são capazes de incendiar uma cidade inteira para, transferindo a culpa para os seus adversários, comprometer uma acção que de outra forma levaria à solução final do problema judaico. Por isso alerto os legionários para não se deixarem provocar, porque só venceremos mantendo a mais perfeita ordem. A desordem, para nós, não significa conflito com os judeus, mas com o Estado. Mas é exactamente para isso que os Judeus querem nos empurrar, para um conflito permanente com o Estado. É por isso que, como o Estado é mais forte do que nós, se fôssemos embalados ou empurrados para um conflito com o Estado, seríamos esmagados; e eles permaneceriam espectadores imparciais.

Meu cachorro Fragu me recebeu no portão quando voltei para Iasi; Tenho-o desde 1924, uma testemunha de todas as minhas provações e lutas desde então.
Em Iasi cuidei de todos os assuntos atuais de organização, correspondência com ninhos, que Banea - o chefe da correspondência legionária - me apresentou em perfeita ordem.

***** Sarindar St. iri Bucareste é onde estão localizadas as assessorias de imprensa e editoras judaicas. **(Trad.)**

Machine Translated by Google

Banea começou a entender muito bem minha maneira de ver as coisas nos dois anos de correspondência, então ele mesmo poderia resolver muitas questões durante esse período em que eu raramente ia a Iasi.

NA BESSARÁBIA DE NOVO

Só consegui ficar em casa uma semana, porque os camponeses da Bessarábia enviaram delegados, cartas e telegramas, pedindo-me que fosse até eles. Não se pode imaginar as esperanças que depositaram neste nosso movimento e a sua fé. Durante duas semanas após a manifestação em Cahul, as notícias dos legionários espalharam-se como um raio entre todos os cristãos no sul da Bessarábia; de aldeia em aldeia até às margens do Dniester; isto é, a notícia do início da libertação da escravidão judaica inflamou os corações dos camponeses pobres.
Até então, depositavam as suas esperanças no Partido Camponês, acreditando que quando este partido chegasse ao poder, eles, os camponeses, receberiam justiça. Mas depois de oito anos de dificuldades, lutas, esperanças nesta festa, descobriram algo assustador para as suas almas: que tinham sido traídos, espancados; que por trás do nome do Partido Camponês se escondiam interesses judaicos; a festa do “Camponês romeno com cabelos judaicos”*, como o professor Cuza o batizou.

Alguém foi tomado de angústia ao ver a fé em seus corações tão esmagada, quando depois de oito anos puderam ver que sua boa fé havia sido traída.
Voltei novamente a Beresti e de lá de carro até Rogojeni, nas margens do Pruth, onde fui aguardado por mais de 200 cavaleiros liderados por Stefan Moraru e Mos Cosa.
Eles vieram de todas as aldeias vizinhas.
“Marcharemos até o Dniester”, disse um deles.
''Sim! Vamos marchar'', respondi.
Foi então que me ocorreu a ideia de realizar uma grande expedição pelo sul da Bessarábia, de Tighina a Cetatea-Alba. Em Iasi, o pensamento perturbava-me constantemente: como poderíamos cruzar a Bessarábia até ao Dniester? Havia uma grande dificuldade: qual a melhor forma de proceder para que as autoridades não se oponham a nós, para evitar o combate ao Estado, ao exército?

Ocorreu-me que se eu lançasse uma nova organização nacional para combater o comunismo judaico, uma organização que incluísse “A Legião de Miguel Arcanjo” e quaisquer outros grupos de jovens não afiliados a qualquer partido político, poderíamos conseguir entrar na Bessarábia. . Que nome devemos dar a esta nova organização? Discuti esse assunto com os legionários no saguão de nossa casa.

Alguns disseram: “A Falange Anticomunista”, outros propuseram outros nomes.
Cranganu disse: “O PROTETOR DE FERRO!” ''Deixe estar!''
Agora começamos a preparar esta ação anticomunista apoiada também pelos trabalhadores. Na verdade, por “acção anti-comunista” não quero dizer acção “anti-trabalhador”; quando digo “comunistas”, quero dizer judeus. Para obter autorização para entrar na Bessarábia e assim evitar possíveis problemas com as autoridades locais, tive uma audiência alguns dias depois com o Sr. Vaida-Voevod, então Ministro do Interior. Ele foi o segundo político de alto escalão que consultei.
Lonel Bratianu foi o primeiro. Ele me manteve lá por três horas. Percebi que ele estava mal informado tanto em relação ao nosso movimento quanto ao problema judaico, que ele não conhecia à sua verdadeira luz. Ele nos confundiu com alguns jovens indisciplinados empenhados em resolver o problema
quebrando janelas. Expliquei-lhe então como vemos o problema dos judeus; como consideramos que este é um problema de vida ou morte para todos os
romenos; como o seu número é esmagador e inadmissível; como destruíram a classe média e as cidades romenas. Contei-lhe qual era a proporção entre cristãos e judeus em Balti, Chisinau, Cernauti, Iasi; o perigo que representam nas nossas escolas, ameaçando a alienação da classe dominante romena e a falsificação da nossa cultura.

Também expliquei a ele a forma como vemos a solução para esse problema. Ele entendeu desde o início o que eu estava falando. Mas embora um homem de sua estatura compreendesse prontamente a essência do assunto, ainda assim acredito que ele nunca será capaz de nos compreender completamente, pois esse é o caso.

*

As costeletas se estendiam em longos cachos em forma de saca-rolhas. **(Trad.)**

Machine Translated by Google

natureza das coisas; os olhos de 1890 já não veem como os de 1930. Há apelos, urgências, comandos silenciosos que só os jovens ouvem e compreendem porque são dirigidos apenas a eles. Cada geração tem sua própria missão na vida. É por isso que, talvez, ele não confia completamente em nós.

Obtive aprovação para a nossa marcha para a Bessarábia, depois, é claro, de assumir a responsabilidade pela manutenção da ordem completa. Vários dias depois, lancei um manifesto dirigido a todos os jovens do país.

PROBLEMAS EM MARAMURES

Enquanto isso, uma grande turbulência eclodiu em Maramures. Este é outro canto do solo romeno onde a morte abriu as asas. Lá, os judeus invadiram aldeias, impuseram o seu controle sobre campos, montanhas e currais de ovelhas. Os romenos, num estado de quase escravatura, recuam passo a passo perante esta invasão judaica e morrem gradualmente, deixando as propriedades que herdaram de Dragos Voda nas mãos dos invasores.
Nenhum governo demonstra mais interesse neles, nenhuma lei os protege.

Foi no início de junho de 1930 que uma carroça puxada por dois cavalos parou no portão da minha casa em Iasi. Dele descendiam dois padres, um camponês e um jovem.

Pedi-lhes que entrassem. Eles se apresentaram, o padre ortodoxo Ion Dumitrescu, o padre greco-católico Andrei Berinde e o camponês Nicoara.
“Viemos de carroça de Maramures. Já estamos na estrada há duas semanas; somos ambos padres em Borsa, um greco-católico, o outro ortodoxo. Não podemos mais suportar a desgraça dos romenos Maramures. Escrevemos memorando após memorando que enviamos a todos, ao Parlamento, ao governo, aos ministros, à Regência, sem resposta de nenhum deles. Não sabemos mais o que fazer. Viemos de carroça até Iasi para pedir aos estudantes romenos que não nos abandonassem à nossa sorte. Falamos em nome de milhares de camponeses desesperados em Maramures. Nós somos seus sacerdotes. Não podemos fechar os olhos para o que vemos. Nosso povo está morrendo e nossos corações estão partidos pela dor.
"

Recebi-os durante alguns dias e disse-lhes: "A única solução
que vejo é organizá-los e tentar elevar a sua moral. Eles devem saber que não estão a travar esta batalha sozinhos; que estamos atrás deles, estamos a lutar por deles, e que o destino deles depende da nossa vitória.", Por fim, enviei Totu e Eremeiu para organizá-los; e mais tarde Savin e Dumitrescu-
Zapada. Milhares de camponeses de Borsa e de todos os vales montanhosos candidatavam-se à nossa organização.
Os judeus, percebendo o perigo de um renascimento romeno, começaram a provocar o povo. Vendo que suas táticas haviam falhado, recorreram a meios infernais. Atearam fogo a Borsa, culpando os romenos por isso. Os jornais judeus começaram imediatamente a gritar, exigindo medidas fortes contra os romenos que, segundo eles, preparavam pogroms. Os dois padres foram atacados por judeus, insultados, espancados e depois perseguidos durante vários quilómetros e apedrejados.

Finalmente, os dois foram presos como “agitadores” e lançados na prisão em Sigherul Marmatiei.
Savin e Dumitrescu-Zapada e vários camponeses importantes também foram presos. Totu e Eremeiu também foram detidos em Dorna e encarcerados na Prisão Campul-Lung. Adevarul ("A Verdade") e Dimineata ("A Manhã") lançaram um verdadeiro canhão de mentiras e calúnias sobre os padres e outros prisioneiros. Todos os protestos, telegramas, memorandos, etc. permaneceram infrutíferos, pois foram abafados pelos gritos, barulho e pressões dos judeus.

A MARCHA PARA BESSARABY É PROIBIDA

Tendo em vista a marcha que íamos fazer, emiti uma “ordem de marcha” que imprimi em “A Terra Ancestral”.

Extraio dele:

Machine Translated by Google

“Camaradas, 1.

Atravessaremos o Pruth ao som do antigo hino de unidade romeno: 'Venham, vamos dar as mãos, aqueles de coração romeno.'

2. A marcha durará um mês.

3. Formaremos sete colunas poderosas, separadas por 14 milhas.

4. A travessia de Pruth será feita em sete pontos, a coluna do flanco direito visando chegar a Cetatea-Alba; a coluna do flanco esquerdo, Tighina.

5. O modo de avanço será marchar a pé de Pruth ao Dniester.

6. A data de partida, 20 de julho pela manhã. Atravessando o Pruth em uma hora a ser anunciada.

Quando os judeus souberam do nosso plano de entrar na Bessarábia para despertar a consciência dos romenos, a imprensa judaica lançou um ataque de furacão contra nós. Calúnias, mentiras, incitações passaram por nossas cabeças incessantemente durante um mês inteiro.

Estes ataques foram dirigidos em igual medida contra o Sr. Vaida. Os judeus exigiram que o Sr. Vaida foi imediatamente rebaixado ao Ministério da Administração Interna, na verdade "jogado ao mar" porque se atreveu a permitir que nós, jovens romenos, entrássemos na Bessarábia para levar aos nossos pais e irmãos através de Pruth uma palavra romena de consolo e esperança.

A Bessarábia foi entregue econômica e politicamente ao domínio absoluto dos judeus. Qualquer esforço para a emancipação romena, qualquer menção a este domínio negro foi considerado um crime.

Sob a pressão de ataques e intrigas da imprensa judaica, a marcha para a Bessarábia foi proibida apenas no dia em que legionários de todas as partes partiram em direção a Pruth.

Na ocasião, escrevi o seguinte protesto que distribuí por toda a capital:

A LEGIÃO DO ARCANJO MICHAEL
"O PROTETOR DE FERRO"

UM REMÉDIO E UM AVISO

ROMANOS DA CAPITAL,

"A marcha da 'Guarda de Ferro' que aconteceria na Bessarábia foi interrompida. Os inimigos de uma Romênia saudável e poderosa triunfaram. Durante um mês inteiro na Rua Sarindar, pequenos judeus de Lupta ("A Luta"), Adevarul ("A Verdade"), Dimineata ("A Manhã"), esses envenenadores da alma romena, ameaçaram, insultaram, esbofetearam as nossas almas, aqui na nossa própria terra. que podiam compreender os interesses superiores do nosso país, e tornaram-se censores indesejados de todos os seus atos administrativos.

Em Turda, exigiram que o governo parasse a nossa manifestação, alegando que a Transilvânia estava a ser incendiada; em Cabul esta revolução “estava a ser iniciada na Bessarábia; em Galati, que começariam massacres e pogroms. "Eles revelaram-se provocadores desprezíveis em todos os casos, pois a Legião mantinha ordem e disciplina perfeitas em todos os lugares." Fomos hoje em direção ao Dniester para virar o rosto da Bessarábia para Bucareste: “Mas isso não agradou a estes mercenários do comunismo.

A Bessarábia deve continuar a ser vítima do bolchevismo e olhar para Moscovo para que possa continuar a aterrorizar, através da província entre o Pruth e o Dniester, toda a vida política da Roménia.

ROMANOS,

O sistema político venal e perverso, esse bichano que infecta as nossas vidas, ajuda-os e encoraja-os - por interesse eleitoral mesquinho e egoísta e por um espírito degradante de servilismo - no seu trabalho de desmembrar o nosso país e alienar a nossa terra ancestral. Foi este interesse egoísta e este espírito que colocou a Roménia, durante os últimos 60 anos, nas mãos de estrangeiros.

Machine Translated by Google

Olha, hoje os mártires de Maramures e Bucovina começam a se mover! Choram ao longo de suas estradas sobre a amargura da escravidão em que foram lançados pela traição de todos os líderes do país; não que tenham sido esquecidos por eles, mas que foram vendidos.

“Não lhe parece pelo menos estranho que não se tenha encontrado neste país nenhuma voz que lhes chegasse com uma palavra de consolo? E não lhe parece pelo menos uma vergonha reduzir todo o caso de Maramures ao 'instigadores' Nicolae Totu e Eremeiu? A culpa é deles? E os políticos que durante 12 anos enganam diariamente esses camponeses de Maramures, não são os culpados? E as centenas de milhares de judeus errantes que atacaram Eles gostam de gafanhotos para tirar a terra eles herdaram de seus ancestrais e para escravizá-los, não são esses instigadores e provocadores E os senhores da Rua Sarindar que ridicularizam nosso orgulho de sermos senhores em nosso próprio país, não são provocadores?

ROMANOS,
Aqui está um exemplo típico do qual se pode ver a real causa dos 'distúrbios' em Bucovina e Maramures, "Universul ("O Universo") de 17 de julho de 1930 publicou a seguinte estatística: 'Em Cernauti., Crianças em idade escolar nas escolas primárias: 12.277, dos quais 3.378 são apenas romenos (meninos e meninas), enquanto os restantes são estrangeiros.' Que outra prova do domínio do elemento romeno na parte norte da Roménia é necessária para que a alma do povo romeno fuja desta invasão massiva e assassina?

Vocês o denigrem, caluniam, ofendem-no dizendo que ele se levanta para pedir um pão por causa da sua “situação económica precária”, quando na verdade ele se levanta corajosamente para defender a sua própria existência nas fronteiras do norte.

Por que nenhum político se apresentou para contar a verdade a Sua Majestade?

SEU

ALTEZA Esses desgraçados não pedem pão, exigem justiça! Eles exigem a libertação da alma romena à beira da morte porque está sendo sufocada em Maramures e Bucovina, 'Fbey exige que sejam tomadas medidas contra centenas de milhares de judeus, empanturrados, rotundos e mordendo como vermes, que os desafiam diariamente em a sua pobreza, sendo protegidos por todas as autoridades locais romenas.

JORNALISTAS DA RUA CAVALHEIROS DA RUA
SARINDAR É claro que os romenos sabem muito bem que este problema não será resolvido por manifestações violentas; mas, tendo atingido o limite da sua resistência, desejam impor uma liderança romena à Roménia; para fazer cumprir a legislação romena, leis para a protecção do elemento romeno na Roménia.
Talvez você espere que, através de seus contínuos insultos com os quais feriu nossas almas romenas, um dia me veja à frente dos santos rebeldes de Maramures? É melhor você saber que naquele instante sua última hora chegou!
De qualquer forma, se você acha que as leis existentes são inadequadas para acalmá-lo, declaro que tenho poder suficiente para colocá-lo no seu lugar e fazê-lo entender em que país você mora.

Se você não se acalmar, vou convocar contra você todos os vivos neste país, determinados a lutar com todas as armas que minha mente puder imaginar.

ROMANOS,
Uma Nova Roménia não pode nascer nos bastidores dos partidos políticos, tal como a Grande Roménia não nasceu dos cálculos dos políticos, mas sim nos campos de batalha de Marasesti e nos vales profundos sobre os quais os canhões choviam aço.
Uma Nova Roménia não pode nascer senão através da batalha; o sacrifício de seus filhos.
É por isso que não me dirijo aos políticos, mas sim a você, soldado! Erguer! A história te chama de novo! Como vai você. Com o braço quebrado, Com a perna fraturada, Com o peito crivado de balas.
Deixe tremer o impotente e o irnecil. Você, corajosamente se envolva na batalha.

Em breve 'A Guarda de Ferro' irá convocá-lo para um grande comício em Bucbarest para defender

Machine Translated by Google

Maramuresanos, os filhos de Dragos-Voda e dos Bucovinanos, os filhos de Estêvão, o Grande e do Santo.

Escrevam em suas faixas: 'Os estrangeiros nos invadiram', 'A imprensa alienada nos envenena', 'O sistema político nos mata'.

Soem suas trombetas em alarme. Explodi-los com todas as suas forças.
Neste momento, quando o inimigo nos invade e os políticos nos traem, os romenos rugem com apreensão como antigamente nos caminhos das montanhas em tempos de tempestade.

PÁTRIA! PÁTRIA! PÁTRIA!

Corneliu Zelea-Codreanu

chefe da legião

A TENTATIVA DE VIDA DO MINISTRO ANGHELESCU

Na noite do dia em que meu manifesto foi publicado, eu estava no centro estudantil conversando com vários estudantes. O jovem Beza apareceu. De repente, ele arrancou a insígnia da organização "Vlad Tepes*" à qual pertencia, jogou-a fora e disse: "De agora em diante não terei mais nada a ver com 'Vlad Tepes'; este gesto de sua parte não impressionou Eu. Primeira Liga “Vlad Tepes” parecia carecer de , porque o seriedade, principalmente aos jovens desta liga, de cuja existência duvidei desde o início.

Vários minutos depois, este jovem voltou à nossa discussão, dizendo que gostaria de se tornar um legionário se eu não tivesse objeções. Minha resposta vaga evitou uma recusa direta. O dogma do Legionário impõe reservas a qualquer novo que queira ingressar na Legião, e isto se aplica particularmente ao presente caso. Várias semanas antes, eu tinha visto Beza num pequeno restaurante, onde ele me perguntou se não seria aconselhável atirar em Stere*. Além disso, não o levei a sério.

Ao sair, ele me pediu para passar a noite em sua casa. Eu recusei. Em vez disso, passei a noite com os estudantes de medicina. No dia seguinte, por volta do meio-dia, ouvi os vendedores ambulantes de jornais: “Atentado contra a vida do Ministro Anghelescu!” Quem? Beza. Como? Ele disparou vários tiros, atingindo superficialmente a vítima.

Por que? Eu não sabia. Ao perguntar, descobri que havia surgido um conflito entre os macedônios e Anghelescu sobre a Lei de Nova Dobrogea. Nunca conheci ** que violou os interesses romenos naquela província. EU Anghelescu. Dois dias depois, fui convocado pelo juiz que preparava o caso.
Manifestos da "Guarda de Ferro" foram encontrados em Beza. Declarei que não tinha conhecimento nem ligação com esta tentativa, nem sabia o seu motivo. Eu fui liberado. Quando saí, estava pensando em como o infortúnio pode facilmente atingir um homem.

Se eu tivesse aceitado o convite de Beza para dormir em sua casa, teria me tornado o autor moral de sua criação. Quaisquer argumentos apresentados para me defender teriam sido rejeitados. Principalmente tendo em conta que esta tentativa coincidiu com a negação da nossa marcha para a Bessarábia.

Para minha grande surpresa, no dia seguinte li a manchete de meia página em Dimineata (“A Manhã”): “Corneliu Codreanu marca a lei de Beza”. Fiquei atordoado.
Consequentemente, fui ver o juiz que me havia interrogado no dia anterior. “Meritíssimo, estou muito surpreso que tais informações incorretas possam ter origem em seu escritório a partir de um interrogatório secreto. Não relatei o ato de Beza.

Não cabe a mim fazer isso!"
"Eu não divulguei essa informação. Isto é uma invenção da imprensa."

Então eu disse a mim mesmo: "Devo me permitir ser insultado pela imprensa judaica? Mesmo que eu conhecesse Beza há tão pouco tempo, mesmo que não tivesse nenhuma ligação com ele, ninguém poderia me forçar a fazê-lo." ser

***** Grigore Philippi nomeou seu partido como Vlad para indicar que seguiria a prática de Vlad, o Empalador, um governante da Valáquia do século 16 que empalava ladrões e súditos desonestos. **(Trad.)**

Machine Translated by Google

um canalha que se lança sobre ele, num caso como este, para condená-lo. Eu não quero fazer isso. Que ninguém mais faça isso além de mim, porque não sei o que está acontecendo e por causa do meu passado onde usei os mesmos sapatos, isso me impede de condenar os outros. Vou escrever outro aviso.

No mesmo dia imprimi um manifesto que distribuí pela capital:

O SEGUNDO AVISO

Porque a imprensa mais uma vez se atreveu a obscurecer a verdade, alegando que eu 'estiquei' o gesto de Beza, insisto em dar o seguinte esclarecimento: “Se o Ministro Anghelescu pode ter motivos para se defender, acredito que o jovem Beza tem pelo menos tantos motivos , tanto nos tribunais como perante a consciência dos seus conterrâneos.

Declaro que não defenderei o primeiro marcando o segundo, mas defenderei o jovem Beza e a sua causa com todo o meu coração e todas as minhas forças.
Quanto a vocês, senhores da Rua Sarindar, escrevam na lista dos próximos assentamentos este segundo aviso. "

Corneliu Zelea-Codreanu

Como resultado destes dois avisos, a minha relação com o Sr. Vaida foi encerrada. O Sr. Vaida estava zangado comigo, mas não pude fazer outra coisa senão conforme ditava minha consciência. Chamado novamente pelo mesmo juiz, fui preso. E lá estava eu novamente no Maria Preta rumo ao presídio de Vacaresti. Na mesma van estavam outros sete jovens, aos quais me apresentei: Papanace, Caranica, Pihu, Mamali, Anton Ciumeti, Ficata e Ghetea.
Eles emitiram uma declaração de s (lidity com Beza, passei novamente pelos mesmos portões de sete anos antes com meus ex-companheiros, e coincidentemente fui colocado na mesma cela que então ocupava. Entrei na igreja no dia seguinte para ver o ícone de São Miguel de onde partimos, mas crianças sete anos antes.

Lá na prisão conheci bem aqueles Aromanianos* que vieram das montanhas Pind.
Eles exibiam alta cultura, boa saúde moral, eram bons patriotas, construídos para serem lutadores e heróis e dispostos a se sacrificar. Aí conheci melhor a grande tragédia dos macedo-romenos, esta filial romena que durante milhares de

*****
Os Aromanos ou Macedo-Romenos da Macedônia (Grécia) são Populações de língua Roynatiiana. (Trad.)

anos, sozinho e isolado nas suas montanhas, defendeu - com armas nas mãos - a sua língua, nacionalidade e liberdade.
Foi então que conheci Sterie Ciumeti*, que Deus escolheu para que a sua boa alma, pura como o orvalho, se tornasse, através da sua trágica tortura e morte, a maior mártir do movimento legionário da Roménia legionária.

Lá, nossos pensamentos e corações unidos para sempre. Doravante lutaríamos juntos por todo o nosso povo, desde Pind até através do Dniester.
Nenhuma quantidade de queixas, petições ou intervenções perante uma administração que tem sido surda a todos os problemas romenos aqui e no estrangeiro resolverá os problemas romenos em qualquer lugar sem uma nação cigana forte no controlo da sua própria casa. Nessa altura, estes romenos, espalhados fora das nossas fronteiras, serão trazidos de volta para a Roménia.
Pois o sangue de todos é necessário aqui, onde os romenos enfrentam a morte. E é bom notar que nesta luta os governos que abriram as portas do país a milhares de judeus, ao mesmo tempo não permitiram que os romenos de

Machine Translated by Google

fora para entrar.

Todas as forças ocultas estavam em ação, pressionando a justiça para garantir a minha condenação. Minha recente prisão e

a prisão em Vacaresti causou grande regozijo nas fileiras judaicas. Cada pequeno judeu travesso estava me atacando e insultando em todos os jornais. Para agradar aos judeus, até jornais romenos geridos por partidos políticos atacaram-me.

A data do meu comparecimento ao tribunal foi marcada. Comecei os preparativos necessários.
Eu estava esperando por Nelu Ionescu, que tinha

*

Preso na noite de 30 de dezembro de 1930, Steric Ciumeti, embora inocente do assassinato do Primeiro Ministro IG DUca, foi assassinado por três comissários de polícia e depois jogado nas águas geladas de Dambovita por ordem dos responsáveis, funcionários do Ministério. de Assuntos Internos. [@i, derramado, ele foi enterrado secretamente, para mais tarde ser desenterrado clandestinamente e enterrado novamente em circunstâncias ameaçadoras por representantes "não identificados" da ordem pública. Este crime ignóbil permaneceu impune, depois de ter b (@ i'ore tli (@ (, App ottrt (@als em Bucareste) um julgamento escandaloso onde foram exercidas as pressões ocultas e óbvias do governo liberal e do aparato policial, mesmo dentro do tribunal , sobre os jurados (entre os quais estava o Dr. Gheorghiu, o reitor da Universidade de Bucareste, o chefe do júri), a viúva de Clumeti e os advogados.(Tr.) me defendeu em todos

os julgamentos desde 1920, para chegar de Iasi. Minha defesa também foi acompanhada pelo Sr. Mihail Mora, por insistência dos estudantes.
Meu julgamento, como sempre, foi um ataque judeu tentando garantir minha condenação, por menor que fosse - exigiram os judeus de Adevarul ("A Verdade") - para que pudessem dizer que o movimento que lidero é anárquico porque utiliza meios ilegais de ação. Os corredores do Ministério da Justiça estavam cheios de judeus correndo de um lado para outro com intercessões de todos os tipos.

Contudo, a justiça romena, inflexível e destemida, absolveu-
me. Mas o promotor recorreu; portanto, continuei a ser mantido na
prisão.
Desta vez, as pressões e intervenções do poder judaico aumentaram.
Novamente fui levado ao Tribunal de Apelações. Para agradar aos judeus, o promotor Praporgeseu me colocou na mesma caixa dos estelionatários, ladrões de cavalos e batedores de carteira.
Durante três horas, enquanto os seus casos eram julgados, fui objecto dos olhares irónicos e desafiadores de dezenas de judeus. O meu caso foi o último a ser considerado e, como antes, foram os senhores Mihail Mora e Nelu Lonescu quem o defenderam. O veredicto do recurso foi uma nova absolvição. Depois de quase um mês e meio na prisão, fui libertado. Fui para casa.

Depois de tudo isto, juntamente com Nelu Ilonescu, Garneata, Mota e Ibraileanu, parti no nosso camião para Sighetul Marmatiei para saber o destino dos dois sacerdotes que estavam presos numa terrível miséria. Ninguém vinha vê-los, nem mesmo para trazer comida. A esposa do padre Dumitrescu estava doente; ele tinha dois filhos pequenos. A sua casa era uma casa sem pão, sem dinheiro, sem remédios; eles viviam da caridade. O destino dos sacerdotes cristãos, que juraram defender a cruz, a Igreja e o seu povo! O destino dos outros dez líderes camponeses presos foi igualmente mau.

Do lado de fora, os judeus estavam exultantes. O dinheiro estava sendo arrecadado no país e no exterior; o governo deu dinheiro aos "infelizes judeus" de Borsa para que pudessem construir novas casas de pedra de dois andares, enquanto os pobres camponeses romenos comiam pão feito de farinha de serragem misturada com aveia.

Eu, que então vi este Maraxnures romeno gemendo e se contorcendo na agonia da morte, não posso deixar de exortar cada político, cada membro do corpo docente, cada padre, cada estudante universitário e estudante do ensino médio, e cada pregador do humanitarismo - todos os que vêm aqui para censurar nossa vida política - "Vão todos assistir Maramures.
Nomeie alguém no

Machine Translated by Google

mundo como árbitro para nos dizer se é tolerável que na Roménia algo como o que está a acontecer em Maramures possa acontecer aos romenos."

Ao final de quatro meses, os padres foram transferidos para a prisão de Satu Mare, onde foi realizado o julgamento no qual estiveram envolvidos cerca de 50 camponeses e camponesas com crianças nos braços, além de 20 judeus.

O professor Catuneanu, Ion Mota, um procurador local e eu formamos a defesa dos acusados romenos. Os 20 judeus foram representados por quatro advogados judeus.

Após oito dias de processo, todos foram absolvidos, pois todas as acusações levantadas contra eles foram provadas falsas.

Machine Translated by Google

DISSOLUÇÃO DA LEGIÃO DO ARCANJO MIGUEL

E A GUARDA DE FERRO 11 DE JANEIRO DE 1931

Enquanto isso, o Sr. Vaida, sob pressão dos ataques judaicos, foi demitido do Ministério de Assuntos Internos, substituído pelo Sr. Mihalache, que, como sua atitude tardia indicou, fez saber que não se importaria de usar "braço forte" contra nós .
Este momento havia chegado.

O jovem Dumitrescu-Zapada, preso em Sighet, exasperado com as mentiras, ataques, insultos da imprensa judaica, sem perguntar nem dizer uma palavra a ninguém, pegou num revólver que encontrou por acaso, dirigiu-se a Bucareste, entrou no escritório de Socor e disparou um tiro.

Mas o revólver estava com defeito; não poderia ser disparado uma segunda vez. Isso aconteceu na época do Natal. Fazia um ano que não passava um mês em casa.
Queria passar as férias com minha família. Eu estava em Focsani, me preparando para voltar para casa, quando li nos jornais o que aconteceu em Bucareste.
Imediatamente fui intimado a comparecer perante o Juiz Papadopol no Tribunal.
Está provado que não tive nenhuma ligação com o tiroteio. Eu poderia seguir meu caminho. Voltei para Focsani onde por ordem do Sr. Mihalache, sem motivo algum, fui cercado pela polícia na casa de Hristache Solomon e mantido incomunicável durante oito dias, Sr.
Mihalache dissolveu a Guarda de Ferro e a Legião por decreto do Conselho de Ministros.
Foram realizadas buscas em toda a nossa sede; todos os nossos registros foram apreendidos; todos os nossos escritórios selados. Em casa, em Iasi, assim como em Husi, até os meus travesseiros e colchões foram saqueados. Pela quinta vez minha casa foi saqueada, tudo relacionado ao movimento foi levado, até as menores notas que eu tinha. Sacos de documentos, cartas, papéis foram confiscados das nossas casas e levados para Bucareste. Mas o que eles poderiam encontrar em nossas casas que pudesse ser ilegal ou comprometedor?

Estávamos trabalhando em plena luz do dia e tudo o que tínhamos a dizer era dito em voz alta. Confessamos fortemente a nossa fé diante do mundo inteiro.

No dia 9 de Janeiro, fui levado pelos agentes de Focsani para Bucareste e lá, após um interrogatório de 12 horas, fui preso e enviado de volta para Vacaresti. No segundo dia, foram trazidos os seguintes legionários dos municípios onde atuamos mais: Lefter, de Cahul; Banea, de Iasi; Stelescu, de Galati; Amos Pop, de Turda; Totu e Danila.

Este foi outro golpe duro na cabeça de uma organização romena que não tinha feito nada ilegal, mas estava apenas tentando levantar uma sobrancelha contra a hidra judaica. Uma nova tentativa por parte deste povo de se levantar através da sua juventude, da sua escravatura, estava a cair sob os golpes de um Ministro romeno dos Assuntos Internos, com o aplauso unânime dos Judeus no país e no estrangeiro.

Também desta vez, a fúria para nos destruir foi desencadeada impiedosamente.
Nenhum meio foi poupado para nos aniquilar; sem infâmia. E não éramos culpados de nada.
Os jornais judeus nos quais fomos violentamente atacados, ridicularizando a nós e à verdade, chegaram até nós na prisão, e não pudemos fazer nada, não pudemos responder de forma alguma.
De braços cruzados, dentro das quatro paredes da prisão, assistimos a insultos e todo tipo de acusações sendo lançados contra nós. basta dar um exemplo que mostra a extensão da infâmia da imprensa judaica da época pelas muitas
tentativas feitas com a intenção de virar a opinião pública contra nós para forçar a nossa condenação.

Chamo a atenção do leitor para o fato de nunca ter planejado, escrito ou assinado tal ordem. com base em tais ** Isso é documentos falsos, nomeadamente uma carta que Corneliu Z. Codreanu alegadamente escreveu a Adolf Hitler, que os juízes militares - actuando como instrumentos servis de indivíduos interessados - condenaram posteriormente o chefe da Guarda de Ferro a dez anos de trabalhos forçados por “o crime de traição e incitação à revolução social”.
Esta carta “descoberta” pelos Siguranta, na qual Codreanu pedia ajuda a Adolf Hitler para apoiar a “revolução social”, foi categoricamente declarada falsa por Corneliu Z. Codreanu tanto na decisão preliminar como no tribunal. Não só lhe foi negado o parecer do perito de caligrafia necessário e das testemunhas de defesa, mas também, sob o pretexto de que a discussão pública do caso prejudicaria os “interesses superiores do Estado”, o processo neste sentido decorreu à porta fechada. portas para retirada de Codreanu, acusado infame, a possibilidade .... ???????

Machine Translated by Google

A verdade é que esta vil encenação que devia justificar a pena de dez anos de trabalhos forçados e a prisão de

o inocente Codreanu estava na fase preparatória de seu assassinato, premeditado por Sua Majestade Kin Carol 11 da Romênia, executado por ordem do Governo de Sua Majestade o rdglit de 29 a 30 de novembro de 1938. (Tr.)

Nenhuma palavra nele pertence a mim. Foi totalmente inventado pelos judeus.

Reproduzo aqui na íntegra a mentira desprezível impressa em Dimineata ("A Manhã"), que posteriormente foi copiada e comentada por outros jornais: **UMA EDIFICAÇÃO**

DOCUMENTO No que diz respeito aos objectivos e
meios utilizados pela organização 'Arcanjo Miguel', estamos em condições de publicar um documento sensacional emitido pela Legião de Iasi.

O assunto diz respeito a uma circular enviada a Campul-Lung e Ludosul Mare pela Legião 'Arcanjo Michael' na capital da Moldávia:

Sede da Legião 'Arcanjo Miguel' Iasi (Rapa
Galbena) O
Casa cultural cristã
Cópia 245/930

ad circulandum Envie sua resposta para Corneliu
Zelea Codreanu 20 Florilor St., Iasi

- em código -

Para o Segundo Batalhão,

Terceiro Batalhão
Campul-Lung, Ludosul de Mures

Temos a honra de chamar a sua atenção para o seguinte:
Considerando que as autoridades civis e militares relaxaram a sua vigilância porque havíamos intervindo com alguns funcionários de alto escalão - ambos do Ministério de Informações Internas como em... (outro indivíduo de alto escalão, NR é mencionado aqui) - devemos aproveitar

esta oportunidade para duplicar os nossos esforços de propaganda e advocacia, pois esta situação favorável pode um dia ser revertida. Consequentemente, sem mais hesitações ou perdas de tempo, você deve fazer o seguinte:

1. Faça listas de todos os legionários que fizeram os votos, por companhias e pelotões. Estas listas deverão ser de defesa perante a opinião nacional e mundial, encaminhadas à Legião até 1º de novembro deste ano para serem acrescentadas por regiões.

2. O Segundo Batalhão convocará os líderes importantes para Campul-Lung: Robota, Popescu, Serban, Despa e, em total sigilo, o Comissário Nubert de Vatra-Domei e o chefe do posto policial de Poiana Stampii, Paduraru Gheorghe. Você deve informá-los que a Legião tomou a decisão de mudar o plano de ação.

Doravante, trabalharemos de forma conspiratória em absoluto sigilo; não devem mais realizar reuniões públicas ou fazer propaganda, devem contactar todos os legionários que são os líderes do ninho, instruindo-os a manter o actual estado de revolta entre os camponeses.

O golpe decisivo será desferido neste Outono, por ocasião da mudança de governo de Myroneseu.
3. O Terceiro Batalhão convocará o Professor Matei, Moga Victor, Moga Tanase e o chefe do pelotão Grindeni - e de Urea você deve convocar apenas o comerciante moldavo. Secretamente, você deve ligar para o instrutor da gend'arme, sargento. O posto de Constantin dos Ludos os informa... (como no Segundo Batalhão).

4. Deveis levar os jovens legionários duas vezes por semana para exercício - no pasto da aldeia ou noutro local - preparando-os e explicando o nosso nobre objectivo, encorajando-os.

5. O Chefe do Estado-Maior do Terceiro Batalhão deve cumprir a missão que lhe foi confiada verbalmente e por despacho secreto n.º 7/1930 cumprir o mais rapidamente possível; se a quantidade de dinamite enviada for insuficiente, ele deverá exigir mais do indivíduo em questão.

Machine Translated by Google

6. Você também deve informar o acima exposto, por carta, ao Dr. Iosif Ghizdaru de Sighisoara e também enviar-lhe um relatório detalhado sobre a atividade em Ludos. Um Quarto Batalhão será criado em Sighisoara sob o comando do Dr. Ghizdaru. Esta ordem deve ser queimada imediatamente após ser lida. Tenha cuidado, um exército de espiões judeus está no nosso encalço; não falo com ninguém nem vejo ninguém que não mostre minha assinatura.

Coragem; viva a Legião e com Deus, avante!
Iasi, 7 de outubro de 1930

Comandante da Legião

(SS) Corneliu Zelea-Codregnu
Chefe do Estado-Maior General e

Secretária (ss) Garneata

"É evidente nesta circular que a Legião 'Arcanjo Miguel' preparou ações criminosas, apoiadas por um certo número de funcionários públicos.
Embora tardiamente, as autoridades têm o dever de identificar absolutamente todos os funcionários públicos que se colocam ao serviço desta ação criminosa da Legião 'Arcanjo Miguel' e aplicar as penas mais severas".

GARANTIA DE PRISÃO

Percebi que a situação era difícil; nossa organização foi dissolvida, a sede trancada, buscas por toda parte. O público, completamente atordoado pelos protestos dos judeus e estupefato pelas acusações que se acumulavam sobre nós, estava inclinado a considerar reais todas essas conspirações odiosas. Além disso, na prisão vivíamos na miséria, no frio, na umidade, na falta de ar e de luz, na falta de cobertores. Foi apenas por insistentes intervenções da nossa parte que nos deram palha para encher os colchões e algumas esteiras para cobrir a humidade das paredes.

Começamos 1931 na prisão sob uma chuva de mentiras, insultos e golpes judaicos.
Também desta vez levei os meus novos companheiros de prisão, que partilharam comigo esta prova, para ver o ícone e todos os lugares que estavam cheios de memórias para mim.

Certamente a situação também era difícil para eles. Mas eles só tinham que responder por si próprios, e essa responsabilidade era muito menor. O inimigo que precisava ser dilacerado e destruído era eu. Senti que nuvens escuras se formavam novamente sobre nossas cabeças, que um mundo inimigo descia novamente sobre nós com ainda mais determinação para nos aniquilar.

O único apoio em meio a todas essas maquinações infernais e ataques gigantescos seria encontrado em Deus. Começamos a jejuar todas as sextas-feiras, jejum completo; e leia toda meia-noite o Akathist da Virgem Maria. Lá fora, os legionários da capital, liderados por Andrei Ionescu, Ion Belgea, Iordache, Doru Belimace, Victor Chiruiescu, Cotiga, Horia Sima, Nicolae Petraseu, Iancu Caranica, Virgil Radulescu, Sandu Valeriu, faziam o possível para esclarecer a opinião pública que estava enganado pela imprensa de Sarindar St..

Ao mesmo tempo, a devotada e destemida Fanica Anastasescu - sempre presente ao meu lado em todas as provações que tive de passar - procurou melhorar a nossa situação material na prisão.

Aqui está a acusação dirigida a mim no mandado de prisão nº. 194

"... Considerando que o processo penal movido contra Corneliu Zelea Codreanu, promotor de Iasi, 31 anos, alertou que ele cometeu o ato de tentar agir contra a forma de governo estabelecida pela Constituição e julgou uma instigação do que poderia ter resultado num perigo para a segurança pública ao organizar uma associação 'A Legião de Miguel Arcanjo' 'A Guarda de

Machine Translated by Google

Ferro', com o objectivo de estabelecer um regime ditatorial que deveria ter sido imposto no momento por ele desejado, por meios violentos, para o qual os seus apoiantes foram preparados e incitados através de exercícios quase militares, ordens, directivas e discursos, bem como como por meio de publicações, cartazes, crachás, discursos durante reuniões organizadas ou públicas; “Considerando que este ato está previsto no art. 11, n.º 2 da Lei de repressão de alguns novos crimes contra a ordem pública,

puníveis com pena de prisão de seis meses a cinco anos e multa de 10.000 a 100.000 lei e com perda de direitos civis; Considerando que, da investigação efectuada, foram reveladas graves acusações e graves indícios de culpa

resultado contra Corneliu Zelea Codreanu; e que evite que os citados se comuniquem com os informantes e testemunhas que serão interrogados; bem como no interesse da segurança pública; é importante para a preparação deste caso que o arguido, até novo aviso, seja colocado em detenção; “Depois de ouvir as conclusões do Procurador Al. Procop Dumitrescu e de acordo com o disposto no artigo 93 do processo penal; Por estas razões: Mandatamos todos os agentes da força pública, que de acordo com

a lei, prender e levar para a prisão na prisão de Vacaresti, disse Corneliu Zelea Codreanu ...

Dado em nosso escritório hoje, 30 de janeiro de 1931. "Juiz Investigador
Stefan Mibaescu." (Dossiê nº 10-193 1)

O JULGAMENTO

SEXTA-FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1931

Essa chuva de denúncias continuou ininterrupta durante 57 dias, divulgada diariamente em milhões de jornais espalhados por vilas e cidades. Não tivemos oportunidade de responder. Nenhum raio de esperança de lugar nenhum, ninguém teve a capacidade de vir em nossa defesa e denunciar a conspiração judaica para buscar a nossa condenação e sepultamento e a do nosso movimento. Vimos como as autoridades, os procuradores, os Siguranta e este senhor chamado Mihalache, Ministro da Administração Interna, que - embora todos soubessem pelas investigações que realizaram que não éramos culpados de nada; que não foram encontradas munições, armas, depósitos de dinamite, etc. - ainda persistiu em sua atitude infame, deixando presas para os judeus insultarem e ridicularizarem alguns homens presos incapazes de se defenderem. Uma vez que a segurança do Estado estava envolvida, deveriam ter cumprido o seu dever elementar de acalmar a opinião pública, emitindo uma declaração negando a descoberta de esconderijos de munições, o país estava à beira da guerra civil, etc.

Foi nestas circunstâncias desfavoráveis que a data do nosso julgamento foi marcada para sexta-feira, 27 de fevereiro. Alguns dos advogados de defesa consideraram aconselhável apresentar uma moção para adiar o julgamento, tendo em conta o ambiente agitado; que, entretanto, convocaremos os agentes das unidades de segurança de testemunhas para obrigá-los a dizer a verdade sob juramento.

Recusamos esta proposta; iríamos a julgamento sem testemunhas.
Presidiu o Conselheiro Buicliu, auxiliado pelos Juízes G. Solomonescti e I. Costin; o promotor foi Procop Dumitrescu. Fomos defendidos pela professora Nolica Antonescu; advogados Mihail Mora, Nelu Ionescu, Vasiliu-Cluj, Mota, Carneata, Corneliu Georgescu, ibraileanu. Tanto o público como os magistrados esperavam ver algumas provas contra nós: bombas, depósitos de munições, dinamite, armas.

Mas nada, absolutamente nada foi apresentado como prova. Meia hora após o término do nosso depoimento, toda a farsa infame desabou. Finalmente pudemos falar, cheios da indignação que durante dois meses vinha crescendo dentro de nós, hora após hora. Toda aquela enxurrada de mentiras foi quebrada diante da verdade. Todas as correntes com as quais nos acorrentavam se desfizeram: nossos

Machine Translated by Google

advogados nos defenderam brilhantemente. Embora o julgamento tenha continuado no segundo dia, a sentença foi adiada por vários dias.

Na hora marcada para a prolação do veredicto, fomos novamente levados ao Tribunal. Foi-nos lido o veredicto de absolvição unânime (Sentença Criminal nº 800).

Aqui estão os termos deste veredicto de absolvição, detalhando as ações com base nas quais "A Legião de Miguel Arcanjo", agora dissolvida, foi trazida perante a lei:

“Considerando que a investigação do procurador-chefe resulta no facto de no dossiê os apoiantes da Legião terem sido recrutados apenas entre certas pessoas: camponeses, estudantes e jovens do ensino secundário; que, por exemplo, o dossiê fala de ninhos de legionários ou de “abutres brancos”; fala de estágio probatório, voto ou juramento, cinco leis fundamentais, uma das quais é a lei do sigilo; que a Legião está organizada militarmente com uniformes, calças, cachecóis, programas de educação física e exercícios militares, exercícios de sinalização e código Morse, etc., ainda não

Ficou estabelecido que os recrutadores e conscritos praticavam qualquer ação contra a atual forma de governo estabelecida pela Constituição, ou qualquer ação que pudesse resultar em qualquer perigo para a segurança do Estado. Que o simples fato de estar constituído em tal organização não pode ser interpretado como infração, ainda que possa, na concepção de alguém, ser considerado tal perigo.
Pois, enquanto a organização não fosse oculta, as autoridades administrativas poderiam intervir para detê-la ou dissolvê-la. Que mesmo supondo que tenha sido estabelecido que a organização tinha copiado o sistema fascista como uma maquilhagem, mesmo assim os seus membros não poderiam ser responsabilizados pela pena estipulada pelo texto da lei com base na qual o acusado foram levados a julgamento; porque, qualquer que seja a sua forma, uma organização na sua fase estática não apresenta perigo para a segurança do Estado; poderia, no máximo, ser objecto de preocupações com medidas preventivas por parte das autoridades administrativas, mas não de quaisquer medidas repressivas que surjam apenas quando tal organização inicia alguma acção, (excepto em casos como quando a lei proíbe especificamente a sua forma de organização) .

Além disso, não se pode dizer isso só porque vários legionários passaram pelas aldeias. para procurar adeptos, aconselhar o povo a organizar-se, a depositar a sua confiança no movimento da Legião, etc., pode-se apresentar provas de que pretendiam pôr em perigo a segurança do Estado - sendo a propaganda um meio de formar e reabastecer o quadros de uma organização política como esta; ou que o surgimento dos chamados ninhos de estudantes do ensino médio - formações externas à própria organização - representava qualquer ameaça à segurança do Estado, se considerarmos que o programa da organização reconhecia o despertar da consciência nacional juntamente com os preceitos da integridade física e educação moral consistente com um programa escolar, desde que não houvesse agitação indevida.

Considerando que o réu não pode ser responsabilizado por ter buscado alterar a atual forma de governo com sua ação - já que, pelo dossiê, fato não negado nem mesmo pelo representante do Ministério Público -, é evidente que ambos os réus Corneliu Z . Codreanu e os outros, bem como todos os membros da organização, pregaram a necessidade de um governo forte para substituir os partidos políticos parasitas, e reconheceram a gentil autoridade de que se falava com todo o respeito e cujos colaboradores - atesta os seus manifestos - eles eles queriam se tornar.

“Além disso, ao falar em colaboração com o chefe de Estado, não se pode falar em derrubar uma forma de governo que o soberano não sancionou....

“Considerando que, por estas considerações, a ação subversiva (que na verdade não foi provada de qualquer ângulo como sendo subversiva) da qual os réus são acusados

Machine Translated by Google

não se enquadra no disposto no art. 11 ....

"Considerando que a marcha que a organização planeava fazer para a Bessarábia não se realizou; que não teria ocorrido se as autoridades não tivessem consentido - consentimento que o arguido tinha de facto obtido mas posteriormente rescindido; circunstâncias, é supérfluo reter as alegações dos arguidos de que pretendiam,
em primeiro lugar, testar a resistência dos legionários e, em segundo lugar, despertar a consciência nacional da população penetrada por elementos estrangeiros ...

"Considerando que também foi alegado que todos os atos do acusado devem ser considerados à luz dos seus antecedentes....

“Enquanto, enquanto não for possível estabelecer o facto pelo qual o arguido foi levado a julgamento, não se pode falar dos actos de Corneliu Zelea Codreanu, Danila, etc. punição e não em forçar uma condenação...

“Assim sendo, os acusados são inocentes das acusações que lhes são apresentadas e, portanto, devem ser absolvidos”.

Felizmente voltamos à prisão para fazer as malas e aguardar a ordem de libertação.
Nós esperamos; Chegaram 8 horas da noite, 91 10, 11, horas; saltávamos a cada passo que ouvíamos lá fora, no quintal. Finalmente fomos dormir com as malas ainda prontas.

No dia seguinte esperamos novamente. Somente no terceiro dia soubemos que o promotor havia apelado e, portanto, teríamos que permanecer na prisão até que o recurso fosse apreciado.

Mais uma vez, os dias começaram a se arrastar lentamente.

A nova data foi marcada para sexta-feira, 27 de março de 1931, no Tribunal de Apelações. Os dias passavam cada vez mais devagar. Finalmente, levaram-nos de van ao Tribunal, Seção 11 do Tribunal de Apelações, presidido pelo Sr. Ernest Ceaur Aslan. Os mesmos defensores cumpriram o seu dever de combater com sucesso a tese do procurador Gica lonescu que misturou a acusação com explosões de ódio e insultos. A sentença foi adiada por vários dias. De volta a Vacaresti onde esperamos. Lembrado, fomos informados de uma nova absolvição, por unanimidade. Após 87 dias de prisão, fomos finalmente libertados porque fomos considerados inocentes. Quem, eu me perguntei, puniria nossos detratores?

Quem, perguntei-me, vingará todas as injustiças, golpes e sofrimentos que sofremos?

Mas o procurador levou o caso ainda mais alto, ao Supremo Tribunal de Justiça.
Posteriormente, quando o caso foi levado à apreciação, este tribunal também manteve por unanimidade a absolvição dos tribunais inferiores. Aqui estávamos nós, com duas decisões: uma, o Sr. Mihalache, pela qual “A Legião de Miguel Arcanjo” e “A Guarda de Ferro” foram dissolvidas como organizações subversivas perigosas para a existência do Estado Romeno; a outra, a de todo o sistema jurídico romeno, Tribunal, Tribunal de Recurso e Supremo Tribunal de Recurso, que por unanimidade declarou estes jovens inocentes e que a Legião e a Guarda não representavam qualquer ameaça à ordem pública ou à segurança do Estado. Apesar de tudo isto, a nossa sede permaneceu trancada com cadeado.

A judiaria, que foi novamente derrotada, escondeu-se, preparando nas sombras outras mentiras, outros ataques, outras infâmias. Oh senhor! Oh senhor! Como é que este povo não vê que nós, seus filhos, somos vítimas dos golpes do inimigo que nos atingem um após o outro?

Oh senhor! Oh senhor! Quando ela irá acordar e compreender a grande tempestade e a conspiração dirigida contra ela com tanto ódio determinado a atordoá-la e matá-la?

Machine Translated by Google

O MOVIMENTO LEGIONÁRIO NAS PRIMEIRAS ELEIÇÕES

JUNHO DE 1931

A administração Nacional-Camponesa caiu em abril. O governo Lorga-Argetoianu chegou ao poder.

Como a Legião foi dissolvida, registrei meu movimento na comissão eleitoral central sob o nome de "Grupo Corneliu Z. Codreanu", escolhendo a grade de ferro como símbolo eleitoral:

Mas a nova designação, como esperado, não pegou. O povo, a imprensa, o inimigo e o governo continuaram a chamá-lo de "A Guarda de Ferro". Tivemos que participar nas eleições para evitar sermos acusados de sermos diferentes do resto do povo, ou de não usufruirmos dos canais legais.
1º de junho foi dia de eleições. Com muito esforço material, com empréstimos, conseguimos cadastrar listas de candidatos de concelho.

A campanha havia começado. Da nossa parte a campanha mais bonita e delicada.
Nos dois concelhos onde foi anunciada a candidatura do Ministro da Guerra e do Primeiro-Ministro do país, não fizemos nenhuma lista; assim, dos poucos municípios que podíamos contar com a concretização, tivemos que abandonar dois, Focsani e Radauti.

Além disso, o governo, as autoridades locais e os seus homens armados continuaram a atacar-nos.
A nossa propaganda parou; no final, até alguns dos nossos votos foram roubados das urnas. Mesmo assim, obtivemos, depois de muita luta, 34 mil votos. Cahul ficou em primeiro lugar com quase 5.000 votos; depois Turda com 4.000; Covurlui com suas três seções, Beresti, Ganesti, Oancea, com quase 4.000; Ismail com 6.000; etc. Desde 15 de dezembro de 1929, quando fui ao primeiro comício em Beresti, até agora, junho de 1931, tenho estado em contínua batalha e prisão; Não creio que tenha passado dois meses em casa, se somarmos as breves paragens por lá.

A CAMPANHA NEAMT, 31 DE AGOSTO DE 1931

Vinte dias depois das eleições, tomei conhecimento de que um lugar no Parlamento tinha sido declarado vago no condado de Neamt.
Depois de examinar a situação, decidi entrar na batalha. Tivemos apenas 1.200 votos neste condado nas eleições anteriores. Desta vez, os liberais, os camponeses nacionais que faziam frente comum com os Averescos e os Georgistas, * estavam a inscrever candidatos para esta vaga.

A imprensa pretendia dar um significado especial a esta eleição porque a batalha prometia ser acirrada e o seu desfecho indicaria a sucessão ao poder.
Houve uma concentração de forças, as pessoas até arriscaram previsões. Alguns deram a vitória aos Liberais, outros aos Camponeses Nacionais. No meio da batalha, alguns faziam apostas.

Naturalmente, ninguém falou sobre nós. Ninguém sonhava em apostar na nossa vitória.
No dia 25 de julho fiz meu pedido de mobilização. Mas estávamos exaustos. Faltou-nos até dinheiro para pagar as taxas de inscrição da nossa lista. A família Lesanu cuidou disso e dos custos de impressão dos folhetos eleitorais.

No dia 30 de julho, eu estava em Piatra-Neamt aguardando a chegada de nossos militantes.
Todos vieram como puderam, a pé, de trem, de carroça. Foi nesta época que elementos formados nas Irmandades da Cruz entraram com mais seriedade na batalha, formando equipes sob o comando de legionários veteranos.
Atribuí cada equipe a um determinado setor. Ao todo, tínhamos 100 militantes.
Partiram a pé, com uma fé sem limites, embora não conhecessem ninguém, nem o que comeriam, nem onde dormiriam a partir de então. Deus proveria para eles; e a necessidade os ensinaria.

* Os "Georgistas" eram os membros do partido que George Bratianu, filho de Ion Bratianu, fundou - após a morte do seu pai, chefe do Partido Liberal - que chamou de "Partido Nacional-Liberal". **(Trad.)**

Machine Translated by Google

A equipe de Brosteni era composta por Banica, Professor Matei e Cosma, aos quais mais tarde se juntaram os de Campul-Lung; para Rapciuni foi o time de Tocu; para Bicaz, Cranganu's; para Targul-Neamt, Victor Silaghi, Jorjoaia, Stelescu; para Baltatesti, Banea, Ventonic, Ifrim, Mihail David; para Roznov, Popovici; para Buhusi, Paduraru com a família Romascanu, Hristache Solomon e o engenheiro Blanaru; para Cracaoani, Doru Belimace e Ratoiu; a Razboeni, Valeriu Stefanescu, a família Mihai Craciun e Stelian Teodorescu. Além disso, o professor Ion Z. Codreanu realizava reuniões em vários pontos do município.

Havia também, aqui e ali, ninhos de legionários liderados por Ilerghelegiu, Tarata, Platon, Loghin, David, Nuta, Mihai Bicleanu, Ungureanu, Olaru V. Ambrozie, Macovei, etc.

Essas equipes trabalhavam como diaristas em fazendas para ganhar seu sustento.
Logo eles se tornaram queridos pelos camponeses. Os Camponeses Nacionais chegaram ao município em muitas carroças carregadas. Havia sete ex-membros do gabinete que vieram ao condado para fazer campanha em seu nome. Da mesma forma, os liberais vieram em grande número. de todas as categorias sociais, o padre era o que menos entendia.
num país onde as cruzes nos campanários das igrejas caíram sob o domínio de políticos, ateus e joalheiros, numa batalha onde éramos os únicos a vir em nome da cruz - os nossos seios expostos diante do monstro pagão - ou dos padres do condado, com exceção de três ou quatro, foram contra os EUA.

Durante a última semana tive que organizar minhas forças em preparação para a batalha final.
Tínhamos agora seis setores fortes e dez setores fracos. Discutindo isto com os líderes das minhas equipas, eles opinaram que, como temos seis sectores fortes, poderíamos mover as nossas equipas para os dez sectores fracos para as fortalecer.
Achei que era uma opinião errada que poderia levar à perda da batalha. Procedi exatamente no sentido oposto, concentrando mais forças nas nossas forças e deixando aos outros apenas pequenas unidades de cerco.

Nossos adversários cometeram o erro que evitei; eles concentraram seus esforços nos pontos onde éramos mais fortes. Para que lutássemos nos nossos pontos mais fortes e eles nos mais fracos.

Eles foram aniquilados. Recebi 1.000 votos em cada um dos seis setores, enquanto eles tiveram no máximo 200 a 300. Ao mesmo tempo, os seus sectores mais fortes, que ficaram com uma defesa inadequada, foram reduzidos a metade pelas nossas equipas.

No dia da votação, começando bem cedo, acompanhado por Totu num carro potente, percorri 15 das 16 assembleias de voto. Às 12 horas daquela noite soubemos do resultado das eleições, no grande entusiasmo das massas camponesas e das equipas de legionários e na indescritível depressão dos políticos e dos judeus. A Guarda: 11.300 votos; liberais, 7.000; Camponeses Nacionais com Averescos, 6.000 entre eles; os outros, menos ainda.

E assim, na nossa primeira batalha, em campo aberto contra as forças unidas dos políticos, os legionários, embora em número reduzido e com meios incomparavelmente menores à sua disposição, conseguiram obter a vitória, espalhando o pânico entre todos os nossos adversários.

Machine Translated by Google

DEMOCRACIA CONTRA A NAÇÃO

OBSERVAÇÕES SOBRE DEMOCRACIA VERSUS NAÇÃO

NO PARLAMENTO

Como resultado desta eleição, entrei no Parlamento; Eu estava sozinho no meio de um mundo inimigo. Faltava-me a experiência desta vida parlamentar e o talento da oratória democrática cheia de fraseologia vazia, mas de gestos pomposos, brilhantes, espelhados e com uma grande dose de impertinência. As características que ajudam alguém a ter sucesso, a se elevar, Deus não me atribuiu - talvez para evitar que eu fosse tentado a subir na escala política.

Durante todo o tempo em que estive no Parlamento, nunca infringi as leis de propriedade e respeito pelos mais velhos do que eu, sejam eles os meus maiores inimigos. Eu não ridicularizei, amaldiçoei, ri ou ofendi ninguém, o que significava que não poderia fazer parte daquela vida. Eu estava isolado, não apenas um contra o outro, mas completamente isolado desse tipo de vida.

Uma noite, já bem tarde, quando as deliberações estavam chegando ao fim e os bancos estavam quase vazios, ele me concedeu a palavra. Tentei mostrar que o nosso país tinha sido invadido por judeus; onde a invasão é maior, a miséria humana é mais terrível: em Mammuresi, o início da existência judaica em nosso solo,

Machine Translated by Google

prenunciou a morte dos romenos; que, à medida que o seu número aumentasse, nós morreríamos; que, finalmente, os líderes da nação romena, os homens do século da democracia e dos partidos políticos, traíram o seu povo nesta luta, colocando-se ao serviço das grandes finanças nacionais ou internacionais.

Mostrei que na carteira do Banco Marmorosch Blank, aquele ninho judeu de conspiração e corrupção, há muitos políticos a quem esse banco “emprestou” dinheiro; Sr. Brandsch, Subsecretário de Estado 11 mil lei; Banca Taraneasca do Sr.
Davilia, 4.677.000 lei; Sr. Lunian 407.000 lei; Sr. Madgearu 401.000 lei; Sr. Filipescu 1.265.000 lei;
Sr. Raducanu 3.450.000 lei; O Banco Raducanu 10.000.000 lei; Senhor.
Pangal (o chefe da Maçonaria do Rito Escocês na Romênia) 3.800.000 lei; Titulescu 19 milhões de lei - todos eles líderes da vida pública romena.

“Além desses, há outros, muitos, mas não consegui colocar a mão na lista deles.
Alguém me interrompeu dizendo: “Isso
é dinheiro emprestado, será reembolsado”.
Eu respondi: “Se isso vai ser devolvido ou não, eu não sei. Mas uma coisa te digo: quando alguém toma dinheiro emprestado de tal fonte financeira, ele tem a obrigação, quando chega ao poder, de satisfazê-lo, ou mesmo 'se ele não estiver no poder, para apoiá-lo', mas em qualquer caso, para não expô-lo Quando ele deveria ser exposto.

Li então uma lista da qual mostrei, eliminando qualquer possibilidade de negação, como desde a guerra o Estado Romeno tinha sido defraudado em cerca de 50 mil milhões de leus sob a democracia, a forma mais honrosa e perfeita de governo do "povo" pelo povo ! A liderança da “democracia” tendo como ideia básica o controle permanente “do povo em que o povo, o grande controlador, foi roubado durante 15 anos de governo da fabulosa soma de 50 bilhões de lei.

Em seguida, fiz vários comentários críticos sobre a democracia.
No final, fiz sete exigências: 1. Exigimos a
introdução da pena de morte para os manipuladores fraudulentos de fundos públicos. Neste momento fui interrompido pelo Sr. Ispir, professor da Faculdade de Teologia: “Sr.
Codreanu, você se considera
um cristão, um propagador dos ideais cristãos.
Lembro-lhe que a ideia que acaba de apresentar não é cristã."
Eu
respondi: “Professor, quando se trata de escolher entre a morte do meu país e a do ladrão, prefiro a morte do ladrão e considero-me um cristão melhor se não permitir que o ladrão arruíne o meu país e o destrua. . "

Exigimos a investigação e o confisco das riquezas daqueles que sangraram o nosso pobre país.

3. Exigimos que todos os políticos que possam ser considerados culpados de acusações elaboradas contra os interesses do nosso país, apoiando a especulação privada obscena ou qualquer outra moda, sejam levados à justiça.

4. Exigimos que, no futuro, os políticos sejam excluídos dos conselhos de administração
dos diversos bancos e sociedades financeiras.
5. Exigimos a expulsão das fronteiras dos exploradores implacáveis que vieram aqui para drenar as riquezas do nosso solo e explorar o trabalho das nossas mãos.

6. Exigimos que o território da Roménia seja declarado propriedade inalienável e irrevogável da nação romena.
7. Exigimos que todos os agentes de campanha sejam enviados para trabalhar e que seja estabelecido um comando único, que inspire toda a nação romena com um só coração e uma só mente.

Estes foram os primeiros esforços para formular publicamente diversas medidas políticas que considerei mais urgentes. Não foram o resultado de uma reflexão prolongada ou de uma busca ideológica, mas o resultado de reflexões momentâneas sobre o que o povo romeno necessitava então, sem demora.

Machine Translated by Google

Seis meses depois, surgiram vários movimentos muito populares que tinham os meus três pontos de partida no seu programa: 1. A pena de morte, 2. A investigação da riqueza e 3. A prevenção de políticos de participarem em conselhos de administração - o que fez com que outros também os consideraria necessários.

VÁRIAS OBSERVAÇÕES SOBRE A DEMOCRACIA

Desejo, nas páginas que se seguem, apresentar algumas conclusões da minha experiência quotidiana, de modo que possam ser compreendidas por qualquer jovem legionário ou trabalhador. Vivemos com roupas, em formas de democracia. Eles são, eu me pergunto, bons? Ainda não sabemos. Mas uma coisa vemos: sabemos precisamente que parte das maiores e mais civilizadas nações europeias livraram-se destas roupas e vestiram outras novas. Eles os abandonaram porque eram bons?

Outras nações também não medem esforços para eliminá-los e alterá-los. Por que? Todas as nações enlouqueceram? Que apenas os políticos romenos continuaram a ser os homens mais sábios do mundo? Não consigo acreditar nisso. É claro que aqueles que os mudaram ou que querem fazê-lo têm as suas próprias razões.

Mas por que deveríamos nos preocupar com as razões de outra pessoa? Vamos preocupar-nos mais com as razões que nos levariam, os romenos, a despir a roupa da democracia.

Se não temos motivos para os rejeitar, se nos convém, devemos mantê-los, mesmo que toda a Europa os rejeite. Porém, eles também não são bons para nós, porque: 1.

A democracia quebra a unidade do povo romeno, dividindo-o em partidos, agitando-o e, assim, desunindo-o, expondo-o a enfrentar o bloco unido do poder judaico num momento difícil da sua história. Este argumento por si só é tão sério para a nossa existência que constituiria razão suficiente para trocarmos esta democracia por tudo o que possa garantir a nossa unidade: nomeadamente a nossa vida; pois nossa desunião significa morte.

2. A democracia transforma milhões de judeus em cidadãos romenos, tornando-os iguais aos romenos e dando-lhes direitos iguais no Estado. Igualdade? Em qual base?

Vivemos aqui há milhares de anos; com o arado e com a arma; com nosso trabalho e nosso sangue. Por que deveríamos ser como aqueles que estão aqui há quase 100, 10 ou 5 anos? Olhando para trás, criamos este estado. Olhando para o futuro, somos nós, romenos, que suportamos toda a responsabilidade histórica pela existência da Grande Roménia; eles não têm nenhum. Como poderiam os judeus ser responsabilizados perante a história pelo desaparecimento do Estado romeno?

Resumindo: eles não têm igualdade no trabalho, no sacrifício e luta que criou o Estado, nem responsabilidades iguais para o seu futuro.

Igualdade? De acordo com uma máxima antiga, igualdade significa tratar de forma desigual as coisas desiguais. Com que base os judeus exigem tratamento igual e direitos políticos iguais aos dos romenos?

3. A democracia é incapaz de dar continuidade aos esforços. Dividido em partidos que governam por um, dois ou três anos, é incapaz de conceber e executar um plano de longo prazo. Uma parte substitui os planos e esforços da outra. O que foi concebido e construído por um hoje é demolido no outro por outro. Num país que precisa de construção, cujo momento histórico é essa mesma construção, este obstáculo à democracia constitui uma ameaça. É como se numa quinta os proprietários mudassem anualmente, cada um apresentando planos diferentes, acabando com o que os antecessores fizeram, a sua York apenas para ser aniquilada pelo próximo proprietário que chegasse amanhã.

4. A democracia torna impossível ao político cumprir o seu dever para com a sua nação.

Um político da maior boa vontade torna-se, numa democracia, escravo dos seus apoiantes; ele satisfaz seus apetites pessoais ou eles destroem seu apoio. O político

Machine Translated by Google

vive sob a tirania e ameaça permanente do agente eleitoral. Ele é colocado na posição de escolher entre a renúncia ao trabalho de sua vida ou a satisfação de seus apoiadores. E então o político satisfaz os seus apetites; não do bolso, mas do bolso do país. Cria empregos, escritórios, missões, comissões, sinecuras, tudo isto sobrecarregando o orçamento nacional que sobrecarrega cada vez mais as costas cada vez mais curvadas do povo.

5. A democracia é incapaz de autoridade. Não tem poder sancionador. Um partido, por medo de perder os seus apoiantes, não aplica sanções contra aqueles que vivem de negócios escandalosos aos milhões, através de roubo ou peculato; nem aplica quaisquer sanções contra adversários políticos, para que não exponham as suas próprias negociações obscuras e irregularidades.

6. A democracia está ao serviço das grandes finanças.
Devido ao sistema caro e à competição entre vários grupos, a democracia precisa de muito dinheiro. Como consequência natural, ele se torna escravo das grandes finanças internacionais judaicas que o subjugam através de subsídios. Neste fasbion, o destino de um povo é entregue a uma casta de banqueiros.

ELEIÇÃO, SELEÇÃO, Hereditariedade

Um povo não é conduzido de acordo com a sua vontade, a fórmula democrática; nem de acordo com a vontade de um indivíduo: a fórmula ditatorial.

Mas de acordo com as leis. Não falo aqui de leis criadas pelo homem. Existem normas, leis naturais da vida; e existem normas, leis naturais da morte, leis da vida e leis da morte. Uma nação caminha para a vida ou para a morte de acordo com o seu respeito por uma ou outra destas leis.

Uma questão permanece por responder: Quem numa nação pode compreender ou conhecer intuitivamente estas normas? Pessoas? A multidão? Se assim for, acho que se espera muito. Multidões não entendem leis muito mais simples. Isto deve ser explicado a eles por meio de repetidos apelos para serem compreendidos - sim, até mesmo por punição, se necessário.

Eis alguns exemplos de leis imperativamente necessárias à vida das pessoas, que as multidões dificilmente compreendem: que em caso de doença contagiosa, os doentes devem ser isolados e é necessária uma desinfecção geral; que a luz solar deve entrar nas casas, portanto uma casa deve ter janelas grandes; que se o gado for melhor alimentado e cuidado, produzirá mais para a alimentação do homem, etc.

se a multidão não compreende, ou compreende apenas com dificuldade, diversas leis que são imediatamente necessárias à sua vida, como pode alguém imaginar que ela - que numa democracia deve guiar-se por si mesma - poderia compreender as leis naturais mais difíceis; ou quem conheceria intuitivamente as normas mais sutis e imperceptíveis da liderança humana, normas que se projetam além de si mesmo, de sua vida, de suas necessidades vitais, ou que se aplicam não diretamente a ele, mas a uma entidade superior, a nação?

Para fazer pão, calçado, arado, colheita, eléctrico é preciso especializar-se, não é preciso especialização na direcção mais exigente, a de uma nação? Não é necessário possuir certas qualidades?

A conclusão. Um povo não é capaz de governar a si mesmo. Deveria ser governado pela sua elite. Nomeadamente, através daquela categoria de homens nascidos no seu seio que possuem certas aptidões e especialidades. Assim como as abelhas criam a sua “rainha”, o povo deve criar a sua elite.
Da mesma forma, a multidão, nas suas necessidades, apela à sua elite, aos sábios do Estado.

Quem escolhe esta elite – a multidão? Poderiam ser encontrados apoiadores para quaisquer "idéias" ou votos para qualquer candidato a cargo público. Mas isto não depende da compreensão que as pessoas têm destas "ideias", "leis" ou "candidatos", mas de algo totalmente diferente: da capacidade dos indivíduos para

Machine Translated by Google

conquistar a boa vontade das multidões. Não há nada mais caprichoso e instável nas opiniões do que a multidão. Desde a guerra, esta multidão era, por sua vez, avessa, liberal, nacionalista, nacional-camponesa, indiana, etc., saudando cada um, apenas para cuspir em cada um um ano depois, reconhecendo assim o seu próprio erro, desorientação e incapacidade. O critério de seleção é: "Vamos tentar outros".

Portanto a escolha não é feita com base no julgamento e no conhecimento, mas sim ao acaso e contando com a sorte.

Aqui estão duas ideias opostas, uma contendo a verdade e a outra uma mentira. A verdade – da qual só pode haver uma – é procurada. A questão é colocada em votação. Uma ideia recebe 10.000 votos, as outras 10.050. É possível que cerca de 50 votos determinem ou neguem a verdade? A verdade não depende da maioria ou da minoria; tem as suas próprias leis e vence, como se viu, todas as maiorias, mesmo que sejam esmagadoras.

A descoberta da verdade não pode ser confiada às maiorias, assim como na geometria o teorema de Pitágoras não pode ser submetido ao voto da multidão para determinar ou negar a sua validade; ou simplesmente como um químico que fabrica amônia não leva a multidão a votar as quantidades de nitrogênio e hidrogênio; ou como um agrónomo, que estudou a agricultura e as suas leis durante anos, não tem de apelar a uma multidão que tenta convencer-se da sua validade através do voto.

O povo pode escolher sua elite? Então, por que os soldados não escolhem o melhor general? Para poder escolher, este júri coletivo deverá saber muito bem: a)

As leis de estratégia, tática, organização, etc. e b) Até que ponto o indivíduo em questão se adapta, por meio de habilidades e conhecimentos, a essas leis.

Ninguém pode escolher sabiamente sem esse conhecimento. Se a multidão deseja escolher a sua elite, deve necessariamente conhecer as leis de liderança do órgão nacional e até que ponto os candidatos a essa liderança estão

de acordo com as qualificações e conhecimentos de tais leis.

Porém, a multidão não pode conhecer essas leis nem os candidatos. É por isso que acreditamos que a elite governante de um país não pode ser escolhida pela multidão. Tentar selecionar essa elite é como determinar, por maioria de votos, quem deveriam ser os poetas, escritores, mecânicos, aviadores ou atletas de um país.

Assim, a democracia, baseada no princípio da eleição, escolhendo ela própria a sua elite, comete um erro fundamental do qual evolui todo o estado de mal, desordem e miséria nas nossas aldeias. Jogamos aqui num ponto capital; porque é deste erro de concepção democrática que podemos dizer que se originam todos os outros erros.

Quando as massas são chamadas a escolher a sua elite, não só são incapazes de descobrir e escolher uma, como escolhem, além disso, com poucas excepções, o pior dentro de uma nação.

A democracia não apenas remove a elite nacional, mas também a substitui pelo pior de uma nação. A democracia elege homens totalmente desprovidos de escrúpulos, sem moral; aqueles que pagarão melhor, portanto aqueles com maior poder de corrupção; mágicos, charlatões, demagogos, que se destacarão em suas áreas durante a campanha eleitoral. Vários homens bons poderiam passar despercebidos, até mesmo políticos de boa-fé. Mas eles seriam os escravos do primeiro.

A verdadeira elite de uma nação seria derrotada, removida, porque se recusaria a competir nessa base; ele recuaria e permaneceria escondido. Daí as consequências fatais para o estado. Quando um Estado é liderado por uma chamada "elite" composta pelas piores, mais corruptas e mais doentes pessoas que existem, não é permitido perguntar por que o Estado está condenado à ruína?

Aqui, então, está a causa de todos os outros males... imoralidade, corrupção e luxúria em todo o país; roubo e espoliação da riqueza do Estado; exploração sangrenta do povo; pobreza e miséria em suas casas; falta de senso de dever em todas as funções; desordem e desorganização do Estado; a invasão de todos

Machine Translated by Google

instruções de estrangeiros com dinheiro, como vir comprar lojas falidas cujos produtos são vendidos por ninharias. O país é leiloado..

"Quem paga mais?" Em última análise, é para lá que a democracia nos levará.
Na Roménia, especialmente desde a guerra, a democracia criou para nós, através deste sistema de eleições, uma "elite nacional" de judeus romanos, baseada não na bravura, nem no amor à pátria, nem no sacrifício, mas na traição à pátria , a satisfação de interesses pessoais, suborno, tráfico de influência, enriquecimento por exploração e peculato, roubo, covardia e intriga para derrubar qualquer adversário.

Esta “elite nacional”, se continuar a liderar este país, provocará a destruição do Estado romeno. Portanto, em última análise, o problema que o povo romeno enfrenta hoje, do qual todos os outros dependem, é a substituição desta falsa elite por uma verdadeira elite nacional baseada na virtude, no amor e no sacrifício pelo país, na justiça e no amor ao povo, na honestidade, trabalho, ordem, disciplina, tratamento honesto e honra.

Quem fará essa substituição? Quem deveria colocar esta elite real no seu lugar de liderança?
Eu respondo: qualquer um, menos a multidão. Admito qualquer sistema, exceto a “democracia”, que vejo matando o povo romeno.

A nova elite romena, como qualquer outra elite do mundo, deve basear-se no princípio da selecção social. Por outras palavras, uma categoria de pessoas dotadas de certas qualidades que depois cultivam é naturalmente seleccionada no corpo da nação, nomeadamente na grande massa saudável de camponeses e trabalhadores, que estão permanentemente ligados à terra e ao país. Esta categoria de pessoas torna-se a elite nacional destinada a liderar a nossa nação.

Quando uma multidão pode ser consultada e quando deveria ser? Ele deve ser consultado antes de decisões importantes que afetam o seu futuro, para dizer a sua palavra se pode ou não, se está preparado espiritualmente ou não para seguir determinado caminho.
Ele deve ser consultado sobre assuntos que afetam o seu destino. Isto é o que significa consulta ao povo; isso não significa a eleição de uma elite pelo povo.

Mas repito a minha pergunta: “Quem atribui o lugar de cada um dentro de uma elite e quem avalia a todos? A OMB estabelece a seleção e consagra os membros da nova elite?” Eu respondo: “A antiga elite”.

Este não escolhe nem nomeia, mas consagra cada um no lugar a que ascendeu pela sua capacidade e valor moral. A consagração é feita pelo chefe da elite em consulta com a sua elite. Assim, uma elite nacional deve zelar por que deixe em seu lugar uma elite informante, uma elite que não se baseia, no entanto, no princípio da hereditariedade, mas apenas no da selecção social aplicada com o maior rigor. O princípio da hereditariedade não é suficiente por si só. De acordo com o princípio da selecção social, continuamente revigorada por elementos provenientes do interior da nação, uma elite permanece sempre vigorosa. O principal erro histórico foi que, onde uma elite foi criada com base no princípio da seleção, abandonou logo no dia seguinte o próprio princípio que lhe deu origem, substituindo-o pelo princípio da hereditariedade, consagrando assim os injustos e condenados. sistema de privilégios por nascimento. Foi um protesto contra este erro; pela remoção de uma elite degenerada; e para a abolição do privilégio através do nascimento, nasceu esta democracia.
O abandono do princípio da selecção levou a uma elite falsa e degenerada, que por sua vez levou à aberração da democracia.

O princípio da seleção elimina tanto o princípio da eleição quanto o da hereditariedade. Eles anulam-se. Existe um conflito entre eles; pois ou existe um princípio de seleção, caso em que a opinião e o voto da multidão não importam, ou estes votam em certos candidatos, caso em que a seleção não funciona mais.

Machine Translated by Google

Da mesma forma, se o princípio da seleção social for adotado, a hereditariedade não desempenha nenhum papel. Estes dois princípios não podem andar juntos a menos que o herdeiro corresponda às leis da seleção.

E se uma nação não tiver uma verdadeira elite – uma primeira designando uma segunda?
Respondo com uma única frase que contém uma verdade indiscutível: neste caso, a verdadeira elite nasce de uma guerra com a elite degenerada, a falsa. E isso, também no princípio da seleção.

Portanto, resumindo, o papel de uma elite é: a)
Liderar uma nação de acordo com as leis da vida de um povo. b) Deixar para trás uma elite
hereditária baseada não no princípio da hereditariedade, mas no da selecção, porque só uma elite conhece as leis da vida e pode julgar até que ponto as pessoas se conformam, através de competências e conhecimentos, a essas leis. é como um jardineiro que trabalha em seu jardim e cuida para que antes de morrer tenha um herdeiro,

um substituto, pois só ele poderá dizer quem entre aqueles que trabalham com ele é o melhor para ocupar o seu lugar e continuar o seu trabalho.

Em que deveria ser fundada uma elite? a)
Pureza de alma. b) Capacidade de trabalho e criatividade. c) Bravura. d) Vida difícil e guerra
permanente contra as dificuldades que a nação enfrenta; Isso é)
Pobreza, nomeadamente renúncia voluntária à acumulação de riqueza. f) Fé em Deus. g)
Amor.

Perguntaram-me se a nossa actividade até agora tem seguido as mesmas linhas da Igreja Cristã. Eu respondo, fazemos uma grande distinção entre a linha que seguimos e a da Igreja Cristã. A Igreja nos domina de cima. Atinge a perfeição e o sublime. Não podemos baixar este plano para explicar nossas ações.

Nós, com as nossas ações, com todos os nossos atos e pensamentos, tendemos para esta linha, elevando-nos a ela tanto quanto o peso dos nossos pecados da carne e a nossa queda no pecado original permitem. Resta ver até onde poderemos chegar a essa linha através dos nossos esforços mundanos.

INDIVIDUAL, COLETIVO NACIONAL, NAÇÃO

Os “direitos humanos” não são limitados apenas pelos direitos de outros seres humanos, mas também por outros direitos. Existem três entidades distintas: 1. O indivíduo.

2. A atual coletividade nacional, ou seja, a totalidade de todos os indivíduos de uma mesma nação, vivendo num determinado estado e num determinado
tempo.

3. A nação, aquela entidade histórica cuja vida atravessa os séculos, com raízes profundamente enraizadas nas brumas do tempo e com um futuro infinito.

Um novo grande erro da democracia baseada nos “direitos humanos” é reconhecer e mostrar interesse por apenas uma destas três entidades, o indivíduo; negligencia o segundo ou o ridiculariza e nega o terceiro.

Todos têm os seus direitos e deveres, o direito de viver e o dever de não infringir o direito à vida dos outros dois. A democracia preocupa-se em garantir apenas os direitos do indivíduo. É por isso que estamos a assistir a uma reviravolta formidável na democracia. O indivíduo acredita que pode usurpar, com os seus direitos ilimitados, os direitos de toda a coletividade, que pensa poder pisotear e roubar; portanto, na democracia, testemunha-se esta cena comovente, esta anarquia em que o indivíduo não reconhece nada fora do seu interesse pessoal.

Por sua vez, a coletividade nacional apresenta uma tendência permanente para sacrificar o futuro – os direitos da nação – pelos seus interesses presentes. É por isso que testemunhamos a exploração e alienação implacáveis das nossas florestas, minas, reservas de petróleo, esquecendo que há centenas de gerações romenas, os filhos dos nossos filhos que virão depois de nós, que também esperam viver e continuar a vida.

Machine Translated by Google

da nossa nação. Esta convulsão, esta ruptura de relações provocada pela democracia constitui uma verdadeira anarquia, uma perturbação da ordem natural e é uma das principais causas do estado de inquietação na sociedade actual.

A harmonia só pode ser restaurada restaurando a ordem natural.
O indivíduo deve estar subordinado à entidade superior, a coletividade nacional, que por sua vez deve estar subordinada à nação. Os “direitos humanos” já não são ilimitados, mas limitados pelos direitos da coletividade nacional, que por sua vez são limitados pelos da nação.

Finalmente, parece que numa democracia, pelo menos, o indivíduo que goza de tantos direitos vive maravilhosamente. Mas na realidade, e esta é a tragédia última da democracia, o indivíduo não tem direitos, pois onde está a liberdade de reunião no nosso país, a liberdade de escrita, a liberdade de consciência? O indivíduo
vive sob o terror, o estado de sítio, a censura; milhares de pessoas são presas, algumas delas condenadas à morte por causa da sua fé, como sob os líderes mais tirânicos. Onde está o “direito da multidão soberana” de decidir o seu destino, quando as reuniões são proibidas e quando milhares de pessoas são impedidas de votar, maltratadas, ameaçadas de morte, mortas? Você dirá: “Sim, mas essas pessoas querem mudar a Constituição, limitar as nossas liberdades, entronizar outra forma de governo!”

Pergunto: “Pode a democracia afirmar que um povo não é livre para decidir o seu próprio destino, para mudar a sua Constituição, a sua forma de governo, como quiser; viver com mais ou menos liberdade como desejar?

Esta é a tragédia final.
Na realidade, o homem não tem direitos numa democracia. Não os perdeu em favor da coletividade nacional ou da nação, mas em favor de uma casta político-financeira de banqueiros e agentes eleitorais. Finalmente, a última beneficência para o indivíduo. A democracia maçónica através de uma perfídia sem paralelo disfarçada de
apóstolo da paz nesta terra, ao mesmo tempo que proclama a guerra entre o homem e Deus.

Paz entre os homens e guerra contra Deus.
A perfídia consiste em usar as palavras do nosso Salvador “Paz entre os homens” para transformar-se em apóstolo da “Paz”, condenando-o e mostrando-o como inimigo da humanidade. Além do mais, esta perfídia consiste também em fingir querer salvar a vida das pessoas e, na verdade, conduzi-las à morte; fingindo salvar suas vidas da guerra, condená-los - diabolicamente - à condenação eterna.

Machine Translated by Google

A NAÇÃO

Quando dizemos nação romena, não nos referimos apenas a todos os romenos que vivem no mesmo território, partilhando o mesmo passado e o mesmo futuro, as mesmas roupas, mas a todos os romenos, vivos e mortos, que viveram nesta terra desde o início de história. e aqui também viverei no futuro.

A nação inclui.

1, Todos os romenos que vivem atualmente, 2.
Todas as almas dos nossos mortos e os túmulos dos nossos antepassados, 3. Todos aqueles que nascerão romenos. Um povo toma consciência de si mesmo quando atinge a consciência desse todo, e não apenas dos seus próprios objetivos.

A nação tem: 1.

Uma herança física e biológica – a sua carne e sangue.
2. Um património material – o solo do seu país e as suas riquezas.
3. Uma herança espiritual que contém: a)
Seu conceito de Deus, do mundo e da vida. Este conceito forma um domínio, uma propriedade espiritual. Os limites deste domínio são determinados pelos horizontes aos quais atinge o brilho do seu conceito. Existe um país do espírito nacional, um país das suas visões obtidas por revelação ou pelos seus próprios esforços.

b) A sua honra que brilha na medida em que a nação se conformou ao longo da sua história com as normas emanadas da sua concepção de Deus, do mundo e da vida. c)
A sua cultura, o rendimento da sua existência resultante do seu próprio esforço no campo das artes e do pensamento. Esta cultura não é internacional. É a expressão do gênio nacional, do sangue. A cultura é internacional até onde pode chegar a sua luminescência, mas de origem nacional. Alguém fez uma bela comparação: tanto o pão como o trigo podem ser produtos de consumo internacional, mas em todo o lado trazem a marca da terra onde cresceram. Cada um destes três ativos tem a sua importância. Um povo deve defender todos os três. O arco mais importante é a sua herança espiritual, pois só ele traz a marca da eternidade, só ele dura através dos séculos.

Os antigos gregos não são lembrados por seu físico - nada resta além de cinzas - nem por suas riquezas materiais, se é que as possuíam, mas por sua cultura.

Um povo vive na eternidade através da sua perspectiva, do seu conceito de honra e da sua cultura.
É por isso que os líderes das nações devem raciocinar e agir, não apenas de acordo com os interesses físicos ou materiais do povo, mas também tendo em conta a sua honra histórica, os seus interesses eternos.
Em outras palavras, não pão, mas honra a qualquer preço.

O OBJETIVO FINAL DA NAÇÃO

É a vida?

Se for a vida, então os meios que as pessoas usam para garantir a vida não importam; até o pior é bom. Portanto, a questão deve ser levantada. Quais são os princípios que orientam as nações nas suas relações com outras nações? Deveriam ser guiados pelo instinto animal, o tigre que existe neles, como se comportam os peixes no mar ou os animais na floresta?

O objetivo final não é a vida, mas a ressurreição. A ressurreição dos povos em nome do Salvador Jesus Cristo. A criação, a cultura são apenas um meio, não um propósito como se acredita, para obter esta ressurreição. É fruto do talento que Deus plantou no nosso povo, pelo qual devemos prestar contas.
Haverá um tempo em que todos os povos da terra serão ressuscitados, com todos os seus mortos e todos os seus reis e imperadores, tendo cada povo o seu lugar diante do trono de Deus. Este momento final, «a ressurreição dos mortos», é o momento mais nobre e sublime ao qual um povo pode ascender.

A nação, então, é uma entidade que prolonga a sua existência mesmo para além desta terra. As pessoas são realidades mesmo no mundo inferior, não apenas neste.
São João, narrando o que viu além da terra, diz:

Machine Translated by Google

“E a cidade não precisava de sol nem de lua para nela brilharem, porque a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada.
"E as nações andarão à sua luz, e os reis da terra trarão a ela sua glória e honra."
(Apocalipse, 21,
23-24). E ainda:
"Quem não Te temerá, Senhor, e não engrandecerá o Teu nome? Pois só Tu és santo; pois todas as nações virão e adorarão à Tua vista, porque os Teus julgamentos são manifestos."

(Apocalipse 15,4).

A nós, romenos, ao nosso povo, como a qualquer outro povo do mundo, Deus deu uma missão, um destino histórico. A primeira lei que uma pessoa deve seguir é seguir o caminho deste

destino, cumprindo a missão que lhe foi confiada. O nosso povo nunca depôs as armas nem abandonou a sua missão, por mais difícil ou longo que tenha sido o seu caminho até ao Gólgota.

Mesmo agora, obstáculos tão altos quanto montanhas surgem diante de nós.
Será que somos nós, pergunto-me, a geração fraca e covarde que abandona as nossas mãos, sob a pressão das ameaças, a linha do destino romeno e abandona a nossa missão como povo neste mundo?

MONARQUIA E LEI DA MONARQUIA

À frente do povo, acima da elite, está a monarquia. Eu rejeito a república.
Foram encontrados alguns monarcas que eram bons, alguns muito bons, outros fracos ou maus. Alguns desfrutaram das honras e do amor de seu povo até o fim da vida, outros foram decapitados. Portanto, nem todos os monarcas eram bons. A própria monarquia, porém, sempre foi boa. Não se deve confundir o homem com a instituição e tirar conclusões falsas.

Pode haver padrões ruins; mas podemos, portanto, concluir que a Igreja deve ser abolida e Deus apedrejado até a morte?
Certamente existem monarcas fracos e maus, mas não podemos renunciar à monarquia por causa disso. Na agricultura, ocasionalmente há um ano mau depois de um ano bom, ou um ano bom e dois anos maus; no entanto, não ocorreu a ninguém no mundo abandonar a agricultura.

Um monarca faz o que lhe agrada, seja ele grande ou pequeno, bom ou mau?
Um monarca não faz o que quer. Ele é pequeno quando faz o que quer e grande quando faz o que deve.
Para cada nação, Deus traçou uma linha de destino. Um monarca é grande e bom quando está nessa linha; ele é
pequeno ou mau, na medida em que se afasta dessa linha do destino ou se opõe a ela. Esta, então, é a lei da monarquia. Existem também outras linhas que podem tentar um monarca: a linha do interesse pessoal ou de uma classe de pessoas ou grupo; a linha de interesses estranhos (nacionais ou estrangeiros).
Ele deve evitar todas essas linhas e
seguir as do seu povo.
Estêvão, o Grande, brilhou na história durante 500 anos e os romenos lembram-se dele porque se identificou perfeitamente com o destino do seu povo. O rei Fernando, apesar da pressão dos interesses e influências externas, colocou-se em sintonia com o destino da nação; ele sofreu com ela, sacrificou-se lado a lado com ela e venceu com ela. É em virtude disso que ele é grande e imortal.

Machine Translated by Google

A BATALHA DE TUTOVA, 17 DE ABRIL DE 1932

Apenas quatro meses se passaram desde a eleição em 'Neamt e o jovem exército legionário iniciou uma nova batalha. No início de janeiro de 1932, um assento de deputado foi declarado vago em Tutova*.

Eu tinha pesado a situação. Nas eleições gerais anteriores, obtivemos apenas 500 votos. O condado estava fraco; mas foi enquadrado pelos condados mais fortes de Covurlui, Cahul e Tecuci, para que pudéssemos trazer facilmente legionários.
Parecia-me que poderíamos vencer, estava pensando no impacto que teria um eco de mais uma vitória. Duas vitórias consecutivas da geração mais jovem contra todos os partidos políticos teriam aumentado consideravelmente o seu prestígio aos olhos do país. Decidi que meu pai deveria concorrer, pois ele era mais necessário para mim no movimento, tanto no Parlamento quanto fora dele, para organização e propaganda.
A eleição estava marcada para 17 de março. Em 9 de janeiro, enviei um manifesto para todo o condado. Meu pai chegou com uma primeira equipe eleitoral no dia 10 de janeiro. Depois vieram as equipes de Iasi, Tecuci, Beresti e Cahul. Durante as primeiras três semanas, a rapidez e a bravura das pequenas forças legionárias desencadearam uma corrente de simpatia a nosso favor em todo o condado. Num inverno rigoroso, com fortes nevascas e frio, os partidos políticos não podiam sair. Eles esperaram por um momento melhor. Mas durante esse tempo, através das colinas, através da neve até a cintura, através das nevascas, os legionários viajaram de aldeia em aldeia.

No início de Fevereiro, o combate ao inimigo tornou-se mais difícil, uma coligação de Liberais, Camponeses Nacionais, Lupistas e Cuzistas
encarava-nos com uma ferocidade que nunca tínhamos visto antes. O governo recorreu a medidas verdadeiramente terroristas e a imprensa judaica atacou-nos veementemente.

Senti necessidade de novos reforços, por isso enviei os últimos reservas de Iasi, liderados por Totu. Não tinha outros, excepto em Bucareste, e não puderam ser garantidos por falta de fundos. Convoquei então uma reunião dos legionários e propus um passo heróico: que partissem a pé de Bucareste para Bariad, uma distância de quase 200 milhas, explicando-lhes que esta marcha significaria mais para a nossa vitória do que 100.000 manifestos. Só isso constituiria um grande discurso heróico dirigido pelos legionários aos romenos de Tutova.
Os legionários receberam minha sugestão com entusiasmo. Uma semana depois, uma equipa de cerca de 25 pessoas, liderada por Stelescu, Caratanase e Doru Belimace, deixou Bucareste a pé com destino a Tutova. Ao final de uma marcha de dez dias em meio a tempestades, chegaram a Bariad, onde foram calorosamente recebidos por toda a população.
Mas a perseguição se transformou em uma tensão estressante. O Sr. Argetoianu, Ministro do Interior, enviou aos gendarmes Col, lgnat, com grandes forças, e ordens para transportar os legionários para fora do condado de Tutova em macas. Era impossível para equipes pequenas avançarem mais. Formei então duas equipes fortes sob o comando de Victor Silaghi e Stelescu que, apoiando-se mutuamente, avançariam na linha Puesti-Dragomiresti, apoiando meu pai. Mandei outra equipe menor na direção de Bacani. Essas duas foram as únicas rotas que permaneceram inexploradas. Eles constituíam a metade nordeste do condado. A outra metade, a sul, foi devidamente trabalhada pelo meu pai, o senhor D.

Popescu, o chefe do concelho, Victor Silaghi, Teodor Tilea e Ion Antoniu, com as primeiras equipas.

As duas equipas do Norte avançaram cerca de 30 quilómetros, lutando contra o frio intenso e acabando com vários feridos, Tocu entre outros. Na parte norte do concelho foram recebidos por grandes contingentes de gendarmes. As equipes barricaram-se no sótão de uma casa abandonada onde resistiram durante 48 horas sem aquecimento, comida ou água. No final, conseguiram recuar durante uma difícil marcha nocturna, executada em condições verdadeiramente heróicas, apenas devido à persistência obstinada de Victor Silaghi em encorajar os legionários exaustos, famintos e congelados à última resistência possível.

* **Condado de Tutova com Barlad como sede de condado (Tr.)**

Machine Translated by Google

** **Membros do Dr. (Trad.)**

Esta criança órfã, filho do sacerdote romeno Silaghi de Careii Mari, assassinado pelos húngaros em 1918 em circunstâncias trágicas, lutou bravamente.

Finalmente estas equipas foram cercadas por forças superiores, capturadas e levadas para Bariad. Meu pai foi preso e trancafiado em uma prisão regimental.
A terceira equipe foi completamente dizimada na Batalha de Bacani. Ali, num vale, antes de entrar na aldeia à noite, foi atacado por um grande contingente de policiais. O líder da equipe, o legionário Lascar Popescu, atingido na cabeça por um rifle, foi o primeiro a cair inconsciente em uma poça de sangue. Os outros legionários recusaram-se a recuar. Eles contra-atacaram de peito nu, sem nada nas mãos, tentando entrar na aldeia. Um por um, todos ficaram inconscientes.

O último em pé, atacou sozinho. Sob os golpes, ele caiu de joelhos, levantou-se e atacou novamente. Ele pousou perto de seus companheiros. Toda a equipe ficou inconsciente em uma poça de sangue. De lá, foram arrastados pela neve pelos gendarmes, por mais de um quilômetro e meio até o posto dos gendarmes na aldeia. À 1 hora daquela noite, um cavaleiro trouxe a Bariad a notícia do que aconteceu em Bacani.
A equipe de Iasi comandada por Totu, que chegou a Barlad naquela meia-noite, partiu imediatamente a pé para ajudar seus camaradas feridos. Depois de uma batalha das 3h30 às 5h00, durante a qual os gendarmes dispararam todas as suas armas, os legionários ocuparam o posto dos gendannes, encontrando no seu interior, ainda inconscientes e caídos no chão, os seus companheiros caídos na batalha de Bacani . Eles os levaram para o hospital em Barlad.

Mas as coisas não pararam por aí. Os Judeus lançaram uma campanha massiva na imprensa, atacando-nos com cinismo revoltante e injustiça. Uma onda de mentiras, insultos, calúnias veio sobre nós.
Todos os grupos políticos uniram-se para nos tirar da batalha.

Machine Translated by Google

A SEGUNDA DISSOLUÇÃO DA GUARDA

MARÇO DE 1932

Expulsos pelos gendarmes, atacados pela imprensa judaica, fomos atingidos por uma nova dissolução da Guarda ordenada por uma simples decisão ministerial. Embora estivéssemos no quadro da legalidade perfeita, o governo lorga-Argetoianu, desafiando as leis e a Constituição, dissolveu arbitrariamente a Guarda. Nossas sedes em todo o país foram novamente apreendidas e trancadas com cadeados, a gráfica de Iasi foi fechada. Atacados pela imprensa, fomos colocados na impossível posição de não podermos nos defender, pois todas as nossas publicações haviam sido suspensas. No Parlamento tentei falar, mas fui impedido pelo barulho da maioria, que não me permitiu defender-me.

No entanto, a candidatura de Tutova não pôde ser evitada. O rasgo de Bucareste foi expulso do condado. Da mesma forma os outros, um por um. A nossa equipa de Iasi, composta por cerca de 30 pessoas, sob o comando de Totu, ao ser enviada ao armazém para a mesma operação de evacuação, rompeu as cordas e ocupou a sala de espera onde, barricados, resistiram durante 24 horas, até serem gaseados. No final, foi carregado no trem e levado para fora da cidade. Apenas Ibraileanu, Nutu Esanu e meu pai, que foi preso, permaneceram na cidade. A perseguição foi então transferida para as aldeias. Camponeses, professores e padres foram presos e espancados; suas casas foram invadidas. A eleição foi adiada por um mês, para 17 de abril.

Meu pai foi libertado. Os legionários idosos vieram então à cidade para se juntarem à batalha: Hristache Solomon, Coronel Cambureanu, Ventonic, Ifrim, Padre Isihie, Peceli, Potolea, etc. Cada um deles foi para seu posto na calada da noite. Nossas equipes de municípios vizinhos voltaram a entrar em Tutova em vários pontos. Ah. A equipe de Costea cruzou o rio Barlad, com água até o pescoço, enquanto todas as estradas eram patrulhadas; chegaram à assembleia de voto encharcados.

A votação começou no dia 17 de abril pela manhã e continuou até a noite. 18 de abril, às 5h, foi anunciada a vitória do legionário: 5.600 votos; Liberais: 5.200; Camponeses nacionais: 4.000; os demais grupos: menos de 2.000; Cuzistas: 500 votos.

Esta segunda vitória legionária, contra a coligação de todos os políticos romenos, conquistada com a intrepidez e a vontade férrea dos legionários, com o seu heroísmo e sangue, desafiando obstáculos, insultos, golpes e perseguições, despertou um entusiasmo indescritível em todo o país. .

Machine Translated by Google

NOVAS ELEIÇÕES GERAIS

JULHO DE 1932

O meu pai foi validado no último dia da sessão parlamentar. Mas o nosso descanso durou apenas uma semana, pois o governo de Lorga tinha caído. Foi formado um governo Nacional-Camponês, chefiado pelo Sr. Vaida.

Exaustos tanto física quanto financeiramente, partimos para uma nova batalha. Isso foi em junho de 1932.
Desde 15 de dezembro de 1929 estivemos em luta constante: dezembro de 1929 - abril de 1930, campanhas em Covurlui, Cahul, Turda, Tecuci; o verão de 1930, a preparação, depois a interdição da marcha na Bessarábia, seguida da minha prisão até aquele outono; em outubro e novembro estivemos em Maramures - aquele inverno estancou novamente; a primavera de 1931, a batalha antes das eleições gerais; verão de 1931, eleições em Neamt; inverno de 1932, eleições em Tutova; e agora estávamos novamente prestes a ir às eleições gerais.

Apesar de todas estas lutas, continuámos o trabalho de organização no resto do país.
No ano anterior inscrevemo-nos em listas eleitorais em 17 municípios, este ano inscrevemos 36. Todos os partidos políticos travaram as mesmas lutas, cheias de intrigas, pela nomeação dos seus candidatos. Isso durou uma semana inteira. Mas eu, sozinho, numa noite, fixei todas as nossas listas de candidatos em 36 condados. Ninguém entre os legionários luta por seu lugar no plantel; se houver alguma coisa, pede para ser colocado em último lugar.

O problema difícil para nós são as questões financeiras. A maioria dos condados conseguiu custear suas próprias despesas com as contribuições do legionário.
Outros não. Eu precisava de 50 mil lei apenas para cobrir os impostos eleitorais.
Andei atordoado até o último dia. Eu tentei um, tentei outro. Qualquer coisa.

Fui ver o Sr. Nichifor Crainic, diretor do Calendarul ("O Calendário"), na esperança de que ele tivesse dinheiro. Mas em vão. Com o seu diário, publicado há cinco meses, apoiou a nossa luta, acompanhando passo a passo a bravura das nossas equipas legionárias; no entanto, ele não pôde nos ajudar financeiramente.

Finalmente, pedi emprestado a Pihu e Caranica, que, correndo para todos os macedônios, encontraram a quantia necessária. Vários condados foram apoiados pelos condados de Focsani e Llristache Solomon.

A campanha começou. Uma nova perseguição se abateu sobre as nossas fileiras.
Estando espalhados por uma grande frente, nossas finas fileiras foram violentamente atacadas por todos os lados.
Os legionários Savin e Popescu foram feridos em Tighina. Em Barlad, muitos professores e padres foram arrastados para os porões e maltratados pelo Sr. Georgescu-Barlad. Em Vaslui, as nossas pequenas equipas ficaram feridas. Da mesma forma em Podul-Iloaiei e em todo o condado de Iasi. Em Focsani, o idoso Hristache Solomon, o engenheiro Blanaru e dez outros foram atacados por ordem do Advogado Neagu por bandos armados de camponeses nacionais na aldeia de Vulturul. Legionários caíram no chão feridos por porretes e facas. Só ficou como uma montanha, Hristache Solomon, que ninguém se atreveu a tocar até então. Ele se defendeu ferozmente, mas no final caiu no meio da estrada, vencido por golpes. Lá, no chão, ele foi espancado na cabeça por essas feras que sempre fizeram questão - então como fazem agora - da legalidade, dos métodos civilizados, da liberdade, etc.

A Guarda obteve 70 mil votos, o dobro do ano anterior. Os condados de Cahul, Neamt, Covurlui e Tutova, onde meu pai correu, foram os mais fortes. Depois seguiu Campul-Lung com Mota; depois Turda, Focsani, Ismail, Tighina. Conquistamos cinco cadeiras e agora devemos fazer nossas escolhas para ocupá-las. Fiquei em Cahul para permitir que Nutu Esanu entrasse no Parlamento.
Decidi que o meu pai deveria permanecer em Barlad para permitir que Stelescu, um estudante de 25 anos, entrasse no Parlamento; Desta forma, quis dar à juventude do país uma lufada de ar fresco e encorajamento. A confiança e o amor que demonstrei a esse jovem, porém, não foram retribuídos a mim.

*

Machine Translated by Google

*
O autor refere-se aqui à futura traição de Stelescu aos seus camaradas legionários. Tra.)

NO PARLAMENTO PELA SEGUNDA VEZ

Durante todo o tempo no Parlamento lutei contra o governo e as suas medidas que considerava contrárias ao bem-estar do povo romeno, como na verdade também lutei contra todas as administrações anteriores que se revezaram no comando do Estado. O país não tinha nada a esperar de todos esses governos. Nada de sanidade para o futuro do nosso povo estava sendo forjado ali. Todas as medidas e leis foram apenas alguns paliativos que prolongaram dia após dia a existência amarga e triste do nosso país.

Quando em Grivita, trabalhadores romenos foram fuzilados por ordem do Ministério da Administração Interna, profundamente enojado com a atitude dos pró-comunistas dentro do Partido Nacional Camponês que aplaudiu a medida do governo, tomei o palanque e considerei meu dever dizer o seguinte:

“É ruim que os infelizes trabalhadores saiam às ruas, mas seria pior se eles e o nosso povo, diante da injustiça que clama aos céus, não saíssem, mas curvassem resignadamente a cabeça sob o jugo, deixando o país nas mãos de alguns exploradores políticos."
*

Cito aqui a ata oficial desta sessão:

"Senhor Corneliu Zelea Codreanu. Senhor Presidente, senhoras e senhores! Em nome do grupo a que pertenço, exijo que, para além da investigação que normalmente é realizada pelas autoridades competentes, seja realizada outra investigação parlamentar, composta por representantes de vários grupos políticos deste Parlamento. Exijo-o porque duvido da veracidade da declaração do Ministro da Administração Interna, duvido por boas razões. No dia 24 de Janeiro, quando estudantes romenos, nacionalistas e cristãos, foram ao Túmulo do Soldado Desconhecido para colocar uma cruz, a Segurança de Estado vazou a um jornal de Bucareste a informação de que esta ação foi planeada e financiada por Moscovo.

"Se a informação que você tem sobre o caso Grivita também vem de tal fonte, então entendo muito bem o quão certo você está em tomar medidas desta natureza como fez ontem e hoje (Aplausos da bancada da 'Guarda de Ferro' e dos o Nacional
*
O autor fala aqui da greve dos trabalhadores na Obra Grivita Rafiway, em Bucareste, no dia 4 Fevereiro de 1933 sob a administração Nacional-Camponesa. (Trad.)

Festa do Dr. Lupu).
Em segundo lugar, quero afirmar que eu, tal como todas as pessoas sensatas deste país, não tenho medo nem do comunismo nem do bolchevismo. Temos medo de outra coisa, que estes trabalhadores não tenham o que comer; eles estão famintos. (Aplausos das margens da 'Guarda de Ferro' e do Partido Camponês do Dr.

Lupu).
“Alguns destes trabalhadores ganham apenas 1.100 lei por mês e têm 5, 6, 7 filhos.
médico V. Lupu:“É verdade”.
Sr. Corneliu Zelea Codreanu: “Tendo 5, 6, 7 filhos, esses salários não chegam nem para o pão de cada dia, eu, por outro lado, também
tenho medo de outra coisa: da sua sede de justiça”.

doutor N. Liipu: Muito bom! elmr,
Corneliu Zelea Codreanu: “Portanto, vocês terão que satisfazer essas duas necessidades: a fome e a sede de justiça (Aplausos da bancada da 'Guarda de Ferro' e das bancadas do Partido Camponês do Dr. Lupu), e este país irá aproveite o pedido completo."

Machine Translated by Google

(Reunião quinta-feira, 16 de fevereiro de 1933. Monitor Oficial 41, 23 de fevereiro de 1933)

Uma das dificuldades que retardam a atividade parlamentar são os milhares de pedidos aos ministérios de algum tipo de intercessão. Isto constitui um verdadeiro castigo para nós, no nosso eleitorado, (1) porque os parlamentares têm de perder a maior parte do seu tempo a satisfazer estas exigências. Este sistema é perigoso para a vida de uma organização, pois paralisa toda a sua atividade;

ele pode perder toda a batalha. Você tem que abandonar o destino do seu país para servir os seus apoiadores. Depois de um tempo, percebi que não havia legionários entre aqueles que me procuraram com tais exigências. Todos eram mendigos profissionais ou adversários enviados especialmente para nos paralisar. (2) esse sistema nos colocou na delicada posição de seguir em frente e buscar favores dos homens contra quem lutávamos. Por estas razões, eu pessoalmente me recusei a intervir por alguém. Durante todo o meu serviço no Parlamento, não perguntei nada a nenhum ministro.

Outra categoria eram aqueles que vinham nos pedir dinheiro. Das centenas que batiam diariamente às nossas portas, não havia legionários. Alguns ficaram realmente doentes ou desonrados, mas alguns transformaram este sistema numa verdadeira profissão. Em última análise, o nosso grupo era uma organização pequena, em formação, em movimento, em constante batalha. Isto exigia particularmente de mim atenção ininterrupta a todos os movimentos do inimigo; envolveu descobrir e desviar os planos do inimigo, conquistar e organizar novas posições, ou seja, um levantamento permanente, dia e noite, dos campos de batalha em todo o país. Mas antes de mais veio o acompanhamento da educação legionária para não acordarmos e nos vermos gradualmente transformados numa categoria política de infecção moral da qual não poderíamos livrar-nos e na qual morreria o espírito legionário.

O Parlamento roubou-me o tempo que eu realmente precisava para liderar.

Machine Translated by Google

A CONDIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO LEGIONÁRIA EM 1932-

1933

No outono de 1932 e no inverno de 1933, os legionários podiam respirar. Terminaram três anos e meio de luta. Esses jovens agora mereciam o descanso. Já se passaram quase dois anos desde que fixei residência em Bucareste.
Em Iasi, para ocupar o meu lugar, Banea, auxiliado por Totu, Cranganu, Tasca e Stelian Teodorescu, ficou para tratar de questões relativas aos estudantes, à gráfica, à nossa Casa, etc. metade dos militantes estudantis. Em Cluj, um início saudável de organização foi feito por Banica Dobre; da mesma forma, em Cernauti com Lauric, onde a vida legionária estava florescendo bem sob a orientação espiritual do Professor Traian Braileanu, em torno de quem o Professor Toppa e outros se reuniram. Em toda a Bucovina, a corrente e a organização legionárias cresceram sob a liderança competente do veterano e ilustre nacionalista Vasile lasinschi. Em Chisinau trabalharam Tudorache e Serghie Floreseu; Em Oradea Mare, Losif Bozantan.

Os jovens criados nas Irmandades da Cruz foram preparados quando ingressaram na universidade. Um jornal nacionalista de grande coragem e excelente direção começou a ser publicado em Bucareste, Calendarul ("O Calendário"), sob a direção do Sr. Nichifor Crainic e com a colaboração de um punhado de intelectuais chefiados pelo Professor Dragos Protopopescu. Esta revista abriu corajosamente um caminho novo e amplo no mundo intelectual romeno, ao longo de linhas cristãs e nacionalistas. Artigos do Sr.
Crainic, em particular, foram verdadeiros tiros de canhão, que causaram estragos nas fileiras inimigas. Dentro do movimento estudantil na capital, os legionários ocuparam a linha de frente.

Traian Cotiga ocupava a presidência do centro estudantil, com comissão legionária.

Sentiu-se uma reviravolta entre a juventude intelectual da capital. As suas consciências estavam preocupadas com os grandes problemas que afectavam a vida da nossa nação. Um grupo talentoso gravitando em torno da nova revisão Axa ("O Eixo") com Polichroniade, Vojen, Constant, juntou-se às fileiras legionárias, enquanto outros jovens eminentes como o professor Vasde Cristescu, Vasfie Marin, o professor Viadimir Durnitrescu, o engenheiro Virgd Ionescu, o professor Radu Gyr, o advogado Popov, os pintores Basarab e Zlotescu, todos muito talentosos e entusiasmados, trabalharam segundo as linhas da ideologia legionária.

O jovem macedônio saudável, puro como uma lágrima e corajoso, aproximou-se cada vez mais de nós. No entanto, consideramos imprudente que a massa de macedónios do Quadrilátero seja recebida na Guarda, porque, recentemente reassentados no país, iríamos expô-los a muitas perseguições. Os estudantes universitários macedônios, porém, aderiram integralmente ao movimento legionário. À frente destes jovens macedónios estavam três ilustres homens de cultura: Papanace, Caranica e Sterie Ciumeti.

Com os dois primeiros consultei muitas vezes, ambos tinham um julgamento admirável apoiado numa pureza irrepreensível e, sinceramente, num grande amor e coragem.
Não creio que tenha passado um dia desde 1931 sem nos encontrarmos com eles. Durante este tempo de perseguição discutimos durante horas golpe após golpe, injustiça após injustiça, traição após traição, Cada notícia de uma nova tortura de um legionário foi uma faca perfurando nossos corações. A dor que sofremos por todos os Legionários maltratados atormentou as nossas almas; e particularmente a impossibilidade de prever qualquer esperança de justiça.

Sterie Ciumeti morava comigo dia e noite. Ele era um jovem de grande retidão e fidelidade canina. Ele se tornou o tesoureiro-chefe da Guarda. Todos os seus dias - tantos quantos os que tiver - ele pensará apenas na Guarda, estará preocupado e agirá apenas pela Guarda, não viverá a sua vida por outra coisa senão pela Guarda.

Outros elementos valiosos surgiram em vários pontos do país:

*** Vários condados no sul de Dobrogea anexados pela Romênia no final da Guerra dos Balcãs em 1913. (Tr.)**

Machine Translated by Google

doutor Pantelimon, Padre Ionescu Duminica, Dr. Augustin Bidian em Sibiu; Padre Georgescu-Edincti, confessor espiritual dos estudantes, combatente veterano, Capitão Ciulei em Bacau, Aristotel Gheorghiu, também veterano, que comandou em Ramnicul-Sarat; em Brada, Ion Iliescu; em Constança, Seitan; Padre Doara e Victor Barbulescu em Valcea; Professores Vintan, Ghenadie e Duma em Timisoara; e os legionários veteranos, os professores

Nicolae Petrascu, Horia Sima, o advogado Iosif Costea, Colhon e outros, que hoje ocupam postos de comando em vários pontos do país.

*

Bucareste está dividida em sectores e começámos a organizar-nos dentro deles.

Havia dois bons homens nos setores Verde e Azul, Nicolae Constantinescu e Doru Belimace, dois personagens fortes, dois cérebros sólidos, sendo Doru Belimace um dos mais ilustres alunos da Faculdade de Letras; Nicolae Constantinescu possuindo uma formação económica eminente, foi aluno da Academia Comercial.

Logo, os dois demonstrariam qualidades imponentes de fé e bravura legionária.

Ainda neste período, foi criada a primeira patente legionária pela seguinte ordem de 10 de dezembro de 1932:

A) É instituída na hierarquia legionária a primeira

patente superior, denominada Comandante Legionário. em vista de seu sacrifício, trabalho, heroísmo, fé, habilidade e antiguidade,

os seguintes legionários são promovidos em ordem alfabética: Banea Ion, doutorando em medicina; Bélgica Ion; Blanaru Ion, engenheiro; Dumitrescu Ion, sacerdote; Ionescu Andrei; Silaghi Victor, advogado; Steleseu Mihail, Deputado Federal; Totu Nicolae, estudante; Traian Cotiga, estudante; Tanase Antohi, artesã.

B) Todos os Legionários das séries de 1927 e 1928 que tenham feito os votos e ainda estejam nas fileiras ativas da Legião, são promovidos ao posto de Comandante Auxiliar do Legionário.

Assinado: Corneliu Zelea Codreanu.

Os demais, mais avançados em idade, foram transferidos para o Senado da Legião e para o Conselho Superior do Legionário.

* Cada um dos cinco grandes setores recebe o nome de uma cor: Verde, Amarelo, Vermelho, Ilustre e Preto. (Trad.)

Machine Translated by Google

A OFENSIVA CALUMNIAL

“MOVIMENTO ANÁRQUICO E TERRORISTICO”

O movimento legionário crescia visivelmente, especialmente entre os jovens do ensino secundário e universitário, e entre os camponeses de todas as províncias romenas. Cresceu mais lentamente, no entanto, em cidades onde o elemento romeno era empregado pelo Estado e, portanto, impedido de expressar as suas opiniões, ou economicamente escravizado pelos judeus. A mesma perseguição silenciosa que conhecemos desde que começámos esta luta em 1922 tem-nos assombrado cada vez mais, a todos os combatentes e às suas famílias. Se você fosse um jovem graduado, não conseguiria um emprego no governo a menos que renegasse sua consciência e sua fé. Centenas de jovens foram procurados para serem atraídos com dinheiro, promessas, honras e cargos. O estado tornou-se uma escola de traição em que homens de caráter eram assassinados enquanto a traição era ricamente recompensada. Se você fosse um comerciante romeno, único entre os comerciantes judeus, e por acaso acreditasse na Legião, todos, desde funcionários de rua até prefeitos e prefeitos, se tornariam seus inimigos. Eles perseguiram você dia e noite; tributou vocês mais do que os judeus; multas eram continuamente cobradas de

Machine Translated by Google

você; você recebeu golpe após golpe até que eles o destruíram. Se você fosse um camponês, você era algemado e levado a pé de um posto de gendarme de aldeia para outro, e no próximo, e no próximo, por dezenas de quilômetros, sendo espancado todos os dias em cada seção de gendarme, você passava fome de 4 a 5 dias; eles olhavam para você como feras selvagens e todos batiam em seu rosto. Se você fosse um trabalhador, eles o jogariam fora como se fosse um pedaço de pano usado de qualquer fábrica e negócio.

Porque, neste país, um homem que mantém as nossas crenças deve morrer de fome, juntamente com todos os seus filhos. Todos somos considerados inimigos do nosso povo e do nosso país. Mas mantivemo-nos dentro da mais perfeita ordem e legalidade, para que nenhum problema nos pudesse ser imputado. Mas isso não significa nada. O raciocínio dos nossos governos é: "Não podemos destruir você porque você violou as leis? Não importa, vamos quebrá-las e destruir você! Você não quer agir ilegalmente, bem, nós faremos isso." !" Para que desta forma entremos num sistema verdadeiramente talmúdico; por um lado, fomos acusados pela imprensa e por todos os órgãos políticos de "ilegalidade" e, por outro lado, permanecemos

perfeitamente dentro da lei, fomos esmagados pelas negociações mais hediondas e ilegais de todos os representantes do governo e do estado, eles próprios na mais flagrante ilegalidade.

Arrastados para os tribunais, decreto após decreto legal em todo o país confirmaram a linha de legalidade e ordem do movimento. Não houve nenhum decreto nos condenando. Ainda assim, o argumento básico dos políticos e da imprensa judaica permaneceu invariavelmente: “Um movimento de desordem”, “anarquia”, “ilegalidade”, “terrorista”. A imprensa judaica constantemente incitava os políticos contra nós, para virem contra nós, para nos despedaçar, para nos aniquilar.

“O PROTETOR DE FERRO AO SERVIÇO DOS ESTRANGEIROS”

Depois de algum tempo, sem saber de novas acusações, a imprensa judaica afirmou que estávamos recebendo dinheiro de Mussolini; que fingíamos ser nacionalistas, mas na verdade o nosso objectivo era arrancar dinheiro a qualquer pessoa que conhecíamos. Agora, conhecemos Mussolini, a quem estávamos apertando, Um por um, ficamos sabendo com espanto que: “Estávamos a serviço dos ‘húngaros que despertam’...

Estávamos a serviço de Moscou....
Recebemos dinheiro dos judeus .....
Por mais ridícula que seja a última acusação, ela não nos poupou. Cito aqui uma passagem significativa do jornal judeu Politica (“Política”) de 10 de agosto de 1934, em um artigo intitulado: “Max Auschnitt e a Guarda de Ferro:”

Também no nosso país, então, o fenómeno foi verificado exactamente como é um facto conhecido, que o movimento mais importante do fascismo romeno, a Guarda de Ferro, foi criado e financiado pelos grandes capitalistas. E aí vem a sensação nada sensacional: o judeu Max Auschnitt

apoiou e financiou a Guarda de Ferro diretamente. O fato foi afirmado por duas pessoas muito sérias e responsáveis, o Sr. Ministro Victor Iamandi e a conhecida publicitária Scarlat Calimachi. Segundo estas explicações, o fato parece muito natural.

Quem já não sabe que Hitler também foi financiado pelos grandes capitalistas judeus da Alemanha? ”

A GUARDA DE FERRO PAGANDO OS HITLERITAS

Ultimamente, na Alemanha, Hitler derrotou a hidra judaico-maçónica de todo o mundo. O povo alemão, com extraordinária determinação e unidade, lutou e

Machine Translated by Google

derrubou o poder judaico. Os judeus publicam mentiras e mentiras em sua imprensa, tentando confundir a mente do povo: 1. Adolf Hitler é um pintor, estúpido, incapaz. Quem
se apaixonará por ele num país civilizado como a Alemanha? Mas Hitler
avança.

2. Adolf Hitler não vencerá porque os comunistas alemães se oporão a ele. Mas Adolf Hitler aproxima-se do poder.

3. O hitlerismo dividiu-se em dois, três. Grande insatisfação dentro do partido, etc.
Mas Hitler não mudou.

4. Adolf Hitler enlouqueceu. Ele foi para as montanhas, etc. Mas Adolf Hitler está com boa saúde e cada vez mais perto da vitória.

5. Se vencer, no segundo dia seguinte, a Alemanha terá uma revolução. O comunismo iniciará uma revolta geral e Hitler cairá. Mas Hitler ganha o poder e a revolução sonhada pelos judeus não irrompe. Passará das maiorias para uma unanimidade nunca antes vista na história.

6. Todos os países boicotarão economicamente a Alemanha e o hitlerismo cairá.
Mas Adolf Hitler marcha vitorioso.

7. “Ditadura”, “Terror Hitlerista” em toda a Alemanha. "A votação está dominada pelo terror." Mas o povo alemão marcha atrás dele com entusiasmo.

8. Hitler quer assumir o controle da nossa Transilvânia. E nós, todos os nacionalistas romenos, que queremos livrar-nos da calamidade judaica, não somos nem mais nem menos "hitleristas", isto é, queremos dar a nossa Transilvânia aos alemães.
Mas nós respondemos:
"Vamos supor que Hitler queira fazer guerra contra nós para tomar a nossa Transilvânia. Para que nós, Romenos, possamos defender a Transilvânia contra os Alemães, devemos livrar-nos dos Judeus; nós, também, devemos resolver este problema Judaico, devemos fortalecer a posição do nosso povo espremido pelos judeus e sem forças até que sejam completamente incapazes de se defender Selados pelos judeus que envenenam as nossas almas e sugam o nosso sangue, não teremos armas, nem alma, nem carne nos nossos ossos .
"

9. Finalmente, “recebemos dinheiro”, somos financiados, somos “pagados” pelos nazistas. Respondemos: "AC Cuza luta contra os judeus desde 1890; nós, desde 1919, 1920, 1921, 1922, quando nem sequer tínhamos ouvido falar de Adolf Hitler. Cobras venenosas!"

IMPRESSÃO DE NOTAS FALSIFICADAS EM RASINARI

Antes que muito tempo se passasse, uma nova campanha político-judaica foi lançada contra nós.

Não querendo que nos contentássemos com o dinheiro de Mussolini, Hitler, Moscovo e Auschnitt, o nosso inimigo encontrou-nos uma nova fonte de financiamento na impressão de notas falsas de Rasinari. A descoberta sensacional encheu as colunas dos jornais judaicos e do Partido.

Apresentamos abaixo, fora deste período, várias passagens destinadas a ilustrar o sistema de perfídia que tentou a nossa aniquilação aos olhos da nação.
O jornal Patria (“A Pátria”) de 22 de julho, publicou:

A GUARDA DE FERRO E A PLANTA DE IMPRESSÃO DE DINHEIRO FALSIFICADO DE RASINARI

- FONTE DE FUNDOS DE PUBLICIDADE -

Cluj, 21 de julho - Em Rasinari, uma aldeia perto de Sibiu, foi feita uma descoberta sensacional, do tipo que apresenta toda uma organização política sob a luz mais feia e contra a qual o governo tem agora nas mãos as provas mais contundentes para prosseguir com todos gravidade.

Machine Translated by Google

Uma prensa de dinheiro falsificado da Guarda de Ferro

Especificamente na aldeia de Rasinari, foi descoberta uma das muitas fábricas de dinheiro falsificado. Da investigação efectuada constatou-se, no entanto, para espanto de todos, que neste título não se trata de um bando de ciganos ou desajustados que desafiam o rigor da lei na esperança de um enriquecimento rápido, mas sim da Guarda de Ferro, Sr. Corneliu A organização política de Zelea Codreanu, que ultimamente tem estado envolvida na campanha mais abusiva contra o nosso governo e em geral contra todos os partidos políticos na Roménia.

A Guarda de Ferro e a sua propaganda nas aldeias Mas para quem conhece um pouco melhor a actividade da Guarda de Ferro, com os seus bandos de guardas que percorrem todo o país de uma ponta à outra, isto parece muito natural.

Nessas circunstâncias, o dinheiro é necessário em primeiro lugar. Na verdade, sabe-se que os propagandistas da Guarda de Ferro dispunham ultimamente de grandes fundos, o que lhes permitiu viajar pelas aldeias, bem como imprimir jornais, e armar os seus fiéis membros com tudo o que era necessário para copiar o sistema'a la Hitler'.

Como a falsificação foi descoberta “O Ministério da Administração Interna foi informado há muito tempo que alguns dos líderes da Guarda de Ferro na Transilvânia, particularmente os de Brasov e Sibiu, tinham à sua disposição grandes somas que distribuíam a organizações locais em todo o país. A princípio, suspeitou-se que o dinheiro fosse fornecido por sabe-se lá que organização estrangeira semelhante, mas como resultado da vigilância, constatou-se que a suspeita era infundada. A descoberta da máquina de imprimir dinheiro em Rasinari proporcionou às autoridades policiais uma nova pista e o resultado das investigações foi surpreendente. e a

Sibiu financia toda a organização Imediatamente as autoridades de Bucareste delegaram ao juiz I. Stanescu de Bucareste a tarefa de iniciar a investigação habitual. Acompanhado pelo Procurador-Geral Radu Pascu e pelo Procurador Mardaric, partiu para Sibiu, fazendo a sua primeira busca na casa do Procurador Bidianu, que chefiava a organização dos guardas, onde foi descoberto material sensacionalista comprometedor que deixou claro que a imprensa monetária servia exclusivamente para Objectivos políticos e subversivos da Guarda de Ferro. Entre a correspondência confiscada, foram encontradas cartas de várias organizações locais, em particular da organização Iasi, nas quais o Sr. Banea pedia uma grande soma de dinheiro para comprar uma carrinha e intensificar a propaganda na Moldávia.

A polícia realizou uma série de prisões e confiscou todo o material comprometedor, juntamente com o equipamento utilizado na falsificação.

As investigações prosseguem assiduamente e estão a ser envidados esforços para estabelecer ligações entre a imprensa e as organizações relevantes e, em particular, o montante dos fundos distribuídos a estas últimas.

O Valor Moral da Guarda de Ferro

Quando a organização da Guarda de Ferro, que conseguiu criar núcleos por todo o país, foi vergonhosamente apanhada em flagrante, causou uma profunda impressão em todo o nosso país e causou verdadeira consternação nas fileiras dos apoiantes da Guarda. . Sabia-se que a agitação nas aldeias era feita em nome da justiça, da honra, da decência, do respeito à lei, etc., nada mais do que

as alegações agora provam ter sido apenas palavras vazias da Guarda de Ferro, quando na verdade, eles apenas buscavam poder inescrupuloso no que diz respeito aos meios utilizados.

Face a estas descobertas, o governo parece disposto a prosseguir com toda a severidade. Sr. VV Tilea, Subsecretário de Estado, declarou a um círculo interno

Machine Translated by Google

que, dada a gravidade dos atos cometidos por alguns membros, a Guarda de Ferro deve ser dissolvida.

Em Chemarea Romanilor (“O Chamado dos Romenos”) de 6 de agosto de 1933, lemos o seguinte.

AMOR AO DINHEIRO E DINHEIRO FALSO

“Os jornais noticiaram nos últimos dias como os lacaios da Guarda de Ferro foram apanhados pelas autoridades a falsificar dinheiro. Sabemos que este tipo de homem começou recentemente a percorrer todas as nossas aldeias prometendo todo o tipo de coisas às pessoas e exigindo a pena de morte para os infratores. Somos jovens que esperamos muito tempo para aprender por nós mesmos quais são os objetivos e propósitos deste povo. Pregando com ardor, com o amor ao país, a sua sábia administração e a extirpação dos estrangeiros, por um tempo pensamos que eles estavam bem - ou seja, quando lemos nos jornais que começaram a trabalhar em detrimento do país com a falsificação de dinheiro, começámos a perceber que nos havíamos enganado e que agora os conhecemos. Fazem parte da camarilha de saqueadores profissionais do nosso país e, pela grande ilegalidade que cometeram, não aconselharíamos o governo a fazer outra coisa senão julgá-los de acordo com a forma como exigiram o julgamento de tais crimes: a pena de morte. , Para a forca com falsificadores! "

No Dreptatea ("Justiça") de 22 de julho de 1933, o jornal oficial do Partido Camponês Nacional, lemos:

A GUARDA DOS FALSIFICADORES

Se era necessária uma prova definitiva para a avaliação dos indivíduos que formam a chamada ala nacionalista da nossa direita política, foi no retumbante caso dos falsificadores de dinheiro de Rasinari.

Em todo o lado e sempre, os partidos de extrema-direita - que na realidade são constituídos por bandos de hooligans e valentões - utilizaram os meios mais abomináveis, vis e inescrupulosos no trabalho de propaganda contra as multidões crédulas.
Pois, na 'concepção' (sic) e na 'doutrina' (sic) da direita, o objetivo, que se reduz à tomada do poder, justifica a sujeira dos meios.
Não pode haver nobreza em procedimento, tática, método e comportamento, onde não há nobreza em ideal ou propósito no objeto perseguido. Quem poderia afirmar que o ideal, digamos, da extrema-direita não esconde um pingo de nobreza? O culto à força bruta no grosseiro desrespeito aos direitos elementares nunca constituirá um ideal e uma superioridade! O ideal cujos raios aquecem a alma do homem é outro, um ideal de justiça, de paz e de trabalho construtivo, para a ascensão cada vez mais elevada da escala intelectual da coletividade nacional e, portanto, de toda a humanidade. No entanto, este não é o ideal do extremismo de direita, que é abraçado pelos mais básicos exemplos humanos com o pensamento vão de conquistar poderes ditatoriais. O extremismo de direita substitui a inteligência pelo poder do punho (que não distingue entre um intelectual e um criminoso comum); pela justiça, pela arbitrariedade; pelo nobre ideal de paz e cooperação entre Estados e povos, pelo dogma obtuso do ódio entre nações.

Nenhum intelectual pode aprovar o extremismo de direita.
Se ele conseguiu capturar vários homens, foi apenas porque o fizeram em nome de uma fé explorada de forma odiosa, a fé nacionalista.
Foi assim que procedeu a associação de conspiradores chamada 'A Guarda de Ferro'. Ele pretende agir em nome do nacionalismo.

Em nome do nacionalismo? Esta hipocrisia deve ser exposta à opinião pública. Não há necessidade de o nacionalismo ser servido através de

Machine Translated by Google

organizações ocultas, associações secretas e, em particular, não há necessidade dos métodos praticados pela 'Guarda de Ferro'. O nacionalismo é uma fé que se defende em plena luz do dia, de forma aberta, honesta e sincera.

Em qualquer caso, não se serve o nacionalismo com ordens secretas para ... 'ninhos' (?!?), para 'batalhões' invisíveis e 'celas' escondidas e particularmente falsificando dinheiro como alguns infratores desprezíveis.

A Guarda de Ferro 'nada mais é do que um punhado de aventureiros, clandestinamente agrupados para a conquista violenta do poder no Estado através da mais vergonhosa e enganosa demagogia. Isto, em nome da ideia nacionalista.

Em nome da ideia nacionalista? Esta fé, que pertence a todos os filhos desta terra, não tolera meios como os utilizados pela 'Guarda de Ferro'; não permite falsificação.

A descoberta da banda Rasinari coloca 'A Guarda de Ferro' em sua verdadeira luz.

As pessoas se perguntavam: onde esses caras conseguem o dinheiro? Tanto dinheiro para publicidade? Organizar e adquirir consciências? Para viajar, morar, carros? De onde?
A descoberta de Rasinari revela a origem: dinheiro falso!

É assim que funciona 'A Guarda de Ferro'. “Os pioneiros da Guarda de Ferro são indivíduos que se enquadram nas leis do código penal. Eles querem criar um partido político falsificando dinheiro.

Que autoridade moral têm agora para exigir a aprovação das massas? E, ao mesmo tempo, em nome da ideia nacionalista?

'The Iron Guard' é uma guarda de falsificadores. E uma guarda de falsificadores não pode falar em nome do nacionalismo! "

E finalmente, para não prolongar muito esta citação, damos da Patra ("A Pátria") de sábado, 22 de julho de 1933, o seguinte extrato:

"OS GUARDISTAS" E OS FALSIFICADORES

“A descoberta de Rasinari tem um lado verdadeiramente sensacional. Vai além do habitual, do banal e do comum, colocando em toda a sua amplitude e crueza sangrenta toda a decomposição, dissolução e elasticidade moral daqueles que pretendem regenerar as massas excessivamente crédulas que procuram um novo credo. E dizemos: 'verdadeiramente sensacional' porque, se os jornais nos habituaram ultimamente a saber que em vários cantos do país aparecem pequenas casas da moeda clandestinas, os engenhosos e cavalheirescos patronos desta instituição inflacionária, em desacordo com o código penal, nunca provaram ser membros de um status social ligeiramente superior. Em Rasinari, os heróis não são mais ciganos atrás de pequenos furtos, nem apenas algumas pessoas em conflito com a justiça em busca de uma morte fácil e disfarçada, ou um daqueles heróis que consideramos estético o gozo de uma aventura frutífera e com grandes riscos. Mas fala-se bem sobre o headnote – o chefe da “Guarda de Ferro” em Sibiu. Citamos um objeto Cinco jornais que muitas vezes tomaram sob sua proteção desinteressada o movimento dos fiéis de Codreanu:

'As autoridades de Sibiu, revistando a casa do advogado Bidian, chefe da organização 'A Guarda de Ferro' nesta cidade, descobriram material sensacional do qual é óbvio que a fábrica de dinheiro falsificado Rasinari foi criada para apoiar'
Os Guardas de Ferro. ' Entre outros documentos estava também uma carta do presidente da organização Iasi, Sr. Banea, pedindo dinheiro para comprar uma carrinha e intensificar a propaganda da 'Guarda de Ferro'. "Claro, não é? Uma casa da moeda para apoiar um partido que se proclama regenerador da política e da moral! Conhecidos como agitadores inescrupulosos, escandalosos e valentões, eles agora também são conhecidos como falsificadores, um atributo tão vergonhoso quanto o primeiro, mas talvez o mais culpado. Alguém poderia afirmar ter encontrado aqui um curioso e grave sinal dos nossos tempos; e um amante das palavras cruzadas descobriria que para um guardista, mesmo sendo de ferro, é um pouco demais. um falsificador. Não importa como se olhe, o caso Rasinari é extremamente sério. Ele lança uma luz nítida sobre os recursos com os quais esses aventureiros se apresentam ora como valentões, ora como mártires, e mantêm uma

Machine Translated by Google

existência agitada e ambulante. Bem nestas colunas perguntamos, espantados e curiosos, onde é que estes senhores conseguem o seu dinheiro? Vamos confessar honestamente, não esperávamos que a resposta viesse tão prontamente, de forma tão assustadora e diretamente de Rasinari!

Esta campanha odiosa durou três semanas.
Foi em vão que Caranica, Steric Ciumeti e Papanace, os três legionários de elite, bateram desesperadamente nas redações dos jornais para obterem um resultado negativo.
Estes jovens, desde 1931, pelas suas qualidades de bom senso e grande sinceridade, convivem comigo diariamente, partilhando comigo as mesmas angústias atormentadoras e ajudando-me passo a passo no difícil fardo de liderar uma organização no campo de batalha.
Esforços inúteis, pois todas essas infâmias lançadas contra nós foram ordenadas.

Terão apenas um efeito: acumular injustiça após injustiça, calúnia após calúnia, golpe após golpe, dor após dor. nossa juventude suportou todos eles, enterrando-
os em suas almas. Agora, tantos anos depois, se eu quisesse dar um conselho ao mundo, gritaria: Cuidado com quem aguenta muito!

A EQUIPE DA MORTE

Machine Translated by Google

Mas, diante desses obstáculos, golpes, intrigas e perseguições, que nos assaltam de todas as direções, tendo esse terrível sentimento de solidão, sem ter para onde ir, nos opomos a tudo isso com a firme determinação de morrer. “A equipa da morte” é a expressão desses sentimentos íntimos dos jovens legionários de todo o país, por receberem a morte; sua determinação de seguir em frente, através da morte.

No início de maio de 1933, uma equipe foi formada, composta por Padre Ion Dumitrescu, Nicolae Constantinescu, Sterie Ciumeti, Petru Tocu, Constantin Savin, Bulhac, Constantin Popescu, Rusu Cristofor, Adochitei, Iovin, Traian Clime, Iosif Bozantan, Gogu Serafim Isac Mihai , Professor Papuc, Radoiu...

,

Antes de viajarem por todo o país, eles se autodenominavam "The Death Team".
Caprioara (The Doe) foi expulsa de Iasi por seu uso. Eles tiveram que cobrir a rota de Bucareste, Pitesti, Ramnicul-Valcea, Targul-jiu, Turnul-Severin, Oravita e Resita. Até então deverão ser acompanhados também pelo Padre Duminica Ionescu. Depois, para Timisoara, Arad e de volta a Bucareste, estavam à beira da maior expedição legionária e partiram com apenas 3.000 lei nos bolsos para gasolina; de resto, eles confiaram em Deus e no que as pessoas em seu caminho lhes dariam. Eles levaram consigo um código de leis do país. Eles permaneceriam legais, mas se defenderiam contra medidas ilegais.

Em Tg. Jiu, Turnul-Severin, Bozovici, foram seguidos por policiais e gendarmes e atacados. Eles se ajoelharam na frente do caminhão para proteger os pneus, expondo o peito às armas.
Nos arredores de Oravita, foram recebidos por metralhadoras e presos. Um dia depois, o promotor Popovici os libertou, declarando-os inocentes; pois não fizeram nada, não fizeram discursos, não realizaram reuniões. Eles estavam apenas viajando e cantando – isso era tudo. Mas o povo entendeu e os cumprimentou com flores. Eles receberam comida e gasolina para o caminhão. Onde quer que fossem, um traço de entusiasmo permanecia.

Na Resita saí para encontrá-los. Lá decidimos realizar um comício público. Era nosso direito fazê-lo. Como fui deputado e inscrevi-me numa lista legionária de candidatos no município de Caras, obtendo 2.000 votos, vim contactar os nossos apoiantes para lhes apresentar um relatório sobre a nossa actividade no Parlamento.
Isso é ótimo. É perfeitamente legal. Mas quando se trata de nós, as leis não existem mais.

Nem mesmo durante a guerra Resita viu tanto poder militar. Foi trazido de cidades próximas para ocupar a cidade e cercá-la.
Percebi que o governo estava armando uma armadilha para mim. Eu teria gostado de tentar uma atitude irracional; perder a paciência para causar um motivo de repressão. "É por isso que detivemos estes

senhores. É por isso que eles devem ser abolidos. Onde quer que vão, incitam a população contra as nossas medidas de ordem, contra os militares e as autoridades. Eles querem fazer uma revolução."

Tal erro da nossa parte teria sido explorado pelo governo e pela imprensa judaica.
Por isso não lhes dei essa oportunidade, mas ao afogar toda a rebelião dentro de mim, evitei qualquer confronto. Teria sido exatamente neste confronto que teria conquistado uma vitória. Preferimos desistir do nosso rali.

A equipa continuou, passou pelo concelho de Timis-Torontal e entrou no concelho de Arad. Ali, na aldeia de Chier, os gendarmes, juntamente com os judeus, incitaram os camponeses a gritar que as faixas vermelhas da Hungria tinham atravessado para a Roménia.

Os camponeses, armados com forcados, machados e porretes, atacaram os legionários que não tiveram tempo de se identificar. Os golpes os cobriram de sangue. A mão direita de Ciumeti quebrou e ele caiu na beira da estrada, inconsciente. Adochitei estava mentindo por ele.
Todos eles ficaram feridos. Depois foram presos, transportados para Arad e colocados em celas separadas na prisão da cidade.

Eles foram levados a julgamento por rebelião dez dias depois. Nossos advogados de Arad; Mota, Vasile Marin

Machine Translated by Google

e eu mesmo os defendi e todos foram absolvidos. O povo romeno de Arad deu-lhes uma calorosa demonstração de simpatia.
Como consequência deste incidente, decidi acompanhá-los. Parte da equipe foi em uma caminhonete, enquanto eu, acompanhado de quatro deles e do camponês Fratila, saímos a pé, percorrendo todas as aldeias até o túmulo de Avram Iancu, nas montanhas, a cerca de 80 quilômetros.
Os camponeses me acolheram em todos os lugares.

Em Thebea, nos separamos. Eles continuaram sua rota pelo condado de Hunedoara e eu parti para Teius.

NO TEIUS

Meu pai estava programado para fazer um discurso aqui. Chegando naquela noite, encontrei meu pai na casa de um camponês; ele estava coberto de sangue. Um grande número de policiais entrou no salão onde as pessoas estavam reunidas e começaram a atacar todos. Meu pai foi atingido na cabeça.

Legalidade! Legalidade!
Um parlamentar romeno, gozando de imunidade e direitos garantidos, vai fazer um discurso e representantes da força pública entram na sala batendo a cabeça com cabeçadas. Camponeses, professores, padres estão todos chocados. Então decidi que faríamos uma reunião de protesto duas semanas depois no mesmo local.

Na véspera da reunião, "The Death Team" chegou a Teius, bem como legionários de Cluj e Bucareste, mas a reunião não pôde ser realizada.
Um regimento de infantaria e um batalhão de gendarmes cercaram Teius, impedindo a entrada dos camponeses.

Foi o mesmo que em Resita. Tentei evitar um confronto, decidindo que meu pai e todos os legionários deveriam deixar a cidade, exceto eu; porque a presença de vários homens, por mais poucos que fossem, poderia gerar um conflito, enquanto a presença de um único homem diante de forças tão grandes não poderia causar uma rebelião; nem uma glória para muitos, se pesassem sobre ele.

No entanto, os camponeses de Mihalt e arredores tentaram cruzar à força a ponte já ocupada pelo exército.

“Nós, os camponeses de Mihalt, conquistamos esta ponte aos húngaros em duras batalhas. Não aceitamos que hoje os gendarmes romenos nos impeçam de atravessá-la”, disseram estes bravos e “destemidos camponeses de Mihalt”.
Seguiu-se uma batalha que durou mais de duas horas. Tiros foram disparados. Um camponês foi morto e da "Equipe da Morte" Tocu, Constantinescu e Adochitei ficaram gravemente feridos pela segunda vez.

Toda a “Equipe da Morte” e demais estudantes, num total de 50, foram trazidos de volta a Teius pelas autoridades durante o dia. Disseram-lhes que iriam embarcar no trem, mas como não tinham passagens de trem, tiveram que ir até Alba-lulia para buscá-los.
Mas aí, em vez de conseguirem os bilhetes, foram atirados, sem mandado de detenção, para a famosa prisão onde Horia tinha sido atirado.
Todos os seus protestos foram inúteis. Protestaram em vão que a sua detenção era ilegal; que nenhum detido pode ser preso sem mandado de prisão; que a autoridade que os jogou ali estava cometendo um ato ilegal. Às 14h daquela noite, arrombaram o portão da prisão, formaram uma coluna e dirigiram-se à casa do promotor. Eles relataram eventos para ele. Lá permaneceram no pátio até a manhã seguinte, quando, junto com o promotor, retornaram ao presídio. Desta vez, foram emitidos mandados de prisão por “forçar a porta da prisão”.

No julgamento que se seguiu, foram absolvidos porque, em primeiro lugar, por falta de mandados de prisão, estavam detidos ilegalmente. Eles se conformaram com as disposições legais. Ao informar o promotor, eles estavam apenas seguindo o regulamento. Mais uma vez ficou provado em tribunal que não foram os legionários que causaram a desordem, mas sim as próprias autoridades, que, em vez de fazerem cumprir as leis, as infringiram com desdém soberano.

Machine Translated by Google

"The Death Team" regressou a Bucareste após dois meses de campanha. Suas lutas, o sofrimento a que foi submetido, suas feridas mexeram com a alma de toda a Transilvânia.

Agora, nesta altura, podemos dizer que o movimento legionário se espalhou por todo o país, apesar de toda a oposição das autoridades, apesar de todas as perseguições.

A partir de agora, vamos parar, dissemos. Começaremos a aprofundar a educação legionária para a vida nos campos de trabalhos forçados. Quem ficaria incomodado com esta actividade silenciosa, especialmente quando fora do quadro político?

A BARRAGEM DE VISANI

10 DE JULHO DE 1933

Machine Translated by Google

Contudo, durante o Inverno anterior, o farmacêutico Aristotel Gheorghiu, líder legionário de Ramnicul-Sarat, enviou-me um relatório no qual descrevia a situação na aldeia de Visani onde o rio Buzau inundava todos os anos os campos agrícolas numa área de vários milhares. Acre. E ele estava dizendo que toda a aldeia estava nos implorando para ajudá-los a construir uma barragem protetora. Aceitei esse pedido e tomei todas as providências necessárias, enviando engenheiros especializados, traçando planos e emitindo ordem para que todos os legionários daquela região estivessem presentes em Visani no dia 10 de julho de 1933, quando seria inaugurado o campo de trabalhos forçados. Aqui está a ordem: **A TODOS OS LÍDERES DE NINHO E UNIDADE LEGIONÁRIA DO PAÍS**

Camaradas,

Nunca o problema da luz foi tão levantado como no momento em que o homem perdeu a visão. Como se o problema da construção se colocasse de forma particularmente urgente num momento em que a humanidade percebe claramente que tudo à sua volta está a desmoronar-se.

Quando tudo vai lentamente se transformando em ruína, a alma humana vai na direção oposta, na tentativa de contra-ataque, manifestando um formidável impulso de construir desde os alicerces, de levantar pelo trabalho, de construir.
Nunca este problema da construção foi levantado na Europa como é hoje, quando o período da guerra nos deixou em ruínas e quando o período pós-guerra aumentou dia após dia o nosso estado ruinoso.

No nosso país, depois de 15 anos de discurso público pomposo mas estéril, que só deixou ruínas, a nossa alma rebela-se contra a palavra e procura a acção.
Também queremos construir; de uma ponte quebrada a uma estrada e o barulho de uma cachoeira e sua transformação em energia; de uma nova propriedade camponesa a um novo tipo de aldeia romena, cidade romena, estado romeno.
Este é o apelo histórico da nossa geração, para que sobre as ruínas de hoje construamos um novo e belo país.

Hoje, no nosso país, o povo romeno não consegue cumprir a sua missão no mundo, a de criar a sua própria cultura e civilização na Europa Oriental.

LEGIONÁRIOS,

Estas verdades levaram-me a chamar-vos ao centro do país, às margens do rio Buzau, para erguer com os próprios braços aquela enorme barragem que durante décadas levará o vosso nome.

Perguntei-lhe para que pudesse dizer aos outros romenos que são vocês que vão construir a nova Roménia.

Esta nova Roménia não pode nascer em clubes, cafés, cabarés; ou os saltos altos usados pelas ruas da cidade nos passeios e diversões dos diversos Don Juans.
Nascerá do heroísmo do seu trabalho.

EXPLICAÇÕES E

INDICAÇÕES 1. A barragem será construída perto da aldeia de Visani, na parte sul do condado de Ramnicul-Sarat, quatro milhas a norte do depósito de Faurei, na linha Buzau-Braila.
.

2. Ponto de encontro, vila Visani. Todas as equipes estarão sob comando local assim que chegarem.

3. Datas de chegada a Visani: 8 e 9 de julho de 1933.
4. O projeto será realizado em duas etapas de 30 dias cada.
Primeiro passo,. 10 de julho a 10 de agosto de 1933.
Segunda etapa: 10 de agosto a 10 de setembro de 1933,

Cada equipe terá 500 pessoas.
O comando geral ficará com o comandante legionário do condado de Ramnicul-Sarat
, Aristotel Gheorghiu, que organizará:

Machine Translated by Google

- provisionamento,
-
hospedagem,
- ferramentas, - todos os outros assuntos relacionados à direção geral do projeto.

Sob seu comando serão colocados: 1. O chefe do local do projeto, um legionário a ser nomeado pessoalmente por mim no início dos trabalhos, 2. O chefe de alojamento e suprimentos, e 3.
O comandante legionário da equipe, Juntos estabelecerão todos os serviços que serão necessários (provisões, etc.).

A primeira equipa será composta por legionários de Braila, Buzau, Ramnicul-Sarat, Focsani, Tecuci, Bucareste, Ploesti, Ialomita, Dambovita, Muscel, Arges, Vlasca, Oltenia.

Os legionários da Bessarábia chegarão no dia 15 de Julho, ou seja, 5 dias depois. Sairão de Cbisinau a pé, passando por Gradiste, Comrat, Congaz, Cabul, Colibasi, Reni, Galati.
Legionários de Cabul, Tigbina, Ismail e Cetatea-Alba juntar-se-ão a este grupo.

As Confrarias da Cruz de todo o país farão parte da primeira equipe. A segunda equipe será formada por legionários do resto do país. Os legionários tentarão ter roupa de trabalho, roupa de cama extra, pá, cobertor.

As demais equipes deverão marchar ou pegar o trem, aproveitando o desconto de 75% para excursões em grupo.

Cinco legionários de confiança de Braila devem apresentar-se com 5 dias de antecedência, no dia 5 de julho, para preparar o terreno e receber os seus companheiros; estes serão nomeados pelo comandante legionário de Braila, Ion Iliescu, e entrarão em contato imediatamente com o comandante legionário de Ramnicul-Sarat, Aristotel Gheorghiu.

Sede onde devem ser anunciadas partidas e chegadas: Aristotel Gbeorgbiu, Farmacêutico, Ramnicul-Sarat.

RECOMENDO: a)

Conclua o pedido até o fim. Se você for provocado, proíbo que reaja.
Chegar ao seu destino é fundamental.
Desejo que por onde você passar, vila ou cidade, você sempre fique impressionado com a disciplina, o acerto, a atitude totalmente digna e a decência dos legionários em todos os momentos. Os líderes de equipe assumem total responsabilidade. b) Chamo a atenção para o fato de que em Visani e arredores você deve apresentar comportamento exemplar em todos os aspectos; amigável com o povo e, em particular, heróico no trabalho e na resistência. c) Caso elementos duvidosos consigam se infiltrar entre os legionários, eles serão mandados para casa na primeira tentativa de desviar do caminho reto e isso deverá ser comunicado pessoalmente a mim.

Na verdade, cada líder é responsável pelos seus homens. d) Chegarei na manhã de segunda-feira, 10 de julho, após o comício em Suceava.

Ao amanhecer, antes de começar o trabalho, você participará do serviço religioso celebrado por todos os padres da região.

camaradas,

Você está prestes a escrever uma nova página no livro de história da batalha das legiões,
O país irá considerá-los heróis mais uma vez, como já os viu tantas vezes antes.
antes.

Ide então, com o coração cheio de entusiasmo, ao campo onde vos espera uma tarefa difícil, mas através da qual fareis um novo sacrifício, portanto, um novo passo rumo à nossa vitória, Roménia legionária.

Machine Translated by Google

Portanto, espero ver todos vocês em nosso novo campo de batalha.
Bucareste, 23 de junho de 1933 Corneliu Zelea-Codreanu Chefe da Legião

Mais de 200 jovens legionários reuniram-se em Visani no dia 10 de julho, vindos a pé de Calati, Focsani, Bucareste, Buzau, Tecuci, Iasi, Braila, sob a liderança de Stelian Teodorescu, Nicolae Constantinescu, Pavaluta, Doru Belimace, Stoenescu e Bruma.
Mas em vez de serem recebidos com alegria e receberem algo para comer e um lugar para descansar, cansados e famintos como estavam quando chegaram, foram cercados por várias companhias de gendarmes, atacados com a brutalidade de feras e derrubados no chão. sob os golpes. .

Os gendarmes foram instruídos pelos seus oficiais, por ordem do Ministério da Administração Interna - onde o Sr. Armand Calinescu*, segundo as suas próprias declarações, desempenhou um papel importante nas medidas da nossa tortura e repressão - que desferiram os seus golpes sobre estes jovens Romenos com tanto ódio como se atacassem os maiores inimigos do povo romeno.

Entre os feridos e humilhados até ao último limite da humilhação estavam os legionários Stelian Teodorescu, Bruma, Doru Belimace, Padre Ion Dumitrescu, Stoenescu, Pavaluta e Nicolae Constantinescu, gravemente feridos pela quarta vez em dois meses.

A notícia deste inédito - da crueldade contra alguns jovens que vêm praticar uma boa ação, e de todas as indignidades a que foram submetidos, espalhou-se como um véu negro sobre os corações esmagados e preocupados de todos os nossos jovens, que, pela sua fé e pelo seu amor ao país, foram traídos pelos políticos do país ao seu inimigo estrangeiro. Compreendi então que todos os caminhos estavam fechados para nós e que a partir de então devemos nos preparar para a morte.

Passamos por um estado de depressão geral em que sentíamos que todas as nossas reservas de paciência e autocontrole estavam à beira do colapso. Percebi que tudo ao meu redor estava rachando e que, acima de tudo, se acontecesse um único tapa na cara, seria um infortúnio irreparável. Queria gritar do fundo da alma: Não aguentamos mais!

Neste ambiente deprimente, dirigi-me ao Primeiro-Ministro na seguinte carta publicada no jornal Calendarul (“A Calenda?”) de 20 de Julho de 1933:

A BUSCA DO PROTETOR DE FERRO

A CARTA DO SR. CORNELIU Z. CODREANU PARA O SR. PRIMEIRO MINISTRO AL. VAIDA

Senhor Primeiro Ministro,

Depois dos incidentes em Visani, de tal gravidade moral que me fizeram sangrar o coração, resolvi escrever-lhe as seguintes linhas:

Não sou levado a fazer isto nem por impulsividade momentânea nem por qualquer desejo de ver a minha carta publicada em jornais para os meus amigos aplaudirem, ou para cumprir facilmente o dever formal habitual de “protestar” contra a infâmia perpetrada em Ramnicul-Sarat.

Sinto-me instado a dirigir-lhe esta carta pela minha consciência perturbada, dizendo-me que este caminho, para o qual você tão facilmente nos empurrou, é - para qualquer homem de honra - o caminho da morte.

*** Arniand Calinescu, então Subsecretário de Estado do Ministério da Administração Interna, acaba de iniciar a sua série de perseguições à Guarda de Ferro. Ele deixou o Partido Camponês Nacional em fevereiro de 1938 e tornou-se - em virtude de seu ódio pessoal por Corneliu Z. Codreanu - Ministro de Assuntos Internos e braço direito do Rei Carol II da Romênia. A partir de então, a estrela deste triste herói da Judaico-Maçonaria continuou a subir até atingir o seu zénite, dia em que, por ordem do seu augusto soberano, ordenou o assassinato do chefe da Guarda de Ferro; depois, vangloriar-se entre os seus pares, na linguagem técnica de um carrasco, de ter "decapitado a Guarda de Ferro". Na verdade, Calineseus era apenas um malandro sádico; a honra por este "ato de arr**

Machine Translated by Google

infortúnios que não podem mais ser evitados.

Senhor Primeiro Ministro,

Não poderei descrever-vos aqui em poucas linhas o nosso martírio durante os últimos dez anos, no nosso próprio país, pela nossa fé romena e cristã.
Direi apenas que durante dez anos os governos romenos se cansaram de nos derrotar.
Houve a administração liberal que nos esmagou sob os golpes; lá seguiu o Sr.
Goga, e ele também nos esmagou em 1926; então Sr. Mihalache, que também se gloriou, junto com os mestres alienígenas, em nos espancar barbaramente, em nos exterminar; depois houve a administração Iorga-Argetoianu que mais uma vez nos surpreendeu; finalmente, você chegou ao poder, continuando os golpes.

Nenhum deles perguntou, Senhor Primeiro-Ministro, se poderíamos apoiar a interminável tortura moral e física que muitas vezes tendia a sobrecarregar os nossos poderes de resistência.

Durante todo esse tempo apoiamos tudo fortemente. Estamos cheios de feridas, mas nunca abaixamos a cabeça. Nós os perturbamos porque, por mais grave que fosse a nossa tortura, pelo menos o nosso sentido de dignidade humana e a nossa honra eram respeitados. Contudo, ultimamente, sob a sua administração, as nossas perseguições e torturas entraram na fase mais difícil.

O que aconteceu em Teius, onde o meu pai foi baleado e sangrou, e o que aconteceu especialmente em Visani, são incomparavelmente mais graves do que todo o nosso sofrimento até agora. Esses abusos atacam nossa própria honra.

Não vou te apresentar uma conta por muito tempo.
Certamente você se lembra que há dois meses - quando perguntei o que havia de errado conosco para merecermos a perseguição que você iniciou - você me disse: 'Por que você não começa algo construtivo?'

'Senhor. Primeiro Ministro' eu respondi: 'decidi construir uma barragem na costa de Buzau.
Você tem alguma objeção? '

'Não. Muito bom. Muito legal.'
Apresentei uma petição ao Ministério das Obras Públicas um mês antes de qualquer coisa começar;
Consultei os mais ilustres engenheiros profissionais da área e no dia 10 de julho os trabalhos estavam prestes a começar.

Não era apenas para ser uma recreação juvenil; foi o apelo da nossa juventude ao serviço da grande necessidade de realizações saudáveis; deveria ser a educação de 1.000 jovens numa direção construtiva.

Seria um exemplo para dezenas de milhares de outros jovens.
Seria uma escola para as grandes massas populares que durante anos percorreram as suas pontes e estradas dilapidadas, à espera que o Estado viesse e as reparasse, quando num único dia o seu trabalho comum poderia tê-las reparado.
Foi um incentivo para todo o país e um exemplo para aqueles que imaginam erradamente que uma Roménia forte pode surgir da piedade de alguém e não do trabalho de todos nós.
Vários dias antes do início do trabalho, enviei três jovens ilustres a Visani para preparar alojamento e provisões para aqueles que estavam por vir. Mas foram apanhados no dia 8 de Julho, transportados para Ramnicul-Sarat, depois acorrentados pelas suas algemas e mandados para casa como o mais humilde dos ladrões naquele estado de ridículo, degradando a sua dignidade humana.

“Dois outros jovens da Universidade de Bucareste, localizada na cidade de Ramnicul-Sarat, onde chegaram para trabalhar com entusiasmo, foram presos, levados à polícia, insultados trivialmente e esbofeteados pelo chefe de polícia da cidade e dois comissários de polícia - Irmãos Ionescu - então, com as mãos amarradas nas costas, foram levados pelo centro da cidade até
a estação e levados de trem para casa.

Finalmente, na segunda-feira, 10 de julho, chegaram a Visani 200 jovens, a maioria estudantes.

Lá, em vez de serem recebidos de braços abertos pelas boas intenções, foram recebidos pelo prefeito do município, pelo promotor, pelos policiais Coronel Ignat, Cten.
Cepleanu, tenente da polícia. Fotea,

Machine Translated by Google

várias centenas de gendarmes com armas em punho, uma companhia de infantaria com metralhadoras montadas, e foram chamados a abandonar imediatamente a localidade num tom de agressividade injusta e injustificada.

Diante de uma situação tão ameaçadora, os 200 jovens deitaram-se na lama de quinze centímetros e naquela posição humilde começaram a cantar “Deus está conosco”. Os policiais receberam ordem de atacá-los. Várias centenas avançaram sobre eles, pisoteando-os, esmagando-lhes o peito e a cabeça com as botas; os jovens suportaram toda esta provação no silêncio do mártir, sem oferecer qualquer resistência. À frente dos que chutaram os estudantes estavam o promotor Rachieru e o coronel Ignat que com as próprias mãos puxou os cabelos do estudante Bruma, e o tenente.

Fotea, que bateu com os punhos nas bochechas do jovem inocente.
No final, a corda foi trazida; as mãos dos 200 jovens foram barbaramente amarradas nas costas, após o que foram mantidos à chuva durante meio dia.
Entretanto, o Padre Dumitrescu chegou e o procurador perguntou-lhe: 'O que está a fazer aqui?'
'Eu sou um padre. Vim celebrar missa antes do início dos trabalhos.
- Você não é padre. Você é um idiota, respondeu o promotor. - Imediatamente amarre as mãos atrás das costas.

As mãos do padre foram amarradas como as de todos os outros e depois todos eles, nesta posição humilhante, foram levados para Rarnnicul-Sarat e presos na gendarmaria, onde foram novamente insultados e terrivelmente torturados pelo procurador, pelos gendarmes e pela polícia.

Alguns, retirados daquelas câmaras de tortura ou dos porões onde foram jogados e depois espancados com chicotes de veia de boi, desmaiaram.
''Depois de quatro dias de tal provação, eles foram libertados porque não havia nada de que pudessem ser acusados.
“Outros, detidos a caminho de Visani, foram detidos em Buzau e Braila onde, com as mãos amarradas, foram mandados para casa. São mais 15 que, até hoje, sábado, ainda não chegaram. Eles eram. Levados a pé de Buzau para Bucareste, de posto de gendarme em posto de gendarme, durante quatro dias sem alimentação, insultados, esbofeteados.

Senhor Primeiro-
Ministro, “estes não são acontecimentos isolados, mas sim por ordem do governo que chega a qualquer ponto do país”. Há duas semanas, sem qualquer culpa - e a prova indiscutível disso são todas as decisões da justiça proferidas - fomos espancados e insultados a cada passo; em Bucareste, Arad, Teius, Piatra-Neamt e Suceava.

“Senhor Primeiro-Ministro, chamo a
sua atenção da forma mais respeitosa, para que nós, que conhecemos a história e os sacrifícios feitos por cada povo quando queriam alcançar um destino melhor, nós, os jovens da Roménia de hoje, não recuse este sacrifício.

Não somos covardes para evitar o sacrifício devido a uma nova Roménia.
“Mas mais uma vez chamo a atenção para o fato de ter ensinado a esses jovens o sentimento da dignidade humana e da honra.
Sabemos morrer se for preciso, como provaremos. Você pode nos prender; nossos ossos podem apodrecer nas profundezas da prisão. Podemos ser mortos a tiros. Mas não podemos levar tapas, não podemos fazer juramentos e não podemos ter as mãos amarradas nas costas.

Não nos lembramos de que o nosso povo - durante a nossa triste mas orgulhosa história romena - tenha tolerado ser desonrado.
Nossos campos estão cheios de mortos, mas não de covardes.
Hoje somos homens livres e conscientes dos nossos direitos. Escravos não somos e nunca fomos. Recebemos a morte, mas não a humilhação.
Tenha a certeza, Senhor Primeiro-Ministro, de que não podemos suportar estes dias de humilhação e indignidade.

Machine Translated by Google

Tenha certeza, eu lhe imploro, que depois de dez anos de sofrimento, temos força moral suficiente para encontrar uma saída honrosa para uma vida que não podemos sustentar sem honra e dignidade.

Por favor, aceite meus sentimentos.

Corneliu Zelea-Codreanu"

O PARTIDO LIBERAL ASSUME A RESPONSABILIDADE DE EXTERMINAR O GUARDA DE FERRO

Contudo, os tormentos deste jovem não terminariam. Diante de nossos olhos, o horizonte ficou cada vez mais escuro. Outras provações, ainda maiores, estavam sendo preparadas para nós. Assim que a tortura de Visani terminou, ele soube que IG Duca, o chefe do Partido Liberal, tinha partido para Paris. Ficamos surpresos ao ler as declarações que ele fez nos jornais parisienses; que “A Guarda de Ferro” está sendo paga pelos hitleristas; que o governo Vaida é fraco porque não nos destrói; e que ele, IG Duca e o seu partido assumiram a responsabilidade de preparar a nossa morte, de nos exterminar. Em casa, o Viitorul ("O Futuro"), o jornal oficial do partido, irá opinar sobre nós com base nos mesmos argumentos: "movimento anárquico", "movimento subversivo" ("um movimento pago pelos hitleristas", e sobre o governo Vaida acusando-o de “fraqueza” e “tolerância” para com o nosso movimento, e de “flertar” com o nosso movimento “anárquico” e “vendido aos nazis”.

Como nação, cairemos hoje aos níveis mais baixos de humilhação. Dois estadistas romenos, IG Duca e N. Titulescu, unirão-se à frente política romena dos fundos dos banqueiros judeus parisienses - interessados, por um lado, na exploração implacável das riquezas do nosso país e, por outro lado, em garantir uma situação tão feliz quanto possível. possível para os seus correligionários na Roménia - a chegada ao poder do Partido Liberal, este último, sob a condição formal, a obrigação de exterminar o movimento legionário por qualquer meio. Uma jovem, forte e orgulhosa nação legionária romena, que os expulsa do país com todo o seu capital predatório, não se dá bem com os banqueiros estrangeiros.

E assim, como conclusão de mais de uma década de sofrimento, sem sermos culpados de nada, a nossa coroa de morte está preparada para nós.

Permita-me, ao final desta série de lutas, dirigir meus pensamentos para minha mãe, cuja alma me segue ano após ano, hora após hora, tremendo a cada golpe que me atinge e estremecendo a cada ameaça que o destino me lança. Buscas e mais buscas conduzidas por promotores e comissários de polícia brutais e indecentes perturbavam todos os anos a tranquilidade de sua casa, da qual todos os vestígios de alegria e paz haviam desaparecido há muito tempo. Que recompensa para um povo degradado pelos seus políticos a uma mãe que, na mais amarga privação, criou sete filhos por amor ao seu país! Que estas poucas palavras sejam uma homenagem a todas as mães cujos filhos lutaram, sofreram ou morreram pela nação romena!

Machine Translated by Google

CAMARADAS

camaradas,

Com estes últimos contos encerrando este volume, minha juventude, e a de muitos entre vocês, terminou, Nunca mais trilharemos seus caminhos.
Se estes últimos 14 anos da nossa juventude não tenham sido tão repletos de bons momentos e alegrias, uma grande satisfação ilumina agora a minha consciência. A Roménia Legionária cravou as suas raízes, como as de uma árvore, na carne dos nossos corações. Cresce com dor e sacrifício, e os nossos olhos famintos vêem-na florescer, iluminando os horizontes e os séculos vindouros com o seu esplendor e majestade. Esta majestade recompensa esmagadoramente, não apenas os nossos pequenos sacrifícios, mas qualquer sofrimento humano, por mais terrível que seja.

Caros camaradas,

Para vocês que foram espancados, caluniados ou martirizados, posso trazer a notícia que desejo transmitir mais do que o valor frágil de uma frase retórica casual: Venceremos breve.

Diante dos seus pilares todos os nossos opressores cairão. Perdoe aqueles que o machucaram por motivos pessoais. Aqueles que o torturaram por causa da sua fé no povo romeno, vocês não perdoarão. Não confunda o direito e o dever cristão de perdoar aqueles que o prejudicaram com o direito e o dever do nosso povo de punir aqueles que o traíram e assumiram a responsabilidade de se opor ao seu destino. Não esqueça que as espadas que você usa pertencem à nação. Você os carrega em nome dela, Em nome dela você os usará para punição implacável e impiedosa. Desta forma, e só assim, estaremos a preparar um futuro saudável para esta nação.

Em Carmen Sylva, 5 de abril de 1936.

UMA PALAVRA AOS MEUS LEGIONÁRIOS

(Discurso proferido por Codreanu por ocasião do décimo aniversário da

Machine Translated by Google

fundação da Legião de Miguel Arcanjo)

Caros camaradas,

Depois de quinze anos de luta, perseguição e vidas sacrificadas, a juventude romena devemos saber que o momento da vitória do legionário está próximo.

Todas as tentativas do inimigo contra nós serão esmagadas; todos os planos para nos tentar, todos os esforços para comprar as nossas almas, todos os esforços para nos dividir, bem como quaisquer traições entre nós, todos cairão por terra.

Olhem-nos bem nos olhos - todos vocês, tiranos! Suportai todos os golpes com resignação, suportai todas as torturas, pois o sacrifício de todos nós será o alicerce de ferro dos corpos quebrados e das almas torturadas para a vitória.

Aqueles de nós que caírem receberão nomes de heróis e tumbas!
Embora aqueles que nos vão matar carreguem o estigma de traidores e sejam acusados de geração em geração.

Das profundezas o legionário emerge vitorioso! Com sua alma de rock.
Aqueles que acreditam que podem vencê-lo, bem como aqueles que pensam que podem comprá-lo, em breve ficarão convencidos – mas tarde demais – de que estavam errados.

EPÍLOGO

O Assassinato de Corneliu Zelea Codreanu

O depoimento do gendarme Sârbu perante a comissão de investigação do Tribunal de Cassação romeno em Bucareste, novembro de 1940, segue:

“Saímos de Bucareste naquela noite (de 29 a 30 de novembro) em duas carrinhas da polícia municipal. fomos

Machine Translated by Google

acompanhado pelos gendarmes majores, Dinulescu e Maoveanu.

Chegando a Ramnicul-Sarat, paramos na Gendarmaria onde os Majors Dinulescu e Maoveanu fizeram contato com o Major Scarlat Rosianu, de origem judaica, comandante da Legião dos Gendarmes em Ramnicul-Sarat.

Não tendo recebido ordem precisa, os gendarmes não prenderam os legionários. Todos nós fomos mandados de volta para as vans.
Começamos a voltar para Bucareste. No caminho, porém, fomos surpreendidos pelo major Dinulescu, que gritou: “De volta a Ramnicul-Sarat!”

Voltamos, mas paramos na aldeia de Baltati, vários quilômetros deste lado de Ramnicul-Sarat, onde pernoitamos.
Aqui nos dão vinho para beber, cigarros caros e boa comida.

No dia seguinte fomos para Ramnicul-Sarat.

Chegando à prisão, fomos todos para uma das celas onde os majores Dinulescu e Maoveanu nos instruíram sobre como executar os legionários.

Colocando o motorista da nossa van de joelhos, eles jogaram uma corda em seu pescoço por trás, mostrando como alguém pode ser facilmente executado.

Tudo acabou em poucos minutos. Em seguida, os gendarmes foram um a um para o pátio da prisão e cada um recebeu um legionário sob custódia.

Peguei um que era mais forte e mais alto que os outros; Soube mais tarde que ele era o capitão Corneliu Zelea Codreanu.

Em seguida, os levamos para as vans. Lá, as mãos dos legionários eram amarradas ao banco atrás deles e as pernas à parte inferior do banco à sua frente, para que não pudessem se mover em nenhuma direção.

Ficaram assim dez amarrados na primeira carrinha e quatro na segunda, eu estava na primeira carrinha com os dez, atrás do Capitão; cada gendarme estava sentado atrás do legionário sob seu comando.

Em nossas mãos seguramos as cordas. Então partimos.

O major Dinulescu estava na minha van e o major Maoveanu na outra.

Manteve-se um silêncio tumular, pois não podíamos falar nem entre nós nem entre os legionários.

Quando chegamos ao bosque de Tancabesti, o major Dinulescu, que deveria dar o sinal de código para o momento da execução, acendeu e desligou a lanterna três vezes.

Era hora da execução, mas não sei por que nenhum de nós se mexeu.
Então o major Dinulescu parou a van, saiu e voltou para a que estava atrás.

Machine Translated by Google

Lá, o major Macoveanu era mais autoritário; os legionários já haviam sido estrangulados.

O capitão virou ligeiramente a cabeça para mim e sussurrou: “Camarada, deixe-me falar com meus camaradas”. Mas naquele exato momento, antes mesmo de terminar seu apelo, o major Dinulescu subiu no estribo da van e, entrando, com o revólver na mão, gritou: "Execute!"

Com isso, os policiais jogaram suas cordas...

Com as cortinas fechadas, as carrinhas continuaram o seu caminho para Jilava.

Quando chegamos lá, eram sete horas da manhã. Lá éramos esperados pelo coronel Zeciu; Dan Pascu, o comandante da prisão; Coronel Gherovici, o médico legista; Tenente Coronel Ionescu e outros.

A sepultura já foi cavada.

Retirados das vans, os cadáveres dos legionários foram colocados no chão de bruços e baleados nas costas para simular tiros enquanto tentavam escapar.

Depois fomos reunidos numa sala da prisão de Jilava onde o coronel nos deu uma palestra, dizendo: “Vocês cumpriram o seu dever; vocês não são assassinos comuns”.

Vários dias depois, fui chamado ao escritório do coronel Gherovici, que, ao me ver, disse: "Você é muito forte; poderia ter matado três de uma vez". Ele então me entregou um papel para que eu assinasse, informando que eu havia recebido a quantia de 20.000 lei como ajuda médica, eu disse a ele: “Não estou doente, coronel”. Ele respondeu: "Ouça aqui, Sarbu! Você não vê o quão ruim você é? E mantenha a boca fechada ou vou enchê-la de terra", apontando para uma pistola Mauser em sua mesa. Então eu, assim como os outros policiais, fui mandado de licença".